



As imagens em sua mente
não eram imaginação,
mas um pedido de socorro
de alguém que ela
jamais suspeitaria.

Contato

As vidas de Sophie

Érika Bento Gonçalves

CONTATO

Volume I

As vidas de Sophie

Érika Bento Gonçalves

Copyright © 2013 por Érika Bento Gonçalves

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, acontecimentos e incidentes são todos produtos da imaginação do autor ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos ou lugares é mera coincidência.

Capa, revisão e diagramação: Érika Bento Gonçalves

Imagem da capa: Celtic Knot Necklace by Gracie Wieber

<http://www.etsy.com/listing/120408449/celtic-love-knot-necklace-emerald>

A 1ª edição deste livro é de distribuição digital GRATUITA, sendo expressamente proibida a sua venda, cópia ou distribuição, total ou parcialmente, sem a autorização do detentor dos direitos autorais.

Caso você queira recomendar a leitura desta obra a um amigo, divulgue o link para o download GRATUITO para que a autora possa ter acesso à quantidade de downloads efetuados. O link está disponível na página do Facebook: <http://www.facebook.com/asvidasdesophie>

A publicação gratuita deste livro é parte da estratégia para a publicação do segundo volume da série CONTATO, com data ainda não definida.

Para os meus filhos Marcelo, Marina e Cléo, cujo amor por eles ficará impresso, eternamente, nestas páginas.

Para o meu marido, Paulo, pela paciência e apoio durante as infinitas noites em que me debrucei na criação desta obra.

Capítulo 1

Respire, Sophie! Respire! Dizia a sua voz interior, mas Sophie mantinha o ar suspenso em seus pulmões e as mãos coladas ao volante do carro há exatos vinte minutos, desde que o estacionara ali.

Vamos, coragem! Incentivava a si mesma, como se coragem fosse um artigo que se encontrasse em uma prateleira de supermercado. *Se fosse, eu teria que comprar o estoque inteiro de toda a Inglaterra só para descer deste carro!* Resmungou a sua outra voz, a mais frágil, que tinha forte tendência a fugir dos problemas.

O pânico não era à toa. Sophie vivera os piores momentos da sua vida naquele edifício da Hackney Road, em Londres, e o simples fato de estar ali, a poucos metros de distância dele, gelava o sangue em suas veias. Mas já havia adiado demais. Era hora de encarar a verdade, fosse ela qual fosse. Certificar-se de que tudo do que se lembrava não era fantasia ou fruto de uma mente infantil, mas uma dura realidade da qual vinha fugindo há muito tempo.

Baixou a cabeça, respirou fundo e finalmente conseguiu soltar o volante do carro. A mão insegura abriu a porta e, antes que pensasse duas vezes – e desistisse –, saiu e o encarou. Fechou a porta atrás de si ainda mirando o prédio que, agora, parecia menor e menos assustador do que em suas lembranças.

Acho que posso fazer isso, sussurrou esperançosa outra voz. Eram tantas!

Não sabia se era a rua que cheirava a mofo ou se o odor fétido vinha das paredes escuras e úmidas das casas. Olhando-o a uma distância segura, parecia salpicado por heras, mas eram musgos que, aparentemente, deveriam ser a única coisa viva por ali. E desejou realmente não se deparar com ninguém lá dentro; e que a sua inspeção fosse despercebida, como foram seus quatro anos de existência naquele pavoroso ambiente.

Um passo após o outro e Sophie entrou no pequeno saguão de piso de madeira rodeado por algumas portas, que sempre lhe pareceram pequenos esconderijos, às

quais nunca teve acesso. À direita, colada à parede, estava a escada. Os velhos degraus que, vinte anos antes, transformaram sua vida para sempre. Sophie desviou o olhar.

A primeira vez que entrara naquele lugar era ainda pequena demais para entender. Achava que seria apenas por um período e que tudo logo voltaria ao normal, mas depois, esqueceu-se até do que era *normal*, de como era o *antes*, e as escadas que a levaram à uma prisão ainda desconhecida, um dia, se transformaram na chave para a sua liberdade, mesmo que o preço a pagar por ela tivesse sido alto e traumatizante demais.

Os olhos se encheram de lágrimas e a garganta se fechou num espasmo. *Merda, merda!* Não conseguia respirar ou engolir e o coração se encolheu, aumentando a ansiedade e o pânico. Finalmente, conseguiu abrir a boca; encheu os pulmões de ar e o espírito de coragem. *Nada vai acontecer, nada vai acontecer*, repetia para si mesma num mantra improvisado.

O suor de suas mãos deixava um rastro úmido no corrimão de madeira. Os degraus rangiam sob seus pés despertando ainda mais os seus demônios, e sua mente foi se enchendo de outros sons, cheiros e vozes. Sophie não conseguia mais contê-las. As lembranças estavam voltando. As imagens estavam retornando, reivindicando o seu posto em suas memórias. Cerrou os olhos dolorosamente.

As gargalhadas histéricas da senhora Troud do térreo, o som do rádio do senhor Westinford, o cheiro da fritura que vinha do número 11 e o perfume da senhora Dumsfell foram se avolumando pesadamente em sua mente, em todo o seu corpo. Era quase impossível erguer as pernas e superar os degraus. E ainda estava no meio do caminho.

As suas vozes não falavam mais com ela.

Então, o pior de todos os sons tintilou ao fundo, emergindo como um monstro marinho de águas profundas: as chaves penduradas no cinto daquele homem quando subia as escadas, embriagado e quase sempre acompanhado de uma prostituta. Aquele homem,

responsável por todos os horrores da sua infância. Ele que ela um dia chamara de “pai”, embora nunca tivesse conhecido realmente o significado desta palavra.

A figura dele dava rosto ao pesadelo que ela deveria enfrentar e suas pernas começaram a tremer. As lágrimas escorriam involuntárias e as pernas cederam. Afundou o corpo sobre si mesmo lentamente até tocar um dos degraus com as mãos. Pensou que lhe bastaria apenas respirar um pouco ou, talvez, devesse sumir dali de uma vez por todas. Não importava mais se havia conseguido ou não. Que se dane se tudo aquilo a fizera desmontar como uma pilha de peças mal encaixadas. Que se dane se a lembrança de seu pai fosse mais forte do que ela, pensou Sophie. Mas dentro de si mesma ela sabia que poderia suportar qualquer tipo de frustração e fracasso, menos aquilo. *Ele* nunca poderia ser mais forte do que ela. Nunca!

Infelizmente, a verdade é que Sophie sentia-se a mesma menina de antes, abraçada às próprias pernas como fazia quando criança, embaixo da mesa de jantar. Exatamente como aquela noite começara.

Era mais uma das noites em que ele chegava a casa acompanhado por uma de suas “amigas”. Sophie já nem prestava mais atenção se eram loiras, ruivas, morenas, magras, gordas, exageradamente maquiadas ou mal cheirosas. Eram todas iguais, para ela. E para ele, também. Poderia ser qualquer uma, de qualquer idade e cor. Bastava que fosse uma mulher, embriagada como ele e disposta a algumas horas de sexo regadas a whisky, cerveja, vodka, o que fosse, e a “menina”, como ele chamava a filha, era empurrada para o lado de fora do pequeno apartamento.

No último mês vinha sendo assim. O pai nem mesmo se importava com os vizinhos, como antes. Se não tivesse acontecido o que veio a seguir, talvez um deles notasse a garotinha de sete anos sentada do lado de fora do apartamento e, um dia, quem sabe, este alguém chamasse a polícia.

Algumas vezes bastava o olhar frio e desprezível para que Sophie saísse, abraçada à sua boneca, e se sentasse no chão frio do corredor do prédio. Vez ou outra, seu pai e a

acompanhante adormeciam e Sophie passava a noite do lado de fora, ao lado da porta. Uma noite, percebeu que a porta não estava trancada e entrou para fugir do frio. Deitou-se no sofá, cobriu-se com um pedaço de cobertor e, poucas horas mais tarde, acordava sendo arrastada. *Quantas vezes eu já disse que o seu lugar é do lado de fora quando eu estiver com alguém?*

O choro quase sempre tinha que parar na garganta, apenas umedecendo os olhos, porque se chorasse, teria que engoli-lo, quase sufocada pelas mãos pesadas e sujas que apertavam sua boca enquanto o olhar de ódio de seu pai a fixava profundamente. Mas naquela última noite fora diferente, muito além do que ela esperava. Depois que a mulher saiu, a porta ficara aberta como uma permissão para entrar, pensou. Sophie entrou e foi para debaixo da mesa, sempre abraçada à sua boneca, a única referência de que ainda era uma criança. Uma criança que, quando ficava sozinha em casa, limpava tudo como podia, comia como podia e tomava banho algumas vezes por semana. Ingenuamente, achou que ele pegara no sono – como normalmente acontecia depois de uma bebedeira –, mas não naquela noite.

— Você... você é a causa de tudo isso, sabia? A causa da minha desgraça, desta merda em que estou hoje! — esbravejava o homem entre uma enrolada e outra de língua. — Não sei por que ela não levou você com ela! Aquela vagabunda! — o pai mal olhava para a filha enquanto praguejava o passado, como se falasse para si mesmo. — Mas, no final, ela teve o que merecia... — murmurou.

Sophie já ouvira essas mesmas palavras várias e várias vezes. Conhecía a história toda e poderia recontá-la com precisão na entonação, nas pausas, no rancor, nos palavrões (que ela nem sabia o que significavam) e em todas as vírgulas. O ódio de seu pai por ela e o abandono de sua mãe eram fatos já consolidados em sua mente.

— Vem aqui, anda! — ordenou o pai ainda sem olhar para a menina.

Sophie entrou em pânico e não se mexeu. Sabia que, mesmo que não a encarasse, mesmo que sequer notasse realmente a sua presença, quando ele queria descarregar a

sua raiva e frustração, ele sabia muito bem onde fazê-lo. Mas, agora, se ele quisesse, teria que ir buscá-la embaixo da mesa. E ele foi.

Mesmo totalmente bêbado, o rancor era suficiente para dar-lhe forças. Abaixou-se e a puxou pelo pequeno braço. As agressões, normalmente, começavam com alguns tapas que acertavam, quando tinha sorte, nas partes macias do seu corpo. Outras vezes, tentava socos ou pontapés, mas Sophie era mais rápida e quase sempre conseguia se defender. Naquela noite, embriagado demais para abusar do equilíbrio, ergueu o braço esquerdo, virou o dorso da mão contra o rosto pálido daquela garotinha e fez um movimento brusco cortando o ar, só parando ao atingir o pequeno e frágil corpo da menina.

O golpe, que atingiu o nariz fazendo-o sangrar, jogou-a a alguns metros de distância. A boneca soltou-se do seu braço e foi parar perto da porta, ainda aberta. Sophie esticou-se tentando alcançá-la, mas ele percebeu e chutou o brinquedo para fora, parando perto da escada. Sophie levantou-se e correu. Queria apenas pegá-la e abraçá-la. Protegê-la e ser protegida. Seu pai a seguiu e, quase a alcançando, já do lado de fora, esticou a perna para pisar sobre a boneca. Em segundos, Sophie reagiu. Jogou-se no chão passando por baixo das pernas dele e agarrou a pequena Lucy.

A rasteira não intencional de Sophie o fez perder o equilíbrio. Ele tentou segurar-se na esfera de madeira que ficava no início do corrimão, mas não conseguiu. Seu pesado corpo cambaleou e seus olhos encararam a filha. Parecia até que, por algum momento, sentisse um vestígio de remorso pelos últimos anos. Mas, seja qual sentimento fosse, desapareceu quando ele caiu de costas nas escadas. Começou a rolar degraus abaixo, enquanto Sophie se levantava e observava aquele homem rodopiando para a morte.

Foram duas ou três viradas e o corpo parou, meio de lado, com uma perna estranhamente dobrada e a cabeça virada para cima. Sophie sentiu um medo enorme de que ele se levantasse e a culpasse, também, por aquele acidente. Podia ouvi-lo gritar, ver a sua mão pesada se erguendo no ar e a ira em seus olhos! Mas ele não se levantou. Não gritou, não fez mais nada.

A lembrança do barulho oco do corpo de seu pai batendo nos degraus ficou se repetindo em sua cabeça e Sophie acordou de um transe de vinte anos. Levantou-se lentamente enquanto retomava o controle, e a expressão em seu rosto, antes assustado e afundado entre os joelhos, passara a um olhar frio e fixo em um ponto que só ela sabia o que era. Depois de tantos anos, não havia mais espaço para lágrimas em sua vida e Sophie enxugou o rosto duramente.

Subiu as escadas com passos firmes fazendo os degraus rangerem com sofreguidão sob seus pés enquanto via a si mesma parada no alto das escadas, agarrada à boneca, com a pequena camisola suja do sangue que escorria do nariz.

Como ela odiava aquele lugar. Como ela odiava aquele homem. Como ela odiava ver a si mesma daquela maneira, reduzida a um trapo sujo de sangue! Se ela pudesse voltar ao passado e empurrá-lo escada abaixo antes, o faria, com total consciência, sem culpa ou remorso.

Passado e presente se fundiam, quase saboreando aquele momento, que parecia ser o fim de um pesadelo. Do alto da escada, ambas olhavam para baixo e viam aqueles olhos, estranhamente abertos, que as encaravam. Mesmo sem vida, eles não perdiam a expressão. Era como se ainda pudessem lhes dizer alguma coisa. E certamente seria *“É tudo culpa sua!”* Mas aquele homem não podia lhes dizer mais nada, nem lhes fazer mal. Nunca mais. Pelo menos, não fisicamente.

Sophie continuou olhando para baixo por alguns minutos e a imagem de seu pai caído desapareceu. Não havia, também, nenhuma garotinha ao seu lado. Ela estava só. Encarou o número 21 em metal pendurado na porta fechada. Lembrou-se do juramento que havia feito a si mesma naquela noite, de que jamais entraria ali novamente. E ela não o quebraria, agora.

Desceu lentamente as escadas, não mais fixando os degraus nem o espaço vazio onde um dia estivera o corpo de seu pai. Ela olhava para fora, para a liberdade. Sabia que era apenas o primeiro passo para que, um dia, pudesse compreender tudo o que

aconteceu depois daquele dia e, finalmente, conhecer a verdade sobre si mesma. Mas talvez tenha sido o passo mais difícil, como parecem ser todos os primeiros passos.

Ao sair do edifício, sentiu-se saindo de uma tumba onde havia estado por séculos. O sol tímido daquela manhã de fim de verão ardeu seus olhos por um instante e era maravilhoso sentir um sopro quente de vida, novamente. Abriu a porta do carro, entrou e colocou a chave na ignição ainda com as mãos trêmulas. Hesitou por um momento, mas não olhou mais para o prédio. Estava disposta a deixar o passado para trás. Havia superado uma barreira que lhe atormentava há duas décadas e estava orgulhosa de si mesma, embora ainda não soubesse as consequências disso e não importava. Era preciso fazê-lo e o fez. Poderia riscar esta etapa do seu caderno e preparar-se para as próximas. E, certamente, seriam muitas.

Sophie pegou o celular e ligou para a pessoa que mais amava neste mundo. A pessoa mais próxima de uma família que ela conhecia e ouviu, do outro lado da linha, uma voz irritadíssima.

— Até que enfim! Onde você está? Estou tentando falar com você durante a manhã inteira! Que falta de consideração, hein! Justo hoje você some? Onde você está, afinal?
— tagarelava, enfurecida.

Ouvir a voz da amiga foi como acordar de um sonho ruim e sentir-se segura. Os olhos se encheram de lágrimas novamente. Lágrimas de emoção e de alívio. Apesar de tudo o que havia passado na infância, Sophie era uma mulher que tentava ser feliz e Anne sempre estivera ao seu lado. Com a voz um pouco embargada, respondeu:

— Anne, eu estive lá. Eu subi as escadas, eu... — não queria mais chorar, não queria mais sentir as dores do passado, então, calou-se, engolindo o choro como havia aprendido muitos anos atrás.

— Onde? De que escadas você está falando? De que... — e imediatamente Anne soube. Sophie tinha voltado “àquele” lugar. — Oh, não...! O que você foi fazer lá? — Anne suspirou e perguntou em tom baixo — Como você está, minha amiga? — fez-se

somente silêncio do outro lado da linha — Por que você não me disse que iria? Por que não me chamou para ir com você? — outra vez, silêncio — Onde você está agora?

— Na rua do prédio, ainda. — Sophie tinha os olhos fechados e a testa apoiada contra o volante do carro. Começava a sentir a adrenalina baixando até os pés e uma fraqueza tomar conta do seu corpo.

— Na rua do prédio? Vou aí te buscar agora! Não saia daí! — vociferava Anne do outro lado da linha e Sophie podia até vê-la desorientada, procurando a bolsa, as chaves do carro e da casa, agitada como um bichinho preso em uma armadilha.

— Não, Anne, está tudo bem. Já estou dentro do carro. Vou sair agora e logo estarei em casa, ok? — sua voz se reduziu a um fio. — Eu só queria falar com você e ... eu não sei ... — como explicar o que sentia ou o porquê havia telefonado, ou por que diabos tinha ido ali?

— Eu sei — disse Anne, tentando manter a calma do outro lado da linha — Vem com cuidado, então. Quer que eu fique com você no telefone até você chegar aqui?

— Pode deixar, Anne, eu estou bem — e desligou quase conseguindo sorrir com o zelo da amiga. Sempre tão protetora, tão autoritária e, ao mesmo tempo, tão doce. E Sophie acariciou a foto de Anne no fundo de tela do celular, num gesto de profundo carinho e gratidão.

No caminho para casa os pensamentos iam e vinham. Era inevitável não pensar naqueles dias sombrios da sua infância. Tudo passava muito depressa pela sua cabeça. Lembranças que sempre estiveram presentes, mas que ela quase sempre evitava recordar. Estar fisicamente no mesmo lugar onde tudo aconteceu despertou todas as sensações novamente. Era difícil se concentrar em outra coisa e acendeu um cigarro. Sabia que Anne ficaria furiosa com o cheiro de tabaco no carro, mas ela simplesmente *tinha* que fumar. Estava tentando parar e já tinha feito grandes progressos, embora nunca tenha sido um vício, realmente. Era apenas um companheiro para momentos difíceis; e este, com certeza, era um deles.

Olhou-se no retrovisor e viu os grandes olhos castanhos escuros ainda um pouco avermelhados e afundados em volumosas bolsas. Passou a mão suavemente pelas pálpebras, ajeitou as sobrancelhas para cima, puxou os cabelos ondulados e quase pretos para trás das orelhas e sorriu para si mesma. Ela sempre fazia isso quando queria sentir-se melhor, como se dissesse a si mesma que o pior havia passado. Às vezes funcionava.

Boa garota!

O semáforo fechou e ela parou atrás de uma ambulância que a fez retornar, mais uma vez, àquela noite. Fora a primeira vez que vira uma ambulância.

O acidente causou uma pequena confusão na porta do prédio. Havia alguns carros de polícia e muitos curiosos que formavam um cordão atrás das grossas fitas amarelas usadas para limitar o acesso ao local. As luzes piscando sobre um furgão branco parado a fizeram pensar no Natal. Sophie nunca havia tido um Natal de verdade e o que conhecia sobre a festa era o que havia visto algumas vezes pela janela da sala, na lateral do prédio, o que se resumia a uma estreita rua enfeitada e luzes piscando que coloriam as janelas de algumas casas. Ela não sabia nada do que as crianças comuns sabiam, como o Papai Noel e os presentes. Aliás, nunca havia ganhado um, nem nos seus aniversários, pelo que se lembrava. A única boneca que tinha era Lucy e algumas vezes se perguntava de quem teria sido aquele presente. Certamente, não de seu pai. Talvez da sua mãe, antes que a abandonasse à própria sorte? Talvez jamais viesse a saber.

Depois que os policiais chegaram ao prédio, tiraram fotos do corpo, andaram de um lado ao outro e vasculharam a casa. Sophie esperava do lado de fora, enrolada em um cobertor que alguém lhe dera, sentada nos degraus da ambulância, observando a confusão e desejando não estar ali.

Dois policiais a acompanharam até o hospital mais próximo, onde uma equipe médica e uma assistente do Comissariado de Menores já os aguardavam. A policial feminina e a

assistente levaram a garotinha até uma sala pequena onde uma médica loira e muito magra se esforçava para ser simpática. Fez-lhe algumas perguntas e, quando Sophie sentiu-se mais à vontade, começaram a realizar os exames físicos.

Ficaram no hospital por cerca duas horas. Deram-lhe roupas novas e um banho quente. Pentearam seus longos cabelos que, à época, ainda eram castanhos claros, desgrenhando os nós sem que Sophie emitisse um só gemido, mesmo que lhe doesse por todo o couro cabeludo. Tiveram que cortar um pouco as pontas, visto que ninguém o fizera antes. A garotinha assustada, com as roupas sujas de sangue e cabelos embaraçados, parecia ter crescido e recuperado um pouco da inocência nessa nova versão mais limpa e bem vestida.

Sophie chegou calada e calada continuou. Colocaram-na sentada em uma poltrona estreita na sala de espera de um grande corredor e trouxeram-lhe chocolate quente com biscoitos. No início, Sophie teve receio de tocá-los, mas uma enfermeira com um sorriso largo no rosto a encorajou.

— Você não está com fome? Não gosta de biscoitos? Podemos trazer outra coisa, se você quiser.

A garotinha levou hesitantemente as pequenas e pálidas mãos ao prato; pegou um biscoito, mordeu e imaginou que aquele era o melhor biscoito do mundo inteiro! Redondo, macio e amanteigado, com um grande buraco no meio. Depois, bebeu um gole do chocolate e sentiu o biscoito se derreter misturado ao leite em sua boca. Eram as melhores coisas que já havia experimentado em toda a sua vida!

Logo depois, chegou um homem alto e forte. Ele tinha cabelos curtos e ligeiramente crespos. Os olhos eram escuros puxados e devia ser pouco mais velho que seu pai. Tinha um rosto quadrado, o nariz grande e fino e uma boca de lábios delicados. Cheirava a café. Sentou-se na outra poltrona estreita ao seu lado e lhe perguntou o seu nome, mas Sophie não lhe deu a mínima. Tinha os olhos vidrados na televisão pregada na parede à sua frente. Paul insistiu na pergunta e, visto que a menina nem se virava para ele, pensou que ela estivesse distraída. Tocou em sua mão apoiada ao braço da

cadeira e sentiu que Sophie tremia e tinha os dedos agarrados à madeira. Paul virou a menina para si e viu que a criança tinha os olhos virados para o alto, como em um tipo de transe ou convulsão.

— Preciso de ajuda aqui, rápido! — gritou.

Imediatamente, a mesma enfermeira magricela apareceu. Deitaram Sophie no chão e, em seguida, ela começou a voltar ao normal.

— Você está bem, querida? — perguntou a enfermeira tentando mantê-la ainda deitada no chão enquanto examinava-lhe os olhos e os pulsos.

Sophie encarou assustada as duas pessoas em cima dela e, de novo, não respondeu. Paul a pegou no colo delicadamente, acariciando-lhe os cabelos e sussurrando *Está tudo bem, querida, não precisa ficar com medo*. Aquelas palavras tiveram um efeito mágico sobre a garotinha que, improvisamente, fez sentir a sua voz, pela primeira vez.

— Por que eu estava no chão? — ela falou tão baixo que Paul quase não entendeu, mas ele sabia muito bem o quanto aquelas poucas palavras significavam e lhe respondeu no mesmo tom caloroso de antes.

— Não foi nada, querida. Você apenas caiu da cadeira, foi só isso — e olhou para os olhinhos de Sophie, sentando-a na cadeira novamente, sentindo toda a profundidade daqueles olhos escuros e tristes.

Sophie precisou passar por mais exames que, no final, não constaram nenhum problema e acharam que a menina havia tido uma queda de pressão. A garotinha, que estava começando a se comunicar, fechou-se novamente, incomodada com mais aquela maratona de exames.

— Eu me chamo Paul, e você? — perguntou, tentando uma nova aproximação, mas o rosto de Sophie entristeceu ainda mais. Há anos não ouvia ninguém que a chamasse pelo nome.

Baixou a cabeça lembrando-se dos nomes pelos quais seu pai a chamava. Nomes que, mesmo que ela não soubesse o significado, sabia que eram coisas ruins, pois vinham sempre acompanhados de repugnância ou desprezo. Até que, de algum lugar de sua mente, de um lugar muito distante, surgiu uma voz sussurrando-lhe o seu nome e ela respondeu, quase num susto:

— Sophie! — não tinha certeza do que estava dizendo, mas como era o único nome que lhe viera em mente, confirmou — é Sophie, senhor Paul.

— Pode me chamar só de Paul, querida — falou, com olhos sinceros, e Sophie lhe sorriu de volta timidamente.

O nome que a gartinha lhe dera coincidia com o documento encontrado no apartamento. Na certidão não constava o nome da mãe, mas isso não era novidade nos casos que chegavam ao Comissariado. Prostitutas, viciadas, menores de idade, são vários os motivos pelos quais os pais registram os filhos sem o nome da mãe e vice-versa. Sabiam apenas que Sophie era filha de Mark Wellgrave, de trinta e oito anos que, aparentemente, havia morrido em um acidente doméstico. Mas tudo ainda seria motivo de investigação, inclusive a paternidade que seria confirmada com exames de DNA.

A ausência de fotografias na casa ou de qualquer ligação da filha com o mundo externo dava a Paul uma sensação ruim, mas ele deveria concentrar-se apenas nos fatos e o fato era que, diante dele, havia uma garotinha pouco mais nova que a sua filha e isso lhe partia o coração. Paul não era um dos assistentes sociais que, com o tempo, perdera a sensibilidade. Ao contrário. Às vezes, se perguntava por que fazia aquele trabalho, pois a cada criança que assistia, a cada caso que acompanhava, sentia-se tão arrasado que era como se morresse um pouco por dia. Ele comparava as crianças assistidas socialmente às vítimas de guerras, mas não gostava da palavra *vítima*, dava-lhes uma conotação de fragilidade. Ele as via como *sobreviventes*, pois era isso o que eram. Crianças guerreiras que conseguiram sobreviver a momentos terríveis. E o seu objetivo era ajudar estas sobreviventes a levar a vida adiante, o que exigia muita habilidade.

Paul lhe perguntou se ela sabia o que havia acontecido com o seu pai. Com um ar maduro que só as *sobreviventes* sabem expressar, Sophie assentiu timidamente. Endireitou o corpinho na cadeira e engoliu seco. Esforçou-se para não demonstrar o tremor nos lábios, fixou-o profundamente e perguntou:

— Ele morreu, não é? Ele... ele morreu mesmo, não foi? — continuou engolindo a emoção quase implorando por uma resposta afirmativa. — O senhor tem certeza disso, não tem? — e, finalmente, uma lágrima solitária e sofrida escorreu de um de seus olhos.

Talvez fosse pela ternura nos olhos de Paul ou pelo alívio que Sophie sentia no momento e, de repente, a pequena garotinha – que lutava para manter o choro – sentiu que não precisava engolir mais nada e aquele primeira lágrima puxou mais uma, outra e dezenas delas transbordaram de ambos os olhos banhando as suas pálidas bochechas. A sua garganta estava em chamas e Sophie teve vontade de gritar. Envoltos pelos braços de um estranho, sentiu-se protegida.

— Eu ... não sei... o meu nome... — murmurou ela com uma voz abafada.

— Claro que sabe! É Sophie, não é? — perguntou Paul, confuso.

— Eu.. eu não sei! — gaguejou — Quando eu caí no chão, ouvi alguém me chamando. Eu sei que era comigo, mas era outro nome, não era Sophie — tentou explicar erguendo as sobrancelhas.

— E qual era, querida?

— Eu não me lembro... eu não sei! — e voltou a chorar com as mãozinhas no rosto. — Fiquei c-com m-medo. Era uma m-mulher e ela gritava tão, tão alto!

— Sshhh... Está tudo bem, Sophie. Você deve ter ouvido alguma coisa na televisão, não é nada... Está tudo bem. Estou aqui com você – disse Paul, receoso de que a menina não conseguisse superar totalmente os últimos anos de sua vida.

O motorista do carro de trás buzina freneticamente e Sophie percebeu que o semáforo estava no verde à sua frente há algum tempo e o celular também tocava. Pisou fundo no acelerador no mesmo instante em que atendia a ligação. Era Paul que, depois de tantos anos, havia se tornado um amigo, quase um tutor, para alegria de Christeen, sua filha, e Elizabeth, sua esposa. Ele ligava exatamente por causa de Christeen que acabara de se tornar mãe.

— Uma menina? Parabéns, Paul! Estou muito feliz, de verdade! — Sophie sentiu-se realmente radiante tentando prestar atenção ao trânsito à sua frente, afastar as lembranças e controlar a emoção. Christeen era como uma irmã, para ela — Como está Christeen? E a bebê, decidiram o nome, afinal?

— Ela está ótima e a minha neta tem um nome lindo! — suspirou profundamente e disse — Ela se chama Sophie, minha querida. A neta mais linda do mundo tem o nome mais lindo de todos! — exclamou Paul não se contendo.

Sophie ficou em silêncio por um tempo. Não sabia o que dizer. Sabia apenas que aquela pequena Sophie, felizmente, nunca passaria pelas dores que ela passara e sentiu como se fosse uma segunda chance.

— Oh, Paul, é mesmo lindo! — e seus lábios se ergueram em um sorriso tímido — Eu tenho certeza de que ela será muito feliz, como vocês me fizeram felizes também. — Sophie sentia os olhos lacrimejarem pensando no afeto que tinha por Paul e, de repente, dirigir tornou-se um desafio. Por sorte, outro semáforo vermelho aparecia à sua frente.

— Ei, é melhor pararmos por aqui. Sou um homem velho com um coração velho! Não queira me emocionar ainda mais. Já tive o bastante por hoje! — ouviu Sophie rir do outro lado e sorriu também. — Quando puderem, venham nos visitar. Eu estarei fora por alguns dias, viajo amanhã, mas Christeen e Elizabeth ficarão muito felizes em ver vocês. Ah! Acabei de falar com Anne também e aproveitei para lhe dar os parabéns. Agora vai ser impossível me esquecer do aniversário dela. Que sorte a minha! — e os dois caíram na gargalhada lembrando-se das vezes em que Paul se esquecer da data

e, claro, foi obrigado a se desculpar por dias a fio — E... Sophie? — mudou o tom — Acho que terei novidades para você quando eu voltar, mas depois eu explico melhor, ok?

Sophie apenas concordou e desligaram. Não quis comentar com ele onde estivera e nem lhe pediu detalhes sobre aonde ele iria. Sabia bem do que se tratava e se sentia culpada por vê-lo, depois de tantos anos, tentando ainda encontrar rastros do seu passado. Parecia ser mais importante para ele do que para ela. *Oh, pobre Paul. Quando vai desistir disso?*

Sophie nunca entendeu muito bem o porquê, mas ela e Anne sempre foram as prediletas de Paul. Há vinte anos que ele procurava por alguma pista sobre a sua infância. Os exames de DNA mostraram que Mark era realmente o seu pai, mas, fora isso, era tudo um mistério. Sabia-se que o pai usava um nome falso e suas impressões digitais não foram reconhecidas pelo sistema. Paul perdera as contas de quantas vezes acessara o banco de crianças desaparecidas para ver se alguma se assemelhava à Sophie, mas não encontrou nada.

Assim que virou a esquina, Sophie viu Anne em frente à pequena cerca de madeira, esperando-a. Ela era bem mais baixa que Sophie, alguns quilos a mais e usava cabelos repicados, pouco abaixo dos ombros, de vários tons de castanho em mechas naturais. Sophie sabia que ela estava nervosa. Estava com os braços cruzados daquele jeito estranho que sempre fazia quando queria estrangular alguém. Usava um leve *cardigan* amarelo e ficava abrindo e fechando o casaco, cruzando as partes num vai e vem nervoso de braços.

Ao descer do carro, as amigas se abraçaram forte e, depois de alguns segundos, subiram os pequenos degraus de acesso à porta de entrada da casa. Elas haviam se mudado há quase cinco anos para Greenwich, em uma rua estreita e arborizada, com edifícios bem cuidados e casas antigas de tamanhos iguais coladas umas às outras.

— Acabei de falar com o Paul e ele me contou sobre a netinha! — começou Sophie, disfarçando a confusão de lembranças e emoções que ainda sentia.

— Pois é, ele ligou aqui em casa há poucos minutos também — disse Anne, abrindo a porta da casa — Ah, fiquei tão emocionada! Um bebê, que lindo, né?

Da porta, posicionada no canto esquerdo da casa, via-se todo o primeiro andar que devia ter, no máximo, cinquenta metros quadrados. Sala de estar, sala de jantar e cozinha eram harmoniosamente delimitadas por pequenos nichos de móveis. A poucos passos da porta, ainda na parede lateral, ficava uma mesinha com o telefone, uma escada que subia para os quartos e embaixo dela, um pequeno lavabo.

Anne e Sophie se sentaram no sofá macio de três lugares, forrado de um tecido de listras grossas azuis celestes e beges. Atrás delas, a *bay window* com vista para a rua.

— Então, me conte – bufou Anne – O que deu em você para ir até lá justo hoje?

Sophie jogou-se pesadamente contra o encosto do sofá, virou os olhos para cima e começou.

— Faz muito tempo que eu venho pensando nisso e você sabe. Uma hora eu tinha que fazê-lo! — virou seus olhos tímidos para Anne e continuou – E, hoje, criei coragem e fui!

— Ah, simples assim. Você ... FOI!?!? — Anne não era de engolir as palavras, principalmente quando Sophie dava seus passos em falso, mas aquele era um momento diferente. Precisava estar ao lado dela, por isso, controlou-se. — E como você está?

Sophie não sabia explicar o resultado daquela experiência. Muitas vezes, chegou a duvidar da sua lucidez e pensava que as lembranças daquele lugar fossem apenas visões da vida de outra pessoa. Mas, obviamente, era real e ela precisava estar ali para conferir.

— Parece que eu acordei de um sonho. Sinto-me mais completa, eu acho. Mais leve, não sei. É como se um peso tivesse saído dos meus ombros. — Anne ouvia com olhos duvidosos. Não tinha certeza se aquela atitude realmente lhe faria bem — Eu... não posso dizer que daqui pra frente nunca mais vou pensar nisso — continuou, erguendo

as sobrancelhas –, mas é como se, agora, aquilo não pudesse mais me ferir. — Sophie contorceu os lábios sem saber como continuar. — Eu não sei explicar, Anne. É muito confuso!

— Claro que é confuso! — *oh, que descoberta!* Pensou Anne sem dizer — Você foi à casa onde você viveu um pequeno inferno! O que você queria? — Anne soltou os ombros, resignada. — Mas fico aliviada por você, minha amiga. Se isso lhe fará bem de alguma maneira, fico feliz mesmo. Porém... — enfatizou — acho bom você falar sobre isso com o doutor Barkley. — Sophie abriu a boca, mas Anne emendou. — Eu sei. Eu sei. Vocês não se falem há alguns meses, mas *isso é algo que não dá pra passar em branco.*

Sophie elevou os olhos para o teto novamente, mordendo nervosamente os lábios.

— Pode ser, Anne, mas é tão estranho... Eu me sinto bem! Estou aliviada! — ergueu uma sobrancelha exageradamente — Claro que doeu e muito, porque, você sabe. Não foi bem uma visita a um velho amigo.

— Ah, eu imagino! — exclamou Anne, bastante contrariada.

— Eu poderia adiar isso por sei lá quanto tempo, mas um dia eu teria que fazer. O Dr. Barkley já havia me dito que eu deveria voltar lá e, agora, vejo que ele tinha razão.

— E... as visões? — Embora fizesse alguns meses que Sophie não tinha nenhuma visão, Anne se preocupava mais com elas do que com as lembranças do passado. As recordações eram reais, faziam parte da sua história, tinham um porquê de sua existência, mas as visões de coisas, pessoas e lugares que ninguém sabia quem ou o que eram e muito menos por que Sophie as tinha, era assustador!

— Não se preocupe Anne. Estou bem, de verdade! Eu vou ligar para o Dr. Barkley na segunda-feira — endireitou o corpo e mudou de assunto. — Porque, hoje... temos um aniversário para comemorar! — bateu palmas fingindo uma animação que, realmente, naquele momento, ela não sentia. — Como estão os preparativos? Precisa de ajuda ainda? — os olhos de Anne se iluminaram como os de uma criança.

— Primeiro, vamos almoçar. Temos tempo, vem — respondeu, já se levantando do sofá, e seguindo para a cozinha para ver a lasanha que esquecera no forno. Anne tinha todas as qualidades de uma excelente dona de casa, embora sempre dissesse não suportar as tarefas domésticas, e, na cozinha, não tinha igual!

Durante o almoço, combinaram quem faria o que para a festa de aniversário de Anne, que seria só às nove da noite. Seria uma recepção para poucos amigos, mas, mesmo assim, Anne não aceitava menos do que a perfeição. Depois de limparem toda a casa (incluindo banheiros e janelas!), foram para a cozinha e organizaram os canapés em bandejas decoradas com guardanapos dobrados como gravatas e flores. *Como ela consegue fazer isso?* Pensava Sophie distraída terminando a última bandeja. Faltavam ainda três horas para os convidados chegar. Sophie foi tomar banho e se preparar enquanto Anne passava as bebidas do congelador para a geladeira.

Sophie era uma mulher de beleza marcante. Os cabelos longos, escuros e pesados lhe davam um toque sedutor e misterioso. Era uma mulher feminina, mas não usava tanto da sua feminilidade quanto poderia. O corpo bem torneado definitivamente não lhe rendia uma imagem frágil, bem diferente da menina magra e pálida que a polícia encontrara um dia. O seu corpo retratava exatamente a mulher na qual havia se tornado: forte e determinada.

Saiu do banho e não demorou muito para decidir o que vestiria. Apesar de ser editora de fotografia de uma tradicional revista de moda britânica, a moda era apenas parte da sua profissão, não era a sua vida; não era escrava de tendências e preferia o estilo minimalista. Vestiu as clássicas calças pretas de seda, um top preto e uma camisa de organza azul de mangas longas e largas com pequenos detalhes em renda nas extremidades. *Vai ser difícil pegar copos e salgados com essas mangas*, pensou. Sophie conseguia ser bastante desastrada, principalmente em ocasiões onde nada de errado poderia acontecer. Mesmo assim, ficou com preguiça de trocar de roupa. Secou os cabelos e passou maquiagem suficiente para ressaltar os longos cílios e colorir os lábios. Quando se olhou no espelho, viu um brilho diferente em seu rosto. Talvez fosse o olhar que não carregava mais a sombra do passado. Talvez fosse apenas impressão

ou, talvez, estivesse feliz consigo mesma. Calçou seu mais confortável par de sapatos pretos de salto e subiu mais de dez centímetros dos seus já altos um metro e setenta e cinco. Borrifou um pouco do Prada Deluxe atrás das orelhas e se preparou para descer.

Os quartos ficavam um ao lado do outro e o de Sophie era o segundo, com a janela voltada para a rua. Felizmente, cada quarto tinha o seu próprio banheiro, o que foi decisivo na hora de escolher onde iriam morar, pois Anne era do tipo que poderia encontrar tudo no escuro, já Sophie, nem tanto.

Anne ainda estava se arrumando – para espanto de Sophie – quando a campainha tocou. Era Jesse, um arquiteto com quem Sophie havia tido um relacionamento até um ano atrás. Cinco anos mais velho do que ela, Jesse foi um grande incentivador de sua carreira como fotógrafa. Conheceram-se durante uma viagem de avião de Paris a Milão, onde Sophie faria um curso e Jesse passaria férias com alguns amigos.

Após algumas semanas de namoro, ele a apresentou para a editora de uma revista de moda durante um evento, em Londres, e Sophie conseguiu seu primeiro emprego na área. Até então, fazia freelancer para modelos no início de carreira, fotografava casamentos e festas. Trabalhou também como garçonne, babá, virou-se de todas as maneiras para poder pagar o curso de fotografia e dividir o aluguel de um pequeno apartamento.

O romance com Jesse terminou depois de dois anos. Sophie colocara um ponto final tão improvisamente quanto havia começado, mas a amizade continuou, principalmente porque Anne começara a trabalhar no escritório de Jesse como decoradora. Sophie sabia que Jesse a havia contratado a pedido seu, mas a permanência dela no escritório se deu por méritos próprios. Anne era, de verdade, uma maga dos tecidos, cores e ideias.

Jesse estava tentadoramente lindo e sexy, como sempre, em suas calças jeans ligeiramente desbotadas, camisa branca, blazer e sapatos marrons. O namoro podia ter acabado, mas a atração ainda existia, e de ambas as partes. Sophie serviu-lhe um copo de vinho e logo os outros convidados começaram a chegar. Evitou ficar ao lado de

Jesse. Estava se sentindo leve demais, feliz demais e ousada demais para se arriscar ao lado dele.

Havia cerca de quinze pessoas e eram, basicamente, colegas de trabalho de Anne que, por sua vez, tinham levado seus companheiros ou namoradas e todos pareciam muito à vontade. O som alto da banda irlandesa *Moloko* tocava no *CD player* se misturando às risadas dos grupos dispersos pelo primeiro andar da casa, no sofá, na escada, em volta da mesa de jantar e nos bancos em frente ao balcão que separava a sala da cozinha, onde Anne preparava mais um drink.

Sophie circulava entre as pessoas, ria e se divertia. Conversava livremente, sem reconhecer a si mesma. Normalmente, não era de fazer um papel social tão bem. No trabalho, evitava festas de confraternização e *happy hour*. Já Anne sentia-se à vontade com qualquer pessoa que fosse e Sophie a admirava por isso. Estava na Griffiths Architects há pouco mais de um ano e já se relacionava com todos como se fossem conhecidos há décadas! E eles realmente gostavam dela, pela pessoa e profissional que era.

Sophie conhecia todos os amigos de Anne – graças a algumas reuniões que fizeram em casa e às festas da empresa em que foi obrigada a ir quando era a namorada de Jesse – e os achava muito simpáticos, exceto uma: Adrian. Baixinha e gordinha, usava os cabelos avermelhados tingidos na altura do queixo, cortados na diagonal. Para Sophie, ela gargalhava mais alto do que deveria, movia-se mais do que o necessário e gesticulava as mãos como se estivesse em um show de magia. Ah, claro, e debruçava demais os cílios sobre Jesse, embora fosse casada com Steven, um amigo de infância dele. Um casamento que, para Sophie, nada tinha a ver com amor.

Steven era um homem de qualidades. Fisicamente, não deixava a desejar. Era alto e forte. Entre os exercícios diários estavam a corrida e uma hora de academia, sempre às seis da manhã. Tinha os cabelos castanhos claros curtos, olhos azuis, nariz e boca bem desenhados. Além disso, era um médico bem conceituado, inteligente e rico. Era mais que conveniente ter um marido assim! Um achado para caçadoras de dotes, como se referia a Adrian normalmente. Adrian e Steven se conheceram pouco antes de

Sophie conhecer Jesse e, logo em seguida, Steven convenceu-o a dar uma oportunidade à sua nova e encantadora namorada. Jesse a empregou e a manteve no escritório, embora fosse uma funcionária medíocre.

Durante o instante em que ficou sozinha encostada no balcão, Sophie a observava de longe e sentia a costumeira repulsa crescer. Era inevitável não notá-la. A sua risada fina se sobressaía propositadamente e fazia surgir um par de covinhas de cada lado das bochechas que mais pareciam buracos de celulite facial, se é que isso existe. Sophie não entendia como o casal poderia funcionar. *O tempo dirá*, profetizava Sophie, em silêncio, saboreando mais um gole do Martini e balançando a cabeça expulsando Adrian de sua mente.

Observou Anne e a achou radiante em seu vestido azul claro colado perfeitamente ao corpo com um bolero de um azul ligeiramente mais escuro sobre os ombros. Sorriu satisfeita pendendo a cabeça para o lado. Ver Anne feliz a fazia igualmente feliz e foi para o seu lugar preferido: o jardim, no fundo da casa. Às vezes, adorava-o por ser o único lugar onde se podia fumar, o que não era o caso no momento. Outras vezes, para se deitar na espreguiçadeira de ferro coberta por um colchonete florido azul marinho e olhar o céu. Obviamente, também não o faria agora, embora tenha ficado muito tentada. Naquele momento, queria apenas contemplar o céu e apreciar a felicidade que embalava a sua alma, o que era um momento raro.

O jardim não devia ter mais do que trinta metros quadrados e Sophie ficou em pé, observando as poucas estrelas ao longe. Era uma linda noite de setembro. O ar fresco em seu rosto, o gosto da bebida forte na boca e as pequenas luzes brilhantes no céu lhe pareceram o paraíso. Não trocava aquele momento por nada. Percebeu que havia pensado pouco no passado, nas últimas horas, e ficou satisfeita com isso. Sentia-se relaxada, exatamente como deveria ser o seu primeiro dia de férias. Alias, não só seu como o de Anne também. Como todos os anos, conseguiram tirar férias no mesmo período e, normalmente, aproveitavam para viajar juntas, mas não neste ano. Depois de redecorarem toda a casa e comprarem o primeiro carro, um Mini Cooper cinza metálico,

não havia sobrado muito recurso para viagens e ambas decidiram passar todo o mês em casa.

— Fazendo planos para as férias? — interrompeu Jesse, aproximando-se por trás de Sophie.

— Por incrível que pareça, não estava pensando em nada. Acredita? — respondeu com um sorriso leve nos lábios e Jesse observou-a calado por um instante, imóvel. — O que foi?

— Nada... — manteve o olhar intrigado sobre ela — é que... tem algo diferente em você, hoje. Você me parece mais... tranquila — evitou dizer *bonita*. — É bom ver você assim — sorriu, afastando da mente as lembranças de quando ainda podia tê-la em seus braços.

— Bom, posso dizer que estou me sentindo realmente muito bem, essa noite. — *bem o bastante para lembrar os velhos tempos*, lhe veio à mente, mas não disse. Calou-se subitamente, repreendendo-se, mas não conseguiu evitar passar os olhos disfarçadamente pela boca de Jesse admirando seus lábios perfeitos e macios. *Oh...*

Tudo em Jesse lhe agradava. Os lábios cheios, os olhos cor de mel e os cabelos claros, ligeiramente compridos e retos que, vez ou outra, os mantinha presos em um charmoso rabo de cavalo. Quando deixava a barba por fazer, Sophie o achava ainda mais atraente, como naquela noite. Ela não ousou dizer-lhe nada porque se conhecia muito bem. Seria um beijo, uma noite e depois, não o desejaria mais por alguns meses, enquanto Jesse renovaria suas esperanças em vão. Sem muito esforço, porém, ele leu no olhar de Sophie o seu desejo e arriscou.

— Poderíamos dar uma volta depois, o que você acha? — Jesse aproximara-se o suficiente para sentir o cheiro doce dos cabelos dela, revivendo a sensação de tê-los entre os seus dedos.

— Pode ser... — respondeu ela, causando espanto até a si mesma. Não era exatamente isso o que tinha em mente. *Ai, meu Deus, Martini demais!* pensou.

— Perfeito! — respondeu Jesse num sobressalto, temendo que Sophie mudasse de ideia, e no segundo seguinte, não sabia o que lhe dizer. — Eu vou pegar mais uma bebida. Você quer alguma coisa?

— Não, obrigada. Ainda tenho aqui — respondeu, tentando esconder o sorriso.

Jesse virou as costas quase não se contendo. Há meses sonhava em tê-la novamente. A última vez em que haviam saído fora seis meses atrás, mas depois daquela noite, Sophie se afastou definitivamente. Ele, porém, estava sempre disposto a tentar. Mesmo que implicasse em um novo distanciamento. Talvez fosse este o caminho para uma reaproximação. Respeitar os seus momentos ou *aproveitar* os seus momentos. Era uma avaliação profunda demais para se fazer durante uma festa, pensou ele, observando a beleza de Sophie pela janela da cozinha enquanto preparava a bebida.

Sophie mexeu o gelo no copo com a ponta do dedo e levou-o à boca. Enquanto saboreava as gotas em seu dedo, observava o pequeno rodaminho que se formava dentro do copo. E, como em todas as outras vezes, o processo começou sem que ela pudesse evitar. Fazia meses que não tinha uma visão, mas o tempo não a fez esquecer-se de como era. Sentia-se petrificada, era forçada a ver, sem poder se mexer nem pedir ajuda. *Oh, não! Aqui, não!*

O mundo começava a se derreter à sua volta como um quadro a óleo cujas tintas escorriam pela tela e um novo cenário ia se formando. Sophie mexia apenas os olhos acompanhando as mudanças à sua volta. Imóvel e com o coração a picos viu o copo também desaparecer de suas mãos, que suavam frio. Depois de tantas vezes que este bizarro evento já havia ocorrido, Sophie dizia a si mesma que era apenas a sua imaginação e que precisava somente esperar, respirar profunda e calmamente até os batimentos cardíacos voltarem ao normal. Às vezes, as visões passavam rapidamente. Outras vezes, parecia uma eternidade. Embora, na prática, não durassem mais do que alguns minutos. E lá foi ela para mais uma viagem ao desconhecido.

Capítulo 2

A fraca iluminação dos pequenos postes espalhados pelo jardim transformou-se, aos poucos, em um dia nublado e muito frio. O quintal bem cuidado desaparecia e surgiam árvores muito altas, cujos ramos se entrelaçavam no alto fechando quase totalmente a entrada da luz. O chão era coberto por pedregulhos e algumas pequenas rochas revestidas de musgos que saíam do solo. Devia ter chovido há poucos dias. O cheiro da umidade ainda estava no ar. A floresta parecia ficar em uma colina e Sophie estava em uma trilha longa e larga. Pela tonalidade da luz e a neblina, devia ter amanhecido há pouco. Não era possível saber o local exato onde se encontrava, mas sabia que não estava só.

Havia uma pequena casa de pedras a uns cinquenta metros barranco abaixo e uma fina fumaça saía da chaminé. Do lado de fora, um pesado machado estava fincado em meio tronco de árvore, ao lado de vários outros troncos cortados em pequenas toras. Dois cães que descansavam à frente da casa despertaram quando um homem abriu a porta. Era alto e forte, com cabelos escuros e longos. Vestia um pesado casaco de pele de animal, uma touca, calças largas e botas. Pendurou uma corda na cintura, pegou o machado e algo que parecia um trenó e saiu acompanhado pelos cães que latiam, pulavam e corriam à sua volta. Deveria ter uns trinta anos, mas era difícil precisar, com o rosto coberto por uma espessa barba.

No instante seguinte, Sophie estava dentro da casa e sentiu-se bem melhor, pois não fazia tanto frio como lá fora. O chão era rústico como todo o revestimento da casa e havia poucos móveis. Na realidade, o mínimo necessário: uma mesa feita de tábuas grossas e mal alinhadas, algumas cadeiras também de madeira rústica e um grande tapete que, depois, Sophie percebeu ser de pele de animal. Ao fundo, uma fogueira como uma lareira e, sobre ela, uma grossa panela pendurada. O cheiro era de fumaça e bolor.

Uma mulher surgiu do lado esquerdo vinda de um quarto escuro, limpando as mãos no avental sobre as vestes encardidas, seguida por uma garotinha que vestia o que

parecia ser uma longa camisola com um tipo de babados nas mangas e uma aplicação no peito. Os cabelos eram desalinhados, muito longos e ruivos. A pele era muito branca e cheia de sardas. A menina era uma cópia em miniatura da mãe e ambas pareciam não ver que havia uma intrusa na casa. Sophie também já estava acostumada a isso. Em suas visões, ninguém notava a sua presença, era como se assistisse a um filme em terceira dimensão. Quase poderia tocar as pessoas e os objetos, mas sempre teve medo de tentar. Medo de que tudo sumisse e que ela ficasse presa, para sempre, em um mundo imaginário.

A garotinha parecia assustada e ansiosa.

— Mamãe, eu sonhei de novo com... aquilo — havia um tom respeitoso em sua voz.

— Sshhh....!! Fale baixo! Você quer que alguém ouça você?

— Ninguém pode nos ouvir aqui, no meio da floresta, mamãe!

— Eu não sei e você também não sabe. Eles estão por toda parte — sussurrou a mãe que olhou com doçura para a filha, abaixou-se e abraçou-a carinhosamente. — Oh, minha querida, eu sei que você não faz por mal, mas precisa parar com isso! Você quer que eles pensem que você é uma “delas”? Eu não suportaria que nada lhe acontecesse, então, você precisa ficar bem calada, entende? É tudo imaginação sua e nada vai acontecer. Nada!

— Mas, mamãe, os meus sonhos *sempre acontecem*, você sabe disso!

A este ponto, a mãe perdeu a tranquilidade e respondeu com firmeza, tentando não gritar, com as mãos ainda apertando os braços da filha, balançando-a como se quisesse despertá-la.

— Nunca mais diga uma coisa dessas, entendeu? Nunca mais! A partir de hoje, se você sonhar com alguma coisa, esqueça! Não conte para ninguém, nem mesmo para mim. E se ... — abaixou o tom de voz, segurou o rosto da filha novamente com delicadeza e continuou — e se acontecer, nunca, nunca conte a ninguém! Ouviu bem?

A garotinha concordou e tão logo a mãe a soltou e se dirigiu para a mesa, olhou para fora da janela e Sophie pôde sentir o seu coraçãozinho batendo forte, num crescente de angustia e ansiedade. Ela sabia, simplesmente sabia e algo lá fora lhe deu a certeza de que tinha razão.

— Veja mamãe! — gritou a garotinha apontando para fora — Veja! A tempestade está vindo, eu sei que ele vai morrer, eu sei, eu sei!!! — correu até a porta, puxou-a com força e saiu correndo fazendo entrar uma rajada de ar gelado. Passou tão perto de Sophie que ela pôde sentir seus cabelos raspando em seu braço.

— Nina, não! Volte aqui! Volte, volte! — gritou a mãe soltando o pão duro que tentava cortar sobre a mesa e correu atrás da filha.

Sophie via toda a cena, agora, do lado de fora da casa, como se flutuasse junto à garotinha que chorava e chamava pelo pai. A mãe vinha correndo logo atrás, ainda chamando-a pelo nome e a menina, poucos passos à frente, gritando *“Papai! Papai! Não, não! Volte!”* e, assim que avistou o pai, que a olhava assustado, parou de correr quase não acreditando que ele estava ali, são e salvo.

A mãe puxou-a pelo braço pegando-a no colo ofegante, abraçando-a com toda força, com lágrimas e um pavor indescritível nos olhos. Medo de que algo acontecesse à sua única e preciosa filha. Mas, em seguida, um grande estrondo fez ambas voltarem os olhos em direção a ele. Um raio havia acertado em cheio a sua cabeça. O homem deu um salto para trás e caiu imóvel. A garotinha gritou e se debateu no colo da mãe que caiu de joelhos com a filha no colo.

Sophie sentiu a dor daquela mãe por não ter podido conter o destino e a da filha que se sentia culpada por não tê-lo feito parar. As dores faziam o seu coração se contorcer e foi como se tudo estivesse sendo sugado para dentro dela fazendo-a também cair na grama do seu jardim, com o copo na mão.

Anne, que estava na cozinha conversando com Jesse, viu quando a amiga caiu de barriga na grama e gritou, correndo para fora, desesperada, seguida de Jesse. *Oh, Deus, não! Sophie!* Pensou ele. O corpo estava esticado de uma forma estranha, como

se as pernas tivessem sido presas uma a outra e os braços estendidos, também ao lado do corpo, como se todo o corpo estivesse engessado. Anne ajoelhou-se ao lado dela e afastou os cabelos escuros de Sophie procurando o seu rosto, que estava afundado na grama. Alguns convidados também chegaram assustados e Anne tentou virá-la, mas não conseguiu. Sophie parecia de pedra. Dura e fria.

Quando Steven se aproximou, todos se afastaram. Ele mediu a sua pulsação e, pouco depois, começou a virá-la, lentamente. O peso estava voltando ao normal. O rosto tinha algumas escoriações, pequenos pedaços de grama e um pouco de terra. Os olhos e a boca estavam fechados como se dormisse profundamente. Steven levantou as pálpebras e as pupilas pareciam normais.

De repente, Sophie voltou a si, puxando profundamente o ar como se voltasse da morte. Abriu exageradamente os olhos, mas parecia não ver nada à sua volta. Só alguns segundos depois, deu-se conta de onde estava. Olhou em volta e sentiu a mão de Jesse na sua. Virou-se para o outro lado, sem querer encará-lo e viu Anne. Sentiu o estômago revirar em uma náusea muito forte, com dores nos olhos e na cabeça.

—Eu... sinto muito, Anne... — tentou se desculpar por aquele constrangimento sentindo-se, também, envergonhada — Foi tão de repente...

Anne passou a mão levemente pelo braço da amiga e sorriu-lhe com ternura.

— Shhh... Vem, vou levar você para o quarto. Está tudo bem, agora.

Enquanto Anne, Jesse e Steven ajudavam-na a se levantar, os outros começavam a colocar a casa em ordem. A maioria já sabia que Sophie tinha um certo “problema”, graças à língua afiada de Adrian. Outros, já haviam presenciado alguma situação delicada, mas nenhum deles tinha, até o momento, realmente visto nada parecido. Sophie passou pela sala sob os olhares de piedade dos amigos e sentiu-se ainda pior. Anne e Jesse a acompanharam até o quarto e deitaram-na sobre a cama. Sophie sentia ainda muita náusea e só queria ficar sozinha.

— Não quer que eu chame o doutor Barkley? — perguntou Jesse sentado ao seu lado na cama e ela recusou balançando a cabeça. — Quer que eu fique com você? — insistiu e Sophie recusou novamente. — Bom, estaremos lá embaixo. Se precisar de alguma coisa, é só gritar — sorriu, deu um beijo na palma da sua mão e olhou-a com carinho, querendo deitar-se ao seu lado e ficar ali, cuidando da sua pequena garota.

Anne perguntou se a amiga queria lhe contar o que houve, mas Sophie negou. Fechou os olhos sentindo-se humilhada e dolorida. Anne estreitou os lábios e engoliu seco sabendo que levaria um tempo para que Sophie saísse da concha novamente. Pegou Jesse pelo braço e deixaram o quarto. Antes de fechar a porta, Anne viu que Sophie estava se virando de lado na cama e desejava que ela conseguisse dormir.

Normalmente, estes episódios a esgotavam fisicamente, mas Sophie não queria dormir. Por mais cansada que estivesse tinha medo de fechar os olhos e o processo recomeçar, embora isso nunca tivesse acontecido antes. Ficou ali deitada, lembrando-se da visão. Talvez, como aquela menina, ela também se sentisse culpada pelo acidente com o próprio pai, mas recusou-se a pensar nisso. Culpa era algo que ela decididamente não sentia. Lutava para não fechar os olhos, mas não conseguiu por muito tempo. O cansaço físico era mais forte do que ela, e Sophie adormeceu.

Anne despediu-se de alguns amigos que deixavam a festa, enquanto Seteven, Adrian e Jesse, estavam sentados no sofá terminando seus drinks e conversando sobre o acontecido.

— Steven, quanto tempo faz que o doutor Barkley acompanha a Sophie? Um ano?— perguntou Adrian, acidamente, ao marido.

— Acho que mais ou menos isso — respondeu Steven. — Foi quando você e ela terminaram o namoro, não foi, Jesse?

— Sim, foi pouco depois — respondeu pensativo. — Eu a apresentei ao John quando ainda estávamos juntos, mas ela disse que não precisava de terapia, que as visões haviam parado e que estava bem — Jesse encostou-se ao sofá passando as mãos

pelos cabelos, angustiada. — Logo que terminamos, ela passou por outro episódio e, no dia seguinte, me ligou pedindo o contato dele.

— Então, depois de tanto tempo, ele não encontrou uma solução para isso? Não é possível! — exclamou Adrian — Deve haver remédios que controlem esses ataques — insistiu. — Hoje em dia tem remédio pra tudo! — lançou um desafio irritado ao marido.

— Adrian, John Barkley é um ótimo psiquiatra. Um dos melhores da cidade. O problema é que ela não tem um distúrbio físico que possa causar estas crises. Pelo menos, ninguém conseguiu identificar uma causa física para isso, entende? — Adrian fez um Não insistente com a cabeça. — É basicamente uma descarga que, normalmente, acontece depois de um grande estresse.

— Mas ela estava tão bem, hoje. Aliás, linda, como sempre! — comentou sem conseguir conter uma sombra de inveja na voz. — Estava sorridente e conversando com todos, eu não entendo! — Adrian fazia um esforço enorme para parecer realmente preocupada, mas soava tão falso que irritou até mesmo a Anne, que a interrompeu rapidamente.

— Ela foi a casa onde passou a infância. Onde o pai morreu — explicou, enquanto se acomodava na *chaise* que ficava no canto da sala, ao lado da lareira. E um silêncio pairou no ar. Anne percebeu o olhar surpreso de Jesse e continuou. — Pois é. Ela decidiu enfrentar o passado e acho que ela tem esse direito. Foi sozinha! Ela foi muito corajosa de ir até lá, se vocês querem saber — defendeu. — Não sei se eu conseguiria. Acho que isso deve ter sido duro para ela, deve ter despertado alguma coisa — pensou por um instante e falou entre os dentes. — Amanhã, vou ligar para o doutor Barkley, ela querendo ou não!

— Anne, você não acha que é hora de ela procurar outra pessoa? — palpitou Adrian novamente. — Eu li algumas coisas sobre hipnose, vidas passadas, essas coisas — e sentiu olhares céticos sobre ela e emendou. — Pode ser alguma coisa do fundo do baú que ela não esteja conseguindo encontrar, sabe? — e Adrian, de repente, parecia

verdadeiramente solidária. — Ninguém pode viver assim, como se tivesse uma espada sobre a cabeça o tempo todo! É muito cruel!

— Só você mesma, Adrian, para acreditar em hipnose e vidas passadas... — debochou Steven.

— Não é só ela não, Steven. Eu já pensei nisso, também — retrucou Jesse, atraindo a atenção de todos. — Não estou falando de vidas passadas, mas o que causa isso deve ser algo muito profundo, profundo demais para ser descoberto em uma psicanálise normal. Eu já conversei com o John sobre isso e ele disse que também estava pensando na hipótese de falar com um amigo sobre uma hipnose. O difícil vai ser convencer a “nossa” amiga lá em cima — concluiu, olhando curioso para Anne que estava estranhamente pensativa.

Exauridas todas as possibilidades de tratamento, os convidados decidiram ir embora, não sem antes recomendar que Anne os chamasse caso precisasse de alguma coisa. Jesse ainda perguntou uma última vez se ela gostaria que ele ficasse, mas Anne não aceitou. Jesse quis subir as escadas mais uma vez e ver se Sophie estava bem, e Anne, lendo o seu pensamento, o confortou.

— Está tudo bem, Jesse! Não é a primeira e não será a última, infelizmente. Ela está bem. Vai para casa, amanhã eu peço para ela ligar pra você – Jesse deu meia volta contrariado e saiu.

Anne olhou a casa vazia e sentiu-se angustiada. Colocou em ordem o pouco que ainda estava fora do lugar, trancou as portas e janelas, apagou a luz e subiu as escadas. Antes de ir ao seu quarto, passou para ver como Sophie estava e, por um segundo, pareceu rever a garotinha que dormia ao seu lado no orfanato onde se conheceram.

E onde as visões começaram.

Capítulo 3

No hospital, a pequena Sophie já se sentia mais segura ao lado dos policiais, embora ainda chamasse Paul de “senhor Paul”, hábito que demorou a perder. Respondia às perguntas sem medo, depois que o assistente social alto de olhos puxados lhe garantiu que o seu pai realmente havia morrido. Contou como era a vida em companhia dele e que nunca tinha ido à escola. Contou que não saía de casa quando ele estava fora porque a porta estava sempre trancada. Explicou também que os vizinhos nunca foram procurá-la provavelmente porque não a ouviam gritar ou chorar, coisas que ela não fazia nem mesmo quando estava sozinha porque tinha medo de que ele estivesse do lado de fora da porta escutando. Algumas coisas ela não pôde dizer, como o dia do seu aniversário ou o nome da sua mãe. Não podia, porque não sabia.

— Mas posso te mostrar uma coisa — sussurrou para Paul. — É um segredo — em seguida, olhou-o duvidosa. — O senhor sabe guardar segredo, senhor Paul? — perguntou Sophie, com os olhinhos curiosos.

— Palavra de escoteiro! — respondeu, muito sério.

— O que é escoteiro? — perguntou a garotinha já se perdendo no assunto e Paul driblou a sua curiosidade.

— Vamos fazer o seguinte. Primeiro você me conta o seu segredo e depois eu explico o que é. Combinado? — e Sophie gostou daquilo.

Olhou para os dois lados para garantir que ninguém a estava espiando e voltou os olhinhos para Paul. Pegou a boneca, virou-a de costas com cuidado e a apoiou sobre suas pernas. Enfiou a mãozinha dentro de um pequeno buraco que havia no corpinho de pano sob o vestido, puxou alguma coisa e a manteve escondida entre os pequenos dedos por alguns segundos, olhando para ele para ter certeza de que cumpriria a promessa. Abriu a pequena mão e mostrou uma foto toda marcada por dobraduras. Era a foto do rosto de uma mulher morena, de cabelos compridos que sorria com o rosto ligeiramente pendente para o lado.

— Eu acho que essa é a minha mãe... — sussurrou a garotinha, como se ainda tivesse medo de ser pega fazendo algo errado.

— E por que você acha que ela é a sua mãe, querida?

— Não sei — respondeu encolhendo os ombros e depois continuou. — Ele rasgou um monte de fotos e depois jogou tudo fora. Mas essa aqui, ela caiu no chão perto da mesa e eu peguei sem ele ver — explicou orgulhosa, entregando a foto para Paul.

Ele virou a foto e não tinha nada atrás dela. Também não dava para ver onde havia sido tirada. Era somente um pedaço de papel rasgado com pouco mais de cinco centímetros de altura por três ou quatro de largura.

— E você sabe onde a sua mãe está, Sophie? — perguntou enquanto colocava a foto nas mãos da menina, novamente. Ela balançou a cabeça negativamente e o desencorajou.

— Não adianta o senhor procurar por ela. Ela não vai querer ficar comigo — falou, com amargura. — Ela foi embora quando eu era pequena. Ela não gostava de mim e nem dele. Por isso ela fugiu! — exclamou dando de ombros. — E eu sei que isso deixou ele muito irritado. Muito mesmo! E eu não gosto dela... — as últimas palavras saíram com muita dificuldade enquanto olhava a fotografia nas mãos. — Ela foi embora e me deixou com ele. — As palavras vacilavam na garganta e ela as engoliu de volta. Colocou a foto no buraco das costas da boneca e justificou-se. — Eu só guardo a foto porque acho ela bonita. — o seu olhar assumiu um brilho travesso e Sophie concluiu. — E porque ele queria queimar ela.

Paul sentia-se cada vez mais próximo àquela menina. Ela era diferente. Era mais do que uma sobrevivente. Mesmo com tão pouca idade, ela conseguia reagir, pensar e se expressar, o que era raro em casos como os dela.

— Sophie, agora precisamos ir a um lugar, está bem? — Sophie o olhou, desconfiada, mas Paul sorriu e ela sorriu de volta. — Vem comigo.

Sophie segurou com força a mão de Paul, deu um pulo da poltrona da sala de espera do hospital, mas não deu um passo. Apenas olhou para cima e disse com olhos assustados.

— Estou com medo, senhor Paul — era a primeira vez que Sophie podia dizer coisas assim, sentir-se frágil sem ser criticada ou espancada por isso, e esta liberdade ainda era confusa para ela.

— Você pode ficar tranquila. Você está segura, agora — garantiu, afagando os seus cabelos agora limpos e macios. — Nós vamos cuidar de você.

Sophie mantinha os olhos sobre os dele e o sorriso de Paul a convenceu. Os dois saíram andando de mãos dadas seguindo em direção à saída do hospital. Sophie disse que era a vez de ele contar a ela o seu segredo e ele lhe disse algo superficial sobre os escoteiros, embora nunca tivesse sido um; mas Sophie não precisava saber. Do lado de fora, havia um carro preto de quatro portas e, ao lado dele, uma moça alta, morena de cabelos curtos e cacheados que os esperava.

— Bom dia, Paul. Você está com os papéis? — ele lhe entregou a decisão do juiz autorizando a transferência de Sophie para o orfanato. Depois de ler o documento, ela perguntou — Objetos pessoais?

— Sim, estão aqui — respondeu, esticando duas pequenas sacolas que levava na outra mão. Uma com algumas roupas velhas e manchadas que haviam pegado na casa de Sophie e outra com roupas mais novas doadas pela assistência social do hospital. Sophie acompanhava tudo em silêncio, com os olhos que se moviam rapidamente.

Mary olhou para dentro da primeira sacola e sentiu um aperto no peito. Ela já sabia de toda a história de Sophie e não era diferente de muitas outras que havia levado para o instituto, entretanto, não podia ficar alheia à determinação daquela garotinha que a olhava com seus escuros olhos que insistiam em brilhar depois de tudo o que vivera.

Paul abaixou-se, olhou para Sophie e tentou encontrar as palavras para se despedir, quando a garotinha lhe deu um forte abraço. Ela a abraçou também e mudou de ideia.

— Eu gostaria de ir junto dessa vez, Mary Você me dá uma carona de volta?

— Claro Paul — respondeu, com um sorriso gentil nos lábios.

Paul e Sophie sentaram-se juntos e em silêncio no banco de trás, enquanto Mary conversava animadamente com o motorista na parte da frente do carro. Falavam sobre um filme que Mary insistia em dizer que era ótimo o que o motorista rebatia com veemência.

Veza ou outra Sophie e Paul trocavam um olhar e um sorriso, mas aos poucos o cansaço venceu a garotinha que caiu num sono profundo. Não havia dormido quase nada na noite anterior, exceto uma ou duas horas do lado de fora do apartamento, pouco antes de tudo acontecer. A sua cabeça foi escorregando no banco até apoiar-se no braço de Paul que a olhou com compaixão. Era evidente que Sophie havia se afeiçoado a ele. Não só pelo fato de Paul ser um homem muito talentoso com crianças, mas pela necessidade de afeto.

Depois de serem libertadas de situações de violência, as crianças tendem a se apegar àquele que as salva, acreditando ser a única pessoa boa no mundo. Obviamente, essa aproximação dependia do grau de violência sofrida pela criança. Infelizmente, Paul conhecera muitas que não permitiram uma aproximação por anos. Felizmente, não era o caso de Sophie. A violência vivida por aquela garotinha tinha sido física, mas principalmente emocional, embora ambas sejam igualmente difíceis de superar.

Quando já estavam quase chegando, Paul sentiu um profundo pesar, mas teve que acordá-la. Sophie esticou o pescoço para enxergar a paisagem fora da janela piscando os olhinhos freneticamente. Eles já haviam saído do perímetro urbano há muito tempo e ela só via árvores, muitas árvores que passavam rapidamente. *Uau, é bonito, aqui!* O dia estava ensolarado e a temperatura era agradável, embora as folhas que cobriam o chão de tons de amarelo e laranja denunciassem o início da nova estação. Ela viu, então, um grande muro passando pela janela. O carro começou a diminuir a velocidade e Sophie se perguntou para onde estariam indo.

O motorista posicionou o carro diante de um grande portão de ferro que se abriu automaticamente. Ao fundo, estava o H. G. Institute, um orfanato cuja propriedade fora construída no século XVI e era composta por três casas no estilo renascentista. Ele abrigava cerca de cem crianças – meninos e meninas – até os dezesseis anos.

Pela certidão de nascimento encontrada no apartamento, Sophie devia ter pouco mais de sete anos e Paul tinha certeza de que este era o local ideal para ela. Eram crianças que nunca haviam tido contato com os pais ou o tiveram por pouco tempo. Crianças que foram encontradas abandonadas ou sobreviventes de acidentes. Era incrível como havia famílias tão pequenas ou sem nenhum parente próximo, nos dias de hoje. As poucas crianças que tinha algum parente distante foram recusadas pelos mesmos, seja por total desinteresse ou por falta de condições para mantê-los.

Assim que parou o carro, Mary e Paul abriram a porta e desceram. Sophie veio logo atrás e sentia-se mais curiosa do que assustada. Talvez porque Paul estivesse com ela ou talvez porque nada poderia ser pior do que o lugar de onde viera, fato era que não sentia medo. E isso era uma novidade para ela.

Uma mulher corpulenta e de vestes longas os esperavam do lado de fora. Ela tinha as mãos cruzadas e apoiadas sobre uma protuberante barriga que se escondia atrás de um grande avental branco e, por baixo deste, um vestido cinza claro abotoado até o pescoço. Tinha os cabelos grisalhos e presos em um pequeno coque. A pele era clara com as bochechas muito rosadas e erguidas por um sorriso simpático.

Assim que entraram, Sophie não escondeu o espanto. Os pequenos olhos brilharam e demoraram muito para esquadrihar todo o saguão. Era enorme, com um grande tapete ao centro que ficava no pé de uma escada ainda maior que se bifurcava no alto, diante de uma imensa porta de vidro que, imponentemente, iluminava praticamente todo o ambiente. Sophie pendeu a cabeça de um lado e do outro pensando onde aquela porta levaria.

Havia vários bancos de madeira e cadeiras forradas de tecidos em vermelho escuro encostadas nas paredes decoradas com muitos quadros e retratos antigos. Dois

grandes corredores se estendiam como braços do salão; um à direita e outro à esquerda. Sophie, Paul, Mary e Elena — a mulher de bochechas vermelhas — seguiram pelo corredor à direita. Passaram por duas portas fechadas e, antes de entrarem na terceira, pediram que Sophie esperasse do lado de fora, sentada em um banco de madeira ao lado da porta.

No corredor, havia várias portas de ambos os lados e o chão de madeira era muito limpo. As paredes eram altas, com um pé direito de quase quatro metros. As luminárias ao longo das paredes estavam apagadas e a única luz que entrava era da janela ao fundo do corredor, que iluminava a parte superior do ambiente, morrendo aos poucos antes de tocar no chão, como um suave véu.

Sophie olhou para o lado oposto, ao fundo do outro corredor e viu uma menina sentada em um banco de madeira como o seu. Ela tinha os cabelos bem penteados, usava um vestido xadrez e uma camisa branca por baixo, mas quando Sophie tentou se esforçar para ver os detalhes, a porta da sala ao seu lado se abriu.

— Sophie, esta é a senhora Gibson — disse Paul, gesticulando para a mulher ao seu lado que sorria honestamente. — Ela é a diretora desta escola, onde você vai morar por um tempo. — Sophie olhou curiosa para ela.

— Pode me chamar de senhora Elena, querida — sorriu, inclinando ligeiramente o corpo para frente e Sophie corou.

— Eu e a Mary vamos embora, agora — continuou Paul em um tom já saudoso —, mas você pode ficar tranquila. Eu venho ver você sempre que puder, está bem? — Paul abaixou-se ficando na mesma altura que Sophie e continuou. — Existem muitas crianças com quem você vai poder brincar e uma escola onde você vai aprender muitas coisas — explicou, enquanto segurava uma das mãos de Sophie, que segurava a inseparável Lucy com a outra.

— Está bem, senhor Paul — respondeu ela um pouco apreensiva, mas, tão logo falou, baixou os olhinhos para os próprios pés e disse: — Eu posso perguntar uma coisa?

— Claro, Sophie, pode perguntar o que você quiser? — respondeu em tom paternal.

— O senhor não vai procurar a minha mãe, vai? — sussurrou ainda com os olhos baixos.

— Sim, querida. Eu preciso procurá-la — respondeu Paul erguendo suavemente o rosto da menina pelo queixo. — Pode ser que eu não a encontre, mas eu preciso procurar. E, se eu achar, você será a primeira a saber, está bem?

— O senhor não vai achar, senhor Paul — disse sem pensar, baixando os olhos novamente. — Eu acho que ela... que ela... morreu, também — Paul e Mary se entreolharam.

— Por que você acha isso, querida? — questionou Paul. Sophie hesitou um pouco e depois falou receosa.

— Porque ele disse... disse que matou ela. Disse que ela teve o que merecia e que eu nunca mais ia ver ela de novo.

— Sophie, ouça bem — advertiu Paul, erguendo novamente o rosto da menina. — Não é só porque o seu pai disse isso que ele a matou, entende? Isso pode dizer muitas outras coisas.

— Que ele bateu nela, como fazia comigo quando eu também merecia? — perguntou a garotinha com um olhar triste e Mary abaixou-se.

— Sophie, você nunca fez nada de errado. Nunca foi culpa sua. Nunca! — enfatizou. — O seu pai fazia aquilo porque ele era muito, muito doente e você não tem culpa de nada, ouviu bem? De nada!

As radiografias feitas no hospital mostraram que aquela garotinha havia sofrido várias pequenas fraturas nos dois braços, provavelmente ao se defender de seu agressor e Mary pensou nisso com amargura. Imediatamente, Sophie lembrou-se das palavras do pai *“é tudo culpa sua”* e, a partir daquele instante, a pequena garotinha, indefesa e

tímida pensou que talvez ela realmente não tivesse culpa de nada, nem mesmo da mãe tê-la abandonado.

— Sim, senhora, vou me lembrar disso — prometeu, querendo muito acreditar.

Elena levou a menina até a porta do orfanato para que se despedisse dos novos amigos e esperou até que eles entrassem no carro e partissem. Uma grande dor invadiu o peito de Sophie e ela temia que nunca mais visse Paul novamente e apertou involuntariamente a mão de Elena. Ela temia também algo ainda maior. Que eles encontrassem a sua mãe e que ela fosse como o seu pai, ou pior. *Tomara que eles não encontrem ninguém. Tomara que eu fique aqui, para sempre!*

— Agora, vou te mostrar o seu quarto. Está vazio porque as crianças estão no refeitório terminando o café da manhã. Você está com fome? — Sophie assentiu com a cabeça.

— Então, vamos fazer diferente. Vamos para o refeitório, primeiro. Ainda dá tempo de você comer alguma coisa. Depois, vamos conhecer o resto.

Deram meia volta e seguiram pelo saguão passando pelo lado esquerdo da imponente escada. Antes de chegarem ao fundo do salão, Elena abriu uma porta de correr que as levou a um pátio com um lindo jardim ladeado por galerias que levavam a vários aposentos. Sophie não conseguia manter o maxilar no lugar. Olhava tudo ao seu redor com deslumbre.

No corredor por onde seguiam, havia algumas janelas de onde vinham barulhos de pratos e talheres e também um cheiro muito bom! Entraram por uma grande porta dupla de madeira já aberta e quando viu o refeitório, Sophie achou que não conseguiria dar mais nem um passo. Tudo ali era muito grande. O salão era repleto de mesas, todas alinhadas, com muitas cadeiras e muitas, muitas crianças! Ela nunca tinha visto tantas crianças assim. Aliás, Sophie havia visto poucas crianças em sua curta vida, somente nas poucas vezes que saiu do prédio com seu pai.

As duas andaram pelo salão e Elena procurou um assento livre, de preferência ao lado de uma boa companhia. No fim, disse para Sophie sentar-se ao lado de uma menina

poucos meses mais velha do que ela e que Elena sabia ser muito receptiva. Realmente, não demorou muito e a menina ao seu lado começou a tagarelar.

— Oi, como você se chama? Eu me chamo Anne e vou fazer oito anos. E você? — olhou a nova companheira e continuou. — Você chegou agora, não é? Ainda não te deram nem o uniforme! — Anne analisou novamente a nova amiga e a boneca que levava nas mãos e continuou. — Eu gostei de você! E da sua boneca também! — sorriu com seus dentes desiguais da idade e dois olhos verdes brilharam para ela. Mal sabiam o quanto se tornariam mais que amigas daquele dia em diante. Mal sabiam o quanto a vida de uma dependeria da outra.

Anne fechou a porta do quarto de Sophie com os olhos marejados, sentindo o coração encolher. As visões estavam de volta e Anne sabia onde isso as levaria. Suspirou, temerosa. *Durma bem, minha irmãzinha.*

Capítulo 4

Sophie havia pegado no sono ainda vestida com a roupa da festa e acordou no meio da noite sentindo um pouco de frio. Levantou-se, colocou um pijama de seda azul marinho, foi ao banheiro e, enquanto se olhava no espelho, pensava quando aquelas visões iriam acabar. Já estava cansada de analisar todas elas e o que mais a assustava é que as sentia cada vez mais próximas, física e emocionalmente, como se realmente se transportasse para outro lugar. Não acreditava mais que fosse somente sua imaginação. Sentia que era algo mais forte e temia por isso. Temia que um dia pudesse se ferir de verdade ou que ficasse presa em um daqueles mundos.

Baixou a cabeça, abriu a torneira para lavar o rosto e demorou fazendo isso. A água fresca ajudava a apagar as lembranças e a fazer com que ela sentisse viva, novamente. Encheu as mãos de água e mergulhou o rosto nela várias e várias vezes. Passou a mão fria pela nuca massageando-a. *Ah.. isso é ótimo de verdade!* Fechou a torneira mantendo a cabeça ainda inclinada e, quando a levantou novamente, não viu apenas a si mesma do outro lado. Havia um jovem em pé atrás dela. Não era uma visão, havia mesmo alguém no seu banheiro! Como se tivesse levado um choque de alta voltagem, pulou, virando-se para trás e então, não havia mais ninguém.

Como? Estou tendo alucinações agora? Perfeito! O coração bateu forte quase a sufocando e Sophie correu para fora do banheiro. Depois, para fora do quarto procurando Anne. Entrou assustada no quarto da amiga e, vendo-a dormir tão profundamente, controlou o ímpeto de gritar o seu nome. Respirou fundo e achou que não seria justo acordá-la no meio da noite, não depois do que havia feito à sua festa. Saiu devagar sem ser notada, voltou para o seu quarto, ainda com o coração disparado, olhou de longe o banheiro com a luz ainda acesa, mas não teve coragem de ir até lá para apagá-la.

Foi até a janela, afastou a cortina um pouco e observou a rua, tentando agir normalmente, o que era quase impossível, suas mãos tremiam, as pernas eram duas gelatinas e o coração pulava como uma lebre. As árvores ainda estavam cheias – embora já fosse outono –, o que impedia, em parte, a visão da calçada e da rua, mas

podia ver as casas da frente, com suas janelas fechadas e as luzes apagadas. Estava tudo irritantemente quieto e vazio! A noite escura era como um pano de fundo de fim de espetáculo e Sophie sentiu-se a única na plateia assistindo a sua própria peça melodramática. Apoiou de lado a cabeça na janela e sentiu-se cansada de tudo aquilo. *Será que um dia vou ser uma pessoa normal?*

Foi até a escrivaninha e olhou o relógio. Eram quatro e quinze da manhã. Se tentasse, talvez conseguisse dormir um pouco até que Anne acordasse e ela poderia contar a ela o que havia acontecido. Olhou para o banheiro, criou coragem e foi apagar a luz. Apenas esticou a mão até o interruptor, com o rosto virado para o dentro do quarto. Temeu que alguém lhe segurasse a mão, mas nada aconteceu a não ser a escuridão, quebrada levemente pela pouca luz dos postes na rua que entrava timidamente pela janela.

Deitou-se, enfiou-se sob as cobertas até quase cobrir a cabeça, mas não conseguiu dormir. Pensava no rapaz do banheiro: era alto, magro, de cabelos muito pretos, lisos e despenteados; deveria ter vinte e poucos anos; vestia talvez uma calça jeans e uma camisa clara, não tinha muita certeza. Sophie admirou-se de ter registrado tanta coisa em tão pouco tempo que o viu.

Fez também uma análise das visões anteriores à da floresta e sentiu uma pontada de mau humor. Já fizera isso milhares de vezes! Tinha até um caderno com algumas anotações, como sugerido pelo doutor Barkley. Um complexo roteiro no qual constavam mais ou menos as datas em que os episódios ocorreram – desde onde a sua lembrança podia alcançar –, o local que elas poderiam representar, as pessoas que vira e as sensações: cheiros, temperatura, sons, etc. Faltava detalhar o evento da floresta, daquela noite, mas isso não lhe pareceu tão importante quanto o rapaz no banheiro. Era a primeira vez que via alguma coisa sem estar em transe, por assim dizer. Estava lúcida! Aquele episódio, certamente, era qualquer outra coisa, menos uma costumeira visão. A palavra alucinação voltou em sua mente e Sophie ficou irritada. Bufou e virou-se para o outro lado.

Percebendo que não conseguiria se desligar, levantou-se e foi até à escrivaninha novamente, acendendo apenas a suave luz da luminária sobre o móvel em nogueira do século XVIII. Sentou-se, pegou um lápis preto e papel e começou a esboçar um retrato do rapaz. Sophie desenhava muito bem, o que a fez pensar, um dia, que seria desenhista, mas a paixão por fotografias tornou-se maior. Os traços começaram suaves desenhando apenas o contorno do rosto e aos poucos foram tomando forma. Primeiro nos cabelos, depois nos traços mais finos e percebeu que não havia visto todos os detalhes do rosto. Apoiou o lápis na mesa, frustrada; ergueu o desenho e sentiu que aquele rosto, mesmo incompleto, lhe era familiar. *Onde foi que já nos vimos, hein?* Como sempre, a primeira pessoa que lhe vinha à mente era o seu pai; sentia-se sempre perseguida pelo seu fantasma, mas aquele rosto não tinha nada a ver com ele. Suspirou aliviada.

Pegou o caderno de anotações de suas visões, folheou-o rapidamente e nada. Não conseguia se lembrar de onde o conhecia. *Onde você está? Eu sei que você está escondido em algum lugar.* Desafiou colocando o desenho entre as páginas do caderno e o apoiou na escrivaninha. Apoiou a cabeça entre as mãos, examinou mentalmente cada figura masculina que pudesse se lembrar e o nada continuava ali.

Estava exausta de tanto pensar e repousou a cabeça na madeira aquecida pela luz. Fechou os olhos e tentou esvaziar a mente. Começou a sentir um ligeiro formigamento nas mãos que, aos poucos, foi subindo para os braços, ombros e pescoço, paralisando todo o seu corpo. Sophie já sabia o que estava acontecendo e teve vontade de chorar.

Não, de novo não! Implorava sozinha, sentada na cadeira, esperando o próximo espetáculo começar.

Lentamente, sentiu o corpo se erguer até ficar completamente de pé. Viu-se em uma rua movimentada, com carros que tentavam se desvencilhar do tráfego que seguia em várias direções. Buzinas ecoavam por todos os lados confundindo os pedestres que tentavam atravessar. Uma espessa poeira se erguia do solo e tingia o ar de um amarelo sujo, grudava das narinas, na garganta e irritava os olhos. Era um lugar repugnante, ao

menos para Sophie. Os outros não pareciam se incomodar, provavelmente habituados àquele caos imundo.

Sophie olhava de um lado para o outro, mas, como em todas as situações anteriores, ela simplesmente *sabia* o que procurar e virou-se, lentamente, para frente, do outro lado da rua, e viu uma mulher que olhava para o céu. Ela estava tão estranhamente jogada naquele cenário quanto Sophie.

Era morena, tinha cabelos longos e escuros, pele clara e um corpo esguio sob um longo vestido florido. Como em câmara lenta, olhava de um lado ao outro, com o rosto voltado para o alto, o que fez Sophie olhar para a mesma direção. Não havia nada além de um azul claro e inosso, com poucas e ralas nuvens acinzentadas. Tornou a olhar a mulher que, dessa vez, olhava fixamente para ela e sentiu o peito atacado por dezenas de agulhas.

O corpo formigava por inteiro enquanto a mulher, em uma calma irritante, quase sorria para ela. Os lábios se abriram ligeiramente e começaram a se mover num ritmado sussurro. Sophie percebeu que o movimento dos lábios tornava-se mais frenético, como se pronunciasse uma oração enquanto os olhos ainda fixavam os de Sophie, que continuava a sentir milhares de picadas por todo o corpo.

De repente, o inferno sonoro deu um longo respiro. Os sons, todos eles, ficaram suspensos no ar, prontos para cair a qualquer instante, pausados por um tempo suficiente para que ela pudesse ouvir ao menos uma palavra, que atingiu os seus ouvidos suavemente como um beijo de lábios quentes:

... acredite ...

E aquela pequena fração de segundo pareceu não ter existido. Os diferentes sons recaíram novamente sobre a paisagem, ensurdecendo Sophie por um instante. Com as mãos paralisadas, pôde apenas fechar os olhos de dor, na tentativa de amenizar as intensas vibrações em seu tímpano. Quando os ruídos tornaram-se ligeiramente mais suportáveis, ela reabriu os olhos e viu que a mulher à sua frente encarava alguma coisa que vinha ao encontro adela. Não parecia um homem, não parecia... humano.

Era grande, emanava ódio e ia ao seu encontro à grande velocidade na mesma calçada que ela. Na rua, que separava as duas calçadas, as dezenas de carros buzonavam e se acotovelavam dificultando a visão de Sophie do que acontecia à sua frente. As pessoas que transitavam do outro lado eram alheias àquela estranha situação, como se Sophie, aquela mulher e *aquilo* não estivessem ali.

Foge, vamos! Por que você não corre? pensava Sophie angustiada.

Talvez não pudesse, talvez estivesse tão paralisada de medo quanto Sophie. Por mais que tentasse ajudá-la, Sophie estava fadada — como sempre — somente a observar. E o que viu foi monstruoso. Aquela coisa parou a poucos metros do corpo petrificado da mulher, esticou um braço escuro e longo e atravessou o peito dela, que abriu a boca num grito tão intenso que fez todo o resto se calar novamente. Mais do que isso, fez tudo ao redor desaparecer! Eram apenas os três e Sophie estava a poucos passos de distância da pior cena que já havia visto em todas as suas visões. *Oh Deus...* sussurrou para si.

O longo e afiado braço daquela assustadora figura saía de dentro da mulher trazendo entre os longos ramos negros como dedos algo volumoso, do qual pingava um sangue grosso e escuro. A “coisa”, então, puxou o braço para dentro de suas vestes escuras e desapareceu como um espectro. Sophie esperava que a mulher despencasse no chão como quando se tira um pino de uma estrutura. Mas não. Ela, estranhamente, estava viva. Viva e aterrorizada. Viva e olhando para Sophie com um olhar opaco. Estava viva, mas não havia vida. E finas lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto, agora sem cor.

A mulher, com um buraco no peito e olhos nublados, caíra de joelhos no chão, tentando ainda lhe dizer alguma coisa em um último e desesperado suplício. Sophie sentia o próprio coração parar, num espasmo aterrorizado. O sussurro era inaudível, mas ela pensou ter lido seus lábios que lhe diziam:

Venha para mim.

Um misto de medo e excitação corria em suas veias. Sentia-se atraída a obedecê-la, mas aquelas palavras não lhe pareciam um convite para uma festa e, agora, sentia o braço da morte envolvendo-a como envolvera aquela mulher que, por algum motivo, recusava-se a ceder. Alguma força misteriosa e insistente mantinha o corpo frágil daquela mulher ainda vivo. E não foi somente Sophie que percebeu isso. A coisa estava voltando. Lenta e cautelosamente, se materializava diante dos seus olhos, mas, dessa vez, não ia em direção à mulher. Vinha em direção a Sophie! *Oh meu Deus.*

A mulher ergueu-se milagrosamente sobre os pés. O rosto recobrava a cor e o buraco que ficara no lugar do coração começava a se fechar. Sophie não acreditava em seus olhos e sentia que seria atacada a qualquer momento pelos dois! Queria fechar os olhos, mas lutava em vão. E, para a sua desagradável surpresa, enquanto a coisa se aproximava, a mulher simplesmente virou-se de lado e começou a ir embora! Distanciando-se friamente do futuro incerto de Sophie! *Não! Volte!*

Quando a coisa enorme estava a poucos centímetros de distância, Sophie pôde sentir o hálito podre prestes a engoli-la. Finalmente, conseguiu fechar os olhos e, o que quer que lhe acontecesse depois, estaria envolta na escuridão por trás das pálpebras. Os segundos se arrastavam e Sophie esperava sentir a navalha afiada dos dedos longos perfurar-lhe também, mas o fedor desaparecera, assim como o cheiro da poeira e de sangue. Sophie estava novamente no quarto, deitada na cama, encolhida como um feto, chorando baixinho, com o travesseiro molhado de suor e lágrimas. Não sabia como tinha ido da escrivaninha para a cama. As visões estavam se tornando mais fortes, mais frequentes e, aparentemente, começando a interferir também em seu corpo.

Ela sentiu-se destruída e desolada, sem forças para sequer levantar-se da cama, e continuou como estava; imóvel, na esperança de que o mundo desaparecesse de verdade e ela fosse levada para um último lugar onde não houvesse dor, morte, medo, solidão ou sofrimento, somente um tranquilo e morno vazio. Mas ela sabia que este lugar, não existia.

O cansaço físico e emocional a puxava para dentro do colchão convencendo-a de que o melhor era esperar, deixar que tudo passasse enquanto sentia pena de si mesma. Mas a sua outra parte, aquela misteriosa força que lhe havia empurrado vida adentro durante todos esses anos, não a deixava desistir tão facilmente. Ela era uma mulher dividida em duas, tão opostas e complementares entre si, em constante batalha.

Esperou até que pudesse assimilar todas as sensações e imagens, antes que se perdessem também em fumaça dentro da sua mente já tão absurdamente cheia e cansada, e sentou-se na cama. Ela tinha que ser mais forte do que tudo. Inclusive do que a sua própria mente. Levantou-se e forçou o sangue a circular em suas veias. *Respire, Sophie. Respire!* E sentiu-se viva, novamente, quando o estômago tremeu. Não era náusea, mas fome!

Caminhou vagarosamente até a escrivaninha. A gaveta ainda estava aberta e o caderno de anotações, em cima da mesa. Guardou tudo na gaveta e deparou-se com o presente de Anne que, obviamente, não havia lhe dado! Desceu lentamente as escadas até a cozinha. Abriu o forno e começou a comer alguns canapés, com as mãos ainda trêmulas, olhando para o quintal através da janela. Uma voz fina a fez cerrar a mandíbula.

— Oi! Tá tudo bem?

— Deus do céu, Anne! Você quase me matou de susto! — rosnou Sophie com os olhos cansados emoldurados por grandes e profundas olheiras.

— Desculpe! — disse Anne percebendo o rosto abatido da amiga. — Você não me parece muito bem. Não conseguiu descansar? — indagou caminhando até a cozinha olhando o relógio na parede acima das janelas. Eram cinco e meia da manhã.

Sophie contou sobre a estranha alucinação no banheiro, que, obviamente, foi acompanhado por um tom reprovador da amiga por não tê-la chamado. Sophie se justificou dizendo que tinha sido só um susto e não entrou em detalhes. Se dissesse que se lembrava do rapaz de alguma visão, Anne ficaria a noite toda interrogando-a. Contou-lhe também sobre a última visão e o modo estranho com que foi parar na cama.

— Mas isso é muito diferente das suas outras visões, Sophie. Você *tem* que ligar para o doutor Barkley assim que amanhecer! A sua ida ao prédio, a visão no jardim e agora mais essas duas coisas assim, seguidas, ah, isso não está certo! — e pensou que fosse a hora certa para sugerir um novo tratamento. — Deve ter alguma coisa bem lá no fundo da sua memória, algo que explique essas visões e este novo evento também — respirou fundo e sugeriu. — Acho que você deveria fazer uma hipnose.

Diferente da reação contrária que todos esperavam, Sophie ficou mais espantada com Anne, quase sempre cética às coisas *estranhas*, que se limitou a refletir e depois de alguns segundos vasculhando os seus pensamentos, comentou.

— O doutor Barkley já falou isso também, sabia? No começo eu achava besteira. Eu ficava mais assustada quando eu ainda era criança, você se lembra, mas depois fui me acostumando — encolheu os ombros suspirando. — Mas eu estou cansada, não só de viver isso como de *pensar* nisso! — abriu a geladeira em busca de algo fresco e continuou. — Às vezes eu tento deixar tudo pra lá, por isso não voltei mais ao doutor Barkley. Mas, agora, penso realmente que, talvez, uma hipnose me faça lembrar de onde aquele rapaz saiu. Onde foi que eu o vi antes! — deixou escapar e, como esperado, Anne fez mil perguntas sobre como, onde e quando, mas Sophie não sabia lhe responder.

Anne terminou de beber o chá que havia preparado, pensou e sugeriu novamente.

— Olha, acho que seria muito bom você falar com o Dr. Barkley. E, no fundo — encolheu os ombros — que mal pode fazer uma hipnose em uma louca como você? — e as duas caíram na risada como duas garotinhas.

Improvisamente, Sophie se lembrou do presente de Anne, pediu que esperasse, correu até o quarto e pegou a pequena caixa dentro da gaveta da escrivaninha. Desceu correndo, eufórica como uma criança e exclamou.

— Parabéns, minha irmã! — e esticou a mão com o presente.

— Ah! Ainda bem! Achei que você tinha se esquecido do meu presente. Estava só esperando passar o estresse do dia pra te dar uma bronca daquelas! — comentou Anne enquanto pegava a pequena caixa e tentava abrir o embrulho sem estragar muito o papel.

Quando abriu, ficou de boca aberta. Era um lindo e delicado colar de prata com um pingente de um nó celta trabalhado com detalhes em cristal *swarovski* verde esmeralda. Alguns meses antes, quando Sophie acompanhou Anne em uma viagem a trabalho à Irlanda, Anne viu o colar em uma vitrine e ficou encantada com a peça. Foi difícil despistar a amiga, mas Sophie conseguiu comprá-lo sem levantar suspeitas. Anne não sabia o que dizer. Deu um grito de euforia, abraçando Sophie desajeitadamente e pendurou o presente no pescoço. A peça combinava com os olhos de Anne que brilhavam ainda mais.

— Como é lindo! Como você fez pra comprá-lo sem que eu visse?

— Dei um jeito... — respondeu, observando a alegria de Anne com seu presente e, logo depois, começou a rir.

— O que foi? — perguntou Anne.

— Acho que pela primeira vez na sua vida você ficou sem palavras — ergueu as mãos para o alto e exclamou. — Será que finalmente consegui deixar Anne Sorin quieta por alguns minutos? — e ambas voltaram às gargalhadas lembrando que, quando se conheceram, Anne quase não deixava a nova amiga falar.

No refeitório, o café da manhã já estava quase terminando e, enquanto Anne tagarelava, Sophie conseguia comer alguma coisa rapidamente. Estava ansiosa demais para sentir fome. Depois, a pedido de Elena, seguiu para o dormitório com Anne. Ele ficava no andar de cima, subindo a grande escadaria no hall de entrada. No alto, tomaram a direção à direita.

— Nós vamos por aqui. Do lado de lá é o dormitório dos meninos. Eles são insuportáveis. Barulhentos e chatos. Você vai ver — Anne continuou falando enquanto subiam o último lance da escada.

Seguiram, então, por um corredor largo onde havia duas portas de um lado, duas do outro e outra ao fundo. Entraram na primeira e Sophie viu o maior quarto que já tinha visto em toda a sua vida. Era cheio de camas de ferro, com colchões cobertos por lençóis brancos. Os travesseiros também eram brancos e em todas as camas havia um cobertor dobrado em xadrez azul marinho e vermelho. Entre cada cama havia um pequeno criado mudo e, sobre ele, alguns objetos pessoais. Tudo era absolutamente organizado e limpo. Sophie percebeu que a outra porta no corredor também dava para o mesmo dormitório, posicionada pouco mais adiante e, no fundo do salão ficavam vários armários, todos iguais, um ao lado do outro.

— Eu durmo aqui. Vamos ver onde a senhora Elena vai colocar você... hmmm... — e viram que as suas sacolas estavam no pé da cama, ao lado de Anne. — Olha! Você vai ficar bem do meu lado! Legal! — e Sophie abriu um largo sorriso. Anne era a menina mais amável que ela já havia conhecido. A única, na verdade. — Venha, vou te ajudar a arrumar as suas coisas.

Anne abriu as duas sacolas e jogou tudo sobre a cama. Olhou e separou as roupas velhas das novas. Deu as novas para Sophie levar, pegou as velhas nos braços e foram até os armários. Ajudou a guardar as roupas e os dois pares de sapatos que havia ganhado no hospital. Sophie ainda não tinha visto os presentes e ficou muito feliz pensando que eram de Paul. Anne fechou a porta do armário e resumiu as atividades do dia enquanto saíam do dormitório.

— Agora, vamos para a sala de aula. Você já sabe escrever? Você não vai colocar o uniforme? Você pode se sentar do meu lado na sala de aula também, se quiser. Eu já sei ler e escrever e... — Sophie a interrompeu, pela primeira vez.

— Eu preciso ir ao banheiro... — murmurou, envergonhada.

— Nossa! Eu também! Vamos rápido! — e saiu a passos largos — Temos que escovar os dentes e lavar as mãos. É sempre a mesma coisa depois que voltamos do refeitório. São as regras, sabe. Tem muitas regras por aqui! — alertou Anne. A pequena garotinha adorava fingir-se mais velha, mais esperta e mais madura do que as crianças da sua idade e, na verdade, ela era! Assim como Sophie, mas Anne ainda não havia dado espaço para conhecê-la realmente.

O banheiro ficava no final do corredor e era usado apenas pelas meninas. Havia pelo menos dez vasos sanitários separados por divisórias pintadas de branco, cinco pias uma ao lado da outra e ainda dez chuveiros. Havia também alguns pequenos armários fixados à parede de azulejos pintados de branco.

Mesmo enquanto Sophie fazia xixi, Anne não parou de falar e Sophie nem prestava mais atenção, olhava os desenhos no chão formados pelo piso de cerâmica de fundo claro com várias flores desenhadas e entrelaçadas que, a cada quadrado, formavam uma flor maior, como uma complicada mandala. Sophie saiu da cabine um tanto atordoada com a voz da amiga que ainda falava, falava e falava.

— ...mas do que eu mais gosto mesmo, é da hora livre. — continuou ela dando sequência a uma frase que passara despercebida. — Você sabe o que é a hora livre, não sabe? É quando a gente faz o que quer! ãh... como é o seu nome mesmo? Os seus pais também morreram? — perguntou Anne dando, finalmente, uma trégua para que a amiga pudesse se apresentar.

— Meu nome é Sophie e meu ... pai... ele morreu, ontem, e não sabiam para onde me levar — foi estranho perceber o quanto a sua vida havia mudado em apenas uma noite! — Eu não tenho mãe, também.

— Ah, os meus pais também morreram — disse Anne indiferente. — Em um acidente de carro. Eles vieram de outro país para cá e eu não tinha mais ninguém aqui — deu de ombros e continuou como se nada fosse. — Acabei ficando sozinha. Primeiro, eu fui para o Saint Peter, a outra casa onde ficam os bebês, que fica do outro lado do bosque.

Depois, quando fiz cinco anos, vim para cá. Alguns dos meus amigos de lá vieram junto. Às vezes eu... — e Anne foi interrompida.

— Ah, aqui estão vocês — disse Elena sorridente, com as mãos apoiadas na grossa cintura. — Anne vá para a sala de aula, por favor. Vou levar a sua amiga um pouco. Vocês se encontram, de novo, na hora do almoço, está bem?

— Sim, senhora Elena — Anne sorriu para a amiga e correu, com o corpinho empinado, como uma moçinha grande. Os cabelos castanhos, presos por uma fita, balançavam de um jeito engraçado, pensou Sophie, e sentiu vontade de rir.

Elena pediu para que Sophie a seguisse e foram à sua sala. Era um local agradável, não muito grande, com uma imensa janela ao fundo decorada por cortinas de renda presas por um bastão de cobre. Da janela, dava para ver um jardim e Sophie pensou que fosse o mesmo por onde haviam passado no caminho para o refeitório, pois o pátio também era rodeado por corredores externos com grandes arcos. Mas a sala de Elena ficava do lado oposto do refeitório. Vendo que Sophie se perdia na localização, ajudou-a.

— Está vendo aquelas janelas lá do outro lado? — perguntou Elena apontando para além da janela. — São as salas de aula e nós... — virou-se nos calcanhares — estamos aqui — esticou o dedo para um grande quadro pendurado na parede com o que parecia um mapa. Era a planta do andar térreo do orfanato. — Depois eu levo você até as salas.

Sophie olhou para o mapa e franziu o cenho. Pareciam dois “c”s em forma retangular um de costas para o outro e, entre as suas grandes bocas, riscos e círculos verdes que ela entendeu como jardins. O dedo de Elena estava na linha inferior do C à direita e Sophie deixou o queixo cair na certeza de que jamais entenderia aqueles corredores.

De costas para a janela ficava uma grande cadeira de couro preta e uma mesa de madeira escura com muitos papéis sobre ela. Havia duas grandes cadeiras, também escuras e macias, de frente para a mesa e Sophie sentou-se em uma delas. Sentiu-se muito pequena, mal conseguia tocar os pés no chão. Era desconfortável, mas assim

ficou com os dois braços agarrados à boneca. Ainda não tivera coragem de largá-la nem por um minuto.

Elena explicou-lhe as regras e o funcionamento do instituto, o que Sophie ouvia com muita, mas muita atenção; deu-lhe o seu uniforme (o vestido xadrez que já vira em todas as meninas, uma camisa branca, meias e sapatos pretos novos, que Sophie achou lindos) e depois a levou para conhecer todo o lugar.

Entraram em várias salas, como a da coordenadora dos estudos, a do almoxarifado, a secretaria escolar, a sala dos professores (que na verdade eram duas salas juntas com uma grande mesa no centro e várias cadeiras em volta), sala de projeção (que Sophie não fazia ideia do que era), banheiros, atelier, enfermaria, banheiros, biblioteca (que Sophie achou que tinha um cheiro engraçado) e, no final do *tour*, a menina já estava confusa de entrar e sair de salas, tentando guardar o maior número de informação possível, mas conseguia se lembrar apenas de uma ou duas delas. E lembrou-se do mapa na sala de Elena tendo certeza absoluta de que nunca conseguiria andar por ali sem se perder.

Mergulhadas nas recordações da infância, Anne e Sophie se deram conta que já eram quase nove da manhã e Anne insistiu que Sophie ligasse para o doutor Barkley, mas ela sentia-se incomodada. Afinal, havia pedido para suspender o tratamento e agora o procuraria novamente. E ainda por cima em um domingo? Mesmo assim, criou coragem e ligou. John Barkley mostrou-se, obviamente, preocupado e se ofereceu para encontrar-se com ela quando quisesse. Sophie disse que gostaria de retomar a conversa sobre a hipnose o que o deixou intrigado. Barkley disse que tentaria contato com uma pessoa e se falariam mais tarde. Meia hora depois, retornou a ligação marcando um encontro, no seu consultório, dentro de duas horas.

— Mas hoje é domingo, doutor Barkley! Tudo bem para o senhor? De verdade? — exclamou Sophie.

— Claro! Nós já esperávamos por você, na verdade — respondeu Barkley, misterioso.

— “Nós”? — perguntou Sophie franzindo a testa para Anne.

— Sim, vou lhe apresentar a uma pessoa que, tenho certeza, nos ajudará muito a entender as suas visões e também esta nova aparição — disse Barkley animado. — Ela está vindo de Northampton só para conhecer você. — Sophie sentiu um ligeiro desconforto, como se fosse uma atração de circo, mas relevou.

— Então, nos vemos em duas horas — concordou pouco antes de se despedirem.

— Em duas horas? — perguntou Anne já calculando o tempo que levaria para tomar banho e se arrumar. Sophie só teve tempo de confirmar com a cabeça, pois o telefone já tocava novamente. Era Jesse. Sophie havia se esquecido completamente do convite da noite anterior.

— Ah, oi, Jesse... — Anne deu dois passos para trás, já na escada, e se virou para a amiga, curiosa. Sophie fez um sinal de que não era nada e ela subiu correndo os degraus. — Estou bem, obrigada. Na verdade, estamos de saída. Vamos à casa do doutor Berkley, agora. Depois eu te explico tudo — Jesse percebeu que Sophie estava agitada e apenas pediu para que ela não se esquecesse de retornar a ligação quando voltasse. Ela concordou, desligou o telefone às pressas e subiu correndo as escadas.

Sophie sentia-se levemente eufórica e não era por causa de Jesse que, aliás, voltava para um dos últimos na sua escala de prioridades.

Capítulo 5

Anne e Sophie seguiram de carro por quase uma hora até o consultório de John Barkley que ficava na sua casa, em Richmond, um dos bairros mais verdes da cidade. Barkley morava com a esposa, Kate, em uma casa típica britânica, de dois andares, com portas e janelas pintadas de branco que contrastavam com os tijolos avermelhados.

O casal não tinha filhos e ele decidiu transformar uma das salas em consultório duas décadas atrás, quando a esposa, à época com quarenta anos, tivera câncer no seio. Mesmo depois de superada a doença, John decidiu continuar o trabalho em casa. Gostava de estar próximo à Kate e gostava da comodidade e conforto da casa.

À frente, uma pequena cerca marrom abria-se em dois pequenos portões. O central, que dava acesso à porta principal através de um pequeno jardim cortado por um caminho bem cuidado de pedras, e outro mais à direita, que levava ao consultório por onde, normalmente, Barkley fazia entrar seus pacientes, mas não naquele dia. Ele recebeu Sophie e Anne pela entrada principal da casa que dava para uma sala muito aconchegante.

Barkley tinha os olhos miúdos, nariz largo e uma boca bem desenhada e cheia escondida por baixo de um pesado bigode. Aliás, tudo em Barkley era pesado. O rosto redondo espremia um pescoço curto que afundava em seus largos e arredondados ombros. Tinha uma barriga saliente, mas era extremamente ágil, forte e esbanjava saúde. Usava sempre calças sociais, cinto, camisa e uma jaqueta ora de lã, ora de veludo, eventualmente jeans.

— Seja bem vinda de novo, Sophie – disse abraçando-a, com carinho. Cumprimentou Anne com um cordial aperto de mão e um sorriso embaixo dos fios grossos e grisalhos dos bigodes.

Kate conversava animada com uma mulher enquanto tomavam uma xícara de chá e ambas se levantaram quando Anne e Sophie cruzaram a porta de entrada. Kate era de estatura média, cabelos brancos e curtos e olhos azuis esverdeados brilhantes. Os lábios finos se abriram em um sorriso estreito e largo e Kate foi encontrá-las

literalmente de braços abertos. Abraçou a ambas enquanto Barkley acelerava os passos já largos aproximando-se da segunda mulher na sala.

— Sophie, esta é Nancy Parker, a pessoa de quem lhe falei.

Nancy era uma mulher de cerca sessenta anos, muito magra e alta, com as costas ligeiramente curvadas. Tinha os cabelos grisalhos compridos abaixo dos ombros e um pouco despenteados. Não usava maquiagem, apenas um ligeiro batom e um pouco de *blush*, o que lhe rendia um aspecto incrivelmente verdadeiro. Ou talvez, fossem os seus dois grandes olhos azuis que atraíam tanto a atenção. Sophie não sabia o motivo, mas o fato é que uma grande empatia deu-se entre as duas imediatamente.

— Muito prazer, Dra. Parker, como vai? – disse Sophie estendendo-lhe as mãos.

— Ora, ora, me chame de Nancy, por favor — sorriu ela. — Estou muito bem, obrigada, e você, Sophie? – respondeu Nancy segurando, delicadamente, as mãos de Sophie entre as suas olhando-a profundamente.

— Poderia estar melhor, mas, digamos que estou otimista — respondeu com um ligeiro sorriso, sentando-se em uma poltrona forrada com um tecido floral ao lado de Anne, enquanto John Barkley e a esposa se acomodavam no sofá de couro preto e Nancy em outra poltrona em frente às amigas. Diante deles, uma grande mesa de centro baixa, com docinhos e bolachas.

A conversa foi banal por um tempo suficiente para que todos terminassem o chá quando, então, Barkley convidou Sophie e Nancy ao consultório. Anne e Kate permaneceram na sala em uma animada conversa sobre artesanatos e decoração. Já haviam se encontrado outras vezes, quando Sophie fora ao consultório, e tinham descoberto infinitos interesses em comum.

O consultório seguia o mesmo padrão da sala – paredes pintadas de amarelo claro, batentes e portas pintados de branco e alguns quadros e espelhos com grandes molduras em mogno pendurados nas paredes –, embora, a essência de Barkley estivesse nos detalhes. À direita, próximo à lareira, ficavam um pequeno divã e uma

poltrona escura; seguindo a parede, uma grande estante repleta de livros que forrava quase toda a extensão. À frente, ficava uma janela com grossas cortinas que lhe caíam lateralmente e, ao lado dela, a porta que dava para o jardim externo. À esquerda, outra janela, menor e decorada com cortinas iguais, iluminava uma pequena mesa redonda, circundada por poltronas forradas de tecidos floreais delicados e braços de madeira, onde os três se acomodaram enquanto Bradley emitia um profundo suspiro soltando o corpo pesado.

— Sophie, conheço Nancy há quase quarenta anos — começou ele com a sua habitual voz grave e macia. — Terminamos a universidade juntos. É uma pessoa de minha inteira confiança e de uma capacidade incrível na área de hipnose.

Sophie olhou para Nancy que a observava cuidadosamente sem ser invasiva enquanto Brakley continuava a sua apresentação.

— Nancy e eu já havíamos conversado sobre o seu caso pouco antes de você desistir do tratamento. Avaliávamos se você seria um caso de hipnose ou não, já que nem todos podem passar por este procedimento. Principalmente pessoas com um histórico parecido com o seu — ponderou, respeitosamente. — No início, eu não estava muito seguro do que eram as suas visões. Você poderia ter um tipo de esquizofrenia, por exemplo, e a hipnose só pioraria o seu estado já alterado de consciência. Mas depois vi que não se tratava de nada parecido — John vacilou por um instante, como se desviasse do que realmente queria lhe dizer e pegou outra estrada. — Já conversamos muito sobre isso, eu e você, se lembra? — e Sophie concordou com a cabeça. — Bom, temos algumas teorias, mas não podemos ter certeza, pois a mente humana é um baú cheio de novidades, como você bem sabe — Sophie sorriu nervosamente. — E, hoje, gostaríamos de explicar a você sobre o que é a hipnose e como ela pode nos ajudar a descobrir este mundo imenso dentro da sua mente — concluiu Barkley enquanto Sophie aparentemente impassível, embora sentisse a garganta secar e o peito se contrair.

— A primeira coisa que você deve saber é que a hipnose não é algo sobrenatural. Ao contrário — falou Nancy. Ela tinha uma voz um pouco rouca devido aos anos como

fumante, mas suave. — Somos hipnotizados, diariamente, várias vezes por dia, em situações muito rotineiras, como por exemplo, quando estamos cozinhando, ou vendo televisão, ou lendo um livro ou dirigindo o carro — gesticulava graciosamente com suas mãos grandes e finas. — Estamos tão concentrados que todo o resto parece não existir. O que o hipnoterapeuta, hipnólogo ou hipnotista faz é ajudar o paciente a entrar neste estado com um objetivo específico — erguia o indicador em advertência. — Como curar traumas, eliminar compulsividades, fobias, vícios, etc — Sophie a olhava aturdida e Nancy relaxou um pouco o ritmo. — Foi assim que consegui parar de fumar, pode acreditar! — Nancy riu e viu Sophie acomodarse na poltrona demonstrando que o estresse estava baixando. Nancy, então, emendou. — No seu caso, acreditamos que você tenha criado um mundo interior muito complexo, cheio de simbolismo, como todo o subconsciente é, ao qual tem acesso em determinados momentos — mas Nancy não estava dizendo tudo o que pensava e, deste ponto em diante, diminuiu um pouco o tom e o ritmo da voz, como fazem as mães quando querem que os bebês adormeçam. — Você se auto-hipnotiza sem perceber — continuou com a voz linear. — Sem ter consciência. E o que queremos é ajudar você a ter o controle sobre isso. Controlar não só a sua auto-hipnose como também o conteúdo do seu inconsciente e o acesso a ele.

Aos poucos, a voz de Nancy foi desaparecendo. Embora pudesse vê-la, Sophie não a ouvia mais. Embora tentasse ficar calma, estava entrando em pânico, pois sabia exatamente o que estava por vir. *Droga! Droga!*

— Sophie, você está me ouvindo? — perguntou Nancy ainda em tom suave e Sophie, embora a olhasse fixamente, não disse uma palavra. — Sophie, pisque o olho uma vez se a sua resposta for SIM e duas vezes se for NÃO, está bem? Você me ouve? — e Sophie não piscou. Os olhos continuavam abertos, fitando Nancy ou... outra coisa.

Ok, Sophie, sabemos como funciona. Comandou a sua parte racional. *Respire e aceite.*

— Ela está em transe, John e posso lhe garantir que ela não está mais em contato conosco — disse Nancy quase sussurrando.

— É o que estamos pensando? — indagou seriamente Barkley.

— Eu temo que sim — respondeu Nancy preocupada e tentou novamente contato elevando um pouco o tom de voz. — Sophie, vou contar até três e quando eu terminar você vai voltar para nós. Um... dois... três.

Eu não quero mais isso! Choramingava Sophie consigo mesma. *Você não tem escolha. É tarde demais.* Sentenciava a sua insuportável voz interior.

Uma lágrima escorreu de um dos olhos de Sophie, as mãos apertaram os braços da poltrona e a boca começou a tremer ligeiramente. Sophie estava sofrendo, calada, como quando era ainda uma criança, presa em um mundo que ninguém sabia onde era nem como chegar até ela.

— Nancy, o que podemos fazer? — perguntou John aflito.

— Esperar, John. Só esperar — sussurrou ela, complacente — Estes eventos não demoram mais do que alguns poucos minutos.

Os segundos se passaram, formando longos e intermináveis minutos de espera e sofreguidão. Sophie, paralisada, sentada à cadeira, com os nós dos dedos brancos de pressão sobre o braço da poltrona; o maxilar rígido como uma pedra e os olhos lacrimejantes. E Nancy e John observando-a sem poder fazer absolutamente nada, apenas presenciar uma jovem, cuja beleza quase selvagem se transformava em uma pálida refém da sua própria mente, sendo torturada por imagens que ela não tinha ideia de onde vinham e nem por que surgiam.

Os olhos de Sophie começaram a piscar nervosamente, os lábios se apertaram e ela encheu os pulmões de ar, caindo em um choro desesperado e intercalado com fortes soluços.

— Calma, Sophie. Estamos aqui. Você está segura, agora — disse John com o corpo inclinado para frente na pequena poltrona, lutando contra a própria emoção, pois nunca havia presenciado uma visão de Sophie, antes, e por consequência a sua dor.

Nancy levantou-se e pegou um pouco de água para Sophie e, depois de alguns minutos, perguntou, sempre com voz doce e suave.

— Sophie, você quer falar sobre isso? — e ela concordou, apesar do cansaço. Concordou em enfrentar aquele mundo que a consumia por dentro. — Você teve outra visão? — e ela assentiu com a cabeça. — Foi diferente das outras, não foi? — concordou novamente e depois de se acalmar, pôde explicar o que havia visto.

— Eu estava em um hospital. Eu... procurava alguém, mas não sabia quem era. Eu andava pelos corredores e me sentia ... tão perdida — enquanto contava, sentia o peito se contrair sufocando o coração. — O cheiro de éter, os barulhos das macas, os sons dos aparelhos, tudo aquilo me deixava nervosa — Sophie começou a se agitar novamente, como se ainda estivesse presa aos corredores daquele hospital. — Eu não sabia aonde ir, mas sabia que tinha que encontrar alguém. Vi pessoas machucadas nos corredores, algumas queimadas, pessoas chorando, muita correria, como se tivesse acontecido um grande acidente — Sophie podia sentir cada dor, cada desespero, cada pedido de socorro não pronunciado, como se estivesse dentro da mente de todas aquelas pessoas e sua expressão estava contorcida. — Quando passei por um dos quartos, fui puxada por uma mão forte. Havia algumas pessoas lá, mas não pude ver o rosto delas. Alguém me empurrava para que eu chegasse até a cama, mas eu não queria. Sentia tanto medo! — O choro engasgado tornava difícil concluir a descrição do que havia visto e sentido. — Tentei fugir, mas não consegui até que me enfiaram ainda mais entre as pessoas e lá estava eu, diante da cama — Sophie emudeceu e olhou para o vazio entre Nancy e John, como se ainda pudesse ver.

— Havia uma pessoa ligada a vários aparelhos. Acho que era uma mulher, não tenho certeza. Ela tinha cabelos escuros e o rosto estava quase todo enfaixado — as sobrancelhas se juntaram em sofrimento. — Senti um profundo pesar por ela. Era tão triste! Havia uma energia tão pesada naquele quarto! E eu sabia que ela não estava bem. Eu sentia que ela estava morta ou quase isso — Sophie hesitou. Parecia ter se dado conta de algo ainda mais estranho, mas não disse nada. Talvez fosse a sua imaginação e continuou. — E, quando senti a sua... a sua... morte — hesitou por um

momento, sentindo o quão irreal aquilo tudo lhe parecia —, quando eu senti que ela poderia estar morta, de repente, alguém me puxou e, quando eu olhei para trás, vi aquele rosto de novo. Aquele rapaz de ontem — a sua voz assumiu um tom forte, como se suplicasse para que alguém fizesse tudo aquilo fazer sentido. — Ele me olhava profundamente, queria me dizer alguma coisa, mas eu não podia ouvir! Ele não abria a boca, era como se quisesse falar comigo pelos... pelos olhos! Eu sentia que ele estava furioso. Acho que furioso comigo! — e voltou a soluçar. — O que está acontecendo? Quem são aquelas pessoas? Quem é *ele*? — um par de olhos suplicantes encarou Nancy — Eu quero que tudo isso acabe, por favor, Dra. Nancy, faça isso parar!

Nancy aproximou a sua cadeira de Sophie, segurou as suas mãos e lhe falou seriamente.

— Sophie, eu prometo que farei tudo para que você fique bem. Confie em mim. Só precisamos de um pouco de tempo. Você pode me confiar um pouco do seu tempo? Pode me dar um voto de confiança? — Sophie olhou para aqueles olhos azuis marejados e sentiu que poderia confiar. Sentiu que *tinha* que confiar e aceitou.

— Ótimo, minha querida. Agora, você deve ir para algum lugar e tentar se divertir um pouco. Evite cinemas, televisão ou leitura. Procure ficar sempre acompanhada por alguém, converse bastante, ouça música, dance, vá a um pub! — parecia desproposital que Nancy a mandasse “se divertir”! E Nancy explicou. — O que estou tentando lhe dizer é: evite situações em que você possa entrar em transe com facilidade, entende? Pelo menos por enquanto — Nancy se levantou da cadeira e começou a andar nervosamente pela sala, como se falasse para si mesma e continuou. — Eu preciso dar alguns telefonemas e ... — voltou-se para Sophie — acho que poderemos nos ver daqui a dez dias. Tudo bem para você? — Sophie ficou um pouco decepcionada, queria respostas imediatas, mas concordou.

— Vamos continuar nossas sessões aqui no meu consultório — sugeriu John. — Tudo bem para você, Nancy?

— Claro, John! Se vocês me aturarem aqui por tanto tempo... — caçoou Nancy sorrindo nervosamente.

— Doutora Nancy, eu preciso de respostas — desabafou Sophie. — O que está acontecendo comigo? O que foi isso hoje? — insistiu ansiosa. Não poderia esperar mais dez dias. — As visões, antes, não eram dirigidas diretamente a mim. Eu era como uma expectadora, mas agora... agora... — Sophie engolia as palavras — eu sinto que é comigo — era difícil admitir, mas não se importava mais — e eu estou com medo...

Nancy respirou fundo e respondeu, num tom claro e preciso.

— Sophie, não posso lhe dizer nada ainda. Seria muito imprudente da minha parte. Não quero encher a sua cabeça de suposições. Peço um pouco mais de paciência — sentou-se novamente ao lado de Sophie segurando-a pelas mãos e emendou. — Eu sei que você já teve muita paciência em todos esses anos, mas acredito que, desta vez, podemos estar realmente perto de algumas respostas, ou pelo menos, próximos do caminho certo.

Sophie baixou os olhos, não tinha saída e concordou. *Grande garota!* Acertaram os detalhes para a próxima sessão e saíram do consultório. Encontraram Kate e Anne no jardim dos fundos conversando sobre jardinagem. Assim que Anne viu Sophie percebeu que algo errado havia acontecido, mas não disse nada. Todos se despediram e tão logo entraram no carro, Anne disparou:

— Pode me contar! O que aconteceu com você lá dentro? O que houve? — perguntou enquanto dava partida no carro com o cenho franzido.

Sophie olhou para o lado. Viu John, Nancy e Kate em pé na frente da casa e murmurou.

— Eu não sei, mas sinto que teremos momentos difíceis, minha amiga. E eu estou com medo. Muito medo mesmo — Anne olhou para a amiga boquiaberta. Só tinha visto Sophie daquele jeito uma única vez e foi quando ela teve a primeira visão, três meses depois que chegara ao orfanato; e Anne jamais poderia esquecer. Ao contrário. A expressão de pavor de Sophie a fez voltar, imediatamente, ao passado.

O fim do ano se aproximava e o inverno estava muito rigoroso. Rony, o boneco de neve que haviam feito dias antes, estava quase todo coberto pela nevasca da noite anterior, que chegara a cinquenta centímetros, e as atividades externas haviam sido suspensas por alguns dias. Era o primeiro Natal que Sophie teria em sua vida e estava mais que excitada, estava impossível! Embora a instituição não fosse vinculada a nenhuma religião específica, o Natal era baseado mais aos conceitos espirituais que comerciais o que era também conveniente, com dezenas de crianças para presentear!

As crianças participavam de toda a decoração da casa, desde as pequenas guirlandas à grande árvore de Natal colocada sobre o tapete no saguão de entrada, mas tinha outra atividade da qual as crianças gostavam mais: o sorteio do amigo secreto. Ele era realizado com o nome de todos, incluindo professoras e funcionárias, e cada um deveria confeccionar o presente que daria ao amigo sorteado. Todo o trabalho era feito no atelier, uma sala grande que ficava ao lado da enfermaria, no corredor à esquerda da entrada principal.

Sophie e Anne já eram inseparáveis e, para tristeza de ambas, nenhuma havia sorteado o nome da outra. Anne preparava um porta canetas para Jo Matthews, a professora de matemática, e Sophie, para uma colega de sala chamada Pamela, uma garotinha quieta, muito pequena e de longos cabelos loiros e finos. Tinha os olhos castanhos claros e a pele muito branca. Sophie havia decidido fazer-lhe um diário e terminava os detalhes da capa. Ela sabia que a menina adorava cavalos e, por isso, recortou várias fotos do animal de algumas revistas transformando a capa em uma linda colagem. E, já que meninas adoram segredos, pensou em colocar uma fechadura, o que deu um pouco de trabalho para Belinda Barnes, a professora de artes, encontrar algo que pudesse servir.

Anne e Sophie estavam muito concentradas na atividade quando Sophie começou a sentir uma ligeira ardência nos olhos seguida de uma tontura muito forte. O som à sua volta foi diminuindo e as fotos dos cavalos à sua frente perdiam o foco. Ela se esforçava

para vê-las, mas ficava cada vez mais difícil e, de repente, percebeu que as figuras não estavam ficando desfocados, mas começavam... a se mexer!

O desespero foi crescendo à medida que os cavalos coloridos ganhavam vida. Era assustador e Sophie teve que se concentrar muito para não gritar. Deveria existir uma parte sua, cheia de curiosidade, que quisesse ir adiante com aquilo, mas se existia estava adormecida ou morta em algum lugar porque ela sentia apenas desespero. Um pânico tão grande que não conseguia gritar, mas Sophie não pôde fazer nada. Teve que aceitar o fato de que estava entrando naquele cenário.

Começou a sentir o sol sobre a sua cabeça e o cheiro do campo. *Anne, Anne, você tá vendo isso?... Anne!* Mas o seu clamor era ouvido somente em sua mente. A vegetação crescia à sua volta cobrindo-lhe os pés. Um dos cavalos relinchou alto, saltou sobre as duas patas traseiras e Sophie pulou de susto sem sair do lugar. O coração acelerou e ela não conseguia mais pensar. Parecia um sonho, mas não estava dormindo. *Anne, socorro!* Insistia inutilmente. Tentou correr, mas estava paralisada. Grossas e fortes raízes subiam pelas suas pequenas pernas aprisionando-a, como garras verdes, até o solo.

Os cavalos estavam agitados e relinchavam o tempo todo enquanto Sophie olhava sem saber o que fazer. O calor ficava insuportável e ela começou a sentir cheiro de queimado. Olhou em volta, mas não viu nenhuma fumaça. Sentia o suor escorrer pelo seu rosto fazendo cócegas e tentou erguer as mãos, mas também não conseguiu e se deu conta de que não conseguia se mover! Os cavalos se agitavam cada vez mais, à medida que estrondos ensurdecedores ecoavam ao seu redor, como se o céu estivesse caindo sobre eles.

De repente, um homem apareceu ao seu lado e gritou *“Saia daqui, agora!”*. A voz grave e assustadora entrou em seus ouvidos como um rugido e Sophie pensou que seu coração fosse saltar pela boca. *Ele voltou! Ele voltou!*, pensou. As mãos tremiam e a pequena Sophie tentava puxar os pés, tirá-los das verdes algemas que a aprisionavam ao solo, enquanto o homem girava ao seu redor gritando sempre as mesmas palavras *“Saia daqui! Saia daqui agora!”*.

Finalmente, a garotinha conseguiu tapar os ouvidos com as mãos. Fechou os olhos com medo de encarar aquele rosto novamente e um grito terrificante saiu da sua garganta.

— PAAARAAAAA...!!!!!!! — o atelier ficou em silêncio. Todos a olhavam com pavor. Sophie chorava e soluçava, gritando ainda com as mãos nos ouvidos e os olhos fechados — Pare!!! Pare, por favor!!!

À medida que o cheiro do campo desaparecia junto com o calor infernal, Sophie foi abrindo lentamente os olhos e percebeu que estava de volta ao atelier. Tudo parecia ter voltado ao normal. Ou, quase tudo. Algumas crianças tinham se juntado em grupos em um canto da sala. Outras estavam petrificadas encarando-a e dentro dela algo mudaria para sempre. O medo e a insegurança haviam voltado para a sua vida.

Sophie levantou-se rapidamente do banco de madeira em que estava sentada ao lado de Anne e enfiou-se debaixo da mesa, ainda com as mãos nos ouvidos, e as lágrimas escorreram pelas suas bochechas sem cor. Não mais gritava e fechou os olhos novamente. Tinha medo de vê-lo. Sophie tinha certeza. Ele havia voltado e não a deixaria em paz, nunca mais.

Anne entrou embaixo da mesa e tentou conversar com a amiga, mas Sophie fechara-se em uma mudez impenetrável. Mantinha o rosto enfiado entre as pequenas pernas e Anne ouvia apenas os soluços abafados. Nem mesmo Belinda, a professora, conseguiu convencê-la a sair. Anne abraçava-a como uma irmã mais velha, protegendo-a de um sonho ruim, até que, alguns minutos depois, Sophie ergueu a cabeça, olhou para a amiga e finalmente conseguiu lhe dizer algumas palavras num murmuro apavorado.

— Era ele... ele... está aqui, Anne — soluçou. — O que eu vou fazer agora? Pra onde eu vou agora? — e caiu no choro novamente enfiando a cabeça entre os joelhos.

— Não tem ninguém aqui, *Sophi*. Foi um pesadelo, um pesadelo, só isso! Você dormiu e sonhou — disse uma voz trêmula de uma garotinha assustada, mas que se manteria firme a qualquer custo. — Olha, já passou... viu?. Tá tudo bem... vem. — Com muito

cuidado, conseguiu tirar Sophie de debaixo da mesa e levaram-na para a sala de Elena.

Anne foi obrigada a voltar para o atelier, o que fez muito contrariadamente, e Sophie, depois de tomar um grande copo de água com açúcar, contou à diretora e à Belinda o que havia acontecido.

— Sophie ouça, você cochilou, só isso — disse a professora. — Acontece sempre comigo, também. Você teve um pesadelo. Não precisa ter medo, querida — encorajou Belinda.

— Não foi um sonho! Não foi! — protestou em agitação. — Eu sei que não foi! — correu os olhos para a diretora, que evitou olhá-la nos olhos, e aumentou cada vez mais o tome da voz. — Senhora Elena, era ele! Eu sei! Era... era... O MEU PAI! — o grito saiu tão profundo que parecia o fim de um exorcismo.

Elena evitou mostrar o próprio pânico. Compartilhava da sua angustia e, mesmo assim, reagiu com frieza.

— Sophie, entendo que você esteja assustada, mas já passou. Agora, é melhor você voltar para o atelier e terminar a sua atividade, está bem? — disse Elena. E ao vê-la sair de sua sala sentiu um calafrio percorrer a espinha. Precisou apoiar as mãos sobre a mesa para não ceder às pernas trêmulas.

De noite, quando as luzes do dormitório estavam apagadas e restava apenas um fraco luar entrando pelas grandes janelas de vidro, Anne e Sophie sussurravam.

— Eu sei que não foi sonho, Anne. Imagine! Sonhar acordada? — bufou. — Você já dormiu fazendo alguma coisa, antes? Me diz, Anne, já? — desafiou.

— Bem, eu já dormi enquanto lia na aula de inglês — respondeu Anne pensando se aquilo valia como resposta. — Hmmm... mas acho que não é a mesma coisa... ou é? — Sophie não respondeu. Estava agarrada à boneca Lucy olhando a amiga que parecia mergulhada em uma invejosa tranquilidade.

Anne estava com os braços cruzados sob a cabeça, olhando para fora da janela. Sophie tentava não pensar no que havia visto, mas a sua frágil mente só procurava encontrar uma resposta “lógica”, já que sonho estava fora de questão. O que seria lógico o suficiente para uma menina de sete anos de idade? Pensou em uma coisa que não tinha pensado antes.

— Você acha que quem morreu pode voltar, Anne?

— Você tá falando de fantasmas?

— É, eu acho que sim... — respondeu sem saber ao certo o que era um fantasma e, antes que pudesse perguntar, Anne rebateu.

— Não, eu acho que não. Se fosse assim, isso aqui ia estar cheio deles — afirmou. — Você já viu aqueles quadros, lá na entrada? Tá todo mundo morto e eu nunca vi nem unzinho andando por aqui.

— Quem são eles? — perguntou Sophie, curiosa.

— Ah... eram os antigos donos desse lugar, quando aqui ainda era uma casa.

— Uma casa? Uau! Devia ser uma família muito grande! — pensou Sophie em voz alta.

— Que nada! Você acredita que eram só dois? — Anne virou-se e ficaram as duas e seus olhos brilhantes e curiosos fitando uma a outra. — O conde Duncan e a esposa dele. Eles não tinham filhos e quando o conde morreu, a mulher ficou tão triste, mas tão triste, que morreu também! Ela deu a casa para as crianças que não tinham pais. Deu antes de morrer, é claro — Anne adorava essa história, adorava pensar nas pessoas boas que um dia moraram ali. Graças a isso, ela, Sophie e todas aquelas crianças tinham onde morar.

Enquanto Anne sonhava acordada com a família Duncan, Sophie pensava porque pessoas ruins como o seu pai tinham filhos e outras pessoas boas, não. De repente, sentou-se na cama e Anne achou que a amiga estava para ter outro *troço*. Mas os olhos de Sophie cintilavam!

— Cavalos, Anne! É isso! Cavalos!

— SShhhh..... Fala baixo! — repreendeu Anne. — O que tem os cavalos?

— Sabe lá fora? Atrás daquela árvore grande? Lá tem um estábulo abandonado, lembra? — continuou Sophie ainda sentada, sustentando o corpo pelas pequenas mãos afundadas no colchão.

— Sim, eu sei, e o que tem isso? — questionou Anne gesticulando para a amiga se deitar.

— Isso quer dizer que... nesta casa... — murmurou Sophie ajeitando-se novamente, embora sentisse uma agitação incomum — quando aquelas pessoas moravam aqui... tinham cavalos!

— Tá, e...?

— E... — de repente, Sophie não sabia o que dizer. — E se eu tivesse visto os fantasmas dos cavalos?

— Ah, Sophie, você tá doida? Vamos dormir! — respondeu Anne já perdendo um pouco a paciência.

Mas Sophie sabia que não era besteira. Algo dentro dela lhe dizia que era uma pista, só não entendia onde isso a levaria e nem o que o seu pai tinha a ver com isso. Franziu as sobrancelhas e torceu os lábios nervosamente. *Hmmm, cavalos.... pense Sophie!* Cutucava a sua vizinha impaciente.

Pouco depois, ambas dormiram e, para alívio de Sophie, nenhum fantasma veio visitá-la, naquela noite. No dia seguinte, persuadiu Anne a irem até o antigo estábulo, o que Anne recusou veementemente!

— De jeito nenhum! Tá cheio de neve lá fora! — exclamou, batendo os pés furiosamente nos degraus da escada principal. — Nós vamos afundar até os joelhos! Não, não e não — enterrou as mãos na cintura.

— Anne, por favor, vai! — suplicou a pequena Sophie, correndo à sua frente na escada e se posicionando diante da amiga.

— Nem se eu quisesse ir, o que eu NÃO quero, não tem jeito de a gente sair daqui, tem? — desafiou.

— Tem! Vem, vou te mostrar — subiu correndo os últimos degraus, triunfante.

As duas garotinhas pararam diante da grande porta de vidro que abria para a varanda, no segundo andar. Sophie esfregou as mãos no vidro embaçado e um pequeno círculo úmido se formou, fazendo com que ambas pudessem ver que o gramado do jardim, nos fundos da grande casa.

— O senhor Palmer limpou os caminhos, veja! Não tem neve, podemos passar por eles!

— Hugh Palmer era um homem de quase setenta anos que fazia pequenos trabalhos de reparo, no Instituto. Era calvo (embora o gorro de lã normalmente escondesse a falta de cabelos) e muito curvado. Andava com dificuldade graças a um ferimento na perna, uma triste recordação da Segunda Guerra. — Ele já foi embora, eu vi ele saindo do quarto de ferragens quando a gente desceu para tomar o café da manhã — explicou com olhos ansiosos.

— Sophie, não. O que a gente vai fazer no estábulo, afinal? — indagou Anne tentando esconder a curiosidade e o desejo de aventurar-se no jardim como duas detetives.

— Eu não sei... Mas! — pontuou Sophie antes que Anne ficasse furiosa de vez — Eu sei que tenho que ir até lá. Os cavalos, Anne. Eles estão em perigo e...

— Ah, não, Sophie. Eu acho que você está ficando maluca de vez! Não tem cavalos lá fora! E não tem ninguém em perigo! — o fiozinho de tentação sumira e Anne estava realmente irritada.

Sophie não suportava que a amiga não lhe desse ouvidos e saiu correndo pelas escadas desviando dos colegas que subiam rumo ao banheiro. Anne sabia que ela iria

fazer aquilo de qualquer jeito e, muito contra a sua vontade, decidiu ir atrás dela, bufando de raiva. Ela sabia que iria se arrepender!

Havia dois modos de chegar aos fundos da casa. Um deles era saindo pela porta da frente, o que atrairia muita atenção e, por isso, Anne desconfiou que Sophie só poderia ter escolhido a outra passagem. Correu até o fundo do saguão e entrou em um corredor que ficava atrás do refeitório. Assim que entrou por ele viu a amiga tentando abrir a grande porta de correr que dava acesso ao jardim dos fundos. Sophie abriu um grande sorriso ao ver Anne, mas ela não sorriu de volta. Estava ali apenas para garantir que Sophie não fizesse muita besteira.

Assim que abriram a porta, saíram rapidamente para que ninguém percebesse a rajada de vento congelante que soprou para dentro do corredor. Na correria, não pegaram os casacos de neve, nem as luvas ou toucas e já sentiam o frio congelar os ossos, e os olhos lacrimejaram.

Correram pelas passagens limpas até contornar o grande carvalho chegando ao estábulo. O local parecia um depósito de folhas secas salpicadas pela neve que passava pelas fendas do telhado. As duas olharam em volta e Anne não tinha ideia do que procurar. Definitivamente arrependera-se de ter seguido a amiga. Desejava poder ir embora dali, mas Sophie parecia saber exatamente o que tinha que fazer. Entrou no estábulo com confiança, caminhando entre as folhas, feno e móveis velhos que foram deixados ali sabe-se lá há quanto tempo. Havia um silêncio perturbador que só foi interrompido pela voz trêmula e baixa de Anne.

— Sophie, vamos embora daqui... Daqui a pouco vão ver que a gente saiu e como a gente vai explicar *isso*? — as sobranceiras se ergueram num olhar desesperado.

— Só mais um minuto. Tem que estar aqui! Tem que estar aqui! — murmurou.

— O que, Sophie? O que você tá procurando? — Mas Sophie não respondia. Talvez porque não soubesse explicar. Era apenas um sentimento, uma sensação forte de que tinha que procurar alguma coisa.

Caminhou desviando de uma coisa aqui, outra ali e sentiu várias vezes uma pontada no tornozelo sobre as grossas meias de lã, como se alguma coisa a tivesse espetado. Talvez fossem ferros soltos dos antigos móveis abandonados, e não se preocupou. O estábulo era grande e, um dia, teria abrigado certamente uma dezena de cavalos. Apesar de bem danificadas, ainda se notavam as divisórias de madeira entre um espaço e outro.

Sophie já estava quase no fundo do estábulo – para desespero de Anne que continuava a implorar para que a amiga voltasse – quando entrou em um vão à esquerda e abaixou-se sumindo da vista de Anne que ficou desesperada e tentou se aproximar, mas não entendeu como Sophie havia conseguido caminhar até lá.

— Achei! Achei, Anne! — exclamou agitada enquanto se enfiava entre móveis e serragens. Esticou o braço e pegou alguma coisa que Anne não conseguia ver. Quando ergueu o corpo e se virou, exibiu com orgulho um pequeno quadro que Anne continuava a não entender.

Sophie caminhou de volta com destreza entre os destroços com o seu troféu nas mãos. Aproximou-se de Anne e mostrou à amiga um porta retratos antigo, com o vidro quebrado em um dos cantos. Na foto em preto e branco havia uma mulher em cima de um cavalo e um homem em pé ao seu lado segurando a rédea do animal. Era um cavalo branco e grande. Ela usava um longo vestido cheio de babados e um chapéu e o homem vestia um terno escuro, também de chapéu. Ambos sorriam para a lente, felizes.

— O que é *isso*, Sophie? — perguntou Anne furiosa, não entendendo o que de tão precioso poderia ter aquela foto.

— Era este cavalo, Anne. Era este o cavalo e ... — olhou o porta retratos novamente e não acreditava no que estava para dizer. — e... era este o homem que falou comigo... — como poderia ser ele se ela tinha certeza ter sido o seu pai? Franziu os lábios. — Era ele quem gritava comigo, Anne. Era ele quem me mandava ir embora! Era ele! *É* ele! — Anne, primeiro, emudeceu, depois, olhou para a amiga e franziu a testa.

— Mas como? — perguntou desconfiada, imaginando que ninguém acreditaria naquilo, pois nem mesmo ela estava acreditando.

— Eu não sei, mas foi ele que eu vi, eu tenho certeza! — enquanto as duas olhavam para o quadro e tremiam de frio com o vento gelado que entrava no estábulo por todos os lados, uma voz rouca gritou atrás delas fazendo-as saltar uma sobre a outra.

— O que vocês estão fazendo aqui? — gritou o senhor Palmer, que tinha voltado para guardar mais algumas ferramentas de trabalho.

Anne e Sophie não responderam e, pálidas como fantasmas, correram de volta para a casa principal. Correram o quanto puderam com os pés e as mãos duros de frio e quando alcançaram a casa, a porta estava trancada.

— Eu falei que a gente ia ter problemas! Está satisfeita agora? — rosnou Anne. Com fumaça lhe saindo pela boca e pelas narinas, Anne parecia mesmo um touro agitado e perigoso.

Sophie saiu em disparada, arrastando a amiga pelo braço em volta da casa até chegarem à porta da frente. Ela sabia que o senhor Palmer contaria à diretora e teriam que ter uma boa desculpa para dar. Porém, não tiveram muito tempo para pensar. Assim que entraram no saguão, deram de cara com Aileen Williams, a professora de inglês.

— Mas o que vocês estão fazendo lá fora nesse frio? — vociferou num misto de susto, surpresa e indignação. Como nenhuma das duas respondia e, vendo o azul tomar conta de suas pequenas faces quase congeladas diante dela, ordenou. — Vão se esquentar na sala da diretora Elena, agora!

Uma vez na sala, Anne e Sophie não saberiam como inventar um motivo para a desproposital ida até o estábulo. O melhor era mesmo contar a verdade e Anne sentiu-se presa em um pesadelo com punições por todos os lados.

Sophie mostrou à Elena o retrato e explicou que o *sonho* tinha sido com aquele homem, mas não sabia explicar como sabia que o retrato estava no estábulo. Elena tentou não demonstrar o choque ao ver o objeto e virou-se de costas para não fazê-las notar o terror em seu rosto. *Sophie não sabia, não poderia saber!* Aquele quadro, de volta a ela e o sonho do dia anterior... As peças se encaixavam. Elena estava confusa e atormentada, mas não poderia demonstrar jamais! Deu-lhes um sermão e mandou que fossem trocar as roupas frias.

Seria a primeira de uma série de situações difíceis que Sophie enfrentaria e, quase sempre, sem respostas.

Capítulo 6

Sophie passou todo o caminho de volta da casa do doutor Barkley sem dizer uma só palavra. Não abriu a boca nem para bocejar. Mas, assim que chegaram a casa, Anne rompeu o silêncio.

— E agora, vai me dizer o que aconteceu no consultório ou não? — intimou, com a sua tradicional postura de mãos na cintura, já sem paciência, enquanto Sophie se dirigia à cozinha, sentando-se em um dos bancos do balcão.

— Anne, quantas vezes você me viu ter uma visão? E em quantas delas eu tive medo, realmente? — perguntou Sophie vasculhando os olhos de Anne em busca de respostas, mas Anne ficou em silêncio. — Exceto as primeiras, quando eu ainda era uma criança, certo? — Anne assentiu — Depois disso, nenhuma delas me fez sentir medo de verdade e sabe por quê? Porque, com o tempo, eu aprendi a ficar distante e a apenas observar — continuou Sophie, enquanto Anne lhes preparava um café. — Mas desta vez foi muito diferente, era como se... — Sophie fez uma pausa antes de continuar quase não querendo admitir o que estava para dizer. — Era como se fosse eu. Como se fosse eu deitada ali, entre a vida e a morte naquele hospital.

Anne quase deixou as xícaras caírem no chão quando ouviu aquilo e, com os olhos ainda maiores do que já eram, encarou a amiga, confusa.

— Do que você está falando? Que hospital? — indagou, servindo o café, com as mãos trêmulas.

— Eu não contei tudo a eles porque nem eu mesma tenho certeza, mas enquanto eu olhava para aquela mulher deitada com o rosto todo enfaixado, senti que meu corpo flutuava e, aos poucos, fui subindo até ver as pessoas do alto da sala — Sophie emendava uma cena na outra sem dar folga à sua mente nem aos ouvidos de Anne. — Eu sentia uma profunda tristeza, não queria morrer e lutava com todas as forças para que a minha mente não apagasse — franzia o cenho em confusão enquanto Anne bebia pequenos goles de café. — Eu não sentia o corpo, apenas a mente, mas as pessoas em volta da cama achavam que aquela mulher estava morta. Que *eu* estava

morta, mas *eu* não estava. *Ela* não estava! — Anne ouvia com atenção sem expressar nada. Esperava que a cafeína ajudasse seus neurônios a entender o que diabos Sophie estava querendo dizer! — Mas aí, alguma coisa mudou. Ele me puxou e, num piscar de olhos eu estava de novo em pé ao lado da cama, já não sentia mais a minha mente como antes. — Sophie apoiou os cotovelos no balcão e enfiou o rosto entre as mãos, tentando esconder a própria expressão. E a sua voz continuou, abafada. — Ele ficou me olhando tão profundamente como se pudesse enxergar toda a minha essência. E eu senti muito medo! Eu não entendi o que ele queria me dizer, não ouvia ou, não queria ouvir, mas senti uma fúria dentro dele, entende? — ergueu os olhos para a amiga que tentava acompanhar o relato de Sophie, mas não conseguia. Era tudo mais confuso do que o normal e começou a se mexer na cozinha, de um lado para o outro tentando encontrar a saída do seu próprio labirinto mental.

Cozinhar. Esta era a terapia de Anne para situações de tensão. Mergulhou a cara dentro da geladeira enquanto falava o que vinha em sua cabeça.

— Sophie, eu não posso imaginar como é passar pelo que você passa há tantos anos. Só posso pensar com em um sonho. É, eu acho que isso é o mais perto da minha realidade. E, como sonho... — ponderou, abrindo duas vasilhas com pedaços de carnes já cortados e temperados — ... não sei se sentiria tanto medo assim. Quero dizer, você já *viu* pessoas mortas em outras visões — e antes que Anne completasse o raciocínio, Sophie a interrompeu, contendo a irritação.

— Como você acha que se sentiria se estivesse vendo a sua própria morte, Anne? Porque foi exatamente isso o que eu vi, o que eu senti. — Anne apoiou a panela sobre o fogão, tentando evitar encarar a amiga. Tentando evitar que ela percebesse o quanto estava perdida naquela nova situação. — Era eu, ali, deitada, quase morta e aquele rapaz me olhava com um olhar desesperado, ele me implorava alguma coisa que eu não sei o que é! Isso sim é um pesadelo, se você quer saber!

— Calma, *Sophi...* — Anne virou-se para ela, com seus olhos marejados. Sophie já havia sofrido tanto nestes vinte anos, por que aquilo tudo simplesmente não a deixava em paz? Perguntava-se Anne enquanto de sua boca saíam palavras completamente

diferentes. — Estou só tentando entender! Claro que é assustador, mas *tudo* é assustador. As visões, eu quero dizer. Sair da realidade, viver um momento fora do controle e depois ser jogada de volta, como se fosse um boneco na mão de alguém... — Anne rolou os olhos para o alto buscando a maneira certa de se expressar. — O que eu queria entender é o que teve *esta* visão de diferente das outras, mas agora eu percebo que não é o que você *viu*, mas o que você *sentiu*. — concluiu com o coração apertado.

— Ah, demorou, hein! — fungou e, depois, fechou os olhos descansando a testa nos braços cruzados sobre o balcão, suspirando profundamente. — Desculpe, tá legal? Não estou irritada com você. Sinto-me exatamente como você disse: um boneco na mão de alguém e...

— *Sophi*, eu entendo! — aproximou-se da amiga, afagando-lhe calorosamente os cabelos. — Talvez melhor do que qualquer outra pessoa, eu entendo o quanto as visões te incomodam e o quanto você gostaria de desvendar tudo isso, mas você precisa ir com calma e não desistir, dessa vez. — Anne tocou os braços de Sophie que ergueu a cabeça para encarar aqueles sinceros olhos verdes à sua frente. — Você sabe por que pediu para dar um tempo na terapia, não sabe? — Sophie não queria admitir, mas no fundo ela sabia.

— Porque estávamos chegando perto...

— Sim. E você precisa enfrentar isso, desta vez — afirmou.

— E vou — disse, confiante, embora exausta. — O doutor Barkley e eu trabalhávamos em uma possibilidade quando eu parei de ir à terapia. Parei porque eu achava que estava conseguindo lidar melhor com os eventos, mas no fundo eu não *queria* realmente entender.

— E qual era a possibilidade? — indagou Anne sentando-se, finalmente, ao lado de Sophie enquanto um perfume de alecrim, alho e cebola, misturados ao odor doce da carne, espalhava-se pela casa.

— De que tudo seja somente fruto do meu subconsciente — encolheu os ombros. — Ou melhor, que seja o meu subconsciente liberando os meus medos e desejos... — torceu os lábios, em sinal de pouco caso.

— De uma maneira distorcida, você quer dizer? — questionou Anne, e Sophie concordou. — Mas isso sempre foi muito claro para mim, para você não? — Sophie não respondeu, pois nem tudo parecia ter alguma ligação com ela ou com os seus sentimentos. — *Sophi*, talvez esta visão de hoje não seja sobre a sua morte física, como se fosse uma premonição, mas represente uma dor profunda — Anne não gostava dessa parte da discussão, mas continuou assim mesmo. — As pessoas te olhando sem fazer nada, por exemplo, pode ser que sejam as pessoas que moravam naquele mesmo prédio que você e nunca lhe estenderam uma mão quando você era pequena — isso revoltava Anne, e Sophie via em seus olhos o seu repúdio, pensando como Anne poderia conhecê-la tão bem. — Sabe, existem muitas interpretações sobre as suas visões! Precisa encarar que, talvez, não tenha mistério nenhum por trás disso, que não sejam vidas passadas nem futuras, nem fantasmas, mas talvez apenas você, o tempo todo, tentando... — e Anne sentiu um aperto no coração. Fingiu uma tosse seca e continuou — ... tentando sair de debaixo da mesa, minha amiga — e agora sim, apertou os lábios e sentiu os olhos lacrimejar, novamente.

Sophie desviou o olhar e fitou o jardim atrás de Anne, a sua amiga, a sua irmã que, melhor do que ninguém a entendia e a via como ela realmente era.

— Eu sei, Anne — concordou, com a voz trêmula. — Eu sei e eu vou fazer isso. Você vai ver. Eu vou conseguir.

— É claro que você vai conseguir. Você é a mulher mais forte que eu conheço e você sabe que estarei sempre ao seu lado — e puxou Sophie para um abraço solidário e apertado.

Sophie afundou o rosto em meio aos cabelos castanhos de Anne e deixou que talvez duas lágrimas se libertassem das profundezas onde apodreciam todos aqueles sentimentos indesejados e proibidos. Sentia-se cansada, frustrada, exausta dos últimos

acontecimentos, exausta de ser como era e ficou pensando que, diferente do que Anne lhe dissera, ela não era uma mulher forte. Era apenas covarde.

Seus pensamentos autodestrutivos foram interrompidos por um *insight* de Anne.

— Espera! — gritou, levantando-se e indo até o fogão mexer na carne que começava a grudar na panela. — Você disse que a mulher que estava deitada na cama do hospital tinha cabelos escuros, mas que não conseguiu ver o rosto, certo?

— Certo — respondeu Sophie um tanto curiosa, recompondo-se rapidamente. — E...?
— Na visão desta madrugada, você também viu uma mulher de cabelos escuros, cujo coração era arrancado de uma ... coisa — continuou enquanto acrescentava um ligeiro fio de água à carne. — Você disse que era a morte, certo? — os olhos de Sophie se iluminaram.

— Anne...! Faz sentido! Ambas são a mesma pessoa! — Sophie quase não se conteve de excitação.

— Sim, me parece lógico, não? Primeiro, você vê alguém sendo atacada e morta, embora continuasse viva, mas isso é um detalhe que não vem ao caso agora... — tentando não mencionar o quanto tudo aquilo era absurdo.

— Mas é claro que vem ao caso, Anne! A mulher não morreu porque está em um hospital, entre a vida e a morte!

— Calma, Sophie, parece óbvio demais. Nem tudo é o que parece ser — ponderou provando um molho escuro na palma da mão. — Ainda acho que isso tudo representa você mesma, dando um fim à própria *vida passada*, quero dizer — virou-se rapidamente para se explicar melhor —, você tentando matar uma parte de você ligada ao passado, a sua infância e tudo pelo qual você passou. Você está tentando, desesperadamente, minha amiga, passar uma mensagem a você mesma! — Os olhares se cruzaram em silêncio. — Você não percebe o quanto essa mulher se parece com você? Cabelos escuros, pele clara e quando ela olhou para você, na sua visão anterior, ela tentou lhe dizer algo, lembra?

— Sim, ela disse *acredite* — franziu as sobrancelhas, insegura. — E isso não se encaixa com nada. Se você estiver certa, se é meu eu interior, ou sei lá o que, e está tentando entrar em contato comigo – calou-se e exclamou –, em que eu tenho que acreditar, afinal? — Anne sorriu, maliciosamente, enquanto enfiava uma vasilha no microondas.

— Bom, não é óbvio? “Acredite” em mim! — e Sophie riu, nervosamente. — Olha, isso pode significar um monte de coisas. Acredite em você, saia dessa vida, seja positiva, sei lá! Eu ainda acho que é um pedido desesperado seu para acreditar na sua intuição, talvez.

— Esse é o problema, Anne. Minha intuição não diz nada com nada há muito tempo. E se for mesmo fruto do meu inconsciente e se são apenas sentimentos trancafiados dentro de mim, por que a doutora Nancy fez aquele suspense todo?

— Que suspense? — indagou, servindo em cada prato um pedaço de carne grelhada com molho ao vinho tinto e purê de batatas.

Enquanto ajudava Anne a colocar os pratos e os talheres no balcão, Sophie lhe contou sobre a reação de Nancy à sua visão e o fato de não ter entrado em detalhes sobre a sua teoria.

— Se são apenas os meus sentimentos, um diagnóstico que, aliás, já tinha sido feito pelo doutor Barkley — ponderou, gesticulando perigosamente com um garfo —, por que Nancy deveria pedir *conselhos* a alguém, ou, porque ela simplesmente não me disse que o meu terapeuta tinha razão? — Anne contorcia os lábios e Sophie engatou mais perguntas à lista. — E o tal rapaz? O que ele fazia ali? Quem era ele?

Anne não sabia responder e permaneceu por alguns segundos apenas mexendo a comida com o garfo, no prato. Realmente, não fazia muito sentido. Talvez houvesse realmente algo mais em toda essa história, mas isso seria a última coisa que Anne diria neste momento. Era preciso saber até que ponto colocar Sophie em xeque. E o silêncio pairou pesadamente sobre a sala. Sophie mordiscava a carne macia e Anne a observava, pensativa. Ela poderia lhe dizer muitas coisas, mas, na dúvida, era melhor

se conter por hora. Fora uma lição que aprendera desde a primeira vez em que ela e Sophie brigaram, logo após o episódio do estábulo.

Depois de saírem da sala de Elena, Anne e Sophie subiram correndo as escadas até o quarto para trocar suas roupas. Anne parecia nervosa. Na verdade, estava definitivamente enfurecida! Seus movimentos eram bruscos seguidos sempre de uma bufada ríspida. Sophie não ousou perguntar o que a deixara tão irritada. Anne detestava “manchar a sua reputação” no Instituto. Fazia um esforço tremendo para que tudo fosse correto; os deveres da escola, as provas, as roupas no armário, até o modo como dobrava o guardanapo era perfeito, já desde criança. Ela era impecável e Sophie sempre quis ser como ela, mas era tão difícil! Com Sophie, era mais como um bonde saindo dos trilhos ladeira abaixo. Um desastre.

Embora tivessem só sete anos, crianças como Anne e Sophie tendem a amadurecer de um modo diferente das crianças *não sobreviventes*, como diria Paul. Aprendem desde muito cedo a se defender sozinhas, seja com a palavra ou com a força. Ou se fecham, com receio de serem julgadas ou criticadas, tornando-se extremamente tímidas, o que decididamente não era o caso nem de uma e nem da outra.

— Estou furiosa com você. Muito! — vociferou Anne, visto que Sophie mantinha-se perturbadoramente calada. — Eu avisei que era errado! E, tudo isso pra que? Por causa de um *porta retratos*! Grande coisa! — esbravejava girando de um lado para o outro no quarto. — Tudo bem que são o cavalo, a mulher e o homem com quem você *disse* que sonhou. E DAÍ!? — berrou Anne num estado de fúria tão grande que fez Sophie sentar-se na cama de molas olhando para os próprios pés que se moviam em círculos cegos no chão. — E DAÍ? — continuava gritando, erguendo as mãos para cima e voltando-as para a cintura.

Sophie ergueu o olhar devaga; muito, muito lentamente com os olhos em chamas e Anne não esperava por aquilo.

— Você acha que não tem nada de mais eu sonhar com pessoas que eu não conheço e saber onde estava uma foto que eu nunca tinha visto antes? — retrucou num tom ameaçador demais para o gosto de Anne, enquanto Sophie se levantava da cama, rapidamente, fazendo as molas ranger. — E eu não estou preocupada com a senhora Elena porque ELA entendeu melhor do que você! Eu vi nos olhos dela, você não viu? Ela sabe de alguma coisa e eu vou descobrir o que é! — Sophie enfrentava o olhar de Anne com a mesma fúria. — E, não se preocupe, eu faço isso SOZINHA! — gritou, inclinando o corpo para frente, fazendo Anne cair sentada na outra cama. — Aliás, você nem precisava ter ido atrás de mim! — exclamou com a voz trêmula, entre o nervosa e o prestes a cair no choro e, assim que terminou, saiu correndo do quarto. Apesar de toda a raiva que sentia da falta de compreensão da amiga, era melhor não esperar para ouvir o que Anne teria a dizer depois daquilo.

Mas Anne não pensava em dizer nada. Estava tão triste por ter brigado com a amiga que a raiva desaparecera. Sentiu um vazio dentro do peito e um sopro polar varrer o seu coração. Era como se as risadas de Sophie e os olhos brilhantes dela estivessem sendo arrancadas da sua vida para sempre. Anne colocou o rosto entre as pequenas mãos cobrindo as lágrimas que rolavam mornas e volumosas. Sophie lhe dava vida, uma vida que Anne não podia viver sozinha, pois só a amiga tinha coragem de ser o que ela jamais conseguiria.

Dentro do banheiro, Sophie pensava e sentia o mesmo. E chorava. Começou a sentir uma profunda dor dentro do peito, como se uma mão lhe estivesse arrancando o coração pela raiz. E percebeu que a dor era mais real do que ela gostaria que fosse. Porque não era por causa da briga. Sophie, de verdade, sentia o coração sendo arrancado.

Gritou o nome da amiga, mas não conseguia emitir nenhum som, como se tudo dentro dela estivesse sendo sugado para um ralo invisível dentro do próprio peito. Quanto mais tentava respirar, mais se sentia sufocada. O rosto molhado, mas não era de lágrimas. O corpo estava todo encharcado como se tivesse caído em um lago de águas geladas e

os braços estavam pesados, pendentes ao lado do corpo. Não conseguia erguê-los, por nada nesse mundo e começou a tremer.

Tudo ficou silencioso e escuro. Sentiu apenas uma pancada na cabeça quando bateu a cabeça no piso frio do banheiro. Anne entrou pouco depois para lavar o rosto das lágrimas e viu a amiga desmaiada.

— Sophi, Sophi! — gritou apavorada, com medo de que a amiga tivesse morrido. E seria tudo culpa sua! — Soophiiiiiii....!!!!!!!!!!!!!! — berrou entre lágrimas, novamente, abraçada à amiga imóvel no chão.

Na enfermaria, disseram que havia tido uma queda de pressão, mas as justificativas começavam a ficar escassas à medida que os acontecimentos tornavam-se cada vez mais frequentes.

Sophie contou o que se lembrava, mas meio sem vontade. Sabia que, no fim, diriam que tinha sido um sonho. *Outro sonho?* Como explicar suas roupas molhadas enquanto todo o piso estava seco? *É a sua imaginação*, diriam. Sophie se esqueceu até de que havia discutido com a amiga, mas Anne não. Ao contrário. Achou que tinha sido culpa sua o desmaio de Sophie e passou a se controlar mais. Talvez Sophie tivesse motivos desconhecidos para agir como agia e, se Anne quisesse tê-la como sua amiga, sua melhor amiga, sua irmã inseparável, teria que aprender a aceitá-la como ela era. E Anne quis, porque ela amava a sua nova pequena amiga mais do que tudo o que conhecera até então.

Capítulo 7

Na cozinha, Anne e Sophie haviam desistido de entender o enigma criado pela Dra. Nancy. E Sophie achou melhor tentar esquecer um pouco toda aquela confusão de visões, hipnose e aparições. A lista de eventos estranhos na vida da mulher mais estranha ainda estava aumentando e Sophie precisava de uma distração. Afinal, fora um conselho médico! Foi para o quarto, pegou o celular e ligou para Jesse. Combinaram de sair e almoçar juntos, para surpresa de Anne, que entrava no quarto para perguntar o que ela gostaria de comer.

— Almoço, com o Jesse? — Anne deixou o queixo caído dramaticamente por alguns segundos. — Tem certeza que você está bem? — questionou sem saber se gostava ou não da ideia. Jesse era um cara legal, mas se Sophie não o amava, que sentido havia estar com ele? Uma relação sem sentimento é como algodão doce. Dissolve tão rápido que mal dá pra sentir o gosto. E disso Anne entendia bem. Os últimos romances de Anne tinham sido, para dizer pouco, uma água morna e sem açúcar.

— É só um almoço! — defendeu-se Sophie, com um olhar malicioso. — E a Dra. Nancy me disse para sair, me divertir e me distrair, não foi? Então... — encolheu os ombros maliciosamente.

— Xiii coitado, já estou vendo como isso vai terminar — profetizou Anne balançando a cabeça em desaprovação.

— Não tenha tanta certeza... — continuou Sophie, com ar misterioso. — Ontem, antes de eu dar uma de louca e cair de cara na grama, Jesse e eu havíamos combinado de sairmos juntos depois da festa — Anne arregalou os olhos e o queixo caiu, novamente. — Mas, não foi bem assim que a noite terminou, então — ergueu as sobrancelhas — achei que devia isso a ele.

— Ah, como você é boazinha... — falou Anne sarcasticamente quase saindo do quarto.

— Ok, ok! Confesso! — Anne deu dois passos para trás desconfiada. — É que acho que sinto falta dele — falou tão depressa que as palavras se acavallaram umas sobre as outras.

— Desde quando? — e antes que Sophie se justificasse novamente, Anne emendou, caminhando para dentro do quarto novamente. — Eu só espero que você saiba o que está fazendo. Não quero ter que inventar desculpas depois, vendo o pobre homem me perguntando de você o-tempo-todo! — grifou as últimas palavras.

— Calma, está tudo bem! Somos ainda bons amigos... — Anne deu de ombros e saiu sorrindo do quarto, mandando um beijo à distância para a amiga.

O repentino interesse por Jesse não espantava somente a Anne. A própria Sophie não entendia. Talvez tivesse algo a ver com a sua libertação do passado que a deixara mais leve, ousada e mais segura. Mas quem se importa em entender as razões das suas atitudes? Queria esquecer um pouco os últimos acontecimentos e que mal havia em um pouco de diversão? Sorriu com ares de travessura.

Tomou uma ducha rápida, vestiu um de seus vestidos favoritos, deixou os cabelos escuros e levemente cacheados nas pontas pesar-lhe sobre os ombros, passou o seu Dior Addict e olhou o relógio. Eram três e meia da tarde e Jesse estava tocando a campainha. *Sincronismo. Bom presságio!* pensou Sophie, descendo rapidamente, deixando o aroma delicado e ligeiramente amadeirado pelas escadas; despediu-se de Anne com um grito do andar de baixo, seguido por outro abafado de dentro do quarto.

Ao abrir a porta, sentiu o coração agitar-se quando viu Jesse com os cabelos ainda molhados, emoldurando o rosto levemente bronzeado ainda do verão que passara na Espanha. Beijou-lhe o canto da boca e sentiu o Burberry London rastejar pelas suas narinas sorrateiramente e explodindo em sua mente, reascendendo infinitas lembranças.

— Bom, para onde vamos? — perguntou Sophie, tentando quebrar a excitação que normalmente lhe tirava a espontaneidade. — Estou faminta!

— A esta hora, acho que não vale a pena irmos a um restaurante, por isso — Jesse encarou misteriosamente os olhos de Sophie antes de continuar, causando-lhe uma leve tremor —, eu pensei em levar o restaurante até nós — concluiu com um largo e brilhante sorriso.

— Como assim? — franziu a testa sentindo o braço de Jesse envolvendo-a pela cintura e guiando-a até o carro. Estremeceu, novamente.

— Não seja boba. Será que já se esqueceu de quem é o grande *chef* italiano dessa cidade?

— Não....! Você vai mesmo me fazer *aquela* massa? — indagou com os olhos verdadeiramente famintos.

— Ãhã! — respondeu com um balançar de cabeça orgulhoso, abrindo-lhe a porta do carro gentilmente, como sempre.

— Ah... — suspirou Sophie esticando-se preguiçosamente no banco do passageiro — era tudo o que eu precisava hoje! E com um bom vinho, espero.

— Sempre! — e tão logo se sentou ao seu lado, estendeu a mão sobre a mão de Sophie, que não a recusou. Inclinou-se sobre ela e lhe deu um beijo suave no rosto. — Você está linda... — Sophie sentiu aquele friozinho na barriga como se estivesse em queda livre. *Controle-se!* Resmungou uma das suas vozes, mas não com muita convicção.

— Bom, você quer saber como foi com o doutor Barkley ou não? — perguntou Sophie na tentativa desviar os próprios pensamentos.

— Sou todo ouvidos... — respondeu ele enquanto dirigia o carro e sorrindo para ela. *Ele tem que ser tão provocante?*

Sophie começou a contar-lhe os fatos, sem pressa. Falou sobre a empatia que sentiu por Nancy, as visões e ao beco sem saída em que ela e Anne haviam chegado.

Jesse morava não muito distante da casa de Sophie e, com o trânsito menos intenso de domingo, chegaram rápido à sua casa. Quando entraram, Sophie se deparou com uma mesa cuidadosamente arrumada para um almoço a dois, com um belo arranjo de flores ao centro. Havia se esquecido do quanto Jesse é meticuloso e persuasivo.

A casa dele, embora seguisse um estilo moderno, era extremamente aconchegante, ainda mais em fim de tarde de outono. Os últimos raios de sol entravam pela janela da sala, por trás de uma cortina caramelo, deixando o ambiente com uma luz natural incrivelmente quente.

Sophie tirou o casaco mostrando os ombros nus. Usava um vestido tomara que caia de crepe em tom marfim franzido nos seios e solto até os pés; um colar longo de duas voltas em tons de marrom e um sapato de salto médio. Estava deslumbrante, até mesmo para Jesse, acostumado à sua beleza. Embora a roupa não ressaltasse suas curvas, ele conhecia bem o corpo que estava por baixo daquele tecido macio e semitransparente. Por um instante, desejou apertá-la contra o seu peito e beijá-la com toda a sua paixão, mas ao invés disso, ofereceu-lhe uma bebida.

Sophie, que se preparava para se sentar no seu lugar de sempre no sofá de couro marrom escuro, pôs-se de pé novamente para ir buscar a bebida, mas Jesse não permitiu, fazendo um gesto com a mão para que ela voltasse a se sentar. Foi até a cozinha respirando fundo, ganhando tempo e tentando controlar o desejo de tê-la em seus braços imediatamente.

Observava-a de longe enquanto servia o vinho, apoiando as taças na imensa bancada de aço escovado que ficava no meio da cozinha, praticamente dividindo os dois ambientes. Sophie servia-se de alguns salgados sobre a pequena mesa ao seu lado. Jesse havia mesmo pensado a tudo. Sabia que Sophie escolheria aquele mesmo lugar para se acomodar e deixou ali, a um esticar de dedos, os seus aperitivos preferidos.

O modo como Sophie levava a comida à boca, o mastigar delicado e ao mesmo tempo faminto e saboroso quando lambia, delicadamente, as pontas dos dedos, excitavam Jesse ao ponto de sentir-se desconfortável dentro das roupas. Como podia uma mulher causar-lhe tamanho desejo? Durante o tempo em que estiveram separados, Jesse

tentou novos relacionamentos, mas nada se comparava ao que sentia quando estava com Sophie. Seu sorriso, seu toque, sua pele, seu cheiro e sua voz. Tudo lhe excitava imensamente. Mas nunca soube, ao certo, o que Sophie sentia por ele. Quando o relacionamento começava a ficar mais profundo, ela se afastava. Até que um dia, ela mesma terminou a relação. A culpa era da sua total incapacidade de se entregar, justificava-se, mas agora, Sophie parecia diferente. Parecia mais madura e relaxada. Jesse não desperdiçaria esta chance por nada.

— Seu vinho, *Mademoiselle*... — sorriu delicadamente oferecendo-lhe a taça de vinho tinto, que Sophie levou à boca quase imediatamente, saboreando-o lentamente.

— Hmm... delicioso... — suspirou, com os olhos fechados enquanto passava a língua pelos lábios sem desperdiçar nem uma gota, deixando Jesse cada vez mais desconfortável.

— Bom... me parece que você e Anne já encontraram o fio da meada das suas visões, mas, parece que a Dra. Nancy não é da mesma opinião, não é? — perguntou Jesse, sentando-se ao lado de Sophie. Perto o suficiente para sentir o seu calor. — E você vai mesmo continuar as sessões com ela? — ele precisava manter uma conversa ativa, caso contrário...

— Sim. Desta vez, vou até o fim — afirmou, virando mais um bom gole de vinho. — Seja o que venha a acontecer, eu quero entender tudo e me ver livre disso para sempre — e bebeu novamente, sentindo uma leve ardência na garganta e um calor que começava a percorrer o seu corpo.

— Você sabe que pode não ficar livre completamente das visões, não sabe? Pode ser que leve anos até que tudo realmente termine.

— No meu caso, pode acontecer de tudo. Nem eu e nem você sabemos o que vai acontecer durante essa terapia. Não sabemos nem mesmo o que está se passando pela cabeça da Dra. Nancy! — deu de ombros, puxando os cabelos para trás em um leve coque sentindo a nuca arder.

— Isso é verdade... — Jesse se distraiu observando o pescoço de Sophie, suas orelhas e as mechas que lhe caíam teimosamente no rosto. — Você está diferente. Mais relaxada. Estou certo? — perguntou tentando dar um tom curioso às palavras.

— Sim, está. — sorriu, sem querer ser provocante, mas o sendo naturalmente. — Eu me sinto mesmo diferente. Pronta para tudo — e encarou Jesse por um instante, espantada com as próprias palavras.

Podia sentir a respiração e o ritmo cardíaco dele aumentarem. Sabia que estava para ser beijada. Soltou os cabelos sobre os ombros e sorriu, no mesmo instante que se levantou do sofá seguindo em direção à janela, mas Jesse levantou-se atrás dela, alcançou-a e segurou-a pelo braço.

— Sophie, não fuja de mim — sussurrou. Estavam tão próximos que ela podia sentir o hálito quente e limpo de Jesse. — Por favor, não fuja mais de mim — e puxou o corpo esguio de Sophie contra o seu, sentindo o volume dos seus seios.

Passou a mão sob os seus cabelos enquanto percorria os olhos por todo o seu rosto. Sophie tinha a boca mais atraente e sedutora que Jesse jamais conhecera. A sua respiração era quente e arritmada. Jesse sentiu o pescoço delicado de Sophie em sua mão forte e puxou-a contra os seus lábios.

Sophie retribuiu-lhe com um beijo caloroso e apaixonado. Abraçou-o e acariciou seus cabelos suaves, já quase secos. As mãos de Jesse desceram delicadamente, apertando-a pela cintura fazendo-a sentir todo o seu desejo e Sophie, mais uma vez, retribuiu erguendo delicadamente o joelho, tocando-lhe entre as pernas. Soltou um leve gemido quando Jesse lhe beijou o pescoço e tocou-o suavemente com a língua, para depois beijá-la novamente.

Jesse... não pensava Sophie, mas engoliu as palavras e, finalmente, suplicou.

— Eu quero você, Jesse, quero você agora — ele a encarou profundamente, salivando, devorando-a com os olhos, enquanto erguia a longo vestido com as mãos, tocou-lhe entre as coxas, acariciando-lhe sobre a calcinha macia e já úmida.

Afastando-a delicadamente para o lado até sentir o seu calor verdadeiro. Sophie subiu ainda mais na ponta dos pés, já altos pelo salto, abraçou-o forte e gemeu mais uma vez, mais alto e mais alto enquanto sentia os dedos de Jesse massageando-lhe por dentro e por fora, até que não pôde mais se conter. — Oh, Jesse...— sua respiração perdera o ritmo — ... eu quero você. Muito.

Sophie afastou-se e puxou-o pela mão em direção ao quarto, mas ele puxou-a de volta, abaixou o vestido que lhe cobria os seios e beijou-os com fúria empurrando-a até o sofá. Sophie terminou de se despir, largando a roupa pelo chão. O seu corpo nu, adornado somente pelo longo colar sobre o peito, iluminado pela luz âmbar da sala, era como uma pintura.

Sophie caminhou até o sofá, sentou-se e separou as pernas levemente com as mãos enquanto Jesse tirava a camisa e desabotoava as calças observando-a largada entre as almofadas, esperando para ser dele. Jesse jamais vira Sophie daquele modo e debruçou sobre o seu corpo suado, beijando-lhe, enquanto se posicionava para penetrá-la. Antes de fazê-lo, sussurrou em seu ouvido.

— Eu amo você — e sentiu cada centímetro que se dilatava permitindo que ela fosse toda sua.

Sophie corria as mãos pelas costas largas de Jesse puxando-o contra si, beijando-o e tocando seus lábios com a língua. Sentia que ele estava prestes a explodir e apertou-o com força, enquanto movia os quadris vigorosamente, massageando loucamente suas partes mais delicadas contra o corpo de Jesse. Mas ele queria senti-la mais, muito mais.

Saiu de dentro do corpo quente de Sophie para beijar-lhe os seios, a barriga e desceu até a virilha, percorrendo com a língua por todo seu púbis até chegar à sua parte mais sensível. Lambeu-a ritmadamente sentindo as pernas de Sophie tremerem e viu suas mãos que acariciavam os próprios seios. Jesse sentia o gosto doce do seu prazer e virou o corpo de Sophie de bruços no sofá. Acomodou-a e beijou suas costas, enquanto tocava-lhe entre as suas pernas novamente, sussurrando declarações que mal se fazia ouvir.

Sophie sentia os espasmos dentro do seu corpo e apertava com força as almofadas. Jesse afastou-lhe ligeiramente as pernas, ergueu-lhe os quadris e, mais uma vez, penetrou-a, dessa vez com mais força, sentindo-a totalmente pronta. Ambos estavam prontos e se entregaram à força do prazer.

Ficaram imóveis por um tempo até que Jesse a virou novamente e deitou sobre o seu corpo nu, sentindo o bater dos próprios corações. Ele ergueu o seu tronco, olhou-a nos olhos esperando vê-la com os olhos fechados como sempre fizera, mas ao invés disso viu um par de olhos brilhantes cujas pupilas estavam dilatadas, fitando-o também. Não disse uma palavra. Ficou apenas observando aquele rosto lindo e selvagem, a boca vermelha e sedenta. Deu-lhe mais um beijo e voltou a olhá-la.

— O que foi? — perguntou Sophie.

— Você é tão linda... — quis dizer mais uma vez o quanto a amava, mas não sabia se isso a afastaria novamente. Preferiu guardar para si e apenas sorriu.

— Bobo... — zombou ela, beijando-lhe a ponta do nariz e forçando-o a se levantar, mas ambos estavam entregues a uma preguiça dormente. — Você está querendo me enrolar com esse almoço, não é? Pois eu estou faminta! — brincou e conseguiu se levantar.

Pegou suas roupas no chão e seguia nua ao banheiro. Jesse observou-a de costas e pensou no quão perfeito era o seu corpo. Suspirou e levantou-se, vestindo as roupas ali mesmo na sala. Seguiu até o lavabo, lavou as mãos e o rosto e foi até a cozinha preparar o quase jantar. Já eram seis da tarde e Jesse estava faminto, também.

Sophie olhou-se no espelho. Estava totalmente descabelada e cheirava a sexo. Sorriu para si mesma com ar travesso. *Ah, Sophie, o que você está pretendendo com isso?* Baixou os olhos, confusa. Não sabia responder nem mesmo a si mesma. Até as suas irritante vozes internas estavam mudas, agora.

Finalmente tirou o colar, ligou o chuveiro e entrou sob a água quente e forte da ducha, deixando-a cair sobre seus cabelos enquanto pensava no que havia acabado de acontecer. Nunca tinha sido assim tão forte com Jesse, e nem com nenhum outro.

Ergueu uma sobrancelha. Na verdade, tinha tido apenas mais duas experiências além de Jesse. Pegou o sabão e começou a passa-lo pelo corpo, começando pelo pescoço, braços e, quando chegou aos seios, fechou os olhos. Massageava-os com uma mão enquanto a outra descia pela virilha tocando-se levemente com a ponta dos dedos. Estava se sentindo tão radiante que mesmo depois dos momentos incríveis que acabara de viver, ainda se sentia sensivelmente excitada.

De repente, uma dor de cabeça muito forte, como se uma bomba estivesse explodindo dentro della, a fez soltar o sabonete e apertar a cabeça com as mãos. Tentou gritar, mas não conseguia e teve certeza de que iria desmaiar. Soltou o corpo lentamente até quase se sentar, quando perdeu os sentidos e caiu, praticamente escorregando o corpo que estava apoiado na parede.

— Sophie! O almoço está pronto! — gritou Jesse da cozinha. Mas fez-se um estranho silêncio e ele foi ao banheiro, sem nem imaginar a cena que veria.

Sophie estava no chão, com o corpo dobrado sobre si mesmo. O sangue escorria de alguma parte do seu corpo até o ralo, tingindo o piso branco do chuveiro de vermelho.

— Sophie! — gritou Jesse, correndo.

Deslizou a porta de *blindex* para o lado e fechou as torneiras. Virou o seu corpo inerte e viu que o nariz sangrava. Puxou-a para fora e deitou-a no chão sobre o tapete do banheiro.

— Sophie, Sophie! — exclamava dando-lhe leves tapas no rosto molhado e adormecido. — Correu até a sala, pegou o celular e quando já estava ligando para a emergência, entrou no banheiro e viu que ela estava recuperando os sentidos. Largou o telefone e correu ao seu encontro.

— O que houve? — perguntou Sophie com uma voz ainda muito fraca.

— Eu não sei, quando entrei você estava caída — respondeu, agachando-se perto dela.

— Você está bem? Vou chamar uma ambulância... Não se mexa!

— Não! — exclamou. — Eu estou bem. — afirmou, levantando-se, enquanto Jesse a cobria com uma toalha.

— Acho que eu deveria levar você ao hospital — sentiu o corpo de Sophie vacilar sob seus braços. — Você se lembra de alguma coisa? — perguntou enquanto a ajudava a chegar ao quarto, deitando-a na cama.

— Eu senti uma dor muito forte na cabeça e fui perdendo as forças. Tentei sentar no chão, mas acho que cai antes e devo ter batido o nariz em algum lugar — mas Sophie não apresentava nenhum sinal de trauma no rosto ou no nariz.

— Não, foi a dor de cabeça que fez o seu nariz sangrar. Você precisa ir ao hospital e fazer exames. Pode ser algo sério! — sugeriu visivelmente preocupado, o que Sophie recusou veementemente e, depois, desmanchou-se nos braços de Jesse.

— Eu não quero deixar você agora, Jesse. Não agora... — e beijou-lhe os lábios suavemente. Jesse a abraçou e quis lhe dizer que não a deixaria ir embora nunca mais.

— Eu estarei sempre ao seu lado e você sabe disso — afirmou, alisando os cabelos molhados de Sophie, olhando-a com carinho, mas seu olhar transmitia também preocupação. Ela podia estar aparentemente mais forte e decidida, mas mostrava também fragilidades que antes não tinha. Cansava-se facilmente e perdia a consciência com mais frequência. Isso não era dela.

— Ainda estou com fome, sabia? — disse Sophie tentando se levantar da cama.

— Não se mexa! — exclamou Jesse. — Vamos comer os dois aqui, deitados na cama. E sem discussão! — e colocou o dedo sobre os lábios de Sophie antes que ela protestasse.

Enquanto Jesse foi à cozinha, Sophie começou a chorar compulsivamente. Sentia-se extremamente frágil e desarmada, como se tivesse lutado ido para uma luta e vencido a batalha sozinha. E, na verdade, era mais ou menos isso. O choro lhe queimava o rosto e Sophie teve vontade de se perder dentro do travesseiro de plumas, desaparecer de todos os seus problemas, mas eles certamente iriam atrás dela, ou melhor, eles já

estavam dentro dela. Não tinha como fugir mais. Cerrou os olhos, desejando dormir e esquecer, mas Jesse entrou no quarto carregando uma enorme bandeja de cama para dois.

— Pronto, minha princesa. Aqui está. Eu... — e só então percebeu que ela estava encolhida na cama, chorando como uma criança. — Sophie, Sophie... — suspirou, apoiando a bandeja em uma grande cômoda do quarto, seguindo para a cama. — O que eu posso fazer por você, além de te amar mais do que tudo neste mundo? — declarou-se, abraçando seu corpo encolhido, sentindo-a soluçar.

— Eu estou com medo, Jesse. Muito medo. — confessou, em lágrimas. — Eu tento, eu finjo, eu quero estar forte e determinada, mas... m-mas às vezes eu sinto apenas medo. — inalou profundamente enquanto soluçava. — E quando coisas como estas acontecem, s-sinto que não estou no controle de nada – tentou recompor-se e continuou. — Por que, Jesse? Até quando? — soltou o corpo nos braços de Jesse novamente.

— Escute — começou ele, ajudando Sophie a se sentar na cama. — Você não tem culpa de nada, não tem que ter o controle de tudo e, agora, você está de volta à terapia. Isso é um passo muito importante. — olhou-a bem dentro dos olhos e continuou. — Você está de volta, Sophie! — acariciou-lhe os cabelos, puxando-os para trás. Enxugou suas lágrimas com os nós dos dedos e olhou-a com ternura. — Nestes últimos meses, tenho acompanhado você de longe e me preocupava vê-la *não* vivendo a sua vida, não indo em busca de alguma coisa. Mas hoje, quando Anne me disse que você tinha ido àquela casa, senti um orgulho tão grande de você! Mas eu não tive a chance de te dizer — deu-lhe um beijo na testa e continuou. — Agora, pare de se cobrar tanto e comece a ver quem você realmente é. Uma guerreira, e a melhor que eu já conheci. Poderá levar um tempo, mas você vai se recuperar de tudo isso. Mas você tem que acreditar! — quando Sophie ouviu Jesse dizer aquela última palavra, sentiu o coração se contrair dentro do peito. Anne e Jesse, as pessoas que mais a amavam, estavam lhe dizendo a mesma coisa e ela não pretendia decepcioná-los mais uma vez.

— Oh, Jesse... — sussurrou enquanto o abraçava. — é tudo o que eu mais quero. Acreditar e seguir em frente, até o fim, mas não sei se consigo fazer isso sozinha — Sophie não se reconhecia naquela fragilidade, mas estava pouco se importando. Pela primeira vez em todos os seus vinte e sete anos de existência, ela se permitia tirar a armadura e ser protegida.

— Você não está sozinha... — sussurrou de volta. Apesar de querer muito apoiar-se em alguém, Sophie sabia que, por mais que todos quisessem ajudá-la, no final, o duelo seria entre ela e a sua mente, ninguém mais.

Mas, naquele momento, sentia-se segura e amparada. E, talvez, não quisesse realmente que Jesse a deixasse ir. Pelo menos, desta vez.

Capítulo 8

Sophie voltara a casa às nove da manhã do dia seguinte, uma ensolarada segunda-feira de outono, e encontrou Anne com um ligeiro mau humor, mas remoendo-se de curiosidade para saber o que havia se passado na noite anterior.

— E então...? — perguntou Anne, ajeitando-se na *chaise* sob uma macia manta xadrez, tão logo ouviu Sophie fechar a porta da frente.

— Então o que? — perguntou Sophie, jocosamente.

— Ah, não seja cruel! Você e Jesse! — insistiu, forçando um sorriso enquanto bebia um chá quente com leite.

— Bom... — começou Sophie, jogando-se no sofá — Você quer saber a boa ou a má notícia?

— Temos más notícias, então? — por algum motivo, Anne parecia mais interessada na parte dramática do que na romântica ou *melosa*, como ela dizia. Não lhe interessava saber o quanto Jesse tinha sido maravilhoso na cama ou como era passar uma noite ao seu lado. Anne conhecia este roteiro de cor e, exatamente por isso, temia já saber também como terminaria.

Sophie lhe contou sobre o desmaio, o sangramento, a dor de cabeça e o quanto Jesse havia sido carinhoso, companheiro e doce, o que a fez querer passar a noite com ele (decisão devidamente comunicada à Anne por uma mensagem de texto via celular, é claro). E quando Sophie tentou entrar no mérito do relacionamento, Anne logo interrompeu.

— Isso não é bom, minha amiga. Não é nada bom MESMO! — falou como se mastigasse algo extremamente amargo.

— Espero que você esteja falando do desmaio e não do Jesse! — Anne limitou-se a lhe dar uma olhada de reprovação, como quem acha o assunto Jesse quase insignificante perto de todo o resto.

— E o que vamos fazer sobre isso? — questionou Anne.

— O Jesse? — provocou Sophie, ainda caçoando da amiga.

— Ah, quer saber, vai pro inferno você, viu — vociferou Anne, levantando-se e arrastando os pés dentro de um par de pantufas igualmente xadrez, até a cozinha. — Eu aqui, preocupada, e você tirando sarro de mim!

— Ei, desculpa, tá? O que você tem? Tudo isso é ciúmes, é?

— Não, não é mesmo! É que às vezes eu acho que você poderia ser um pouquinho mais responsável. E não estou falando das suas aventuras amorosas, mocinha. Estou falando da sua saúde! — reprovou Anne, seriamente. — Você não percebe que precisa de ajuda? As coisas são diferentes, agora. Você não é mais uma criança e cada dia tem sido algo novo e mais forte. Eu... — a voz começou a falhar, mas Anne seguiu com firmeza — eu só me preocupo com você! Você é tudo o que eu tenho e eu tenho tido medo, sabia? Muito medo, aliás! — estava para desmanchar em lágrimas, mas engoliu-as novamente, virando-se de costas, fingindo mexer em alguma coisa idiota na cozinha. Sophie levantou-se rapidamente indo se juntar à Anne.

— Ei, desculpe, ok? — disse em um tom baixo quase envergonhado. — Eu sei o quanto você se importa comigo e eu também me importo com você, você sabe disso! Mas o que você queria que eu fizesse? Saísse correndo de lá por causa de um desmaio? Que eu fugisse no meio da noite como uma Cinderela prestes a me transformar em uma abóbora?

— Ela nunca se transformou em abóbora! — retrucou Anne como uma criança traída.

— Eu sei, bobona. — respondeu Sophie, segurando para não rir. Anne era hilária, às vezes. — Só estou tentando fazer você relaxar! — exclamou, puxando Anne contra o seu corpo em um abraço afetuoso. — Eu sei que não é abóbora e sei que tenho sido negligente com a saúde e que as nossas férias merecem um começo melhor. Por isso, pensei em irmos em um lugar, hoje — esperou que Anne lhe perguntasse onde, mas só ouviu o silêncio desinteressado enquanto a amiga se afastava. — Que tal fazermos

uma visita à senhora Elena? Você adora ir lá e eu também. Poderíamos convidá-la para almoçar em um daqueles restaurantes charmosos na cidade, o que você acha?

Anne olhou-a com desconfiança, mas se rendeu. Talvez estivesse exagerando. Talvez fosse apenas ciúmes mesmo e ficou com mais raiva ainda. Agora, de si mesma, embora Sophie estivesse, realmente, precisando de ajuda.

— Ok, ok! — concordou. — Mas não pense que vamos deixar isso assim. Você vai SIM procurar um médico, está me ouvindo?

— Eu prometo — concordou, apenas para deixar Anne feliz. — Então vamos? Temos alguns quilômetros até lá, é melhor nos apressarmos.

— Ligamos para avisar? — perguntou a sempre metódica Anne, subindo as escadas atrás de Sophie.

— Não, prefiro a surpresa — respondeu em voz alta já quase entrando no seu quarto para uma rápida troca de roupas.

— Não sei por que eu pergunto... — falou Anne para si mesma entrando também no seu quarto.

Quando duas pessoas convivem por muito tempo, alguns papéis se definem instintivamente. Anne cozinhava, Sophie lavava a louça. Anne organizava a casa, Sophie cuidava das compras de supermercado e, se tivessem um animal de estimação, certamente seria Sophie a levá-lo para passear, mas não tinham, por mera falta de tempo. *É muita crueldade colocarmos um bichinho aqui pra ficar sozinho o dia todo, não acha?* Sim, era o argumento de Anne e era difícil de combater. Em se tratando do carro, Anne era a motorista, mais por uma questão de segurança; precaução por causa dos apagões de consciência de Sophie.

Seja por hábito ou por falta de opção, Anne se sentia bem neste papel. Eram acostumadas a usar o transporte público, mas desde que haviam comprado o carro, há dois meses, aproveitavam as horas de folga – e as férias – para curtir a privacidade do automóvel, embora nem sempre fosse conveniente. Em casos de necessidade, Sophie

até dirigia no centro urbano, mas em viagens, nunca. E o H.G. Institute ficava a cerca de sessenta quilômetros de Londres, em Hatfield, por isso, Anne dirigia.

O grande centro londrino já ficara para trás e, agora, rodavam pela rodovia A1, seguindo pelo túnel Hatfield.

— Esse túnel me dá arrepios até hoje — murmurou Sophie.

— Eu sei. A mim também — concordou Anne pensando se algum dia as visões poderiam ser controladas.

Certa vez, logo que compraram o carro, Sophie foi sozinha ao Instituto mostrar a Elena a novidade e, pouco depois de entrar no túnel, sentiu um formigamento no braço seguido de um ligeiro flutuar. Quando deu por si, estava parada em uma rua estranha, sem saber nem mesmo como havia chegado até lá.

Por sorte, nada acontecera e acabou voltando para casa, assustada, deixando a visita a Elena para outro dia. Mas havia feito cerca de quinze quilômetros totalmente ausente. O que, de acordo com a teoria de Nancy, era passível de acontecer. Enquanto o cérebro se concentra em uma atividade, outra parte dele se dissipa, distrai e mergulha em pensamentos profundos, induzindo pessoas mais sensíveis como Sophie a uma auto-hipnose.

— Será que a Dra. Nancy não conhece alguma técnica para você evitar os apagões? — perguntou Anne, esperançosa. — Talvez, se vocês conseguissem entender o que desencadeia esses *brancos*, pudesse encontrar um modo de contorná-los. Você já passou vários meses sem nada, lembra?

— Claro que eu me lembro! Foram tempos perfeitos. Quase me senti normal. E fico me perguntando em que aquele período era diferente dos outros quando eu apagava praticamente todos os dias. Mas, sinceramente, eu não sei. Não consigo encontrar um fator determinante.

— Só sei que foi um dos melhores momentos para nós duas. Eu estava com o Andrew, você tinha acabado de entrar na Fashion Magazine, estávamos felizes e realizadas.

— Será que é isso, Anne? Será que a serenidade bloqueia as visões? — suspirou. — Puxa, como eu gostaria de encontrar um antídoto para isso...

— Não sei se esta é a resposta, porque tivemos muitos outros momentos bons e as visões aconteciam do mesmo jeito — ponderou Anne.

Sophie fez um levantamento rápido de suas visões mais importantes e percebeu que Anne tinha razão, infelizmente. Não havia um padrão. Fossem em bons ou maus momentos, elas sempre acompanharam a sua vida. Às vezes mais, outras menos, mas sempre estiveram lá, à espreita, como uma recordação ruim, um pesadelo recorrente.

— Em uma coisa todas elas parecem ter em comum: a perda — sugeriu Anne. — Algumas vezes, elas vêm em forma de morte, outras não, mas a essência é sempre esta. Não é?

— Nem sempre — ponderou Sophie. — Algumas são apenas momentos de angústia. Não necessariamente perda ou morte. Apenas dor, medo, tensão. Por que será que eu nunca tive uma visão positiva? Uma bela praia...

— Uma cena de amor...

— O nascimento de uma criança... ah, seria maravilhoso, ao menos uma vez, sentir-me feliz em uma visão — Sophie não sentia o menor desejo de ser mãe, mas, subitamente, teve vontade de conhecer a netinha de Paul, a pequena Sophie, e pegá-la em seus braços.

Sophie sentiu uma mão apertar seu coração. Tão apertado que lhe faltou o ar e, apesar do vento frio lá fora, baixou quase totalmente o vidro ao seu lado. Felizmente, chegavam ao Instituto e Anne já anunciara a presença das duas pelo interfone junto ao grande portão de ferro que guardava o local. Passar por aqueles portões e contornar o jardim era como voltar para casa e Sophie não via a hora de estar com Elena novamente. A última vez que a vira fora em março, cinco meses atrás, no aniversário de Elena.

Anne estacionou o carro na parte lateral da casa e, desta vez, não se espantaram com as mudanças no local, como da última vez. Os jardins estavam mais bem cuidados e a área para carros tinha sido relativamente aumentada. Décadas atrás, o Instituto era apenas um local para crianças abandonadas ou órfãs, mas nos últimos anos, muitas famílias deixavam seus filhos em colégios internos para reencontrá-los somente nas festas de fim de ano e férias. Assim, tinham mais tempo para se dedicar às suas ambições profissionais. Anne e Sophie não compactuavam com esta tendência, mas pelo menos, sabiam que as crianças seriam bem cuidadas e educadas. Disso, não havia dúvidas!

— Senhora Elena! — gritou Anne como fazia aos dez anos de idade, correndo e abrindo os braços para uma senhora idosa parada no último degrau da escada de acesso à porta de entrada.

Elena usava os mesmos cabelos puxados em um coque, totalmente brancos; seu sorriso continuava luminoso e seus olhos ainda tinham aquele azul celeste radiante. Mas estava bem mais magra, decididamente mais velha, e parecia ter encolhido alguns centímetros. As costas haviam se curvado bastante desde que Sophie a vira pela primeira vez, o que lhe rendia um ar frágil, embora ninguém devesse se iludir com isso. Elena sempre fora uma mulher forte e de personalidade.

— Minhas queridas! Que surpresa deliciosa! — saudou-as com uma voz maternal, abraçando e beijando uma e depois a outra. — Sempre tão lindas! Venham, venham! Vamos tomar um chá — entrou caminhando lentamente pelo saguão grande e imponente com sua larga escada central. — Eu liguei para você no dia do seu aniversário, não liguei, Anne?

— Sim, senhora Elena, e foi ótimo ouvir a sua voz! — não era de se estranhar que Elena, agora com pouco mais de oitenta anos, não se lembrasse do que fizera dois dias atrás. Costumava se esquecer do que falara minutos antes! — Como a senhora está?

— Estou ótima, Anne, obrigada. Muito melhor agora ao ver vocês, minhas filhas — confessava, levando a mão ao peito num gesto de quem mal contém a felicidade. Os olhos por trás das lentes velhas dos mesmos óculos de sempre marejavam, passando o

olhar de uma para outra, como se o passado tivesse retornado em um só golpe. — Meninas, meninas... e então, o que as minhas garotas tem aprontado, hein? E não adianta mentir para mim... — ameaçou Elena, servindo o chá em xícaras desenhadas a mão, *um dos trabalhos mais delicados que este instituto já vira*, orgulhava-se sempre ao dizer a todos que tomavam chá em sua companhia. *Presentes de Natal de duas crianças muito especiais, sabe. Anne e Sophie me deram quando partiram. Mas isso faz muito tempo.* Realmente, fazia onze anos desde que ambas completaram dezesseis e foram morar com Paul e sua família. *Regras são regras, o que se pode fazer?* Finalizava com um profundo suspiro diante de qualquer visitante.

— Estamos ótimas, senhora Elena — respondeu Sophie. — Melhor ainda, porque estamos de férias! Mas vamos ficar na cidade, decidimos não viajar este ano. Temos algumas coisas a fazer.

— *Coisas?* — suspeitou Elena.

— Nada demais! Sabe como é, passeios, cinema, teatro, pubs, amigos... — desconversou Anne, mas Elena conhecia bem demais aqueles olhos verdes cujas pálpebras caíam levemente quando estava escondendo alguma coisa. — Estávamos com saudades, só isso!

— Eu também! Eu também! — disse Elena eufórica, tentando equilibrar a xícara em mãos trêmulas, mas não de emoção. Elena desenvolvera um ligeiro mal de Parkinson, nada que a impedisse de cuidar de tudo e de todos, embora não mais como antes. *Mas melhor do que muitas novatas por aqui*, costumava resmungar.

Conversaram um pouco sobre algumas mudanças no instituto, como a saída da professora Aileen que, na verdade, mudara-se para a Escócia para viver com o filho e os netos. E também sobre Debby, a professora de educação física que se aposentara muitos anos atrás, mas Elena contava e recontava a história da sua trágica queda no ginásio de esportes, em St. Albans, que a deixara *marcada para o resto da vida*. Anne e Sophie ouviam a tudo com prazer, felizes por respirar o ar daquela sala, novamente. Uma mistura de lavanda, talco, produtos de limpeza e mogno. Algo difícil de encontrar em outro lugar. Senão, impossível!

— E a senhora, como está de verdade? E a saúde? — perguntou Sophie despretensiosamente. Para a sua surpresa, porém, não se seguiu o *estou ótima*, de sempre. Ao invés disso, Elena levantou-se, colocou as xícaras na mesinha redonda ao seu lado, sorriu e disse.

— Queria estar melhor, minha querida. — Sophie sentiu como se uma pedra de gelo descesse pelo seu estômago. Não podia pensar em algo acontecendo a Elena. — Sabe como é, estou ficando velha — as últimas palavras foram pronunciadas como um segredo. — E velhos têm coisas.

— *Coisas?* — perguntou Anne.

— Mas não precisam se preocupar que a velha aqui sabe se cuidar — recompôs-se, sorrindo como fazem as mulheres de boa educação, camuflando suas dores. Anne e Sophie, porém, ficaram em silêncio, o que significava que não tinham sido enganadas. Por isso, Elena reforçou. — Estou bem. E tenho pensado muito em vocês duas — disse, erguendo o dedo indicador em sinal de alerta. — Tem algumas coisas que eu gostaria de contar a vocês — o ar leve ficou suspenso e uma fina sensação de despedida pairou nas palavras de Elena. — O sentimento mais importante a ser cultivado, meninas, é o amor — começou ela, alterando improvisamente a expressão. — É algo que une as pessoas, independentemente da idade, do sexo, da cor ou religião. Ele funciona como um canal de comunicação que não precisa de toda essa tecnologia que vocês, hoje, estão tão acostumadas — os ombros caíram, entregues ao cansaço, e continuou. — E, esteja onde eu estiver, vou amá-las para sempre, com todo o meu coração, como jamais ameí nenhuma das minhas crianças. E foram muitas, hein. Ah, se foram! — perdeu-se em um ponto muito longe em sua mente para retornar em seguida. — Vocês duas, Anne e Sophie, me prometam que vão estar uma ao lado da outra, não importando para onde a vida as levar, vocês devem respeitar este amor — lágrimas começaram a brotar dos olhos cansados de Elena, deixando Anne e Sophie angustiadas. — Devem se preocupar uma com a outra, cuidar uma da outra, porque vocês são especiais. Muito especiais! — e lá estava o tom de advertência novamente. — Cada uma, a seu modo. Mas juntas, são indestrutíveis, vocês entendem? — elas não sabiam se estendiam exatamente o que Elena lhes estava dizendo, mas concordaram.

— Boas meninas... — murmurou, recostando-se novamente na cadeira suspirando num cansaço visível, como se tivesse preparado o discurso há meses, podendo, agora, relaxar.

— Senhora Elena, o que está acontecendo? — perguntou Sophie, poupando Anne do esforço de fingir não chorar.

— Nada e tudo, minha querida — suspirou novamente. — Sabe, quando ficamos velhos, as memórias nos assombram como esqueletos nos armários. E é inútil tentar não encará-los, porque o que os velhos mais fazem é remexer nos armários. Ah, e como! — falava, repreendendo a si mesma. — Abrir e fechar portas, fuçar em coisas velhas e levantar a poeira do passado. É o que os velhos mais fazem. E eu só queria que soubessem que, muitas vezes, fazemos coisas por amor, mas que podem machucar. — baixou os olhos como se não pudesse encarar nem a si mesma. — Pode parecer errado aos olhos do outro, mas é só o amor, gritando e sufocando, expondo os nossos medos — Sophie lembrou-se da discussão com Anne pela manhã e, de repente, parecia que Elena realmente estivera sempre por perto. Anne enxugava as lágrimas, discretamente.

— Senhora Elena...

— Está tudo bem, minha querida — falou à Sophie sem deixar que ela lhe perguntasse mais nada. — Vocês querem almoçar conosco, hoje? — mudou de assunto num sorriso esperançoso, desfazendo a pressão no ar.

— Seria ótimo, senhora Elena. Seria realmente ótimo — concordou Anne, sorrindo de volta.

— Então vou até a cozinha avisar as meninas. Vocês passem por aí, como sempre gostaram de fazer. Vemo-nos no refeitório em meia hora, está bem? — disse, já se levantando e caminhando com dificuldade.

Anne e Sophie concordaram e se levantaram com ela. Saíram da sala sentindo-se dez anos mais velhas e dez anos mais confusas. E foram até o jardim dos fundos onde costumavam brincar tanto tempo atrás.

Caminharam em silêncio sofrendo algo que até então não conheciam. O medo de ficarem realmente sozinhas. Mesmo órfãs, sempre tiveram Elena e Paul, duas figuras que lhes foram mãe e pai. Mas, agora, lhes parecia que Elena estava preparando-as para perder uma dessas figuras e isso não estava certo. A morte de nenhum dos dois estava em suas agendas e Sophie caiu numa melancolia profunda, sentada no balanço de madeira onde, agora, mal se acomodava.

Ouvia o alvoroço das crianças dentro da casa e sabia que estavam correndo escada acima para lavar as mãos antes do almoço. Sabia que algumas combinavam travessuras, outras confidenciavam paixões precoces e outras choravam a falta de pais que nunca haviam conhecido ou, atualmente, que as haviam deixado ali para viver suas vidas. Daria tudo para voltar a ser criança novamente, conhecer Anne e Elena, fugir às regras, ouvir os sermões da diretora e ser punida vez ou outra sem poder brincar no pátio ou fazer um passeio no feriado prolongado.

Lembrou-se do medo e da insegurança ao fazer doze anos e ter que passar para a casa leste, como era conhecido o alojamento das crianças de *último nível* (de doze a dezesseis anos). Lembrou-se que Elena nunca as deixara sozinhas nem mesmo quando já eram de responsabilidade da outra diretora, a Sra. Pauline Butler. Uma vez por semana, Elena ia à casa leste visitá-las e passavam, às vezes, mais de uma hora conversando, ajudando-as a minimizar as angústias e os medos da adolescência.

Lembrou-se do último dia no instituto, quando Paul veio buscá-las. Duante os últimos meses antes do término escolar, Anne e Sophie passavam todos os finais de semana na casa de Paul como preparação para a nova vida, quando teriam que deixar o Instituto, e a casa de Paul, pouco a pouco, foi-se tornando como uma segunda casa de para elas, graças a esposa de Paul, Elizabeth que alterou toda a privacidade de Christeen colocando um beliche no seu quarto para acomodar as duas novas moradoras. Christeen nunca se queixou da perda de espaço, ao contrário, dizia sempre que havia ganhado duas irmãs.

Mas, agora, nem Paul, nem Elizabeth e nem Christeen pareciam tão importantes quanto Elena e o seu discurso de despedida. Sophie não tinha dúvidas. Elena estava morrendo

e, com ela, morreria também a sua infância e o direito de se sentir inocente. O vislumbre de Elena morta fazia Sophie soluçar internamente enquanto Anne chorava baixinho sentada no balanço ao lado.

O vazio que se instalara fora preenchido por uma voz doce e forte que gritava ao longe *Venham meninas, venham almoçar!* E Sophie não soube precisar se ouvia a voz neste ou em outro mundo, porque estava prestes a mergulhar em mais uma de suas visões.

Agarrou o quanto pôde as correntes que sustentavam a pequena tábua de madeira na qual estava sentada, até sentir os dedos congelar. Perdeu também a sensibilidade nos braços e, quando aquela sensação polar chegou ao seu cérebro, tinha certeza de que iria desmaiar. O jardim à sua frente se dissolvia em uma massa de tinta diluída. Fechou os olhos e tentou conter a visão, mas não conseguiu. Ouvia a voz de Anne ao fundo, tão distante quanto a de Elena que ainda as chamavam para o almoço. *Sophi, você está bem? Sooophiiiiiiiiiiiiiiii* e a voz foi sumindo, como se fosse sugada por um túnel longo e escuro, deixando-a totalmente só.

Por mais que se pense conhecer a escuridão, nada se compara a ausência total da luz. É como parar de respirar, de ouvir e de sentir. É a falta total de referências, do longe, do perto ou da própria existência. E Sophie estava ali. Parada no meio daquele nada, sem saber se tocaria em algo ao esticar suas mãos; sem saber se, ao dar um passo, cairia em um precipício ao dar a cara em alguma parede.

O medo paralisara todo o seu corpo e não havia, literalmente, luz no fim do túnel. Não estava morta nem viva, era apenas o limbo. Tentou chamar alguém, mas a voz não saía. Esperava que acontecesse alguma coisa, mas nada acontecia. Era como estar suspensa e se lembrou da mulher no hospital. A morte, a escura e insensível morte que, mais cedo ou mais tarde, clama por todos nós, estaria mesmo presente em todas as suas visões? Pensou em Anne e quanto mais pensava em Anne e em Elena, mais se sentia distante delas, num mundo muito, muito longe de tudo; inodoro e onde até mesmo a temperatura era ausente.

O medo foi-se transformando em raiva por ser prisioneira daquela cela psicológica, e aventurou-se. Esticou um dos braços para frente num tatear cego na escuridão, e nada.

Até onde seu braço podia ir, não havia nada. Nem mesmo uma mísera corrente de ar. Esticou o outro e novamente o vazio. Hesitantemente, arrastou um dos pés alguns centímetros à frente. Havia o mesmo piso liso e sem graça, por isso, repetiu com a outra perna. Pensou em quanto tempo ainda ficaria ali, arriscando minúsculos passos até chegar... aonde, afinal?

Fechou os olhos em sua mente e, incrivelmente, nada mudou. Abri-los ou não, era a mesma escuridão. Deu-se conta, então, do quanto poderia ser penosa a vida dos que não enxergavam. Sentiu uma profunda compaixão por estas pessoas, acompanhada por uma falta de ar claustrofóbica. Sentia-se ao mesmo tempo solta e presa, calma e apavorada, viva e morta. Novamente a morte. Por que? Por que a maldita morte rondava tanto a sua mente? Pela primeira vez, Sophie não via nada, não sentia nada, não ouvia nada. E não era bom.

Aos poucos, flashes suaves e distantes começaram a piscar diante dos seus olhos. Esforçou-se para torná-los mais fortes, mas Sophie não tinha absolutamente nenhum controle sobre elas, luzes que, agora, dançavam suavemente em ondas que iam de um lado ao outro do seu campo de visão. Duas luzes, diferentes entre si, mas que bailavam juntas, como cúmplices. *Seres que se amam infinitamente*, suspeitou, ao mesmo tempo em que era inundada por um desejo incontrolável de juntar-se a elas. *Que se amam infinitamente?* Elena! Amor verdadeiro, profundo e eterno.

Tentou tocá-las, mas sua mão transpassava-as fazendo-as se desfazer em fumaça para, novamente, se juntar e retomar a sua dança sincronizada. Sophie não tentou tocá-las novamente, apenas as observou desejando que se aproximassem mais, à medida que se transformavam em vultos e depois em rostos desfocados que flutuavam ora perto, ora longe e, quando se aproximavam, Sophie esforçava-se para focalizá-los, inutilmente.

Improvisamente, os rostos deram lugar a flashes muito fortes, como fotografias que piscavam, alternadamente, como um clip acelerado. Até que uma delas fixou-se por alguns segundos, a última antes de a claridade daquele dia ensolarado invadir a sua mente. Era a foto de uma garotinha no colo de um homem sorridente e feliz. Um

homem que ela conhecia bem. Aquele homem... era o seu pai. Com uma pequena Sophie em seus braços.

Ela mal teve tempo de assimilar a visão quando ouviu a voz sussurrando em seu ouvido, puxando-a como um par de mãos firmes sobre ela.

— Sophie, Sophie, pelo amor de Deus, não faça isso comigo, não agora — murmurava Elena, abraçada à cabeça de Sophie ainda sentada no balanço.

— Ela voltou, senhora Elena, Sophie voltou! — exclamou Anne, percebendo ligeiros movimentos dos dedos já sem cor de Sophie, ainda agarrados fortemente à corrente do balanço.

— Graças a Deus, minha menina. Graças a Deus! — disse Elena, afrouxando ligeiramente os braços em torno a Sophie enquanto ela voltava, aos poucos, à postura normal, sentindo uma dor insuportável em seus braços. — Você está bem, minha querida? Deus do céu, você está bem?

— Sim, estou... — sussurrou Sophie ainda se recuperando da invasão da claridade em seus olhos.

— Sophi, não podemos continuar com isso. Você não pode mais viver assim! — desabafou Anne, em prantos, sem pensar na fragilidade de Elena ao seu lado, sem pensar que deveriam poupá-la de suas preocupações, mas Anne também não aguentava mais ver a amiga passar por tudo aquilo. Ainda mais ali. Era como voltar às primeiras visões, aos primeiros eventos que mudariam suas vidas para sempre. E mal sabiam elas, naquela época, que, vinte anos depois, estariam ali, novamente, entre os braços de Elena que perguntava o que havia acontecido. E como das outras vezes, Sophie disse mecanicamente: *Acho que estava sonhando*.

— Não! Você não estava sonhando! Pare com isso! — vociferou Elena de sobressalto, para surpresa de ambas. — Não, minha querida, você não estava sonhando — repetiu, mais calmamente, olhando Sophie profundamente nos olhos. — Um dia você vai

entender — e antes que Sophie ou Anne lhe perguntassem alguma coisa, continuou em tom firme e cansado. — Acho que vocês deveriam ir para casa, agora. E você, mocinha — apontou o indicador para Sophie —, deve descansar. Se quiserem comer antes de ir, eu ficaria muito contente, mas não vou acompanhar vocês no almoço. Eu também preciso descansar... — deu um beijo em Sophie e abraçou Anne dando-lhe um demorado beijo também na bochecha. Olhou para ambas com um triste e cansado olhar e disse — Desculpem-me... me desculpem por tudo — virou-se, caminhando lentamente, em direção a casa. Anne e Sophie se entreolharam e ficaram sentadas por alguns minutos antes de ir embora, sem almoçar.

Sophie não sentia mais nenhum efeito físico da visão, além da dor nos dedos. Apenas a imagem congelada daquela foto à sua frente lhe aterrorizava. Enquanto caminhavam até o carro, pensava em o que o seu pai teria a ver com aquilo tudo. Estaria ele no limbo, até hoje, após vinte anos da sua morte? Seria ele o culpado de suas visões? Afinal, elas começaram depois que Mark Wellgrave havia morrido. Sophie sentiu uma náusea repentina e vomitou pouco antes de chegar ao carro.

Não era um mal estar estomacal, era pura aversão ao pai e à mera lembrança da sua fisionomia e da sua arrogante existência. Sophie se recusava sequer a supor que ele estivesse por trás das visões, de todo aquele sofrimento ou — pior ainda — daquele sentimento de amor puro e verdadeiro que imaginou ter visto nas duas luzes flutuantes. Aquele homem nunca, jamais experimentara o amor na vida. Nunca soubera amá-la ou, se um dia o fez, não soube demonstrá-lo.

Vê-la, ainda tão pequena nos braços dele com aquele sorriso rasgado no rosto, era repugnante, uma afronta aos anos de tortura que passara ao seu lado. Ele, simplesmente, não merecia ter espaço em suas visões ou lembranças ou qualquer coisa que elas fossem. E quanto mais pensava nele, mais vomitava ao lado de Anne desesperada vendo-a se desfazer em bÍlis.

— Sophie, eu te imploro, vamos ao médico... agora!

— N-ã-o! — recusou num som engasgado entre saliva e choro. — Estou..... b-e-m.

Meia hora depois, estavam em uma pequena lanchonete. Anne aguardava Sophie que já voltava do banheiro, recomposta, com os cabelos presos em um longo rabo de cavalo quase negro, deixando à evidência seus olhos escuros apoiados sobre pequenas bolsas inchadas.

— Você pode conversar agora? — perguntou Anne, acompanhando-a até uma pequena mesa no canto do restaurante.

— Posso...

Sentaram-se e pediram uma omelete com queijo para cada uma. Espantosamente, Sophie sentia fome e Anne, embora tivesse o estômago embrulhado, achou que comer algo quente e salgado lhe faria bem. Ouviu atentamente a nova visão de Sophie e, em princípio, ficou aliviada por não ter tido mortes nem ameaças ou seres fantasmagóricos, mas ficou igualmente intrigada com a aparição do pai. Sentiu uma profunda compaixão por Sophie ao vê-la se esforçar tanto para não gritar de raiva ao lhe contar passo a passo as suas sensações como a aversão, a raiva, o desprezo e ao mesmo tempo o desejo de sentir aquela felicidade na qual as luzes eram imersas.

Até mesmo para Anne, tão acostumada às visões estranhas de Sophie, era difícil entender como seria *sentir o amor e a felicidade entre duas luzes flutuantes*, mas esforçou-se imensamente e, no final, só conseguia pensar em duas coisas. Na saúde de Sophie e na saúde de Elena. Suas preocupações foram interrompidas por uma avalanche de perguntas.

— Por que Elena *afirmou* que não era um sonho? Por que ela disse que um dia eu vou entender? Por que aquele discurso todo sobre o amor? Por que ela ficou se desculpando? Por que a merda daquele filho da puta estava naquela foto? — esbravejava Sophie batendo com violência os punhos fechados contra a mesa.

— Calma... — disse Anne, segurando as mãos de Sophie entre as suas. — São muitas perguntas, minha amiga. E acho que não vamos ter as respostas para todas elas de uma hora para a outra.

— De uma hora para a outra? Caramba, Anne! — vociferou, encolhendo suas mãos. — Estamos esperando respostas desde que eu tinha sete anos! Isso não parece muito, pra você? — a voz ligeiramente alterada de Sophie calou-se com a chegada de uma garçonete muito jovem e magra que equilibrava dois pratos de omelete, um cesto de pão e uma garrafa de água. A despeito dos cabelos claros, ela se parecia com a própria Sophie quando tinha a mesma idade que ela, carregando pratos sujos de um lado para o outro nos restaurantes da cidade. E Sophie sentiu-se extremamente velha. Olhou para Anne, que a fitava com seus olhos verdes preocupados, e sorriu sentindo-se culpada. *Pobre Anne, o que estou fazendo com você?*

— Quer saber? — mudou totalmente a postura e o tom de voz, para um tipo de zombaria — Vamos comer que é melhor. As respostas virão... — e abocanhou um pedaço da omelete, erguendo as sobrancelhas para Anne como quem diz *E não é que isso aqui tá muito bom!* Anne sorriu de volta com a boca cheia de ovos e queijo, agradecida.

Conhecia Sophie há tempo suficiente para saber que era hora de suspender o assunto e, intimamente, concordava. Sentia-se tão ou mais cansada do que ela e, por alguns minutos, tentaram ser apenas duas amigas saboreando um delicioso almoço num pequeno restaurante em algum lugar perdido fora de Londres, num dia de férias. Como se fosse possível pausar o caos lá fora – e dentro de suas mentes – como se faz nos vídeo games! Mas era possível. Tudo era possível. Bastavam fingir, por um tempo, que eram pessoas normais, com passados e presentes entediantes como todos; seguir um roteiro sem improvisações, que tudo daria certo, mesmo que por um breve tempo.

A cada respiro do cotidiano, lá vinham as mesmas perguntas assombrar a mente de ambas. Em cada silêncio entre uma nota e outra na música do rádio ou em cada suspiro entre um comentário e outro, ambas sentiam os pensamentos fervilhar. Era inútil tentar fingir que nada acontecera, que Elena não havia dito que Sophie não sonhara ou que um dia ela entenderia, pois ela havia dito ambas as coisas e tais afirmações contradiziam praticamente toda a postura de Elena até então. Infelizmente, a diretora não estava mais em condições de ser espremida contra uma parede até que

contasse tudo o que sabia. E, para piorar as coisas, o discurso de Elena parecia-lhes uma despedida e pensar em perdê-la criava um conflito ainda maior.

Tentaram combinar um passeio para a tarde, uma caminhada no parque, fazer compras, cinema, qualquer coisa, mas, no fundo, sabiam que nada seria capaz de devolvê-las a tranquilidade e, ao chegar em casa, Sophie decidiu que precisava se distrair.

— Quer saber, vou ligar para o Jesse. Quem sabe fazemos algo interessante quando ele sair do trabalho? — pensou em voz alta, já pegando o telefone. Anne apenas subiu as escadas para tomar um banho longo o bastante para tirar todo o peso que sentia sobre os ombros.

Jesse e Sophie encontraram-se no início da noite e foram para a casa de Jesse assistir a um filme. Anne não quis acompanhá-los, preferia ficar em casa. Na verdade, sentia-se deprimida, mas não diria a Sophie nem a ninguém. Anne não se sentira tão sozinha há muito tempo, desde que ela e Andrew pararam de se ver, há mais de um ano. Andrew era uma das poucas pessoas com quem pôde ser ela mesma, frágil, desprotegida e cansada. Ele a entendia como ninguém. Via o seu brilho interior, a sua força e determinação, mas via também o quanto toda uma vida de cuidados com a amiga a minara.

Anne desistiu do relacionamento quando Andrew, um analista de TI, recebeu uma proposta de trabalho na Austrália. Seriam apenas seis meses fora, mas ela se recusou a ir com ele. Não deixaria o seu trabalho e muito menos Sophie para trás. *Até quando você vai ser a babá da Sophie?* Perguntou Andrew, certa vez, e Anne lhe respondeu *Pelo tempo que for preciso*, abrindo a porta de casa fazendo-o sair para nunca mais vê-lo. Mas ela sentia a falta dele e, provavelmente, a conversa com Elena havia despertado sentimentos profundos dentro dela. Amor, cuidado, cumplicidade, opostos que se completam. *Indestrutíveis*, fora uma das últimas palavras do monólogo de Elena e era exatamente assim que Anne se sentia ao lado de Sophie. Longe dela, sobravam apenas dúvida e medo. E Sophie, sem Anne... *tinha Jesse*, pensava. E isso, de alguma maneira, a preocupava. Não sabia o porquê, mas a deixava desconfortável.

Na casa de Jesse, Sophie se aconchegava em seus braços, deitada de lado sobre as pernas dele no sofá, depois de lhe contar tudo o que havia acontecido durante o dia. Fechou os olhos e ficou sentindo os longos dedos de Jesse em seus cabelos como grossos dentes de um pente que passava por entre as mechas em sua cabeça e, quando chegavam à nuca, abriam-se como uma grande concha, envolvendo todo o pescoço para subir novamente, numa massagem relaxante.

— Hmm... isso é bom — ronronou Sophie.

— Posso fazer muito mais com estes dedos, se você quiser — provocou Jesse tocando suas coxas acima dos joelhos dobrados em uma ligeira posição fetal.

— Quem sabe depois do filme? — lançou a dúvida, embora, em seu íntimo, aquela massagem já fosse suficiente.

Sentia uma deliciosa preguiça, ali deitada, sem precisar pensar em nada, apenas apreciando a interpretação sempre impecável de John Malkovich, em *Ligações Perigosas*. Jesse detestava filmes dramáticos, mas assistia assim mesmo somente para lhe fazer companhia. O gênero, geralmente, não agradava nem mesmo a Sophie, mas vez ou outra aproveitava os dramas alheios para esquecer os seus.

— Não gosto muito de “talvez”. Que tal um sim ou não? — arriscou Jesse, novamente.

— Psiu... você está me atrapalhando. Estou vendo o filme — esquivou-se Sophie, recebendo um apertão proposital na perna, com o polegar tocando de leve entre suas coxas.

Sophie virou o rosto para cima e encarou Jesse. As luzes a meio tom dos abajures laterais e as sombras tremulantes que vinham da televisão lhe davam um ar irresistivelmente sedutor. Seus olhos, de um dourado profundo, admirando-a, enquanto sua boca se entreabria lentamente em um meio sorriso e suas mãos subiam em suas coxas, fizeram-na esquecer da preguiça e deixou-se possuir largadamente, como uma daquelas mulheres do filme que tentava assistir e, aos poucos, gemidos e sussurros em ambos os lados se misturavam numa sinfonia de desejos, e em pouco tempo, a melodia do lado de cá ganhou força e intensidade.

Capítulo 9

Três dias se passaram e Anne ainda não se habituara à nova situação entre Sophie e Jesse que, agora, já se viam praticamente todos os dias. Sophie ainda estava estranhamente envolvida na relação ao ponto de não fingir estar atrasada para algum compromisso ou colocar o celular no silencioso para não ter que pensar em uma desculpa para não atendê-lo. *É falta do que fazer nas férias*, dizia Anne.

— Bom dia, bela adormecida — provocou, quando Sophie levantou da cama quase às onze da manhã, em uma quinta feira, e descia as escadas cambaleando. — A noite foi longa, ontem, hein!

— Aahhhh.... bom dia... — gemeu Sophie espreguiçando. — Diria que foi menos longa do que eu gostaria, mas muito mais quente do que eu esperava — provocou, enquanto verificava se ainda sobrara uma xícara de chá.

— Você não tem jeito... só espero que ninguém se machuque com essa história.

— Ninguém, o Jesse, você quer dizer.

— Claro! É sempre você quem termina seus namoros, não eles!

— É, mas eu já te falei que desta vez é diferente.

— Percebe-se! — ironizou, arrependendo-se meio segundo depois. Anne era ciumenta, todos sabiam inclusive ela própria, mas nunca ao ponto de não desejar que Sophie encontrasse alguém especial. — Olha, estou muito feliz por você, de verdade — disse Anne com um sorriso forçado no rosto. — Mas não posso negar que é muito estranho ver você desse jeito tão ligada a ele — e fingiu voltar a ler a última edição da *Elle Decor*.

— Anne, sinto uma paz que há muito tempo eu não sentia — justificava-se Sophie indo ao sofá com uma xícara nas mãos. — Parece que a vida se abriu para mim, novamente. Não tente estragar este momento com as suas preocupações exageradas, por favor — sentou-se na outra ponta do sofá, encostando os pés aos pés de Anne. — Há dias não tenho visões, nem mal estar, dores de cabeça, nada. Ah... Sinto-me tão

absurdamente... normal! Você não faz ideia do alívio que isso é! — exclamou Sophie dando um gole no chá.

Na verdade, Anne sabia sim, e temia que Sophie estivesse usando Jesse para isso, para sentir toda esta paz e achasse que já estava bem, desistindo da terapia que mal iniciara com a Dra. Nancy.

— Você sabe que não estou querendo estragar nada, só espero que nada disso seja uma fuga, para você — justificou-se, desviando os olhos da revista, encarando Sophie.

A conversa foi interrompida com o toque estridente do telefone que fez Sophie levantar-se quase derramando o chá. Era Paul, agitado.

— O que? ...Não estou entendendo, Paul... Por favor, fale mais devagar! Onde você está? — a voz de Paul saía entrecortada do outro lado. — No Brasil? ... Como?... Alô! Alô! Paul? — a ligação terminara e Sophie sentiu a deliciosa paz se desfazendo como uma miragem enquanto olhava para o telefone mudo em sua mão.

— O que aconteceu? — perguntou Anne, nervosamente, ao seu lado.

— Eu não sei, não consegui entender direito. Ele disse que estava no *Brasil* e... — respirou fundo. Estava para dizer algo que ela jamais pensou em ouvir um dia — parece que ele encontrou algo sobre a minha família... Não sei, não consegui entender direito... — concluiu, com uma profunda marca de expressão entre as sobrancelhas e Anne viu o mundo de Sophie desabar novamente. *Oh, não, lá vamos nós outra vez!*

— Brasil? Mas... será que ele encontrou mesmo algum parente seu por lá? Oh, meu Deus. Sophi...!

— Sim, eu sei — interrompeu Sophie, passando a mão sobre os lábios pensando em silêncio para depois balançar a cabeça com indignação. — Isso está errado! Não funciona assim! — exclamou, andando em círculos pela sala. — De repente, imaginar que eu tenha algum parente em algum lugar. Não dá! Nunca imaginei ter laços familiares com ninguém — Sophie deu uma pausa para avaliar realmente o que estava sentindo, e assumiu. — Acho que não quero que isso mude, na verdade — olhou para

Anne com um gigante SOS estampado. — Aliás, eu nunca quis! Que droga! — soltou os braços com força ao lado do corpo.

— Calma! – exclamou Anne. — Você não sabe se era isso mesmo o que ele quis dizer, certo? — Sophie concordou com os olhos. — Não vamos passar o carro à frente dos bois — outros longos momentos de vazio e Anne teve uma ideia. — Por que não vamos a casa dele ver se Elisabeth ou Christeen sabem de alguma coisa? Assim, fazemos uma visita à pequena Sophie, o que você acha?

Anne, santa Anne! Perfeito!

— Acho uma ótima ideia — concordou e imediatamente subiu correndo os degraus para se trocar, com Anne vindo logo atrás dela.

Paul morava ao norte da cidade, enquanto Anne e Sophie, no sudeste. Levaria uma vida para chegarem lá de carro num dia chuvoso como aquele, mas não estavam em condições de duas trocas de metrô até lá. Foram mesmo de carro, evitando as ruas mais movimentadas, e Anne era excelente em fazer caminhos de ratos pela cidade. Poderia ser taxista, como diria Sophie.

O caminho só não foi mais silencioso porque o rádio estava ligado e *deejays* abobalhados conversavam no estúdio com uma das celebridades da música atual, totalmente ignorados por aquelas duas mentes no interior do carro. Cada uma mergulhada em seu próprio pensamento.

Anne gostaria que Paul tivesse mesmo encontrado alguém, um sopro de calor humano nas péssimas lembranças da infância que Sophie sempre tivera. Embora soubesse que Sophie não aceitaria com facilidade. Olhou de canto de olho pra a amiga, que estava comendo os próprios lábios, e mudou de ideia. *Pobres parentes!*

Já Sophie não sabia se estava preparada para conhecer alguém ligado ao seu passado. E se ela tivesse uma irmã, de verdade, ou um avô, uma avó, tia, tios? Não saberia como viver essa nova realidade. Em vários momentos, torceu para que não fosse verdade. Se realmente existisse alguém, ela, obrigatoriamente, teria que enfrentar a sua história passada e já o fizera indo ao local do acidente. *Aquilo foi o bastante!*

Elisabeth atendeu a porta surpresa com a visita, mas não se incomodou nem um pouco. Anne e Sophie sempre foram como filhas, para ela. Elisabeth era a esposa perfeita para Paul. Extremamente humana e compreensiva, passara noites e noites acordada ao lado dele, ouvindo-o desabafar tristezas e esperanças relacionadas a crianças de todas as cores, raças e idades. Mas nunca fora tão forte como com Sophie e Anne. Um sentimento que se espalhou pela família e se tornou ainda mais forte nos quatro anos em que elas dividiram o mesmo quarto com a filha.

— Anne! Sophie! Que maravilha! Entrem, entrem! — exclamou animadamente, beijando uma e depois a outra.

Elisabeth era uma simpática e alegre professora primária há mais de trinta anos. Alta, magra e com um rosto fino e repleto de sardas. Usava um divertido vestido de flores miúdas até os joelhos com um cinto fino e branco sobre a cintura. Os cabelos muito loiros caíam lisos pela lateral do rosto ligeiramente rosado pelo sol que, certamente, a havia pega desprevenida em um de seus passeios matinais pelo parque. Elisabeth e sua pele sensível só saíam de casa armadas de um chapéu e muito protetor solar!

Anne e Sophie haviam combinado entre si de não entrar diretamente no assunto Paul; seria muito deselegante da parte delas, uma vez que não tinham nem mesmo dado um telefonema para saber como estava a mais nova integrante da família! Começaram um diálogo óbvio, enquanto esperavam a Chirsteen terminar o banho na recém-nascida.

— Não aguentamos de curiosidade. Estou doida para ver a pequena Sophie! — disse Anne realmente empolgada.

— Ah, Anne, ela é uma menina tão doce! Faz-me lembrar de Christeen quando pequena. Ela nunca me deu trabalho. Estamos tão felizes! Paul não vê a hora de voltar para casa e ficar um pouco ao lado da neta — Sophie aproveitou a deixa, quase certa que levaria um cutucão escondido de Anne.

— Ele me falou alguma coisa que iria viajar, mas para onde ele foi?

— Para o Brasil, minha cara. Bra-sil! — exclamou Elisabeth, como se fosse o último lugar no mundo onde Paul pudesse encontrar respostas.

— Por que tão longe? — indagou Anne feliz por não ter dado aquele cutucão em Sophie. Estava tudo indo muito bem.

— Ainda estamos esperando notícias mais concretas, mas começou com uma prisão lá. Um amigo policial contou a Paul que a polícia brasileira descobriu um grande esquema de falsificação de documentos. Parece que o líder é estrangeiro, mas não sei de qual nacionalidade, e a sua especialidade era falsificação de documentos britânicos — Anne e Sophie ouviam atentamente esperando mais respostas. — Paul acredita que pode encontrar pistas para alguns casos ainda sem solução no Departamento — Elisabeth olhou diretamente para Sophie e continuou. — Casos como o seu, minha querida — Elisabeth às vezes usava aquele tom de voz meigo quase sempre acompanhado por um esticar de pescoço para frente e para trás, como fazem as professoras, parecendo perus bêbados. — Paul jamais deixou que arquivassem o seu caso...

Sim, Sophie sabia e, mais do que nunca, desejava que ele não tivesse saído da cidade. Já havia pedido mil vezes que ele desistisse dessa história, mas Paul nunca desistia.

— Fico muito grata a Paul por tudo o que ele fez por mim desde que me encontrou no hospital. Mas ele precisa parar, desistir e você deveria falar com ele! — suplicou, sentindo-se quase envergonhada por causar-lhes tanto transtorno.

— Minha querida, você acha que nunca falei? — indagou Elisabeth, sentindo-se ligeiramente contrangida. — Claro que eu também gostaria de poder ajudar você a encontrar a sua família, mas, agora, você já é uma mulher, tem seu caminho já traçado e sentimos muito orgulho de vocês duas! — falou com olhos sorridentes e verdadeiros. — Paul e eu conversamos muito no dia em que viajou e ele disse que esta seria a última vez — e dirigiu um olhar de piedade à Sophie.

As palavras de Elisabeth acertaram como punhos de aço no peito de Sophie. Ela queria que ele parasse, mas tinha medo que isso o afastasse dela, como se Paul e ela fossem ligados apenas pela sua obsessão. Ela sabia que as buscas de Paul não haviam

rendido muitos frutos em vinte anos. Descobriram apenas que os documentos de Sophie eram falsos, assim como os de seu pai. Mark Wellgrave existira somente naquele pedaço de papel encontrado no apartamento e Sophie Wellgrave, sentada na sala de estar daquela pequena casa em um subúrbio de Londres, na verdade, tinha outro nome. Um nome que se evaporou junto com toda a sua história pregressa no momento em que fora encontrada, vinte anos atrás. Sophie baixou os olhos e sorriu, amargamente. Parecia ontem que Paul fora ao orfanato lhe contar sobre os documentos falsos.

Paul havia esperado que o fim de ano passasse para não estragar o clima de festa que Sophie estava vivendo no primeiro Natal de sua vida. Mas, tão logo entrou janeiro, Paul conversou com ela sobre um assunto que, à época, pareceu muito estranho à menina de sete anos.

Era outro dia de muito frio e Sophie já se sentia como um coelho encurralado na toca há vários dias sem poder sair do prédio principal. Parecia até um castigo por causa da ida ao estábulo. Passava várias lições olhando o grande jardim do pátio interno, pela janela da sala de aula. Ele estava todo coberto de neve, com alguns galhos marrons que, corajosamente, lutavam para não ser soterrados por aquela massa branca e brilhante. Do lado oposto à sua janela, quase irreconhecível atrás da neblina, a sala de Elena. Sophie ainda acreditava que a diretora lhe escondia alguma coisa sobre o quadro, mas não descobrira o que e muito menos o porquê.

A monotonia foi quebrada quando, no intervalo entre a aula de inglês e de ciências, chamaram-na para ir à sala de Elena. Ao se aproximar, ouviu, apenas as últimas palavras da diretora. *“Por favor, não diga nada!”* E ficou mais intrigada ainda. Porém, quando Sophie viu que ela falava com Paul no corredor, abriu um sorriso brilhante e correu para abraçá-lo. Parecia que não o via há meses, o que não era verdade. Paul tinha ido visitá-la com Christeen na véspera de Natal, há apenas algumas semanas. Christeen era uma tímida garotinha de sardas no rosto, cujos olhos castanhos claros nada tinham a ver com os profundos e escuros do pai.

— Olá, Sophie, como foram as festas? — perguntou Paul retribuindo o abraço caloroso da menina.

— Muito bem e o senhor, senhor Paul? — perguntou educadamente com os olhinhos brilhantes.

— Muito bem também, obrigado, *senhora* Sophie — zombou, fazendo-a corar. — E então, a sua amiga gostou do presente que você fez para ela? — perguntou casualmente enquanto a levava pelas mãos até a sala de Elena. Depois de trocarem algumas palavras, Paul teve que ir ao ponto. — Sophie, eu preciso te perguntar uma coisa — e ela entendeu logo que se tratava de algo importante, pois ele havia mudado o tom de voz e abaixado a cabeça. Paul só fazia aquilo quando ia dizer algo que não lhe agradava. — Você ainda não se lembra do nome do seu pai? — ela estranhou a pergunta e ficou calada, forçando Paul a se explicar melhor. — Querida, achamos que você ou o seu pai podem ter outros nomes — afirmou.

— Outros nomes? — perguntou Sophie com inocência nos olhos. A conversa estava se tornando complicada para Paul, e Sophie percebeu Elena olhando com reprovação para ele.

— É que... não estamos encontrando nada sobre ele ou sobre você. Talvez ele usasse vários nomes, o que você acha? — Sophie não achava nada e não respondeu, apenas pendeu a cabeça para um lado em confusão e Paul teve que continuar. — No hospital, você me disse que não tinha certeza que se chamava Sophie, você se lembra disso? — Sophie assentiu com a cabeça. — E você ainda não tem certeza? — Sophie baixou os olhos, não sabia o que responder, pois nem pensara mais sobre o assunto e, de repente, lembrou-se da voz que ouvira chamando-a por outro nome, mas realmente não se lembrava de qual era e respondeu timidamente.

— Eu não me lembro, senhor Paul — embora frustrado, ele procurou confortá-la.

— Tudo bem, minha querida. Não é importante. Você gosta deste nome, não gosta? — Sophie abriu um largo sorriso concordando com a cabeça. — Então está bem! — sorriu Paul, mas Sophie ainda tinha aquele olhar confuso.

— Eu não quero mudar de nome, senhor Paul — e imediatamente lhe veio à mente o quanto isso divertiria Anne que lhe daria mil nomes diferentes.

— E nem precisa, minha querida. Eu só queria ter certeza que você não se lembrava do nome do seu pai ou do nome que você ouviu no hospital. Não se preocupe, está bem?

— Paul arrependia-se cada vez mais de tê-la feito passar por isso, e emendou. — Eu só quero encontrar a sua família, meu anjo. Só isso... — murmurou ele.

— Posso ir agora, senhor Paul? — perguntou, incomodada. Pela primeira vez, Sophie não queria ficar em companhia de Paul e Elena, um sentimento que ela não conseguiu entender.

— Pode sim, Sophie. Obrigado — concordou abaixando-se para lhe dar um abraço carinhoso e sentiu o peso do olhar de Sophie sobre ele.

Pouco antes de ela sair da sala, Sophie voltou-se para ele e disse:

— Senhor Paul, não precisa procurar mais nada não. Eu sou feliz aqui! — exclamou quase suplicantemente. — Feliz com a senhora Elena, as professoras e os meus amigos. E eu já encontrei até uma irmã, a Anne! E tem também o senhor... — olhou para os próprios pés dentro dos sapatos de verniz preto e acrescentou — Eu não preciso saber o meu outro nome, também — encolheu os ombros erguendo o olhar brilhante e esperançoso. — Pra mim, tá bom assim — deu um sorriso sincero e maduro.

Paul e Elena não tiveram coragem de lhe dizer nada. Apenas sorriram de volta e só se entreolharam quando Sophie acenou para eles e saiu da sala com passinhos rápidos. Mas a pequena Sophie, porém, não saiu, de verdade. Ao desaparecer de suas vistas, escondeu-se do lado de fora da sala e pôde ouvir alguns trechos do diálogo entre Paul e Elena.

— Paul, temos que ter muito cuidado. Esta menina é muito especial. Não sabemos, exatamente, com o que estamos lidando. As suas habilidades e a sua maturidade são impressionantes — advertia Elena. — Se ela pôde encontrar aquele quadro, ela

certamente será capaz de se lembrar do seu próprio passado. Mas eu não sei, de verdade, se ela nos esconde alguma coisa, se tem medo do que sabe, ou...

— Eu acredito nela, Elena — cortou Paul, bruscamente. — Se Sophie soubesse de alguma coisa, nos diria. Eu tenho certeza disso.

— Pobre menina. Quantas lembranças, imagens e coisas que ela não entende povoam a sua mente. Ela precisa de ajuda, Paul. Nós temos que ajudá-la. O seu dom pode se tornar uma maldição para ela...

Sophie ouviu pés de cadeira se arrastando no chão dentro da sala e imaginou que estavam prestes a sair; correu. As lágrimas escorriam pelo rosto pálido do inverno. Ela realmente não se lembrava de nada! Por que Elena insistia que ela fosse especial? E, afinal de contas, o que quer dizer as palavras “dom” e “maldição”?

Anos depois, quando entendeu os significados, já sabia exatamente do que falavam. Mas o quadro, continuaria um mistério.

— Você está bem? — indagou Elisabeth, trazendo Sophie de volta ao presente.

— Hã, claro, tudo bem, tudo bem — respondeu, tentando parecer normal, vestindo a máscara de um sorriso em seu rosto.

O clima tornou-se bem mais leve no instante em que Christeen apareceu com um pequeno embrulho nos braços. Christeen sempre fora dotada de uma beleza delicada de traços finos como os da mãe. Mas, agora, apresentava um brilho ainda mais intenso; a luz de um amor que somente as mães têm. Com orgulho e muito cuidado, acomodou a filha no sofá, entre Anne e Sophie.

Christeen passara a gravidez praticamente sozinha, desde que o relacionamento entre ela e o namorado Hugh havia terminado, para felicidade dos pais dela. Hugh era um rapaz problemático que se envolvera com más companhias e que o arrastaram para o uso das drogas. Soube-se, algumas semanas antes da pequena Sophie nascer, que os

pais dele o convenceram a se internar em uma clínica de recuperação, mas Christeen não estava muito confiante, embora as notícias que chegavam fossem animadoras. Enquanto isso, Christeen se apoiava na maravilha da sua nova condição de mãe.

— Ela é linda, Christeen... linda! — sussurrou Anne tentando conter a emoção.

— Ela é mesmo maravilhosa, não é? — concordou Christeen encarando a filha como se fosse o tesouro mais precioso do Universo.

Sophie não disse uma só palavra, enquanto segurava o dedo de uma mãozinha que fugira para fora do cobertor. Seus pensamentos não eram para ser revelados, na verdade. *Ela tão pequena e frágil! Como alguém pode sequer pensar em fazer mal a uma criança!* Sentiu um amor tão intenso como nunca havia experimentado antes. Imaginou que aquele era o sentimento mais puro que poderia existir. Mesmo que ela não fosse a sua filha, sabia que poderia amá-la para sempre. Olhou para Christeen e pensou no que *ela* sentia, então?

— Como é, Christeen? — indagou, curiosa. — Como é olhar para essa criatura tão maravilhosa, tão perfeita e saber que é sua filha. *Sua* filha! — e sentiu uma vontade imensa de abraçar aquela coisinha cor de rosa, de cabelos claros e ralos, cuja boca parecia duas almofadinhas.

— É indescritível, Sophie. É um amor que não cabe dentro do peito — suspirou, encarando docemente aquela pequena extensão de si mesma. — Acho que é por isso que as mães choram tanto. O que sentimos por essas coisinhas é tão intenso, tão grandioso que o coração humano não suporta — teve vontade de dizer ainda o quanto, agora, reconhecia o valor da sua própria mãe, o quanto a amava e a respeitava ainda mais, mas empurrou as palavras para dentro. Nem Anne nem Sophie jamais saberiam o que era sentir gratidão por uma mãe. Talvez um dia, quando elas também estiverem olhando e admirando seus próprios filhos poderão ser recompensadas por tudo o que nunca tiveram. — E ela tem o seu nome! — continuou Elisabeth com voz doce.

— Sim, eu sei. Paul me disse — sorriu quase se esquecendo do motivo pelo qual tinha ido vê-las. — É mesmo um nome lindo — zombou Sophie sem modéstia. Ela, que nem

mesmo se chamava Sophie de verdade! E todos sabiam disso, o que tornava a escolha ainda mais especial para ela.

— Gostaria muito que ela tivesse um pouco de vocês duas, das duas *tias* — enfatizou Christeen —, então, decidi colocar o nome de uma de vocês e da outra, bem... — voltou-se para Anne — eu gostaria que fosse a madrinha de batismo da minha Sophie, Anne. Que tal? — o convite foi imediatamente aceito e acompanhado de gritinhos de euforia que quase fizeram a pequena Sophie acordar.

Anne e Sophie se revezaram com o bebê nos braços por alguns minutos, até que ela ameaçou acordar e Christeen decidiu levá-la de volta para o quarto. A conversa girou em torno ainda da pequena princesa, mas antes de sair, Anne indagou uma última vez sobre Paul e quando voltaria, o que Elisabeth suspeitava que fosse em um ou dois dias. Nada disseram sobre o telefonema de Paul, despediram-se e voltaram para casa.

— Viu? Eu falei para irmos com calma — disse Anne de olho no trânsito à sua frente. — Não era nada do que pensávamos. Paul achou uma pista de *alguém* que *pode* estar *envolvido* na falsificação dos seus documentos. Isso, para mim, ainda não é nada! — enfatizou.

Sophie estava ainda entorpecida pela presença da sua pequena homônima, mas Anne a fez voltar à realidade e, com ela, a ansiedade que começava a se mover dentro do peito. Primeiro, Nancy, depois Elena e agora Paul. Fatos que poderiam decidir a sua vida estavam prestes a se colidir e pensou em voz alta.

— Não vejo a hora de a Dra. Nancy chegar... — balbuciou pensando se realmente queria falar com Paul quando ele chegasse. Tinha um mau pressentimento. Estreitou os olhos jogando a cabeça contra o encosto do banco.

— Sabe que eu também? Tenho uma sensação de que tudo vai tomar outro rumo na sua vida quando essa terapia começar — e fez-se um silêncio mortal dentro do carro. — Ai, que suspense! Olha, ser sua amiga é sempre uma emoção sem fim, sabia? — zombou, percebendo que Sophie estava com aquela cara novamente, de quem está

pensando demais em coisas ruins. — Mas, que graça teria a minha vida se não fosse por você, me diz? — perguntou Anne confortando o coração agitado da amiga.

— E eu achando que ser normal seria a melhor coisa do mundo! Agora, tenho minhas dúvidas. Quando eu deixar de ser a doida da casa, quem vai agitar a sua vida, então? O *Albert*? — zombou de volta.

— Meu Deus, o Albert? Hugh! — desdenhou, enojada. — Você foi longe, hein!

— Pois eu acho que vocês tinham tudo a ver! — insistiu na provocação quase conseguindo sorrir de verdade. — “A certinha e o chato” — recitou como se visse o título de uma peça teatral à sua frente. — Aliás, eu sempre quis saber de uma coisa. Vai, me diz... você tinha que marcar na agenda o dia de fazer sexo, também? — e, finalmente, caiu na gargalhada.

— Há-há-há, muito engraçadinha você! — Anne fingiu se irritar, mas, no fundo, tinha sido mais ou menos assim o relacionamento dos dois e segurou para não rir também.

Albert era um professor de inglês de 32 anos com cara de 50, manias de 60, disposição para sexo de 70 e que ficava muito mais agradável quando tomava algumas (muitas) cervejas. Não foi por acaso que Anne o conheceu em uma festa! O problema é que Albert era interessante *somente* nas festas e bares. Fora destes ambientes, era realmente um chato. O namoro não durou mais que três meses, numa tentativa desesperada de esquecer Andrew. E Anne se deu conta que estava sozinha há seis meses, já. Torceu o nariz. *Tempo demais*, pensou.

O caminho para casa tornou-se mais divertido à medida que foram relembrando as aventuras amorosas e quando chegaram a casa, mortas de fome, uma luzinha vermelha piscava no telefone sem fio apoiado à sua base. *Mensagem?* Cruzaram um olhar duvidoso. Anne adiantou-se e apertou o botão, curiosa. Uma voz rouca metálica surgiu eriçando os pelos dos braços de Sophie.

“Oi, Sophie, como vai? Sou Nancy! Estarei de volta em dois dias. Podemos nos encontrar na casa de John? Mmm... eu ligo para você assim que eu chegar para

marcamos a hora. Está bem? Um abraço! Ah! Mande um abraço para Anne também... até mais!” e o *beep* final da mensagem soou cortando Sophie em duas: uma eufórica e a outra apavorada.

Quem diabos ainda deixava mensagens importantes como essa em uma secretaria eletrônica ou invés de ligar no celular? Mas que diabos! Pensou Sophie, estalando as unhas, nervosamente, desejando saber mais detalhes. Nancy encontrou as respostas que procurava? Estava certa em relação à misteriosa teoria? Fariam a hipnose, realmente? Mas não ligaria de volta. Se tivesse algo mais a ser dito, ela teria dito na mensagem. Deveria ligar para o doutor Barkley? Não. Conhecia-o suficiente para saber que ele não lhe adiantaria nada. O jeito era esperar, e começou a sentir a fome passar.

Pegou o telefone para ligar para Jesse. Olhou-o em suas mãos por alguns segundos e colocou-o dentro da bolsa novamente. No modo silencioso. Não era um bom sinal. Não tinha vontade de falar com ele, agora. Nem com ele e nem com ninguém. Queria ficar sozinha. Ou será que, como profetizado por Anne, estava voltando a ser a desprezível Sophie de antes? Ou estava tentando somente fugir?

Largou os braços pesadamente ao lado do corpo, suspirando profundamente, deixando-se apenas levar pela vontade de não fazer absolutamente nada. Nem mesmo pensar. Sentiu-se extremamente cansada. Olhou os degraus da escada diante dela e teve preguiça até mesmo de começar a subi-los. *Preciso dormir mais, este cansaço está começando a me irritar.* Pensou, enquanto enfrentava a subida à sua frente e ouvia a voz de Anne ao fundo, emendando palavra após palavra em frases que Sophie mal entendia.

— Bom, mas essa é a minha opinião.... e.... ei, você ouviu alguma coisa do que eu disse? — Anne assumia aquela postura de general com as mãos na cintura, mas Sophie não lhe deu confiança e começou a subir as escadas. — Sophie! Você não vem comer alguma coisa?

— Acho que não. Obrigada — respondeu mecanicamente. — Vou dormir um pouco.

Sophie não queria conversar, nem com Anne, nem com ninguém. Anne continuou olhando-a até sumir de sua vista pensando que algo não estava certo. E, como se agora pudesse ouvir até pensamentos, Sophie disse do alto da escada

— Tá tudo bem, não se preocupe — Anne continuou achando estranho, mas deu de ombros.

A cama lhe parecia a milhas de distância e, tão logo relaxou o corpo, sentiu a mesma dor forte na cabeça que lhe havia tirado os sentidos, na casa de Jesse. Conseguiu apenas fechar os olhos e torcer para que passasse rapidamente. Os sons de seu quarto, até então despercebidos, foram se intensificando, como se amplificadores gigantes tivessem sido instalados dentro daquelas quatro paredes, tornando insuportáveis a dor e os zumbidos em seu ouvido.

Levou as mãos às têmporas, pressionou-as, mas não adiantava. A dor se espalhava por toda a cabeça e Sophie arrastou-se até a cama caindo pesadamente sobre ela e apagou. Sem que ninguém percebesse, sem que ninguém lhe viesse ao encontro, Sophie caiu nos braços de algo real, mas anônimo, como uma armadilha prestes a aprisionar a sua vítima. Era a sua prisioneira, sem ao menos saber que o era.

Capítulo 10

Sophie dormiu pesadamente por horas e, quando acordou, sentia o braço esquerdo formigar. Lembrou-se somente que tivera uma forte dor de cabeça, mas que fora “salva” pelo cansaço. O sono lhe havia amenizado a dor. Um sono sem sonhos, como a maioria de suas noites. *Eu não sonho de noite, porque sonho acordada*, dizia ela ainda criança. O quarto estava escuro, a dor havia passado, mas sentia-se igualmente fraca. Com muito esforço, conseguiu levantar da cama e se arrastar até o banheiro. Tomou um banho e sentiu-se mais revigorada.

Desceu vestida de uma calça de moletom e uma camiseta de mangas compridas. Anne não estava em casa. “Fui à casa de Adrian e Steven. Ligue quando você acordar. Beijos!”, dizia a anotação pregada na geladeira com aqueles ímãs engraçados que Anne adorava comprar em cada nova cidade que visitava. Toda a genialidade de sua decoração ia por água abaixo com essas coisas pregadas, pensava Sophie, mas Anne não se importava. *Isso não tem nada a ver com decoração é só um toque de vida*, justificava-se sempre.

Sophie não invejava Anne por estar em companhia de Adrian. Talvez, por Steven, sim, mas Adrian. *Deus me livre*. Preparou uma sopa instantânea, ligou sem interesse a televisão de plasma pregada à parede leste da casa e acomodou-se no sofá. Pensou em Jesse. Queria falar com ele, mas não tinha muita vontade de se mexer. E como o destino não poderia ser mais irônico, a campainha do telefone soou naquele exato momento e Sophie pensou várias vezes antes de se levantar para atendê-lo, mas poderia ser Anne. Não fazia ideia há quanto tempo tinha saído e nem se havia ligado outras vezes. Lembrou-se do celular no silencioso dentro da bolsa e rolou os olhos. *Ela ligou mil vezes, tenho certeza*. Olhou para o telefone com um ar pouco interessado, desejando ter poderes para fazê-lo flutuar até ela, mas este não estava na lista dos seus dons e levantou-se com muita má vontade.

Não era Anne, mas Jesse, que praticamente se convidou para visitá-la. Estava mal vestida e cansada, mas, por outro lado, tinha tanto a lhe contar! E... Jesse traria a sobremesa! *Você não vale nada mesmo...* provocaria Anne se estivesse ali.

Encontrou forças e subiu as escadas. Pegou o celular para desligar o modo silencioso e viu que eram quase oito da noite. Anne não tinha ligado nem uma vez. Franziu a sobancelha. Talvez não quisesse acordá-la. Jesse ainda levaria cerca de uma hora para chegar. *Tempo suficiente para tirar outro cochilo*, pensou, e jogou-se na cama novamente já se arrependendo de ter concordado com a vinda dele. *Mas eu acabei de acordar! Que estranho...* pensou, pouco antes de desligar-se novamente.

Entrou em um mundo escuro, silencioso e vazio. E como era bom. Pensou que morrer, talvez, não fosse ruim. Lembrou-se da mulher semimorta na cama do hospital e da angustia que ela sentia. Seria realmente o seu alter ego enviando uma mensagem a si mesma? *O que você quer me dizer? Vamos! Fale logo!* Mas não funcionava dessa maneira. Sophie teria que aprender muito ainda se quisesse controlar aquele mundo dentro da sua cabeça. As imagens, assim como as perguntas, flutuavam em sua mente entorpecida. “Anestesiada” seria a melhor definição, e começou a se sentir despertando lentamente como se milhões de formigas picassem todo o seu couro cabeludo. Detestava essa sensação que tinha com frequência, principalmente no braço, e, de repente, a voz de Amy Lee emergia de algum lugar trazendo-a de volta ao barulhento e irritante mundo real.

Wake me up! Wake me up inside...

Bring me to Life continuava a tocar abafadamente pelo quarto enquanto Sophie tateava, na escuridão infinita de sua bolsa, tentando atender a ligação.

Call my name and save me from the dark...

— Quem!!!??? — era o modo não delicado de Sophie dizer a quem quer que a estivesse interrompendo de que não era uma boa hora para ligar. Felizmente, as formigas estavam indo embora da sua cabeça.

— Sophie. Você está bem? Está em casa? — interrogava uma voz masculina preocupada. — Estou aqui fora há alguns minutos, já. Toquei várias vezes a campainha e nada.

— Ah... desculpa, Jesse — desculpava-se pela terceira vez no mesmo dia. Sentiu como se houvesse uma lacuna no tempo e tentou se recompor. — Eu... caí no sono... de novo. Estou descendo — e sentiu-se desperta como se saísse de uma ducha fria.

Desceu às pressas a escada e, de repente, sentiu uma falta imensa de Jesse. Ao abrir a porta, não notou que ele trazia um grande embrulho da *Cocomaya* nas mãos e praticamente saltou sobre ele como uma garotinha.

— Wow! — foi só o que Jesse conseguiu expressar, praticamente todo amassado entre os braços dela, tentando não derrubar os doces no chão. — Tudo isso é saudade?

— Vai sonhando! — debochou, depois de ver a caixa e surrupiando-a das mãos de Jesse, indo às pressas até a cozinha.

— Não importa. Para ganhar um abraço como este, eu trago dezenas e dezenas de doces todos os dias, se você quiser! — *Cocomaya* era a doceria preferida de Sophie e ficava bem próximo ao escritório de Jesse, a poucos metros ao norte do Hyde Park. Por várias vezes fora o ponto de encontro dos dois. Geograficamente perfeito, entre os escritórios de ambos.

— Di-vi-no!!! — tropeçava a língua dentro da boca parcialmente ocupada, na mesma hora em que lambia as pontas dos dedos. O primeiro de alguns Black Forest Cheesecake seguia estômago adentro. — Mmm... por eles, eu te dou mil abraços!

— Só abraço? — sussurrou em seus ouvidos chegando por trás, abraçando-a pela cintura e beijando-lhe o pescoço suavemente; coisa que Sophie ignorou completamente abocanhando o segundo pedaço. — Então...? Dormiu bem à tarde?

— Mais ou menos — respondeu já menos eufórica vendo os doces diminuindo à sua frente. — Eu me senti muuuito cansada, hoje — enfatizou. — Literalmente me arrastei

até a cama e dormi o dia todo. Mas, antes, tive aquela dor de cabeça de novo e... apaguei — disse, diminuindo o tom da voz. Não queria que Jesse começasse com o discurso de médico e exames de novo.

— Apagou, como? Você desmaiou de novo? — indagou ele com os olhos assustados.

— Não, eu apenas dormi — corrigiu Sophie. — Foi como se eu fosse perdendo as forças aos poucos, desligando devagar; assim que caí na cama, senti aquela pressão forte e apaguei! Dormi a tarde toda, depois disso. Estava exausta e, quando acordei, ainda me sentia fraca, como se não tivesse dormido nada — fez uma pausa para um gole de água e continuou. — Fui melhorando devagar até que você me ligou de novo — Sophie aproximou-se de Jesse provocando-o com o olhar e murmurou como se encenasse uma cena teatral. — E você me resgatou da escuridão, meu herói... — finalizou dando-lhe um beijo na boca. Jesse retribuiu, com pouco entusiasmo.

— Espera — afastou-a com delicadeza. — Você precisa ir ao médico. E logo, mocinha. — Sophie rolou os olhos para cima.

— Besteira, Jesse... — e lembrou-se do resto do dia. — Ainda tenho outras coisas para te contar — e sentou-se no banco ao lado dele. — Paul me ligou. E Nancy também! — narrou, com detalhes, os últimos acontecimentos. Coisa que Jesse ouvia com pouca atenção, mais preocupado com a saúde de Sophie. Assim que ela terminou a sua narrativa entusiasmada, Jesse segurou o seu rosto com as duas mãos, delicadamente, e sugeriu sem muita esperança.

— Já que teremos pelo menos dois dias de espera, que tal você ir ao médico amanhã, hein?

— Jesse, eu estou bem! — irritou-se. — Você não ouviu uma palavra do que eu disse, não é? — perguntou, afastando-se do balcão rapidamente.

— Ouvi sim e você não está bem não — retrucou, enquanto pegava o telefone no bolso.

— Para quem você está telefonando?

— Para o Steven.

— Não! – rosnou, tirando-lhe o telefone das mãos. — Já disse que estou bem!

O barulho das chaves na porta não interrompeu a discussão. Longe disso. Aproveitando a chegada de Anne, Jesse chamou-a para aliar-se a ele e, claro, Sophie se tornou minoria.

— Pois eu concordo com ele — disse Anne enquanto tirava o bilhete da geladeira amassando-o, antes de jogá-lo com desprezo no lixo, num claro sinal de que Sophie não havia cumprido com a sua “tarefa” de ligar para ela. Posicionou-se como general novamente e disse balançando a cabeça em provocação. — E por uma feliz coincidência, troquei algumas ideias sobre isso com Steven enquanto jantávamos juntos, agora há pouco.

— Ah, por coincidência? — disse Sophie com um sarcasmo ácido e olhos estreitos furiosos.

— Não seja criança, *Sophi*. Afinal, você está ou não a fim de entrar de cabeça neste tratamento? — desafiou Anne — Pois bem. Acho que passou da hora de você fazer alguns exames. E saiba que você já tem até hora marcada, amanhã, com um neurologista amigo dele — o que Sophie só pôde reagir com um ligeiro abrir de boca — Shhh... e nem pense em desmarcar! — Jesse ergueu as mãos defendendo-se do olhar fulminante de Sophie.

— Juro que não tenho nada a ver com isso! Mas apoio integralmente a iniciativa — concluiu saindo de perto de Sophie que fuzilava ambos com o olhar.

Sophie tentou dizer uma ou duas palavras, mas sons ininteligíveis saíram de sua boca. Rendeu-se muito desapontada.

— Está bem! Está bem! Eu vou!

— *Nós* vamos — sorriu Jesse para Anne, satisfeito.

Somente no dia seguinte, Sophie soube que um pequeno complô entre Jesse, Anne e Steven, havia sido formado às suas costas. Foi a própria Anne a lhe contar, logo que saíram para a consulta.

— Na verdade, estamos pensando nisso desde a minha festa de aniversário. Conversei um pouco com Steven, naquela noite, e no dia seguinte também — confessou Anne fazendo uma curva à esquerda cuidadosamente desviando de um ciclista desatento. — E.. hã.. eu tenho contado a ele praticamente tudo o que você tem passado, desde aquele dia — balbuciou Anne, mordendo o lábio inferior enquanto erguia as sobrancelhas.

— Como é? — vociferou Sophie — Anne! Por que?

— Porque nos preocupamos com você, oras! — lançou um olhar rápido de canto de olho e viu Sophie com o olhar congelado sobre ela — Tem sido diferente de antes, e você sabe disso. A visão do rapaz no espelho. *Acordada!* — enfatizou buscando trazer Sophie à razão. — Desmaios, sangramento no nariz, mudança de humor. Sem mencionar o amor repentino por Jesse.

— Anne! — advertiu Sophie, quase espumando.

— Deixa eu terminar! — Anne estava começando a alterar a voz e era o sinal para que Sophie deixasse de se rebelar e obedecesse. — Você sempre foi um pouco distraída, mas, ultimamente, percebo que tem tido dificuldades de concentração. Vai à cozinha sem saber o que foi fazer lá. Procura dentro da bolsa coisas que não se lembra do que era e pensa que não vejo o grau do seu cansaço? Você! Cansada! Admita, tem alguma coisa de errado!

— Um simples estresse não pode ser uma resposta para você? — arriscou pouco convicta.

— Claro que pode! Mas é que foi... foi o Steven quem me alertou sobre tudo isso. Ele disse que podem ser sinais de problemas mais sérios — Anne não queria alarmá-la,

portanto, amenizou. — Eu não acredito que você tenha nada físico, mas, para tirarmos qualquer dúvida, não vejo problema em você fazer uns exames, você vê?

— E Jesse sabia disso? Você, Steven e Jesse... — concluiu, indignada.

— E Adrian...

— Ah, claro! Perfeito! — e Sophie sentiu um estalo em sua mente. Irritou-se ainda mais só de pensar em todos falando sobre a sua vida e seus problemas *com Adrian*, o que era pior!

— Qual é, Sophi. É apenas uma consulta médica!

Embora ainda se sentisse traída, Sophie sabia que Anne tinha razão, portanto, calou-se e assim ficou, com os lábios duros e o cenho franzido, até chegar ao consultório. Jesse já as esperava na porta de entrada e percebeu, logo de cara, que Sophie estava ligeiramente chateada. Tentou beijá-la e viu apenas o seu rosto passando rapidamente à sua frente com Anne logo atrás que lhe fizera um gesto de “deixa pra lá”. Jesse escondeu o sorriso travesso apertando os lábios. Sophie, a sua Sophie, era uma criança birrenta, a mais adorável que ele jamais conhecera. Ele sabia que aquilo duraria apenas alguns minutos, o suficiente para que ela reconhecesse que amigos – verdadeiros amigos – às vezes podem agir pelas costas, principalmente em se tratando de uma pessoa com o gênio por vezes ácido como o seu.

A monótona sala de espera com paredes azuis e poltronas bege começava a enlouquecer Sophie. Já eram quase cinco e quinze e há exatos vinte minutos estava ali sentada, entre Anne e Jesse, como uma criança escoltada. Quadros sem graça enfeitavam as paredes; revistas antigas enchiam as mesas à sua frente e uma secretária idosa e corpulenta, saída dos filmes dos anos setenta, sorria atrás de uma mesinha, com os lábios selados. Aqueles sorrisos que parecem travar as mandíbulas no final do dia, como máscaras de desenho animado.

— Vocês me pagam por isso... — sussurrou Sophie num murmuro nasalado para Jesse e Anne, que tentavam conter o riso, fazendo Anne engasgar com a própria saliva.

— Senhorita Wellgrave? — chamou uma voz masculina. — Por favor, entre.

Sophie entrou mais que rapidamente. Não porque tinha pressa para a consulta, mas somente para fugir daquela sala irritantemente azulada. Anne e Jesse vieram logo atrás pedindo gentilmente se poderiam acompanhá-la. O médico alto e loiro lhes sorriu em assentimento. A decoração discreta da sala bem iluminada não chamou tanto a atenção de Anne quanto Brandon Turril, o médico na casa dos trinta e cinco anos, de *olhos tristes e aperto forte de mão*, notou ela, comentando mais tarde com Sophie.

— Pois bem, senhorita Wellgrave...

— Sophie, por favor.

— Certo, Sophie. Em que posso ajudá-la? — perguntou em tom formal, apoiando as mãos sobre a mesa, e Anne notou uma cintura no dedo da mão esquerda, marca de aliança há pouco tirada. *Casado, claro!*

— Na verdade, doutor — *tenho visões, desmaios, sangramento pelo nariz, uso um nome falso e causei a morte do meu pai*, pensou Sophie, mas achou melhor não ser tão direta —, tenho sentido algumas fortes dores de cabeça, muito cansaço e... bem, é um pouco complicado de explicar. — Jesse segurou a sua mão incentivando-a a continuar. — É um histórico um pouco longo. — concluiu ela, exibindo um meio sorriso.

— Deixe-me ajudá-la então — disse o médico sorrindo de volta, dando sequência a uma série de perguntas de praxe e exames de rotina.

Ao final de longos minutos de luzes nos olhos e situações embaraçosas para Sophie, como colocar o dedo na ponta do nariz, Brandon, com um ar ligeiramente pensativo, parecia ter uma ideia sobre o que poderia estar acontecendo com ela, mas não do modo como Sophie queria.

— Gostaria que você fizesse alguns exames antes de concluirmos qualquer coisa, está bem? — sentou-se e começou a escrever uma pequena lista com rabiscos pouco compreensíveis.

— Está tudo bem, Dr. Turril? — indagou Sophie receosa, mas esperando algo como *Você está ótima!* em resposta e, novamente, não foi isso o que ouviu.

— Pode me chamar de Brandon, Sophie — sorriu, antes de começar uma explicação que Sophie não queria ouvir. — Veja bem. O cérebro humano não é diferente de qualquer outra máquina. Quando sobrecarregado, ele reage com um desligamento geral da chave, por assim dizer, ou, algumas vezes, ao invés de desligar, ele queima alguns fiozinhos — sorriu novamente, mas Sophie não gostou muito da ideia de um curto circuito dentro da sua cabeça e, por indução, já começou a sentir a cabeça esquentar. — No seu caso, e pelo que você me relatou, suspeito que tenhamos uma pequena surpresa — a palavra *pequena* não fez a menor diferença para Sophie e nem para Anne.

— Como assim, doutor? — indagou, e Brandon a encarou com profundos olhos verdes extremamente claros, fazendo Anne se mexer desconfortavelmente na cadeira.

— A pressão está um pouco acima do comum para a idade. Pode ser o estresse da consulta ou mil outras coisas. Mas — voltou-se pra Sophie e continuou — uma hipertensão precoce, somada aos sintomas e ao seu histórico, talvez... e repito, TALVEZ, tenhamos alguns “fiozinhos danificados” — falava como se estivesse diante de uma plateia de crianças, mas não era para menos. Sentia a expectativa nos olhares das duas jovens, enquanto Jesse limitava-se a ouvir como se estivesse longe, mas não estava. Apenas temia saber o que Brandon tentava lhes dizer.

— Você teve formigamentos em algum dos membros, recentemente? — perguntou o médico e Sophie pensou por alguns segundos antes de responder.

— Não com frequência, mas, algumas vezes, acordo com o braço ou a mão formigando, sim. Deve ser porque durmo muito sobre o lado esquerdo, não?

— Pode ser. E... algum tipo de confusão mental? Quero dizer: confusão com datas, nomes de pessoas ou coisas rotineiras que se tornaram mais difíceis? — Sophie estava para negar e lembrou-se do que Anne lhe dissera; percebeu que ela mesma não se

dava conta de suas alterações de comportamento, mas confiava plenamente no julgamento de Anne, portanto, respondeu meio às cegas.

— Talvez sim, talvez tenho andado um pouco mais distraída, com dificuldade de lembrar-me de algumas coisas, mas isso também é normal, não?

— Sophie, não se preocupe — tranquilizou-a, já sentindo a agitação se formando nos neurônios da sua paciente. — Você está bem — e sorriu mais relaxado, fazendo aparecer uma fileira de dentes brancos e alinhados, paara o deleite de Anne.

— Doutor... — começou Jesse, fazendo com que todas as atenções se voltassem para ele. — Tenho apenas uma pergunta a fazer: este problema que o senhor suspeita, pode causar alucinações? — e Sophie sentiu o sangue ferver.

— Sim, pode. Por que? Você tem tido algum tipo de alunicações, Sophie? — perguntou Brandon, seriamente.

Era um absurdo que Jesse pensasse que todas aquelas visões tivessem sido alucinações, pensou ela e respondeu sem pestanejar.

— Não — e puxou, furiosamente, a sua mão dos dedos de Jesse.

— Ótimo, então — sorriu novamente, com menos entusiasmo desta vez, consciente de que Sophie mentira. — Recomendo que você faça os exames e volte assim que possível para avaliarmos os resultados. Enquanto isso, apenas diminua o sal, faça exercícios físicos leves e, mesmo que fume pouco, elimine o vício! Acredito que com estas pequenas medidas a sua pressão voltará ao normal e, depois, cuidaremos do resto.

Sophie saiu do consultório com a lista de exames na mão e uma ira contida pelo comentário de Jesse que tentou, sem êxito, explicar que fizera a pergunta exatamente porque ela havia omitido aquele pequeno detalhe durante a consulta! Sophie não lhe deu ouvidos, entrou no carro com Anne e o deixou falando sozinho na calçada.

— Idiota! — rosnou Sophie. — Como ele ousa pensar que tudo o que eu passei durante esses anos todos foram alucinações?

— Deixa pra lá! — exclamou Anne, tentando acalmar a nuvenzinha negra que estava se formando sobre a cabeça de Sophie. — Concentre-se nos exames, apenas. Você vai ver que vai dar tudo certo e depois, com calma, você conversa com ele. Jesse não fez por mal, Sophi...

Sophie não disse mais nada. Fechou-se em um absoluto silêncio. Sabia que nunca tivera nenhuma alucinação. De jeito nenhum. Suas visões eram bem mais do que isso. Nancy sabia, John Barkley sabia, Elena sabia! E sentiu um desejo imenso de rever a diretora. Talvez fosse chegada a hora de lhe perguntar sobre o quadro. Algo que nunca tivera coragem de fazer.

Chegando a casa, não quis tocar na comida que Anne fizera e não era por causa das indicações médicas. Não sentia fome, realmente, e tão pouco quis falar com Jesse nas duas vezes que ele ligou. Abriu a gaveta da escrivaninha do seu quarto e pegou-o. Precisava revê-lo. O seu companheiro de “alucinações”. Tirou o caderno da gaveta e passou rapidamente as folhas criando uma ligeira brisa em seu rosto. Era repleto de memórias e anotações, detalhes de uma vida paralela que somente ela sabia o quanto fora dura de vivê-la; e ainda era. Como pôde Jesse ter insinuado que a sua vida tinha sido uma completa alucinação? Viu o desenho que fizera do rapaz entre as páginas e pensou desanimada *Bem, talvez essa, sim... Oh céus...*

Nas dezenas de páginas havia descrições de visões inteiras, visões parciais e de outros tantos flashes estranhos. Algumas passagens eram mais detalhadas. Outras, apenas uma ligeira menção de fatos que lhe chamaram a atenção. Havia começado a fazê-lo no início da terapia com Barkley, quando muitas delas já haviam se passado há anos, mas o que mais lhe divertira desde então, era nomeá-las.

A lista era encabeçada pelo primeiro evento, ocorrido no atelier, que Sophie batizara de *Cavalos em fúria*, seguido por outros, como *Peixe inflável*, *Castelo de cartas*, *Tesouro perdido*, *Nuvem de fogo*, *Pedras no paraíso*, *Garoto Inflamável* e tantos outros.

Passando os olhos rapidamente, deu-se conta de que muitas coisas havia se perdido em sua memória. *Será que isso é sinal de algum problema?* Mas logo rebateu. *Não, Sophie, estranho seria lembrar-se de tudo o que se passou nos últimos vinte anos! É para isso que você tem este caderno.* Sophie não poderia deixar-se influenciar por uma consulta a um médico que nunca a vira antes, que não conhecia nem uma ínfima parte de sua vida. E Nancy surgiu em sua mente. Era a sua última esperança. Como gostaria que ela realmente desvendasse tudo aquilo e que a ajudasse a encontrar as respostas que tanto procurava.

Parou diante do título *A menina sem voz* e pensou: *“Vai ser uma longa jornada, doutora Nancy.”*

A menina sem voz aconteceu em um dia durante as suas primeiras férias de verão, poucos meses depois de saber que “Sophie” provavelmente não era o seu nome verdadeiro. E, como esperado, Anne passou vários dias sugerindo novos nomes para a amiga.

— Eu gosto de Kelly. Mmm... Acho que não. Catherine! Talvez não... Kate? Que tal Lucy? Não! Essa é a sua boneca! — até que Sophie lhe disse que, de todos os nomes, o que ela mais gostava era o seu mesmo e que não o mudaria. Anne ficou frustrada, mas passou.

Diferente de uma escola normal, as crianças não eram enviadas de volta para suas casas nas férias. O orfanato era a casa, a escola, a praça e o parque, tudo no mesmo lugar. Para quebrar um pouco essa dura rotina, havia a Festa de Verão, organizada por um grupo de empresários. O jardim nos fundos se transformava em um mini parque aquático e, além disso, havia também alguns passeios nas cidades vizinhas. Naquele ano, o destino era Brighton, uma cidade praiana a pouco mais de cem quilômetros de viagem.

Era impossível levar todas as crianças de uma só vez, por isso, elas eram separadas em grupos por idade, com cerca de quarenta crianças em cada um. Finalmente,

chegara a vez da turma de Sophie e Anne, que estavam excitadíssimas com a programação: mergulho no mar, passeio ao Brighton Pier e visita ao antigo palácio real, o Royal Pavilion. Anne não via a hora de ir ao Pier e Sophie estava curiosa para conhecer o palácio.

Sophie e as outras crianças, porém, só tiveram o gostinho de vê-lo do lado de fora. A visita interna tomaria muito tempo. Mesmo assim, a imponência do Royal Pavilion, que levou quase trinta anos para ser construído, impressionou as crianças, pouco acostumadas às belezas arquitetônicas do mundo fora dos grandes muros que as cercavam. Era como ser transportado no espaço e no tempo para um paraíso perdido, construído há mais de cento e setenta anos.

O palácio, inicialmente, era uma casa agrícola que, a pedido do Príncipe Regente George – que futuramente se tornaria o Rei George IV –, foi transformado em um refúgio real. Apaixonado pelo estilo oriental, o Rei ordenou que reproduzissem o mausoléu indiano, Taj Mahal, construído duzentos anos antes. Por tal semelhança, é conhecido, atualmente, como Taj Mahal de Brighton.

Vinte anos depois da sua morte, a rainha Vitória vendeu o The Royal Pavilion ao município. Até o início do século XX, o palácio abrigou eventos diversos e os jardins foram abertos ao público, sendo interrompido somente durante a Primeira Guerra Mundial, quando foi usado como hospital para soldados indianos. Em 1920, foi preciso um grande programa de restauração para recuperar os danos causados pela guerra.

Alheias ao valor histórico do palácio estavam duas garotinhas, boquiabertas, com os rostinhos apoiados nos balaustres de cimento de um dos jardins externos, admirando o grande e imponente The Royal Pavilion, “o palácio dos reis e rainhas da Inglaterra”, como gostava de dizer Sophie, suspirando de encantamento, sonhando com os vestidos de festa das princesas nas grandes histórias infantis. Estava tão envolvida em seus pensamentos que não ouviu quando Anne a chamou para seguir o grupo que estava para ir, finalmente, ao Pier.

Sophie admirava as grandes colunas de uma das entradas do palácio e as cúpulas sobre o teto, que a faziam lembrar grandes e deliciosos doces, quando ouviu um pequeno zumbido. Tentou olhar à sua volta, mas não conseguia se mover. Talvez estivesse sonhando, um sonho que a levaria para dentro do palácio e se deixou levar. Mas não era este tipo de sonho e logo se viu caminhando por um jardim tão grande quanto o que estava à sua frente. Porém, não havia palácio ou castelo. Parecia não haver mais ninguém, somente ela e uma grande planície.

Apesar do céu azul e sem nuvens, a temperatura despencou dos vinte e sete para uma máxima de dez graus, o que fez o corpo de Sophie tremer, vestido apenas do seu uniforme de passeio, uma saia xadrez e uma camisa ligeira e sem mangas e, nos pés, sandálias brancas. Sentiu os dedos dos pés ficarem duros e o queixo começou a tremer, fazendo os dentes bater freneticamente dentro da boca.

Os olhos ardiam e o verde da vegetação foi clareando até chegar a um branco tão cândido que refletia a claridade do sol, quase cegando seus olhos. Do chão foram surgindo pontas afiadas de aço por todos os lados como se fossem imensas facas rasgando o solo de dentro para fora. Uma delas subiu tão perto que Sophie ficou com medo de ser cortada ao meio. Tentou gritar, mas a voz não saía. A boca não mexia, nem tão pouco suas pernas. Ouviu, ao longe, um latido fino de um animal muito pequeno, talvez um filhote. Sophie procurou encontrá-lo olhando de um lado ao outro por entre as imensas lanças que germinavam do solo e, de repente, uma criança passou correndo à sua frente. Era uma menina bem maior do que ela, com cabelos cacheados cor de cobre, muito longos, quase tocando o chão. Passou como um raio, dando para ver somente a cor do seu vestido, azul marinho liso com um laço de fitas atrás. Sophie mal absorveu a primeira aparição quando a menina voltou, dessa vez, passando por trás. Era como se a menina, na verdade, voasse, ao invés de correr. E Sophie ouviu novamente o latido fino que vinha do seu lado direito. Virou o rosto e conseguiu ver um cãozinho, mas era apenas o seu reflexo, aliás, vários reflexos nas lâminas que saíam do chão. Imediatamente, olhou na direção oposta imaginando que encontraria o animal, mas não o viu. Voltou a olhar à direita e o reflexo ainda estava lá. O cãozinho, agora, estava calmo, sentado sobre as patas traseiras olhando para ela.

Surgiu, novamente, a menina de vestido azul correndo só que, desta vez, parou tão rápido como se fosse de brinquedo. Ela estava à sua frente, de perfil. E foi somente quando ela se virou que Sophie ficou em pânico. Ela não tinha boca e os olhos eram inteiros de um preto profundo de onde escorriam gotas de sangue.

As profundas esferas negras a encararam por um tempo causando-lhe um pavor tão grande que Sophie conseguiu livrar-se do que a estava prendendo ao chão e correu, desviando-se das lanças do chão. Correu sem olhar para trás, mas sentia que alguém a seguia. Podia sentir a respiração quente e ofegante na sua nuca e pensou ter ouvido uma risadinha irônica. Mas a menina não tinha boca nem voz, como poderia rir?

À sua frente, Sophie viu, por uma das lâminas, o reflexo da menina flutuando atrás dela, com os cabelos levados ao vento deixando o rosto ainda mais à mostra; as duas bolas pretas no lugar dos olhos, um nariz fino de boneca e mais nada. Sophie corria, desviava das lâminas e observava a menina seguindo-a, e sabia que não agüentaria por muito tempo.

A estranha menina chegou ao seu lado e flutuava como um fantasma, uma marionete sendo arrastada de um lado para o outro por alguma mão invisível. Sophie queria parar e enfrentá-la, mas o pânico era maior e ela corria, cada vez com mais força, sentindo o cansaço nos pés e as pernas amolecer. Olhava de canto de olho pra a menina flutuando ao seu lado e pôde ver a fita atrás do vestido se alongar, enroland-a, como se ela fosse uma múmia, e as profundas bolas negras em seus olhos ficaram cheias de terror.

Alguma coisa passou sorrateiramente à sua frente e Sophie viu, de relance, a sombra do pequeno cão. O animal a fizera tropeçar. A última coisa que viu foi uma das lanças bem à sua frente e Sophie estava caindo direto sobre a lâmina. Fechou os olhos esperando sentir uma dor terrível, quando alguém a puxou pelo braço, trazendo o seu corpo de volta para o calor do verão inglês. Era Elena, que a puxou pouco antes de Sophie se jogar do parapeito de cimento onde, apenas dois minutos atrás, estava admirando o The Royal Pavilion.

Sophie virou-se com um rosto pálido, a respiração acelerada e os olhos de criança petrificados de terror. Elena apenas abraçou a menina sentindo um choro sufocado entre os seus grandes e macios seios. Anne chegou em seguida, gritando.

— Sophi, Sophi, o que foi? Senhora Elena, o que aconteceu com ela? — choramingou.

— Está tudo bem, querida. Sophie teve apenas um... sonho. — respondeu Elena, e Sophie se enfureceu.

— NÃO FOI SONHO! NÃO-FOI-UM-SONHO!!!! — e voltou o rosto novamente para o peito de Elena escondendo-se das dezenas de olhos assustados dos seus amigos que, àquela altura, já faziam piadinhas sobre a “menina estranha”.

Elena não insistiu, apenas tratou de acalmá-la enquanto as outras professoras afastavam as crianças levando-as para o ônibus, ficando somente Anne para trás junto da amiga. Elena pegou as duas pelas mãos e caminharam para perto de uma árvore sob uma sombra convidativa. Sophie caminhou de cabeça baixa e não quis responder a nenhuma das perguntas, nem mesmo quando Anne tentou saber o que havia acontecido. Sophie sequer ergueu os olhos. Olhava somente para o chão tentando esquecer aquela menina com o rosto deformado, as lâminas e o latido fino do cachorro que a fez cair. Não queria pensar o que aconteceria caso Elena não a puxasse. Teria se cortado realmente ou teria apenas caído de cara no chão do jardim real? Por que tinha acontecido de novo, sonhar acordada daquele jeito?

Não foi um sonho! Gritou dentro da sua mente.

Elena parecia ter ouvido o grito calado de Sophie; abraçou-a com afeto, acariciou seus cabelos e disse, quase sussurrando.

— Minha menina, tudo vai ficar bem. Você vai ver. Estamos aqui para cuidar de você. De todos vocês. — suspirou. — Eu sinto muito, muito mesmo, minha princesa — e Sophie sentiu, talvez pela primeira vez, que Elena realmente a entendia.

Eram sentimentos tão bons que, por alguns minutos, esqueceu-se de tudo. Não fazia mais diferença o que Elena lhe omitia, mas o que lhe *dizia*. Fazia com que se sentisse amada e pensou que talvez este fosse o sentimento que os filhos têm pelos pais. E Sophie precisava disso. Sophie precisava de alguém e desejou que Elena tivesse sido a sua mãe. Abraçou-a com mais força e seus braços mal envolviam toda a circunferência da cintura de Elena. E suas lágrimas molharam o vestido da diretora. Lágrimas de saudades. Saudades de alguém que nunca conhecera, de alguém que nunca a amara, mas não fazia diferença, pois agora ela não se sentia mais sozinha. Tinha a mãe Elena que cuidaria dela para sempre.

Elena deu-lhe um beijo suave na bochecha, olhou-a nos olhos e Sophie viu os doces olhos azuis da diretora sorrindo para ela. Sorriu de volta. Sentia-se estranhamente feliz e calma. As três caminharam de mãos dadas até o ônibus e, tão logo se acomodaram nas poltronas, Anne se aproximou de Sophie e cochichou algo, em tom muito solene. Solene o suficiente para uma garotinha de quase oito anos.

— Eu acredito em você — recostou-se no assento do ônibus bem devagar, não querendo chamar a atenção, e continuou bem baixinho. — Eu sei que não foi um sonho — e Sophie a imitou, cochichando também.

— Eu sei que você acredita — recostou-se também e permaneceram em silêncio por alguns minutos.

Pouco depois, Sophie sorriu e retribuiu-lhe a cumplicidade.

— Tomara que seja mais legal lá no Pier. Aquele castelo não tinha nada de divertido, afinal.

— Hã hã — respondeu uma Anne pensativa. — Você vai me contar tudinho depois, não vai?

— Hã hã — respondeu uma Sophie ainda aprisionada em seus pensamentos.

Depois do verão marcado pela “Menina sem voz”, Sophie só voltou a ter outra visão alguns meses depois. Foi no aniversário de Anne, quase um ano depois que chegara ao orfanato, que Sophie conheceria o “Homem que chorava”.

Sophie suspirou, com o caderno de anotações nas mãos. Talvez aquela tenha sido uma das visões mais tristes da sua infância, pensou.

Capítulo 11

Era impossível realizar uma festa de aniversário para cada uma das crianças no instituto, por isso, uma pequena comemoração era realizada para todos os aniversariantes, uma vez por mês, sob a coordenação de algumas professoras, que se revezavam na tarefa. A festa de setembro fora organizada pela professora Aileen que, desde que havia encontrado Sophie e Anne entrando pela porta principal depois de terem ido ao estábulo, passou a tratá-las com desconfiança.

Aileen organizou uma tarde de jogos e brincadeiras no jardim dos fundos da casa, num sábado ensolarado, com bolos, balas e refrigerantes. Sophie e Anne brincavam de esconde-esconde junto com outras três colegas. Sophie, de cara contra o grande carvalho, esperava a contagem terminar para tentar encontrar as amigas. Como o jardim era muito grande, havia regras claras de segurança. Uma das regras era NÃO ir ao estábulo. E Aileen havia criado a regra de propósito, obviamente, num claro sinal de que não havia esquecido o episódio anterior. Mas não era somente esta a regra. Na verdade, o espaço para brincadeiras tinha sido reduzido a um raio de cinquenta metros. Para dezenas de crianças, era pouco.

— Lá vou eu! — exclamou Sophie, correndo pelo gramado que já começava a ficar salpicado de folhas marrons alaranjadas.

Sophie seguia um instinto natural infantil. Procurava atrás das árvores, embaixo das mesas colocadas pelo jardim e, quando estava para chegar ao estábulo, ouviu risadas e gritinhos e sabia que estavam por perto. Ao passar pela lateral do estábulo, ela viu o que parecia um longo rabo de cavalo virando o ângulo. Pensou ser Anne e foi correndo atrás dela. Ao contornar o caminho lateral, sentiu um puxão e caiu de costas no chão. Parecia ter escorregado em uma folha. Levantou-se e viu Anne correndo para o bosque. Era algo muito improvável que Anne fosse infringisse uma regra, ainda mais na festa do seu aniversário. Improvável era pouco. Era impossível! Mesmo assim – e principalmente por causa disso – Sophie a seguiu.

— Eu já vi você, Anne, pode voltar! — advertiu, enquanto tentava alcançar Anne que não se virava nem respondia nada, apenas corria bosque adentro.

Sophie entrou no bosque e imediatamente sentiu o frio e a umidade da mata que parecia estranhamente mais fechada. Diminuiu o ritmo e chamou pela amiga novamente.

— Anne, é melhor você aparecer se não quiser encrenca com a Aileen! — ameaçar problemas era uma ótima estratégia par atrair a atenção de Anne.

Contrariando as expectativas, Anne não apareceu e Sophie começou a se preocupar. Fugir assim e se esconder em num lugar como aquele definitivamente não combinava com Anne. Pensou se seria melhor avisar a professora Aileen de que a amiga havia desaparecido na mata, mas isso, certamente, significaria encrenca, e das grossas! Preferiu continuar sozinha para não levantar suspeitas da professora que, talvez, nem tivesse notado a ausência de ambas.

— Anne, você tá aí? Eu vou voltar, hein! — nada. — Bom, então, tchau! — insistiu.

Um grande estalo vindo do lado esquerdo da mata assustou Sophie e, mesmo com o coração disparado, foi sondar o que era. Enquanto caminhava, sentiu que o chão estava ficando cada vez mais molhado, como se tivesse chovido até minutos antes, o que, na verdade, não tinha acontecido.

Sophie viu um vulto agachado no chão e correu pensando ser Anne. Quando a figura se mexeu, definitivamente não se parecia com ela. Era um homem abraçado a uma criança. Sophie podia ver apenas as perninhas dela envolta nos seus braços. Parecia muito pequena e estava imóvel. O homem chorava baixinho e murmurava palavras que Sophie não conseguia entender.

— Senhor...? O senhor está bem? — perguntou Sophie também em voz baixa para não assustá-lo. Mas ele não lhe respondeu nem se virou, como se não notasse a presença dela.

Sophie ficou curiosa com aquele estranho na mata e, principalmente, em como ele teria entrado no instituto. Chegou perto o bastante para poder tocá-lo, mas antes que o fizesse, o homem levantou a cabeça para o alto como se procurasse por alguma coisa no céu e Sophie tirou a mão rapidamente, assustada. Um pranto enfurecido acompanhado de um grito ainda mais terrificante ecoou por todo o bosque e Sophie deu um pulo para trás. Pôde ver a criança nos braços do homem e Sophie gritou também. Um grito sem som e Sophie se deu conta de que aquilo não era real.

Sentiu o estômago dar marcha ré e a cabeça doer com a pressão do grito encurralado em algum lugar do seu corpo. Levou as mãos à boca para não tentar gritar novamente enquanto via aquele homem em prantos com a garotinha no colo, sem poder fazer nada para ajudá-lo. Nem mesmo ele poderia fazer alguma coisa. A menina estava... morta.

Sophie caminhou em volta do homem tentando ver melhor o rosto da criança, mas não conseguia! Sentiu o coração se desfazer em mil pedaços e depois se fundir novamente em algo tão pesado que parecia puxá-la para dentro da terra. Agachou-se ao lado do homem que tinha um rosto muito magro, de pele morena e com os olhos mais tristes que ela jamais havia visto. Não sabia se olhava para ele ou para a menina em seus braços. Não sabia o que lhe perturbava mais.

Ela sentia o sofrimento dele se fundir com o seu como se fossem um só. Sentia a menina sem vida em seus braços e, de repente, uma luz muito forte invadiu a mata entre as árvores e cegou-os por alguns segundos. Por trás da luz, vultos enormes caminhavam em direção a eles. E quanto mais se aproximavam maiores ficavam. Sophie sentiu um misto de medo e conforto enquanto o homem se agarrava ainda mais à garotinha dizendo palavras que Sophie não conhecia. Falava uma língua estranha e mesmo sem entender o que era, ela sabia, sentia que ele não queria deixá-la e não o faria, por nada neste mundo!

As lágrimas do homem brilhavam por todo o rosto, como gotas de cristal caindo sobre o corpinho sem vida da garotinha em seus braços. Ela estava toda molhada e um dos bracinhos soltou-se do abraço desesperado daquele homem e pendeu para o lado com os dedinhos que tocaram a terra molhada. Sophie viu uma pequena pulseira prateada

em seu pulso com uma plaquinha onde estava escrito um nome, mas quando tentou ler o que estava escrito, ouviu algo como um assovio do seu lado e, quando olhou, a luz novamente a cegou e o silvo se transformou em uma voz fina, baixa, tornando-se mais próxima e mais forte.

— Sophie! Shopie! Você está bem? — clamava Aileen, desesperada.

Sophie via apenas vultos à frente da forte luz e, aos poucos, entendeu que eram cabeças que disputavam um lugar em torno dela e os raios de sol que, de tanto em tanto, conseguiam penetrar entre uma e outra criança ao seu redor.

— Anne... Onde está Anne! — perguntou Sophie sem conseguir ainda emitir direito as palavras. — Ela estava... eu... o bosque... — a visão começou a não fazer tanto sentido, agora, e sentiu dificuldades em conciliar o que tinha visto com o que queria dizer. — Anne, onde está Anne? — conseguiu, finalmente. Sua voz de criança saiu embargada, emocionada, apavorada, entristecida.

— Aqui, Sophi, bem do seu lado! — Anne era um dos vultos com uma voz igualmente trêmula.

Sophie tentou se levantar, mas não conseguiu. Sentiu uma dor aguda na cabeça

— O que aconteceu? Onde você estava? — perguntou Sophie.

— Bem à sua frente! Você me viu e escorregou. Caiu e bateu a cabeça no chão. Você está bem? — perguntou aflita.

Aileen conseguiu abrir o espaço em torno de Sophie fazendo-a respirar melhor enquanto a ajudava a levantar-se.

— Acho que sim — mentiu. A cabeça doía muito, sentia tontura e dor no estômago, mas não queria fazer disso mais uma atração para os seus colegas que riam baixinho em zombaria.

Aileen, Anne e Sophie seguiram para a enfermaria enquanto as outras crianças voltaram para as brincadeiras infantis, alheias ao mundo assustador que Sophie era

forçada a viver em sua mente. Sem perceber, estava se acostumando àquilo, a viver vidas paralelas, vidas que não eram suas, momentos que não eram seus, carregados de sofrimento que quase sempre levavam à morte de alguém. Para uma menina de oito anos, conviver com a morte havia se tornado tão real e natural quanto respirar, se não fossem o peso dos sentimentos e a dor que ela compartilhava com as pessoas em suas visões.

A enfermaria lembrava um pequeno pronto socorro com grandes armários brancos de portas de vidros transparentes de um lado e uma pequena cama de ferro escuro do outro. Não havia uma enfermeira à disposição, mas todas as professoras e assistentes tinham noção de primeiros socorros para o caso de uma emergência. Eram obrigadas a ter.

Embora dissesse que estava bem, Aileen fez questão de fazer os exames de rotina, como manda no manual. Olhou as pupilas, sentiu o pulso, tirou temperatura e não demorou muito até que Elena chegasse, aflita.

— O que foi dessa vez, Sophie? — perguntou exasperada.

— Eu caí – respondeu Sophie, como uma menina grande.

— Tem certeza, Sophie? — Elena sabia que Sophie havia ficado inconsciente e se perguntava se ela estaria lhe escondendo alguma coisa.

— Sim, senhora Elena — respondeu a pequena Sophie, ainda deitada na maca, sem olhar diretamente nos olhos da diretora, como se o seu olhar fosse lhe contar o medo e a tristeza que custavam a deixar o seu coração. As dores daquele homem ainda estavam impregnadas dentro dela como sanguessugas.

Elena olhou para Anne que retribuiu o olhar. Ambas sabiam que não era verdade. Ambas sabiam que Sophie havia visto alguma coisa. De novo. Mais tarde, Sophie e Anne estavam sentadas nos balanços de madeira no jardim, de costas para a casa, quando Sophie contou-lhe o que havia visto.

— Você deveria ter contado para a senhora Elena! — repreendeu Anne, estalando a língua.

— Por que? Pra ela dizer que foi outro sonho? — bufou.

— Não é verdade, Sophi. A senhora Elena tem sido muito nossa amiga depois do que aconteceu no palácio.

— Isso é verdade, mas acho que ela não pode me ajudar. Se pudesse, já teria feito! — disse Sophie encolhendo os ombros.

— Teria feito o que, Sophie? — perguntou uma voz doce e firme atrás das duas nos balanços, fazendo Anne e Sophie quase caírem de costas.

— Que susto, senhora Elena! — exclamou Anne.

— Desculpe, querida. Vi vocês aqui e vim lhe dar os parabéns. Então, ouvi Sophie dizendo alguma coisa sobre mim. Ou não era sobre mim, Sophie?

— Desculpe, senhora Elena. Eu dizia a Anne que ... que... — Sophie não sabia como responder. Como dizer à Elena que ela não podia ajudá-la? Elena pareceu ouvir seus pensamentos, ou eram óbvios demais.

— Sophie, eu posso ajudar você. Primeiro, você precisa me contar o que aconteceu de verdade. Eu não posso ajudar se você não me contar, não acha isso justo? — Anne concordou com a cabeça enquanto Sophie tomou um grande fôlego de coragem e começou a falar.

Elena ouvia atentamente o que Sophie lhe dizia tentando não expressar indignação, embora as maçãs do seu rosto se tornassem cada vez mais pálidas, enquanto Elena engolia uma saliva interminável.

— Senhora Elena, o que acontece comigo? — Sophie parecia uma garotinha indefesa e cansada, bem diferente da menina durona que enfrentava o mundo à sua volta.

— Sophie, não se preocupe com isso. Eu conheço uma criança igualzinha a você. Ela também tem... tinha... ela também passava por isso. — Sophie arregalou os olhos

brilhantes. — E não era nada, sabia? — continuou Elena. — Era apenas a sua imaginação que, de vez em quando, transbordava— Elena tentava, com todas as forças, fazer com que a névoa nos olhos de Sophie nunca mais voltasse, mas ela sabia o quanto seria difícil. — Ela tinha tantas coisas dentro da cabeça que mal cabia dentro dela. E, de vez em quando, tinha esses “sonhos” que, sabemos muito bem, não são sonhos normais — segredou Elena, encarando as meninas com a cabeça ligeiramente inclinada para Sophie que sentiu, finalmente, uma luzinha se acender. — Eu sei, Sophie, não são sonhos comuns, aqueles que a gente tem de olhos fechados, não é mesmo? Mas são tipos diferentes de sonhos. Coisas que não existem de verdade, mas que, quando a gente vê, parece tão real que deixa a gente confusa — Elena fazia todo aquele pesadelo parecer tão simples com as suas maçãs do rosto, agora, coradas e os olhos leitosos. — Não é isso?

Sophie ficou sem palavras e pulou do balanço abraçando Elena com todas as suas frágeis forças, procurando um pouco de conforto em seu corpo roliço. Anne olhou Sophie com surpresa.

— Obrigada, senhora Elena — ouviu-se uma vozinha sufocada sobre os ombros da diretora. — Não foi um sonho normal e eu sei que a senhora me entende. Eu sei! — Sophie soltou-se dos braços de Elena e olhou-a profundamente, como se pudessem trocar palavras com o olhar.

— Obrigada a você, minha querida. A vocês duas! — Elena passava a mão sobre os cabelos escuros de Anne.

— Por que, senhora Elena? — perguntou Anne com a testa franzida, em confusão.

— Porque sim, meninas — limitou-se a responder, erguendo com dificuldade a coluna curvada sobre Sophie. — Porque sim — deu um sorriso e saiu com as mãos no bolso do grande avental branco.

Anne e Sophie se entreolharam e Sophie sorriu relaxando os ombros e dando um impulso para trás. Continuaram a se balançar num silêncio sem constrangimento.

Sophie fechou o caderno e olhou o relógio, já era quase meia noite. Sentia tanta falta de Elena esses dias que decidiu que iria visitá-la novamente no dia seguinte. Sim, faria isso. Faria isso logo cedo. Talvez tomasse um café da manhã no instituto, faria outra surpresa e poderiam conversar como antes. Não queria mais perguntar-lhe sobre nada, somente estar ao seu lado, sentir seu amor sincero e doce, enquanto ainda podia, enquanto ainda lhe restava algum tempo para desfrutar do seu afeto.

Esqueceu-se da consulta com Brandon, do comentário infeliz de Jesse e do início da terapia com a Dra. Nancy que se daria no dia seguinte. Sentiu-se relaxada como sempre sentia quando estava nos braços de Elena. Foi até o banheiro, escovou os dentes e quando se olhou no espelho se lembrou da visão do rapaz atrás dela. Por quanto tempo ainda teria esta sensação de estar sendo observada? Deu de ombros, saiu apagando a luz e meteu-se sob a macia e quente manta de flanela, na esperança de que conseguisse dormir logo. E dormiu. Uma noite escura e solitária.

O telefone tocou por volta das seis e meia da manhã. Sophie desceu rapidamente as escadas e Anne desceu logo em seguida.

— Quem será a essa hora? — indagou Anne ainda tonta de sono, lembrando-se que já era hora de instalar uma extensão no andar de cima.

— Coisa boa não deve ser — comentou Sophie. — Alô?

— Desculpe se acordei você, Sophie, mas eu tenho uma notícia triste para te dar — e fez uma pausa para ter certeza que Sophie estaria realmente acordada.

— O que houve? Aconteceu alguma coisa com a senhora Elena? — Paul ficou mudo.

— Aconteceu alguma coisa com ela? — repetiu Sophie, sentindo uma estranheza nas palavras, pois não era exatamente aquilo que pensava. Pensava na última vez que falara com Paul e as notícias sobre o Brasil. Aliás, Paul já chegara a Londres? Desde quando?

— Sim, mas... como você sabe?

— Eu... deixa pra lá... — respondeu Sophie. — Mas é isso, não é? O que houve?

— Ela está no hospital e pediu para ver você.

— A mim? No hospital? — Sophie mal conseguia falar.

— Na verdade, ela quer ver vocês duas — continuou Paul. — Ligaram-me do hospital de St. Albans dizendo que ela havia dado a eles o meu número e pedido que eu levasse vocês duas até lá. Disseram que ela está muito fraca, Sophie — fez-se um silêncio do outro lado da linha. — Sophie, você está aí?

— Sim, estou — Anne acenava para Sophie, agitada, querendo entender o que estava acontecendo e Sophie retribuía franzindo a testa e balançando a cabeça.

— É melhor nos apressarmos. Eu encontro vocês lá em uma hora, ok?

— Ok — e desligaram o telefone sem despedidas.

Sophie encontrou Anne na cozinha bebendo um café forte, e contou a ela o que Paul lhe havia dito.

— Oh, Deus, não... — disse Anne atordoada. — Então, é melhor a gente ir logo — subiram voando as escadas e em minutos já estavam a caminho.

Sophie sentia uma profunda tristeza. Estava, realmente, para perder uma pessoa que a acolheu quando ela mais precisava. Sentiu a garganta apertar e os olhos arderem. Os pensamentos foram interrompidos por Anne.

— Como você sabia que Paul ia falar sobre a senhora Elena? — perguntou, pisando subitamente no freio por causa de um sinal fechado.

— Ontem à noite, pouco antes de dormir, revi meu caderno de anotações e reli algumas visões e fiquei pensando na senhora Elena. Jurei para mim mesma que faria outra visita a ela hoje de manhã. Que coisa... — Sophie olhou pela janela do carro, pensativa. — A ideia do tempo é uma coisa tão falsa, tão ilusória, não acha?

— É verdade — concordou Anne, introspectiva.

— Sempre achamos que teremos tempo para fazermos tudo e, de repente, não é bem assim — divagou, com tristeza.

Sophie não conseguia pensar em outra coisa. Quando a conheceu, Elena era tão forte! Tão alegre e cheia de vida, embora já tivesse mais de sessenta anos. Mas, da última vez... e tentou não se lembrar. Não queria que suas lembranças de Elena se baseassem na última visita. Ela sempre seria a mulher de sorriso largo, voz doce e braços fortes que sempre a amparava.

Um manto frio e silencioso pairou dentro do carro. Cada uma com suas lembranças tentando não sentir o vazio que havia se instalado dentro do peito desde que o telefone tocara. Ambas eram adultas, agora. Não viam Elena todos os dias, nem se falavam ao telefone com frequência, mas tentavam vê-la ao menos nas datas importantes e ambas se surpreenderam ao perceber que todos os principais momentos de suas vidas foram compartilhados com ela. Elena sempre fora a referência familiar mais forte que tiveram e estavam para perdê-la.

Sophie e Anne encontraram Paul no hall do hospital e subiram juntos para vê-la. Trocaram poucas palavras. Havia uma profunda tristeza em seus olhos e o ambiente do hospital não ajudava. À medida que caminhavam, cruzavam com olhares opacos e sem esperanças, cheios de tristeza e dor. E nada daquilo combinava com Elena. Não era possível que ela estaria, como tantos outros pacientes reclusos em seus quartos, deitada em uma cama entre a vida e a morte, enquanto parentes de olhos tristes esperavam a sentença final do lado de fora dos aposentos.

Sophie sentia ainda mais a tensão e a realidade do que viera fazer ali à medida que o cheiro de éter e medicamento misturados ao ar condicionado, carregava o ar de um aroma ácido e estéril, eliminando qualquer sensação de calor humano. Nem mesmo as cores nas paredes dos corredores e nos uniformes das enfermeiras e médicos alterava a sensação de se estar em um ambiente frio e impessoal, como uma grande bolha de

metal. E, quando entraram no quarto e viram Elena deitada tão frágil, foi como se as cores perdessem suas matizes.

O quarto estava à baixa luz e as cortinas fechadas. Grossos tecidos de cor azul petróleo caíam pesadamente sobre as janelas e, mesmo que o sol brilhasse do lado de fora, Sophie sentiu um frio polar subir-lhe pela espinha. Caminhou lentamente até a cama, percebendo a palidez acentuada no rosto de Elena. Paul foi conversar com o médico, do lado de fora do quarto, enquanto Anne e Sophie permaneceram, cada uma de um lado da cama, olhando para aquela figura essencial para elas, que esperava apenas a sua hora de partir.

Os braços estendidos ao lado do corpo pareciam abandonados, como peças desencaixadas de uma estrutura. As maçãs do rosto, característica tão marcante de Elena, haviam perdido a protuberância, evidenciando apenas o osso zigomático ressaltado de sua face. Não era possível que aquele corpo reduzido a pouco mais de quarenta quilos, fosse Elena, cujo sorriso largo, um dia, levantara as bochechas tão alto que os olhos ficavam espremidos em suas pálpebras. Elena não poderia terminar assim como qualquer um. Não ela! Elena não morreria jamais, não podia morrer!

A realidade, porém, era dura. Elena parecia não estar mais ali e somente pelo *beep* fraco de um dos aparelhos podia-se dizer que ela ainda estava viva. Um ruído hipnótico que diz o quanto de vida ainda lhe resta e Sophie desejou ouvi-lo tocando uma música diferente, mas por mais que negasse a si mesma, sabia que a vida estava por um fio.

Pegou a frágil mão de Elena entre os dedos, curvou o corpo e encostou os lábios no dorso na sua pele pálida e muito fresca. A pele estava tão lisa quanto a de um recém-nascido e Sophie cerrou os olhos. Seria a primeira vez que ela teria que encarar a perda de uma pessoa querida e aquilo doía. E muito! Uma lágrima cintilante molhou a mão de Elena que, no mesmo instante, abriu os olhos lentamente e sorriu. Tentou dizer algo, mas o que saía de sua boca era apenas um sopro. Sophie se aproximou de seus lábios e ouviu uma sequência de palavras que mal se conectavam umas às outras. Afastou-se um pouco e repetiu-as para si mesma, ouvindo com clareza a mensagem de Elena. O seu coração desapareceu dentro do peito. Os olhos de Elena estavam

perdendo o azul intenso para um cinza claro quase sem vida. Apertou os lábios com tanta força que sentiu os dentes machucando-os e as lágrimas escorreram pelo rosto.

Elena virou-se para Anne, fez um sinal com a cabeça e Anne aproximou-se também. Ouvia um sussurro leve em seu ouvido e desmanchou em lágrimas. Naquele momento, Elena fechou os olhos e, com um sorriso tranquilo nos lábios, adormeceu. Caiu no sono mais profundo dos sonhos.

O silêncio no quarto foi interrompido pelos soluços das duas meninas, duas crianças que, naquele momento, tornavam-se órfãs de verdade. Foi como tirar um pedaço de seus corações, levando com ele parte de suas alegrias e certezas. A vida perdia o sentido. A vontade de ser alguém e de se tornar uma pessoa melhor desaparecia com a partida de Elena. Restavam apenas perguntas que nunca seriam respondidas:

Será que lhe agradeci o suficiente? Será que, algum dia, disse-lhe o quanto a amava? Será que ela sabia o quanto era importante para mim? Será que a fiz sentir orgulho do que me tornei?

A angústia de saber que nunca mais a ouviria dizer “*Meninas! Meninas!*” fez Sophie gritar de revolta e Anne, correndo rapidamente em volta da cama, chegou ao seu lado e abraçou-a. Paul veio logo em seguida e conseguiu tirá-las do quarto.

— Não, eu não quero deixá-la sozinha. Não... — disse Sophie com dificuldade.

— Ela não está sozinha, *Sophi*. Ela nunca mais ficará sozinha. Ela está bem, agora. Eu sei disso — consolou Anne com uma voz tranquila. Ela realmente sabia.

Depois de muita resistência, Sophie saiu do quarto deixando para trás a pessoa que representava a sua infância e inocência, e Sophie não queria isso. Queria poder sentir-se criança, novamente, como fazia nas vezes que a visitava; e agora, não poderia mais ir vê-la. Não poderia sentir-se indefesa e desprotegida, pois Elena não estaria mais lá para consolá-la. E essa realidade que se descortinava em sua mente lhe trouxe uma tristeza infinita. Elena havia se despedido delas no dia em que estiveram no orfanato,

ela havia antecipado a notícia, Sophie deveria estar preparada, mas enfrentar este momento era diferente e muito pior do que poderia imaginar.

Sentaram-se em uma pequena saleta de espera no final do corredor, enquanto Paul cuidava dos procedimentos burocráticos do hospital. Passaram-se vários minutos até que Sophie rompeu o silêncio e disse:

— Ela sabia, Anne. Ela sempre soube — e caiu no choro novamente.

— Sabia o que, Sophi?

— Que não eram sonhos. Todas aquelas vezes... Todas as malditas vezes em que eu *dormi acordada*... — as últimas palavras saíram com sarcasmo e revolta. — Ela sabia! Sabia que eram verdadeiras. Ela me disse isso! E me disse isso agora, droga! Tantos anos depois! — exclamava, afogando-se em lágrimas. — Sem me dar a chance nem ao menos de perguntar por que! Por que ela deixou para me dizer isso quando eu não poderia questioná-la mais? — Sophie sentia raiva, dor e revolta. Por Elena nunca ter admitido nos anos anteriores. Por Elena ter levado a verdade com ela. Por Elena ter morrido! — Ela me disse: as suas visões, não são sonhos — soluçou —, são sentimentos reais — Sophie mal conseguia repetir as palavras. Seu peito parecia explodir. — Reais, Anne! Como ela sabia disso? E por que nunca me disse antes?

— Calma, *Sophi!* — Anne não sabia como consolar Sophie, naquele momento. Também sofria e também não entendia. — Ela... ela também me disse uma coisa — e Sophie olhou para Anne com o rosto todo banhado de lágrimas. — Ela me disse para cuidar de você — Anne segurava para conseguir terminar a frase. — Disse para eu cuidar de você porque ... — era impossível continuar. Abaixou a cabeça para recuperar um pouco o fôlego e emendou. — ... porque eu sou o seu anjo, ela disse. — Anne olhava para Sophie com tanta ternura que Sophie a abraçou com força, como se quisesse fazê-la entrar inteira dentro do peito e nunca mais deixá-la sair. — Sou o seu a-anjo — repetia Anne soluçando enquanto Sophie não poderia pensar em como seria quando perdesse a amiga, um dia. Só a sombra daquele pensamento a fez apertar Anne ainda mais contra o seu corpo num choro agudo.

Elena confirmara, com poucas palavras, o que havia tentado dizer dias atrás. E Anne e Sophie continuavam com muitas perguntas a ser respondidas.

Quando Paul voltou, encontrou Sophie e Anne pálidas, sentadas uma ao lado da outra, de mãos dadas e sentiu uma profunda pena das suas meninas. Só então Sophie, como se saísse de um transe, lembrou que Paul deveria estar no Brasil!

— Paul, quando você chegou? Estivemos na sua casa dois dias atrás e ...

— Eu cheguei agora há pouco. Assim que pisei em Londres e liguei o celular, ouvi a mensagem na caixa postal. Tive medo de não conseguir avisar vocês a tempo — explicou, sentando-se em uma poltrona à frente delas apoiando dois pacotes sobre as pernas. Fitou-os pensativo e, depois, ergueu os olhos para Anne e Sophie. Inalou profundamente e disse. — a Elena deixou algo para vocês.

Sophie apoiou o cotovelo no braço da poltrona e pousou a cabeça sobre os dedos, olhando Paul com os olhos cansados de chorar. O que viria desta vez? Anne não disse uma só palavra, não se mexeu. Continuou olhando para o quadro na parede à sua frente, uma paisagem linda que ela imaginou ser para onde Elena teria ido. Um campo florido sob um céu azul em um típico dia de primavera.

— Este é para você, Anne — esticou o braço, entregando um embrulho grande e grosso feito com um papel pardo simples. — E este é seu, Sophie — entregando-lhe o outro pacote menor.

Anne apoiou o presente sobre as pernas e alisou-o com as mãos sem saber se gostaria de abri-lo naquele momento, mas pensou que deveria fazê-lo naquele momento, por Elena. Deparou-se com um álbum de fotografias antigas cuja primeira foto era a de um bebê gordinho com uma toca feita de crochê, cuja legenda em letra bem escrita dizia “Elena – 04/06/1927 – 3 meses”. Anne enxugava as lágrimas se perguntando por que Elena teria lhe dado o seu álbum de fotografias?

— Elena era uma pessoa sozinha. Não tinha família, ninguém além das crianças do instituto e a igreja — disse Paul, como se ouvisse os questionamentos de Anne. —

Vocês sabiam que ela chegou ao instituto muito jovem, não? — não, Anne e Sophie não sabiam e perceberam que não sabiam quase nada sobre a vida da pessoa que cuidou delas como se fossem realmente suas filhas. Paul coçou a cabeça, nervosamente. — É uma longa história que vou ter que contar a vocês, meninas. E, Anne — interrompeu —, sintase muito honrada. Este era o maior tesouro que Elena tinha. Foi o último presente que ela ganhou dos pais dela. E agora, é seu! — Anne baixou a cabeça, derretendo-se em lágrimas e dor.

Sophie criou coragem e abriu o seu. À medida que o papel pardo ia se rasgando, ela podia reconhecer a tonalidade, o cheiro e a temperatura fria em seus dedos. Vinham à tona memórias indesejadas e sentiu um soco no estômago. Em suas mãos estava o quadro que havia encontrado no estábulo. Elena o havia guardado, mas por qual motivo? E mais: por que lhe deixara de presente? Sophie dirigiu um olhar cheio de dúvidas a Paul. E ele sabia as respostas. Sabia e tinha que lhes contar a verdade.

— Venham, meninas. Eu preciso falar com vocês. É realmente uma história muito longa — disse, levantando-se da poltrona convidando-as para um café da manhã na lanchonete do hospital enquanto a equipe médica e as freiras se ocupavam do funeral.

Capítulo 12

Paul já não era mais o jovem que Sophie conhecera naquele mesmo hospital, vinte anos antes, mas, particularmente agora, parecia mais velho e muito mais abatido do que o normal. Talvez fosse o golpe pela morte de sua grande amiga, talvez fosse o peso dos sessenta anos, talvez fosse a longa viagem de São Paulo a Londres ou, o mais provável, que fosse tudo somado. Caminhava com as costas curvadas num visível cansaço e, o que quer que fosse que Paul tinha para lhes contar, deveria ser realmente importante.

Sophie, por pouco, não disse a Paul que fosse para casa descansar ou ver a neta, mas por outro lado, tinha algo que a incomodava mais do que vê-lo tão abatido e se arrastando como se fosse a um matadouro: o toque gelado do vidro daquele quadro em suas mãos, como um fantasma que voltara.

Por fim, sentaram-se em uma mesa de madeira clara de quatro lugares. Paul apoiou a grande bandeja na mesa quase entornando a bebida. Anne lhe deu uma mãozinha tentando encaixar perfeitamente a xícara de café, o pratinho coberto de brioques, os talheres e o guardanapo, enquanto Sophie observava Paul que, mecanicamente, começara a mexer o canudo dentro do suco de laranja.

— O que houve com ela, Paul? Do que a senhora Elena morreu?

— Praticamente de velhice — encolheu os ombros. — Há alguns meses, ela vinha sendo tratada de diabetes e problemas cardíacos. Coisas da idade, infelizmente. Mas, pouco antes de eu viajar, ela me ligou e me disse que sentia que estava perto de partir... — um véu de tristeza baixou sobre os olhos de Paul. — E, nesta madrugada, ela teve um enfarte.

Era doloroso ouvir falar de Elena no passado, mas a diretora tentou lhes dizer alguma coisa quando Anne e Sophie estiveram no instituto e, novamente, dando-lhes os presentes. Não falar sobre eles, agora, seria como desrespeitar o desejo de Elena. Sophie engoliu a sua dor e entrou direto no assunto.

— E então? Estes... presentes...

— Bom... — suspirou Paul. — O que vocês sabem sobre ela?

— Nada — responderam um tanto envergonhadas, sentindo o peso da ingratidão em suas consciências.

— Bom, vou ter que começar voltando muito no tempo. Talvez uns cem anos, mas é preciso, acreditem — deu uma mordida em um brioche meio sem vontade, tomou um pouco do suco para ajudar a descer e continuou. — O pai de Elena foi um homem muito rico. Os pais dele, avós de Elena, eram uns magnatas da indústria têxtil, em Manchester. Mas a mãe dela, não. Ela era operária em uma de suas fábricas e o romance entre os dois enfureceu a família Gibson — limpou a boca com um guardanapo pequeno e branco. — Mesmo assim, acabaram se casando em... — Paul voltou os olhos para o alto buscando a informação na memória — em 1925. Sim, dois anos antes de Elena nascer. Assim que se casaram, seus avós paternos pediram ao pai dela que se mudasse com a esposa para a região de Londres e instalasse, por aqui outra indústria da família. Na verdade, queriam mesmo era vê-los longe de Manchester — olhou para Sophie e pensou se realmente deveria continuar. Foram apenas cinco ou dez segundos de pausa que pareceram horas diante daqueles olhos ansiosos. Paul esticou a mão, indeciso, e pediu:

— O quadro, Sophie. Você pode me passar o quadro, por favor?

Sophie sentiu o coração parar e, com as mãos trêmulas, estendeu o quadro ao lado de Paul.

— Esta foto foi tirada tão logo chegaram à Londres. Elena ainda não era nascida — Paul alisava o quadro como se afagasse uma pessoa querida.

— Como? *Estes* são os pais da senhora Elena? — perguntou Anne tentando acompanhar a narrativa. — Mas eu pensei... nós pensamos que estas pessoas fossem os antigos donos do instituto!

— Eu sei. É culpa nossa — confessou Paul. — Elena e eu não contamos a verdade a vocês. Achávamos que o melhor seria deixar aquilo passar — Paul começava a sentir o peso das suas ações passadas, a responsabilidade que caía sobre seus ombros, agora, sozinho, enquanto Elena descansava em paz alguns andares acima, em um quarto escuro. — Às vezes os adultos querem proteger tanto as crianças que as impedem de saber a verdade. E agora, cabe a mim corrigir este erro — pensou melhor e corrigiu. — Vários erros, na verdade — Anne reconheceu nas palavras parte do discurso de Elena no último dia em que a viram, enquanto Sophie concentrava-se apenas no “não contamos a verdade a vocês”.

— Por favor, Paul, continue — pediu Sophie, friamente. Não podia acreditar que a fizeram viver uma mentira por tanto tempo. Eles sabiam! Todos eles sabiam, o tempo todo, que nada daquilo tinha sido sua imaginação. Não eram sonhos; não tinha sido o acaso que a levava ao estábulo e o quadro não era uma foto da antiga família Duncan! E Sophie começava a se esquecer que Elena acabara de morrer.

— Elena tinha doze anos, mais ou menos, quando a guerra começou e ela foi uma das crianças evacuadas — continuou Paul.

— Evacuadas? — estranhou Anne.

— Evacuada, Anne, não é possível que você não saiba! — vociferou Sophie. Não era hora de dar uma lição de história a Anne, principalmente à Anne, mas continuou. — Crianças, grávidas e deficientes. Todos foram enviados para longe dos grandes centros e dos possíveis alvos de bombardeamentos na época da segunda guerra — Irritou-se a tal ponto que Paul teve que intervir.

— Sophie, eu sei que você está chateada, confusa e nervosa, mas Anne não tem nada com isso — falou em um tom de voz ligeiramente autoritário.

Sophie baixou os olhos tentando se controlar e respirou fundo fazendo as narinas se alargar dando passagem a todo o oxigênio que pudesse inalar. Paul e Elena eram as pessoas em quem ela mais confiava depois de Anne. Tentou, do fundo do coração,

acreditar que, se eles tomaram alguma decisão anos atrás, tinha sido para o seu bem. Afinal, ela era uma criança na época.

Paul recuperou o raciocínio e continuou

— Como a Sophie disse, a evacuação foi um fenômeno destinado a proteger as crianças e pessoas necessitadas durante a Guerra e Elena foi uma destas crianças — percebendo o interesse de Anne, Paul deu-lhe mais alguns detalhes sobre aquele período. — Embora não fosse obrigatório, muitas famílias aderiram ao programa porque acreditavam ser o mais seguro para os seus filhos. As crianças eram enviadas para longe, para outras famílias, parentes distantes ou instituições religiosas. Os pais de Elena não quiseram que ela fosse para a casa dos avós. Primeiro, porque Manchester também era um possível alvo dos alemães e, segundo, por mais absurdo que pareça, temiam que a menina não fosse bem tratada por eles. Fizeram a escolha mais difícil e a entregaram às autoridades. Elena me contou que foi um dos piores momentos da sua vida, ser levada para longe da família, sem ter ideia de para onde iria — Anne sentia as lágrimas chegando à borda de seus olhos e Sophie mantinha as mandíbulas ainda cerradas e as mãos fechadas em punhos sobre os joelhos, mas o coração chorava e sofria por Elena e a sua adolescência perdida. — Os trens partiam lotados de crianças, algumas excitadas com a “aventura”. Outras mais conscientes da situação, deprimidas, tristes e aterrorizadas. Foi em um destes trens que Elena conheceu Dolores, que viria a ser a sua melhor amiga. Dolores deve ter sido uma garota incrível! Ela morreu há muitos anos... — Paul pareceu perder-se nas lembranças por um momento quando baixou os olhos e fitou os próprios dedos, entrelaçados entre si.

Sophie começava a sentir-se envergonhada. O seu sofrimento parecia tão pequeno diante de tudo o que aquelas crianças haviam passado! *Ela* parecia tão insignificante diante de todo o resto! Paul terminava o último gole do suco pensando se estava fazendo o certo, se seria mesmo necessário contar-lhes toda a verdade. Tentou ganhar tempo.

— A história é muito longa, então, em resumo, Elena e Dolores conseguiram o impensável. Assim que saíram do trem, foram morar na mesma casa; isso é o que basta para continuarmos.

— Não, por favor, nos conte tudo! — interrompeu Anne. — Não estamos com pressa... estamos? — perguntou, dirigindo o olhar à Sophie, que não respondeu, mas ficou aliviada por Anne ter pedido.

— Está bem — suspirou, como se narrar a história de Elena lhe doesse profundamente. — As famílias que aceitavam hospedar as crianças evacuadas recebiam uma ajuda do governo. Algo irrisório, digamos a verdade, mas em tempos de guerra, o pouco é tudo! Para algumas famílias, pegar mais de uma criança poderia ser vantajoso. Então, quando as crianças desembarcaram, Elena e Dolores fingiram ser irmãs e disseram que não ficariam separadas de jeito nenhum! Nem todos tiveram a mesma sorte. Muitos irmãos foram separados, infelizmente, mas elas, não. — Paul olhou de Anne para Sophie rapidamente para certificar-se que tudo estava indo bem e viu pares de olhos ansiosos. Continuou. — A vida em outra casa, nem sempre era fácil. Na maioria das vezes era, de fato, muito difícil. Nem todos eram corteses com as crianças evacuadas. Muitos as viam como mão de obra gratuita e as colocavam para trabalhar no campo. Outros achavam que eram parasitas protegidas pelo Estado, que tinham um tratamento diferenciado e, por isso, descontavam nas pobres crianças o que, na verdade, era somente inveja — e Paul balançou a cabeça num claro sinal de descontentamento. — Imaginem. Inveja! De que? De terem sido afastadas de seus pais e serem obrigados a viver com estranhos? — bufou e baixou o tom, envergonhado da mesquinhez humana — Tem gente pra tudo nesse mundo... Coisas horríveis aconteceram com crianças que foram enviadas, inclusive, para fora da Inglaterra...

Paul fez uma pausa. Preferiu não contar a elas que, recentemente, autoridades britânicas haviam descoberto que muitas crianças que foram enviadas para instituições católicas, na Austrália e no Canadá, haviam sido abusadas, física, emocional e inclusive sexualmente, por anos! Pulou este comentário e prosseguiu.

— Como os bombardeios não vieram naquele momento, a maioria voltou para as suas casas, mas não por muito tempo. Poucos meses depois, a ameaça de bomba tornou-se eminente e as crianças deveriam ser evacuadas de novo. Elena implorou para não ir, dizendo que preferia morrer a ficar novamente longe dos pais — *Pobre senhora Elena*, pensava Anne. — Na verdade, ela me contou uma vez que maior do que a vontade de ficar com os pais era o medo de voltar àquelas casas. Elas tiveram que trabalhar muito pra ganhar o pão de cada dia, naquele lugar, e só a ideia de ir para uma casa ainda pior, fez com que Elena quase entrasse em colapso, convencendo os pais a ficar. Naquela noite, as primeiras bombas caíram sobre Londres. Por pouco ela e os pais não morreram — Paul balançou a cabeça tentando apagar a imagem de Elena morta sob escombros. — Com o passar dos dias, o pai dela sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria chamado para servir na guerra e que a esposa ficaria sozinha com a filha. Então, pensou em proteger Elena de algum modo. Levou-a, pessoalmente, à igreja onde costumavam ir. Elena disse que viu o pai dando um envelope ao padre e pedindo que a levasse para um lugar seguro. Deve ter feito uma grossa doação à igreja — conjecturou. — Elena sabia que seria separada dos pais e de sua amiga, Dolores, novamente, e se rebelou — olhou seriamente para Anne e Sophie e certificou-se de que elas estavam realmente entendendo a intensidade dos sentimentos de Elena por Dolores. — Vocês podem imaginar uma menina de doze, treze anos, fugindo em plena guerra, colocando a própria vida em risco para procurar uma amiga? Pois ela o fez! Fugiu dos pais e encontrou Dolores, próxima à sua casa, vagando por escombros. Toda a sua família tinha morrido naquela noite.

Anne deixou escorrer uma lágrima enquanto Sophie engoliu o choro sentindo-se extremamente insignificante. Paul tomou fôlego. Não sabia como prosseguir. Ele tinha que contar tudo agora, mas não conseguiria. Olhou para Sophie e pensou. *Desculpe, pequena Sophie, mas eu não consigo. Não agora.* E tentou uma saída.

— Assim, Elena e Dolores chegaram ao instituto, que vocês conhecem muito bem, em 1940. Infelizmente, os intermináveis bombardeios sobre Londres mataram também os pais de Elena e isso explica parte da história. Explica porque Elena gostava tanto de vocês duas, por exemplo. Ela sempre viu em vocês a amizade entre ela e Dolores.

Posso apostar que você, Anne, seria Elena e você, Sophie, Dolores. — se Paul continuasse, teria que ir até o fim e não podia, simplesmente não sabia como lhes dizer toda a verdade, e sentia-se destruído, pelo cansaço da viagem, pela dor da morte de Elena, pelo passado que voltava à tona. Decidiu colocar um ponto final, por ora. — Bom, é isso — mas Sophie não escondeu a frustração.

— Desculpe, Paul, mas isso não explica nada! — protestou, enquanto Anne limpava as lágrimas do rosto. — Eu quero saber por que a senhora Elena nunca me contou que a foto no quadro era dos pais dela? Como *eu* sabia que o porta retratos estava naquele estábulo? O que a minha visão dos cavalos tem a ver com tudo isso? Não me venha dizer, agora, que era um sonho! — Sophie começava a perder a paciência e, por pouco, também o respeito que sempre tivera por Paul. — Eu vi! Vi o pai da senhora Elena e ele gritava! Mas não gritava comigo, certo? — não precisava que Paul lhe dissesse muito mais, Sophie era capaz de juntar dois mais dois, embora quisesse ouvir dele toda a verdade, dele. — Ele gritava com *ela*! Foi quando ele a obrigou a deixar a casa, não foi isso? Foi quando ele a protegia das bombas, não foi? — Sophie começava a perder a noção do volume de sua voz, ou, na verdade, gritava propositadamente. — O calor que eu sentia, eram as bombas! O barulho, o pânico em seus olhos. Era ele! Era o pai da senhora Elena, não era? — seus olhos ardiam de raiva e a boca, um fino traço, tremia. — Você tem ideia de que, se tivessem me dito toda a verdade vinte anos atrás, tudo teria sido diferente para mim, para Anne, para todos nós? Como puderam? — as palavras iam sumindo da sua voz à medida que aquela dor chata na cabeça aumentava, mas tentou ignorá-la. A raiva era tão grande que aquele incômodo não representava nada naquele momento. Sentia raiva de todos; da guerra, do sofrimento em vão, sentia raiva da vida! — Mas como? Como é possível isso? Como eu poderia ter visto tudo aquilo!? — olhos curiosos começavam a se voltar para a mesa onde os três estavam sentados. — Ela me disse que um dia eu iria entender. O que? Quando? Que merda é tudo isso? — e Sophie, que a esta altura já estava quase de pé, parou de gritar. Levou as mãos à cabeça e emudeceu. A dor era tão grande que a impediu de continuar.

Soltou-se bruscamente na cadeira, olhou para Paul à sua frente e, como um boneco de pano, largou o corpo à ação da gravidade. Se caísse para a direita, amorteceria a queda no colo de Anne, mas pendeu para o outro lado, batendo as mãos contra a mesa enquanto o corpo desmontava e o desequilíbrio fazia a cadeira, já sobre duas pernas, cair pesadamente no chão, provocando um estrondo agudo que ecoou pela lanchonete. E ninguém ouviu o som oco e seco da sua cabeça batendo contra o pavimento.

Elena, bombas, guerra. Gritos, horror, dor, medo. Rostos, muitos rostos passavam diante dos olhos de Sophie fechados para o mundo, mas abertos em sua mente. Cavalos relinchavam sob um céu escuro e pesado. Escombros ainda quentes envoltos em uma poeira grossa cinza. E, de repente, uma mão forte agarrou a sua e puxou-a para fora daquele pesadelo.

Vem, vem comigo. Não tenha medo. Eu vou ajudar você.

Sophie reconheceu o rosto. Era do mesmo rapaz que aparecera no reflexo do espelho. O mesmo que a havia levado ao quarto do hospital. Agora, podia vê-lo perfeitamente. Não sabia se o encarava ou prestava atenção ao mundo à sua volta. Estava sendo arrastada para uma casa grande, de dois andares, em algum bairro afastado do centro da cidade. Não havia mais bombas nem fumaça ou cavalos. Não reconhecia o local e as placas de trânsito também eram diferentes. Talvez fosse outro país. E fez-se silêncio dentro da sua cabeça. O rapaz que continuava a puxá-la pela mão, não lhe dirigia mais a palavra.

Quem é você? Como você se chama? Onde nós estamos? Pensava Sophie, mas era inútil. Ou ele não a ouvia ou não queria falar. Sophie era apenas uma voz dentro da sua própria mente, mas seria dentro da mente dele também?

Uma grande varanda antecipava a entrada a casa e, nela, encostado em um dos pilares de madeira deste grande alpendre, havia um homem alto e bem vestido. Tinha cabelos castanhos escuros divididos ao meio e foi só o que Sophie pôde ver. Ele mantinha a cabeça baixa e as mãos nos bolsos das calças de pregas, como se esperasse alguma coisa ou alguém.

Este é o meu pai. Disse a voz em sua mente e Sophie olhou para o rapaz. Ele tinha a pele clara, olhos verdes e nariz fino. Os cabelos desleixados apontavam para todos os lados num emaranhado de mechas divertidas. O olhar era de ternura e Sophie teve vontade de tocar-lhe o rosto.

Nós precisamos de você! Por favor, venha! Insistiu ele em sua mente.

Uma luz forte começou a aparecer por trás do rapaz e Sophie quase não conseguia mais encará-lo. Fechou os olhos rapidamente e quando os abriu de novo, via apenas vultos de pessoas que falavam baixinho à sua volta. Aos poucos, foi reconhecendo um por um. Primeiro, Anne à direita, bem ao seu lado, depois Jesse e Paul mais à frente. Foi-se acostumando lentamente à luz, virando a cabeça para o outro lado e viu Adrian. *Oh, não!* Mas Sophie deixou aquilo passar. Era tudo muito confuso. Fechou os olhos novamente. Não queria estar ali. Queria estar com ele de novo. Naquele lugar estranho e magicamente aconchegante. Quem era ele? E por que disse que precisava da sua ajuda? Sophie fez um esforço para tornar a vê-lo, mas foi em vão.

— Sophi? — dizia uma voz suave e baixa. — Sophi, você está me ouvindo? — era Anne e, pela primeira vez, Sophie não sentia alegria em ouvá-la. Limitou-se apenas a mexer a cabeça devagar num Sim desanimado. — Jesse, chame o Dr. Turril, rápido! — *Estou de volta...*, pensou Sophie. E Anne, Jesse, Paul e todos os problemas também. Sophie quis desligar-se novamente, mas não controlava as suas idas e vindas.

Assim que Brandon entrou no quarto, pediu para que todos saíssem para que novos exames fossem realizados e, tão logo Sophie recuperou cem por cento a consciência, Brandon explicou-lhe a situação.

— Você consegue se sentar, Sophie?

— Sim — respondeu, ainda com a voz fraca, sentindo uma mão firme do médico em seu braço e a outra em suas costas ajudando-a a se erguer na cama.

— Muito bem. Você se lembra de alguma coisa? — perguntou ele, sentando-se ao lado dela.

— Eu me lembro de ... — Sophie se lembrava do rapaz, da casa, do cheiro da rua, da tristeza daquele homem, mas sabia que não deveria falar sobre isso agora. Esforçou-se ao máximo para lembrar-se de antes, mas era tudo um grande vazio. — na verdade, não me lembro. O que houve? — perguntou, estreitando os olhos, como se a luz ainda a incomodasse.

— Você se lembra por que veio ao hospital? — começou Brando, usando seu melhor tom.

E de repente a imagem de Elena veio à mente de Sophie, trazendo com ela um amontoado de imagens. Elena morta, as lágrimas caindo sobre ela, o quadro, Paul e suas mentiras! Voltou também a raiva dentro de Sophie, que virou o rosto para o lado, fechando os olhos com força. Não queria se lembrar de mais nada. Estava de volta à vida, àquela vida tão confusa e pesada.

— Sophie? — insistiu Brandon.

— Sim, eu me lembro — respondeu, ainda com os olhos fechados. — Me lembro de tudo, infelizmente — concluiu, baixando a voz.

— Bom! Isso é muito bom! — *Não, não é*, pensava ela. — Sophie, depois que você desmaiou — Sophie abriu os olhos rapidamente. Ela não se lembrava dessa parte. —, por sorte, você estava em um hospital e pudemos salvar você — *Salvar? Foi tão grave assim?* — Normalmente, as consequências de um derrame tornam-se irreversíveis depois de algumas poucas horas, o que não foi o seu caso. Pudemos entrar com medicação rapidamente e os danos foram, aparentemente, minimizados — Sophie não conseguia assimilar mais nada.

— Eu tive um derrame? — perguntou incrédula.

— Sim, mas isso não é novidade para o seu cérebro. Os exames mostraram que você vem sofrendo derrames há muito tempo — Brandon tentava ser hábil, mas não havia outro modo de dar-lhe a notícia. — Não é raro que pessoas sejam vítimas de um AVC, ou melhor, um Acidente Vascular Cerebral, e nem se deem conta disso. Do mesmo jeito que não é raro que uma mesma pessoa tenha vários pequenos derrames e continue

com uma vida normal. Ou, mais ou menos normal, como é o seu caso — derrame, AVC, vida normal, Sophie fazia um esforço tremendo para entender que aquele médico falava dela, da sua cabeça e da sua vida que, aparentemente, estava com os dias contatos. Era isso o que ele queria lhe dizer? — Vou dizer-lhe algumas coisas que você vai reconhecer no seu dia a dia — e começou a contar com os dedos, começando pelo polegar —: formigamento em um dos membros, cansaço, perda de memória e alteração de humor — fez uma pausa exibindo os três dedos esticados e Sophie teve a péssima impressão de que se ele esticasse os outros dois dedos da mão, ela provavelmente estaria morta. — São todos sintomas e consequências dos derrames que você vem tendo. Pudemos contar quinze pequenos pontos no seu cérebro. — esperou para que Sophie entendesse a situação. *Quinze derrames. Eu já sofri quinze derrames?* — E você tem muita sorte, garota. Muita sorte mesmo! — Sophie levou as mãos ao rosto, não de dor, mas de algo parecido com desespero. Estaria para morrer?

— Doutor. Isso é reversível? Eu posso viver com isso? O que acontece comigo agora? — a realidade começava a bater à sua porta e não era nada boa. De repente, Sophie se viu em uma cadeira de rodas, travada para sempre, com a fala enrolada e babando. Sentiu uma vontade imensa de chorar e se arrependeu das perguntas que fizera.

— Calma, Sophie. Não é assim como você pensa — *e como ele sabe o que estou pensando?* — Todos nós corremos o risco de termos um AVC a qualquer hora. Ninguém é imune a isso. Algumas pessoas são mais propícias do que outras. Normalmente, são pessoas de idade, diabéticas ou hipertensas, por exemplo — Brandon media as palavras e olhava com ternura para aquela jovem linda, determinada e ao mesmo tempo frágil e assustada, à sua frente. — Você, hoje, está bem, pode acreditar! Como eu disse, as sequelas foram mínimas, nada com o qual você não possa conviver. Aliás, como vem convivendo até hoje! — Sophie pareceu encontrar a sua respiração que, de alguma maneira, tinha desaparecido nos últimos minutos. E Brandon continuou. — Você só precisa se cuidar, mocinha, porque é indiscutível que você é muito propensa a outros derrames. Esperamos que não aconteçam mais, porque você já tirou a sorte grande muitas vezes e isso vai ficando cada vez mais raro de acontecer, entende? — claro que ela entendia. Entendia que, daqui para frente, teria uma sentença

de morte já declarada, faltava apenas chegar a hora certa. E o relógio estava acelerando. — A única diferença entre você e nós é que você tem um risco maior de ter um AVC, mas não quer dizer que você o terá! — Brandon pousou a sua mão no ombro de Sophie apertando-o levemente, forçando o olhar de Sophie no dele. — Vamos fazer um acompanhamento sério com você. Tornar a sua vida mais saudável e eliminar alguns fatores de risco. É nisso que vamos nos focar e, logo, você terá uma vida normal, ok? — Sophie manteve o olhar no dele.

Não, não estava “ok”, mas Sophie não queria entrar em discussão, não agora. E também não queria ver ninguém. Não queria ver os olhos de piedade de Anne, Jesse ou Paul sobre ela. Muito menos de Adrian! Não bastavam as visões que lhe causavam tanto constrangimento, agora mais isso! Sophie queria ficar só. Queria voltar para onde estava, um mundo novo onde, finalmente, alguém precisava dela e ela sentia-se em paz! Apenas sorriu para Brandon e ele saiu do quarto. Tão logo passou pela porta, Anne entrou. Caminhou devagar até a cama e, conhecendo Sophie tão bem, sabia como deveria lidar com ela e a sua nova condição.

Primeiramente, nunca, jamais, repetir essas palavras: nova condição.

— Mas que susto, viu! — partiu logo para o ataque. — Você é mesmo impossível comigo. Quer me matar do coração? — deu soquinhos no braço da amiga com os nós dos dedos e Sophie esticou um pouco os lábios num esboço de sorriso. — Está se sentindo melhor?

— Tô. Na verdade, não sinto nada, só um pouco de fraqueza — respondeu, friamente, embora não quisesse sê-lo.

— Que bom! — Anne curvou o corpo dando-lhe um beijo na testa. — O que o Dr. Turril te disse?

— Você não sabe? — perguntou ironicamente.

— Ele nos disse alguma coisa, mas não sei o resultado dos últimos exames. Ele falou alguma coisa sobre isso?

— Quanto tempo eu fiquei desmaiada? — indagou Sophie com uma ruga entre os olhos.

— Umas quatro horas, mais ou menos.

— Quatro horas??? — desfez a ruga central erguendo as sobrancelhas, formando pequenas ondulações na testa.

— Pois é! Mas eles te deram um sedativo, então, não sei realmente quanto tempo durou o desmaio.

— E o que aconteceu? — perguntou encostando a cabeça no travesseiro começando a relaxar o corpo.

— Depois que você caiu? — e Sophie concordou com a cabeça. — Ah, foi um corre-corre danado, na lanchonete! — Anne tentou demonstrar uma normalidade na voz, mas o seu olhar denunciavam o quão apavorante tinha sido. — Não levou nem dois minutos e já levaram você em uma maca. Fizeram exames durante umas duas horas. Enquanto isso, mandamos chamar o Dr. Turril, que chegou bem rápido, também. Ele acompanhou quase tudo e sempre vinha nos dar notícias suas. E, agora, faz uma hora, mais ou menos, que você veio para o quarto. — Sophie ouvia atentamente tentando não pensar enquanto Anne sentia um alívio por aquilo fazer parte do passado. — Ai, Sophi, dessa vez você me assustou de verdade... — choramingou. — O que o Dr. Turril disse, afinal?

— Disse que vou morrer, como todo mundo — ironizou Sophie, vendo os olhos verdes de Anne virarem um marrom escuro de dor e, depois, vermelho intenso de raiva!

— Como você é besta! — e Sophie finalmente sorriu.

— Tá tudo bem, Anne. Só porque o meu cérebro virou um queijo suíço, não quer dizer que eu vá morrer amanhã, ok?

— Pára! — exclamou, irritada.

— Mas é verdade! O médico disse que basta controlar os fatores de risco que vou ficar bem — Sophie tentava transmitir uma calma que não sentia. Pensava em tudo ao

mesmo tempo. O que aconteceria se ela tivesse mais visões? E a terapia de hipnose, poderia piorar a situação? E viu Anne mudar a expressão, de zangada para culpada.

— Sophie, não fique brava comigo, mas acabei contanto tudo ao Dr. Turril — esperou que o teto caísse, mas Sophie nada disse e Anne, rapidamente, aproveitou para se explicar. — Eu tinha que fazer isso, entende? Era tudo ou nada. Ele precisava conhecer melhor você e os seus problemas para entender como você chegou a essa situação e — agora sim, sabia que Sophie iria surtar — ele disse que a terapia com a Dra. Nancy vai ter que esperar — Sophie respirou fundo tentando dar uma resposta equilibrada, mas, na verdade, não tinha muita escolha. Suspirou, fechou os olhos e afundou ainda mais a cabeça no travesseiro.

— Olha, Anne, com tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo, acho até bom darmos um tempo em tudo, sabia? — e continuou, como se precisasse se justificar de alguma coisa, erguendo a cabeça novamente. — Eu não estou fugindo de nada, é que, agora, tudo terá que ser em conjunto, eu acho — pareceu confusa. — Você não acha?

— Claro! — Anne acariciou as mãos da amiga na cama e ficou olhando-a enquanto voltava a cabeça para dentro das plumas. — Eu amo você, minha irmã. Vai dar tudo certo, você vai ver! — Sophie retribuiu o afago, mas foram interrompidas por batidinhas de leve na porta. Eram Jesse e Adrian.

— E aí, tá melhor? — perguntou Adrian com uma vozinha fina que normalmente davam nos nervos de Sophie, mas ela tinha que se controlar.

— Sim, estou bem, obrigada — sorriu. — Obrigada de verdade por vocês estarem aqui — e olhou carinhosamente para Jesse, que respirou aliviado. Esperava somente um sinal para se aproximar. Não sabia se Sophie ainda guardava rancor pela sua pergunta na consulta com Brandon.

Beijou-lhe uma das mãos e ficou segurando-a com carinho. Olhava para ela como se quisesse se certificar que nenhum pedaço seu estivesse faltando. Conversaram um pouco sobre o ocorrido e não faltaram sugestões de como Sophie deveria levar sua vida daquele momento em diante. *Acho que você deveria fazer Yoga. Algo que relaxe a*

sua mente. Acho incrível! Sugeriu Adrian e Sophie odiou, mal conseguia imaginar-se naquelas posições malucas. *Nada disso. Vamos viajar por uma semana. Que tal um cruzeiro?* Foi a vez de Jesse, e Sophie adorou! Mas, quando olhou para Anne, a única vontade que teve era de voltar para casa e ficar quieta com a amiga, vendo dezenas de filmes, sem pensar em nada.

— E Paul? — perguntou Sophie, esticando os olhos para a porta do quarto.

— Ele precisou ir embora, não tinha ido a casa dele ainda, lembra? — disse Anne.

— Ah, é verdade! É que eu pensei tê-lo visto quando acordei...

— E viu! Ele estava aqui. Ficou o tempo todo, mas depois que você acordou, trocou umas palavrinhas com o Dr. Turril e foi para casa. Deve vir mais tarde — especulou Anne.

Durante a tarde, Sophie realizou mais alguns exames de tomografia e ressonância magnética e pensou que a lista de exames que Brandon lha havia passado acabara de se tornar incrivelmente irrelevante. No final do dia, Brandon voltou sem novidades. O quadro era estável e no dia seguinte poderia ir para casa. Sophie criou coragem e conversou sobre as visões e a terapia. Não sabia até que ponto médicos neurologistas são contra ou a favor de técnicas como hipnose, mas, para a sua sorte, Brandon era do tipo aberto.

Em princípio, Brandon acreditava que fosse a sua condição cerebral que lhe causava as visões, como alucinações. *Ah, certo, Jesse também!* Mas depois, quando Anne lhe contou com que frequência elas aconteceram desde criança e sobre as coincidências das visões de Sophie com o passado de Elena, Brandon suspeitou que fosse algo mais de fundo psicológico, não físico. Mesmo assim, temia pela sua saúde cerebral. Não saberia dizer o grau de estresse que uma sessão profunda de hipnose poderia lhe causar. Anne tinha lhe passado muitas informações sobre Sophie e, agora, ele sabia que Sophie teria muitas coisas com as quais lidar, como o quadro de Elena e as histórias que Paul ainda deveria terminar de lhe contar – incluindo a sua ida ao Brasil–. Por isso, sugeriu.

— Sophie, a primeira coisa a fazer é descansar. Depois, você vai tratar uma coisa de cada vez, ok? E, eu me sentiria mais seguro se as primeiras hispnoses fossem monitoradas por mim, o que você acha? — Sophie o encarava desconfiado, por isso, ele se justificou. — Não sabemos como o seu cérebro reagirá — Sophie suspirou.

— Por mim tudo bem, deixe-me falar com a Dra. Nancy e com o Dr. Barkley primeiro, depois, coloco vocês em contato, pode ser?

— Como você quiser — concordou Brandon, despedindo-se.

Paul não voltou ao hospital. Deu-lhe um telefonema e falou com Sophie rapidamente. Disse que continuariam a conversa outro dia e recomendou que ela descansasse. Sophie falou também com Barkley e Nancy, por telefone, e ambos concordaram em conversar com Brandon. Jesse também ligara e Sophie pediu para que ele não fosse ao hospital. Só queria descansar.

Terminadas as ligações, Sophie estava relaxada e poderia dormir. Nem mesmo Anne estava com ela. Precisou de muita persistência da parte de Sophie, mas conseguiu com que a amiga fosse para casa. Tinha sido um dia pesado para ambas. Apagou a luz do quarto do hospital e a escuridão da noite lhe pareceu convidativa. Ou seria o sedativo?

Começava a sentir o efeito da pequena pílula branca e áspera que teve que colocar goela abaixo, aliás, com muita dificuldade, como sempre. Invejava as pessoas que enfiavam aquelas coisas na boca e, muitas vezes, só com a saliva conseguiam empurrá-las para dentro. Com ela fora sempre uma ação muito complicada. O cheiro embrulhava o estômago e o contato com a língua soltava um gosto amargo e seco, mas o pior era quando tomava um bom gole de água para ajudar a escorrer a pílula. Ficava sentindo aquela bolinha flutuando cegamente dentro da boca, como se não encontrasse a passagem pela garganta, e tinha pavor de que a água acabasse e a pílula grudasse à língua. O que, normalmente, acontecia.

Mas o pior já tinha passado e a pílula começava a fazer efeito. Fechou os olhos e entregou-se. Sonharia aquela noite? *Espero que não.* E, minutos depois, a sua

respiração era lenta e pesada. Com pouco esforço, alguém que passasse em frente à sua porta no corredor, ouviria um ligeiro ronco. Sophie estava finalmente sozinha em seu mundo silencioso e escuro.

Ao menos era o que pensava.

Ei, psiu. Acorde. Preciso de você!

Falava a voz dentro da sua cabeça.

Vamos, Claire, acorde! Acorde!

Mas o sedativo era forte demais. Sophie ouvira somente um nome estranho e pensou — *Desculpe, amigo, mas foi engano* — e desligou-se de vez.

Capítulo 13

Na manhã seguinte, Sophie sentiu uma ligeira tontura, o que era normal, disseram-lhe, devido aos exames e à medicação que tomara para controlar a pressão e o *derramamento de sangue dentro* da sua cabeça. Só de pensar que *aquilo* acontecera já várias vezes em sua vida, fazia com que ela se sentisse uma aberração. Como se já não o fosse com todas aquelas visões e desmaios! Ao menos, agora, sabia que tinha realmente algo físico, uma causa concreta para alguns dos seus problemas.

Basta fazer o tratamento que tudo ficará bem. Ao menos era isso o que dizia a si mesma, querendo muito acreditar. *Acredite!* Lembrou-se da mulher em sua visão. *Acredite!* Lembrou-se de Jesse na noite em que voltaram a sair juntos. *Acredite!* Disseira Anne.

As lembranças foram interrompidas por uma enfermeira gorda e já idosa que viera fazer o controle matinal antes de Sophie receber a alta dos médicos. Tinha o mesmo sorriso de Elena, o que só fez desencadear-lhe uma tristeza profunda. Ela se fora para sempre deixando para Paul a missão de desmentir anos de história. Na verdade, não podia dizer que Elena tenha criado uma mentira. *O seu único erro foi não dizer a verdade,* pensava, num esforço muito grande para não se estressar. Desejou que a enfermeira corpulenta lhe desse uma daquelas pilulazinhas difíceis de engolir, mas ótimas para fazê-la esquecer da vida. Nada feito. Entrou e saiu sem lhe dar nada.

Sophie levantou-se da cama com um pouco de dificuldade, mas, em geral, sentia-se bem. Queria apenas trocar de roupa e ir embora para casa, mas teria que esperar que Anne chegasse e lhe trouxesse algo limpo para vestir. Ainda usava a desagradável camisola hospitalar que vestiram nela enquanto estava inconsciente. Preferiu não pensar nisso.

Calçou os chinelos finos e brancos do hospital e foi caminhando lentamente até o banheiro. Não sentia mais uma ligeira tontura, apenas. Era como se a cabeça toda estivesse anestesiada e, estranhamente, mais pesada. Inchada, seria a expressão correta e, por um instante, sentiu medo de que realmente estivesse com a cabeça

enorme. Se pudesse correr, o teria feito, mas teve que se contentar com um pé à frente do outro em passos cuidadosamente calculados até o banheiro. Olhou-se no espelho e, tirando as enormes olheiras arroxeadas sob os olhos, diria que estava tudo em ordem ou, pelo menos, do tamanho esperado. Como queria tomar uma ducha! Mas não tinha forças sequer para pensar em erguer os braços, que pareciam grandes pêndulos presos aos ombros. Sentou-se tão cansada que, por um instante pensou que tivesse tido um problema cardíaco ao invés de um derrame.

— Sophie? Sophie? — Anne tinha a capacidade de chegar sempre na hora certa. Como conseguia?

— No banheiro...! — Sophie sentiu que sussurrava, mas, felizmente, Anne a ouvira e, quando entrou, deve ter visto uma cena muito preocupante. O sorriso que trazia nos lábios desaparecera como se passassem uma borracha sobre ele.

— Meu Deus, o que você está fazendo aqui sozinha? Você está branca como cera! — indignou-se e apressou-se para ajudá-la a voltar para a cama.

— Não! Eu quero... eu preciso fazer xixi — e sentiu sua voz sair um pouco mais forte.

— Ah, tá. Deixa que eu te ajudo — enquanto ajudava Sophie a se sentar, continuou com o interrogatório. — Mas você tinha que se levantar sozinha? Podia ter pedido ajuda a uma enfermeira!

— Eu não imaginei que fosse ser tão difícil. Eu estava bem ...

— ... enquanto estava na cama, né! Por Deus, Sophi, você teve um derrame, isso não é uma gripe qualquer! — Anne deixou as roupas limpas sobre a pia do banheiro e foi até o quarto. Alguns minutos depois ouviu a porta do banheiro se fechar suavemente e Anne se arrependeu de ter sido tão dura. — Quer ajuda com as roupas? — perguntou em voz alta.

— Não, pode deixar — respondeu Sophie, equilibrando-se para subir as calças de moletom. Sentiu a cabeça girar algumas vezes, mas podia-se dizer que estava melhor a cada minuto. — Anne, escute — começou tão logo abriu a porta do banheiro. — Eu sei

que a situação não é das melhores, mas entenda que eu tenho 27 anos, não vou deixar que me enterrem viva. Eu vou conviver com isso da melhor maneira possível. Não é uma sentença de morte! — Os olhos brilhantes de Anne fizeram Sophie parar o discurso que havia planejado e simplesmente ficou parada a poucos metros da amiga com um sorriso fraternal nos lábios.

— Está bem. Vamos passar por isso juntas, ok? — comprometeu-se Anne, segurando as mãos de Sophie entre as suas. — A começar por *isso*. — se referindo à tremedeira que sentia nas mãos de Sophie, que torceu os lábios com desdém.

— Estou esperando o médico chegar para falar com ele sobre isso, também — prometeu, enquanto procurava um lugar para se sentar. Seguiu até uma poltrona que parecia confortável e, assim que se sentou a porta do quarto se abriu.

— Falando no diabo... — descontraiu Anne e Sophie lançou um olhar confuso a ela. *Falando no diabo?* — Bom dia, doutor — saudou Anne, com um sorriso derretido no rosto, e Sophie sorriu para si mesma.

— Bom dia. Perdi alguma coisa? — perguntou Brandon, também mais relaxado do que nos dois encontros anteriores.

— Não, não — antecipou Anne. — Estávamos conversando sobre...

— Estou tendo tremedeiras nas mãos e senti-me muito cansada quando me levantei — completou Sophie.

— Não se preocupe, eu já esperava por isso. São consequências normais — tranquilizou Brandon, sentando-se no canto a cama, de frente para a poltrona onde estava Sophie. — Não se espante se aparecerem outros sintomas, como dormência nos membros, dores de cabeça, tonturas e uma ligeira depressão. Podem acontecer! Vou fazer de tudo para evitar, mas podem acontecer — esperou para as perguntas de Sophie e, como elas não vieram, continuou. — Visto que o seu quadro é relativamente bom e estável, eu não gostaria de entupir você de remédios. Por isso, vamos esperar para ver as suas reações, está bem? — a cor voltava ao rosto de Sophie e Brandon advertiu. — Mas você deve me avisar sobre qualquer alteração que tiver, seja física ou

emocional, para que possamos encontrar a medicação adequada para você. Em princípio, vamos nos limitar ao remédio para a pressão e um ligeiro antidepressivo.

— Mas eu não me sinto deprimida, doutor. Ao contrário. Estava dizendo a Anne que eu não vou permitir que tudo isso me fragilize ou me transforme em algo que eu não sou. Nada de antidepressivo, por favor.

— Como eu disse, vamos dar um passo de cada vez. Então, nada de antidepressivo, talvez um relaxante, mas você vai ter que me contar tudo, absolutamente tudo o que sentir. Combinado? — a ideia de relatar-lhe cada sensação não a agradara, mas que escolha ela tinha?

— Combinado — disse entre os dentes.

— E você, Anne, como vai? — perguntou Brandon com um ligeiro constrangimento de quem sabe estar passando da fase A para a B em um relacionamento.

— Estou bem, obrigada — respondeu, igualmente constrangida, e Sophie desconfiou que houvesse algo que Anne não lhe contara, mas o fazia, sem dúvida alguma!

— Bom, Sophie. Está pronta para ir para casa? — indagou Brandon, com um sorriso iluminado por dentes brancos e perfeitos.

— Mais do que pronta! — respondeu aliviada.

— Está bem, mas tem algo que eu preciso lhe dizer antes. Conversei longamente com o Dr. Barkley e a Dra. Parker sobre a sua terapia — Sophie sentiu uma fisgada atrás da nuca como se estivesse para receber uma notícia desagradável. — Achamos que seria bom esperar pelo menos uma semana antes de tentarmos qualquer coisa.

Uma semana... Seria muito ou pouco para esperar? Sophie havia perdido a noção do tempo. De repente, a sonhada terapia de hipnose lhe pareceu algo sem propósito, infantil e desnecessário. Toda aquela história de visões parecia coisa do passado. Havia algo muito mais concreto a lidar agora, e concordou sem qualquer hesitação.

— Sem problemas. Quero somente ir para casa e começar uma vida nova — havia uma esperança verdadeira em sua voz. Pelo menos, naquele momento, naquele lugar.

— Boa garota! — exclamou Brandon. — Sendo assim, vou passar a sua medicação para as enfermeiras que vão trazer tudo o que você precisar para sair daqui e, mais tarde nos falaremos. Mas se precisar de qualquer coisa...

— Pode deixar que ligaremos — completou Anne, sorrindo. Brandon lhe sorriu de volta, despediu-se e saiu.

— Te dou dois minutos para me contar tudo! — intimou Sophie.

— Tudo o que? — esquivou-se Anne.

— Você e ... ele! — exclamou, gesticulando para a porta, curiosa.

— Como é? — esquivou-se novamente, sem muito sucesso, e começou a rir nervosamente. — Ah, desculpe, Sophi, eu me sinto tão mal!

— Do que você está falando? — questionou Sophie, realmente sem entender nada.

— Você lá, desacordada nas mãos daquele monte de médicos, fazendo mil exames, e eu me tremendo toda cada vez que ele vinha nos falar sobre você. É horrível, eu sei, mas eu não podia evitar, eu... — Anne foi interrompida com uma gargalhada de Sophie.

— Você se apaixonou pelo MEU médico? — e Anne riu desconcertada — Desde quando?

— Sei lá, acho que desde a primeira vez que fomos ao consultório dele... ah, Sophi, ele é tão... tão... deliciosamente mágico!

— “Deliciosamente mágico”? Você pode me explicar que diabos significa isso? — perguntou, ainda rindo e caminhando pelo quarto, arrumando os poucos objetos pessoais para ir embora.

Enquanto Anne desfiava uma longa narrativa na esperança de justificar a sua queda abrupta por Brandon, Sophie divertia-se a cada palavra. Bastava dizer que Brandon era

lindo, que tinha mãos fortes e macias, que tinha olhos penetrantes ou qualquer coisa do gênero, mas seria simples demais para Anne que não encontrava palavras para descrever aquela sensação trêmula no estômago que tinha sempre que o via ou o quanto a sua voz suave e ao mesmo tempo forte lhe fazia desejar ouvi-la bem perto dos seus ouvidos.

Anne romântica era uma das coisas mais engraçadas que Sophie já vira, desde os tempos do colégio, quando se apaixonara pela primeira vez por um garoto sardento, mas que tinha *a voz mais doce que eu já ouvi em toda a minha vida*.

George era o nome dele e, embora Anne não admitisse, tinha sido um amor platônico, já que o menino possuía claras preferências por garotas menos inteligentes, mas com outras qualidades como longos cabelos loiros e olhares sedutores, mesmo que tivessem todos, ainda, cerca de treze anos! George, que usava a *voz doce* para atrair as garotas fáceis, foi um dos responsáveis pela timidez de Anne com o sexo oposto, uma das poucas coisas que Sophie e ela tiveram em comum na puberdade.

Tanto uma quanto a outra experimentou o primeiro beijo por volta dos quinze anos, na festa de encerramento de ano, em junho de 1997, sendo que o de Sophie fora um beijo roubado, já Anne, havia sonhado (e ensaiado com laranjas) por três semanas com o tal encontro, que não fora com George, obviamente, mas com Clarke, um garoto intelectual e tímido como ela. Sophie, que nem imaginava que o beijo aconteceria, passou o dia seguinte avaliando se gostara ou não daquele vai e vem de línguas na sua boca. E Anne, definitivamente, detestara os lábios duros e sem graça de Clark, para o desespero do rapaz que, por outras duas semanas, tentou uma reaproximação enquanto Anne fugia sem cerimônias.

— ... e, no segundo telefonema, Brandon me disse que deveríamos conversar melhor sobre a sua condição e eu senti, na mesma hora, que era uma desculpa para nos vermos fora daqui... — continuava Anne. — Sophie, você tá me ouvindo?

— Hã...? Claro! Então, quer dizer que enquanto eu estava lá, desacordada, com fios por toda a cabeça, você e o “Brandon” combinavam um encontro, é isso? — fingiu zangar-se.

— Não! Não foi bem assim. Ele me ligou ontem à noite, enquanto você dormia em segurança e eu estava sozinha em casa preocupada com você! — fingiu defender-se.

— Estou brincando, sua boba! Mas, me diz, quando será o encontro, afinal?

— Não sei, talvez hoje à noite. Você acha cedo demais? — Anne parecia a garotinha do orfanato, de novo.

— Cedo pra que? Para um jantar, não. Para outras coisas, bem, direi que tudo depende do primeiro beijo, certo? — e riram juntas, como duas adolescentes.

Não havia muito que arrumar antes de voltar para casa e, agora, estavam apenas sentadas, assistindo um daqueles programas matinais entediantes na TV quando Anne perguntou.

— E como foi a noite? Dormiu bem? Sentiu dores?

— Não, na verdade acho que desmaiei... no sentido bom da palavra.

— Algum sonho?

— Não. Mas... falando nisso agora, acho que sonhei ou ouvi alguma coisa, em sonho, talvez. Não me lembro. De qualquer maneira, não era importante. Provavelmente efeito do calmante. Muito bom, por sinal — murmurou Sophie desejando que, na sua listinha de medicamentos, estivesse um daquele para todas as noites.

Sophie e Anne saíram do hospital pouco antes da hora do almoço e ambas estavam famintas. Jesse ligara convidando-as para almoçar fora, mas Sophie preferiu almoçar em casa, depois que Anne lhe prometeu fazer um delicioso *Carbonara*. Sophie já se aventurara por praticamente todos os grandes e pequenos restaurantes mais conhecidos de Londres, da culinária tailandesa, indiana, cubana, mexicana, portuguesa, brasileira até às redes de *fastfood* americanas, mas, decididamente, a italiana era a sua preferida. Quem quisesse conquistá-la em uma palavra, bastava dizer *pasta*.

O tráfego estava incrivelmente intenso para um domingo. Sophie tentou fazer um levantamento dos últimos dias, em sua mente, mas desistiu. Havia muito que pensar e,

mesmo que não assumisse para os outros, estava preocupada demais com os derrames, formigamentos, desmaios e toda a extensa lista de problemas que vinham se acumulando dentro daquela caixa de surpresa arredondada que chamavam de cérebro. Preferiu um tema mais leve e divertido e Anne era sempre divertida quando estava interessada em alguém, o que não acontecia com frequência. Não depois de Andrew.

— Então, quando você vai sair com o *meu* médico, mesmo? — perguntou.

— Ah, não fala assim! Me dá uma impressão de algo errado, mundano...

— Mundano? — Sophie não se conteve e caiu em uma gargalhada gostosa.

— É... parece depravado! — e corou-se.

— Isso é demais até para você, Anne. Deixa de besteira e me diz logo. O Dr. Brandon vai te ligar hoje, certo?

— É Brad...

— Uau! Já estamos neste nível? Ok. Então, o *Brad* vai te ligar?

— Pra você pode ser só Dr. Brandon mesmo, ok? — fingiu-se ciumenta.

— Ai, que nervoso! Afinal de contas, quem liga pra quem?

— Ainda não sei. Ele falou em alguma coisa sobre jantarmos fora, mas não sei se estou segura quanto a isso.

— Pelo amor de Deus, Anne, você não vai fazer sexo com o cara, é só uma saidinha, um *drink*, bater papo, se divertir um pouco! Você está precisando, sabia? — sim, Anne sabia melhor do que qualquer pessoa, mas nunca fora muito boa em encontros marcados. Preferia coisas ao acaso, como um esbarrão em uma livraria, de preferência em Notting Hill, por exemplo. Não fazia questão nem de Hugh Grant, já que nem ela era uma Julia Roberts. Talvez um esbarrão no Starbucks com Brad, numa tarde descompromissada de domingo, já seria perfeito.

— Acho que oportunidades não vão faltar. Brad está mesmo muito preocupado com você — aquilo não soara bem e Anne se arrependeu no segundo seguinte. — Não que você esteja mal ou algo assim, talvez ele seja assim mesmo, atencioso.

— *Sei*, duvidou Sophie murmurando.

— Em todo caso, acho que vamos nos falar hoje. Ele, com certeza, vai ligar para saber como você passou o dia.

— Sim, mas para isso, ele deve ligar para mim e não para você. Quero saber quando ele vai ligar para *você*.

— Ah sei lá, você está me deixando nervosa... — pronto, Anne começara a chegar ao ponto que Sophie ansiava. Só de ela pensar em Brandon ligando e convidando-a para sair já lhe subia a temperatura. Anne abriu a janela e Sophie esforçou-se para não rir.

— E Andrew? Águas passadas?

— Sim... não... quer dizer, talvez — isso tudo queria dizer que Anne ainda era loucamente apaixonada por ele e Sophie nunca soube, de verdade, por que ela não fora com ele para a Austrália. Anne jamais lhe dissera e, agora, não se arrependia. Se Andrew realmente a amasse, ele teria, ao menos, enviado alguns emails ou ligado, mas nada. Nunca deu sinal de vida. Ela não sabia nem se ele estava vivo ou morto. — Eu queria pegar quem disse que o tempo faz a gente esquecer-se de tudo. Posso vê-lo *aqui* – fristou, virando a palma da mão à frente do próprio rosto. — Com a sua pele perfeita e o sorriso meigo bem diante de mim.

— Anne, por que você não foi com ele? — Sophie sabia que a amizade entre as duas pesara em sua decisão, mas não podia admitir que Anne tivesse deixado escapar o grande amor da sua vida por causa dela. Ou melhor, por causa dos *problemas* dela. Pelo menos, agora, estava interessada no seu médico, o que vinha bem a calhar. *Unidos pela minha doença, ou seja lá o que for.*

— Você sabe porque. Meu trabalho, minha vida, minha carreira... a gente não larga tudo isso e sai correndo atrás de um homem, estou certa? — e virou-se para Sophie,

que se questionava se ela seria capaz de não fazer o mesmo para ficar com Anne. Por uma fração de segundos, teve dúvidas. Sabia que, um dia, cada uma viveria a sua vida; um dia, deveriam tomar decisões que fatalmente as afastariam, talvez fossem para outra cidade, outro estado, outro país!

— Elena nos deixou uma mensagem muito clara aquele dia e confirmou-a antes de partir: devemos ficar juntas — pensava Sophie em voz alta, e lhe pareceu que a morte de Elena tinha acontecido há um século.

— Pois é — e o silêncio retomou o seu lugar dentro do carro, enquanto Sophie pensava no quadro com os pais de Elena, em Paul, no passado de Elena, Dolores, a Guerra e teve um sobressalto.

— Anne! — exclamou, com os olhos para fora das órbitas. — Tive uma visão ontem!

— Como? — indagou Anne igualmente assustada.

— Puxa, como eu pude me esquecer de te contar? Bom, acho que ficou esquecida, depois de tudo o que aconteceu desde ontem de manhã — justificou-se. — Mas foi com aquele rapaz do espelho, de novo. Ele me levou pra um lugar e me apresentou ao pai dele... eu acho — sentiu a dúvida nublar o seu raciocínio.

— Te *apresentou* ao pai dele? — questionou, confusa.

— Ou algo assim... — e Sophie narrou o que tinha visto e ouvido; a sua sensação ao lado dele, os traços delicados do seu rosto e os olhos miúdos e meigos. — Tão lindo! Uma beleza doce e ao mesmo tempo aventureira, talvez fossem aqueles cabelos rebeldes ou o olhar vivo. Tem algo acontecendo com ele e acho que eu posso ajudá-lo, ou ele pensa que posso.

— Sophi, você fala como se ele realmente existisse. Quer dizer... foi só uma visão, não foi?

— Não. Foi mais um... — e teve receio de falar. — Contato.

— Opa!!! Agora fomos longe demais, não? Contato? Tipo ... telepatia?

— Absurdo, não? — sim, parecia absurdo. — Acho que foi apenas uma visão mais viva, mais realística. É. Talvez tenha sido só isso.

— E isso aconteceu quando, exatamente?

— Acho que quando eu desmaiei, quando tive o ... — tinha que começar a dar nome aos bois — quando tive o derrame, na lanchonete.

— Sophi, você não acha que essas visões podem ser perigosas para você agora? Que elas possam te levar a outro derrame? — as perguntas que não queriam calar estavam ali, ditas em voz alta.

— Acho. E, sinceramente, estou morrendo de medo. Preciso saber como evitá-las, Anne. Preciso descobrir como! Mas acho que só a Dra. Nancy poderá me ajudar com isso.

— E Brad já disse que as sessões só começarão em uma semana — completou Anne.

— Exatamente. Tenho que me segurar por uma semana inteira! — *que deus me ajude*, pensou.

— A menos que...

— A menos que... — disseram praticamente ao mesmo tempo. — Eu converse com a Dra. Nancy sem que ele saiba!

— De jeito nenhum! — vociferou Anne. — Você está doida? Não, isso não. Eu ia dizer que, a menos que ele aceite que você fale com ela, mas sem fazer a hipnose, apenas conversar — e uma luzinha acendeu dentro da cabeça de Sophie. Poderia ser uma boa ideia.

Uma hora e meia depois de saírem do hospital, finalmente chegavam a casa e Jesse já estava esperando-as, sentado nos degraus da pequena escada dianteira. Ao vê-lo, Sophie sentiu uma confortável sensação. Parecia um cachorrinho perdido à espera dos donos e envergonhou-se ao pensar em Jesse como um bicho de estimação. *Terrível*,

Sophie! Recriminou a si mesma e quando se aproximou de Jesse, deu-lhe um caloroso beijo.

— Mmm, acho que vou esperar você na escada mais vezes! — Anne pegou a mochila de Sophie de dentro do porta malas e passou por eles. — Oi, Anne!

— Oi, Jesse – Anne passou pelo casal abrindo a porta e entrando sem dar muita confiança, seguindo direto para a cozinha, largando displicentemente a bolsa sobre o balcão.

— Quer ajuda, Anne? — ofereceu Sophie, mesmo sabendo que ela recusaria.

— Não mesmo! — desdenhou, e Sophie foi sentar-se com Jesse ao redor da pequena mesa redonda que ficava entre a bancada da cozinha e a sala de estar.

— Como você está? – perguntou Jesse, acariciando os cabelos de Sophie ainda presos em um rabo de cavalo. — Faminta — respondeu ela com um sorriso. — Mas estou bem. Preciso apenas tomar os remédios e continuar com uma vida simples e tranquila, nada mais.

— Simples e tranquila, você? — caçoou Jesse.

— Sim, exatamente. Ainda tenho três semanas de férias! — exclamou, cheia de intenções, dando-lhe um suave beijo nos lábios. Mas, no fundo, fazia um grande esforço para fugir dos problemas.

Minutos atrás, pensava em conversar com Nancy sobre como evitar as visões para não morrer num estalo cerebral qualquer. Sua vida nunca mais seria simples e tranquila e Sophie sabia disso, mas jamais admitiria a sua preocupação a ninguém, nem mesmo a Jesse ou a Anne.

— Muito bem e o que pretende fazer neste domingo de férias, mocinha? — sondou ele.

— Comer e ficar em casa — respondeu decidida, descartando qualquer outro compromisso que Jesse tivesse em mente. — Preciso descansar, hoje. Amanhã, talvez — e Jesse a olhou com carinho. Ou seria amor? Que tipo de amor?

Na verdade, Sophie pensava no que Anne havia dito no carro. Será que amava Jesse o suficiente para ir viver com ele, um dia, onde quer que ele fosse, deixando Anne para trás? A ideia lhe soava estranho. Muito estranho mesmo. *Amigas para sempre*. A frase ecoou em sua mente. Algum amor seria realmente eterno? Elena e Dolores. Anne e Sophie. Não acreditava que fosse apenas a amizade dela por Anne que se assemelhava a Elena e Dolores. Tinha algo que lhe escapava pelos dedos e pretendia descobrir o que era. Só não sabia como.

Tinha que falar com Paul. Tinha que falar com Nancy. Tinha que falar com Brandon. *Oh...* Suspirou calada. Não tinha que falar com ninguém se quisesse se proteger de novos acessos de desmaios! Bufou consigo mesma. Na verdade, estava profundamente confusa.

Jesse ajudava Anne a arrumar a mesa. Paul ainda não ligara e Sophie começou a ficar irritada com a ideia de que ele estivesse evitando enfrentá-las cara a cara novamente. Até Nancy ligou e Sophie aproveitou para adiantar a sua intenção de encontrar-se com ela para uma conversa, *apenas uma troca de ideias*, garantiu, e Nancy mostrou-se disponível. Afinal, ficaria na casa de John e Kate até o final do mês. *Fechei minha casa em Northampton e passarei uns dias com meus caros amigos, aqui, Portanto, basta me dizer quando*. Teve vontade de dizer *o mais rápido possível*, mas Anne já lhe lançara aquele olhar de censura e podia-se ler por trás dos seus olhos verdes de lince *Não antes de falarmos com Brad!*.

— Eu ouvi bem, ou você estava marcando uma sessão com a Dra. Nancy? — perguntou Jesse provando o *carbonara* de Anne.

— Sessão não, gostaria apenas de conversar com ela — respondeu com espaguete enrolando na sua língua.

— Esperamos que ela nos dê alguma dica de como Sophie pode evitar as visões ao menos por enquanto — explicou Anne seguida de Sophie, que contou a Jesse que tivera uma visão pouco antes do último derrame, o que o deixou extremamente preocupado.

— Visão, Jesse, não alucinação! — alfinetou Sophie, num claríssimo sinal de que não havia se esquecido do comentário dele no consultório de Brandon.

— Você sabe que não fiz por mal, querida — desculpou-se, de novo, segurando a mão dela, delicadamente.

— Então, como está a *pasta*? — desconversou Anne.

— Perfeita! — responderam juntos.

O celular de Anne tocou e viram-na saltar da cadeira para atendê-lo tão rápido que mal acompanharam seus movimentos. Sophie deu uma risada contida e Jesse não entendeu nada.

— É o Dr. Brandon, ou *Brad*, se você preferir — e contou a Jesse sobre o envolvimento dos dois, vendo Anne seguir para o jardim dos fundos com o celular colado ao ouvido.

Sophie contou a Jesse sobre a conversa que tiveram com Paul antes do desmaio, mas Anne já havia lhe adiantado alguma coisa. Se emoções fortes poderiam desencadear alguma coisa em sua cabeça, o dia anterior tinha sido um prato cheio, comentou Jesse, e Sophie receou, novamente, uma conversa franca com Paul. Sabia que se irritaria – e muito – porque ele tentaria não lhe contar toda a verdade. Só não entendia o porquê. O que de tão sério poderia ter por trás da vida de Elena? Ou seria por trás da sua vida?

— Você já pensou na possibilidade de deixar Elena pra lá, Sophie? — sugeriu Jesse, como se pudesse ver atrás dos olhos escuros dela a angústia, as dúvidas e os seus medos.

— Como é que é? — perguntou, já se alterando. — Deixar pra lá? Jesse, o que passa pela sua cabeça? — parou imediatamente de comer visivelmente fora de si, incrédula das palavras que ouvira. — Elena pode ser a chave para esse dom ou maldição, se preferir. Será que um homem inteligente como você ainda não conseguiu entender isso? — explodiu. — Quer que eu desenhe pra você? — foi grosseira, sabia que tinha sido, mas não se arrependia. Jesse conseguia ser a pessoa mais inconveniente do

mundo quando queria. E agora, definitivamente, não era o momento para sugerir que Sophie deixasse nada para lá.

— Calma, querida! Eu... — tentou justificar-se, estranhando a mudança de humor repentina de Sophie, mas ela não lhe deu espaço.

— Calma? Estou tentando manter a calma, Jesse, então, por favor, guarde os seus comentários infelizes para você, ok? — e levantou-se, apoiando violentamente o prato na pia ainda cheio de *carbonara*.

— Sophie, por favor, me desculpe! Eu só estava querendo proteger você! Será que *VOCÊ* nunca entende? É tão difícil assim entender que os meus comentários infelizes, como você diz, são sugestões para uma vida melhor para você? A última coisa que você precisa, agora, é confrontar o passado de Elena ou o motivo pelo qual ela nunca te disse que suas visões não eram sonhos ou porque diabos você teve um vislumbre de um quadro num estábulo, vinte anos atrás! — bradou Jesse, mesmo sem querer. Os nervos estavam à flor de pele desde que ele pensara que poderia perdê-la para sempre, de uma hora para outra.

— Jesse, se você não é capaz de entender que eu só vou conseguir ser uma pessoa inteira quando eu entender o que se passa aqui dentro – tocando com força a têmpera com o indicador –, é melhor você parar de tentar — queria dizer *pararmos por aqui*, mas não teve coragem. Por apenas alguns segundos, não teve coragem, mas antes que Jesse continuasse, botou pra fora. — É melhor terminarmos tudo, então.

Sophie estava segura. Não importava se não teria mais Jesse ao seu lado, não precisava dele. Ou precisava? Começava a sentir-se ligeiramente tonta e parou, tentando controlar a respiração, a pressão, os batimentos cardíacos. *Droga! Vai ser assim para sempre, agora? Refrear toda e qualquer emoção? Não posso viver assim... Eu prefiro...* E não se permitiu terminar a frase, embora a decisão já tivesse sido tomada ainda no hospital. Só não queria admitir para ninguém, nem para si mesma.

Anne entrou na cozinha, atônita, depois de ter ouvido os gritos da discussão. Sophie estava com as mãos apoiadas no balcão com a cabeça baixa e os olhos fechados. Anne sentiu o coração parar de bater, mas Sophie estava apenas tentando se acalmar.

— O que aconteceu aqui? — perguntou, olhando furiosamente para Jesse que teve vontade de pegar o casaco e ir embora, mas não podia. Não podia deixar Sophie assim. Não podia virar as costas sem saber se ela ficaria bem.

— Me desculpe, Sophie. Te peço desculpas mil vezes, se você quiser, mas por favor, por favor, acalme-se. Esquece o que eu falei, está bem? Eu só quero o seu bem, mais nada! — dizia com uma voz calma e tranquilizadora, enquanto passava os braços em volta do seu ombro tentando puxá-la para perto, mas o corpo de Sophie estava rígido como uma pedra. Jesse acariciou-a mais uma vez na cintura e aproximou-se vagarosamente, puxando-a de novo. Sophie afrouxou o corpo tenso e aceitou o abraço de Jesse, caindo num choro sufocado.

Anne lançou um olhar mortal pra ele. O que quer que tenha acontecido entre os dois poderia ter sido evitado. Tinha certeza disso. E só depois que Jesse convenceu Sophie a deitar-se um pouco, depois de tomar um dos comprimidos amargos (mas ótimos pra relaxar), Anne teve uma conversinha com ele.

— Jesse, você conhece Sophie muito bem, mas não tão bem quanto eu — provocou, tinha que provocar. — Então, ouça o que vou te falar — respirou profundamente e continuou. — Se não cuidarmos bem daquela moça que está dormindo lá em cima, ela vai morrer! Você é capaz de entender isso? — só não gritava, chorava e esmurrava a cara de Jesse porque não queria acordar Sophie. — É capaz de entender que a vida dela está por um fio? E, este fio, pode se romper a qualquer hora? E que, este maldito fio, não pode ser nem mesmo esticado um milimetrozinho assim? — mostrou o dedo indicador colado à ponta do polegar, quase os esfregando na cara dele. — E que esta merda de fiozinho — começava a engolir o choro, fazendo-o transbordar pelos olhos em pesadas lágrimas — está preso a sabe-se lá o que, que p-pode arrebentar caso ela tenha uma forte emoção ou *discussão*? — enfatizou a última palavra dando fim ao seu

discurso, não porque não tivesse mais nada a dizer, mas porque não conseguia seguir adiante.

Jesse ouvia tudo calado, apertando os lábios um contra o outro, achatando-os em uma linha sofrida abaixo do nariz. Sim, ele sabia e, por saber, daria tudo para que Sophie esquecesse o passado e tentasse viver uma vida normal, sem se virar para trás como se não houvesse futuro. Queria que Sophie fosse curada, seja lá do que for. Daria tudo por isso. Daria até mesmo a sua própria vida! E foi isso que respondeu à Anne que, aparentemente, levava um choque.

Jesse a amava realmente. Amava-a como ela e, pela primeira vez, saltou na ponta dos pés sobre os largos ombros dele, abraçando-o com força, e chorou com o rosto escondido entre os cabelos de Jesse. Choraram os dois abraçados, desesperados enquanto Sophie, parada do lado de fora do quarto, ouvira a tudo sentindo a garganta queimar evitando chorar. Não queria viver assim. Não queria que ninguém vivesse assim por sua causa. Partiria para o tudo ou nada; esse inferno deveria terminar, e rápido.

Voltou para a cama em silêncio, deitou-se encolhida pensando que nada disso era justo. Tinha que haver alguma solução e ela a encontraria, de um jeito ou de outro. Felizmente a pílula mágica não tardou a fazer efeito e Sophie dormiu um sono profundo. Nada de rapaz, nem seu pai ou Elena. Apenas o vazio. O doce e silencioso vazio.

Capítulo 14

Sophie acordou com uma ligeira tontura, o que, aparentemente, começava a se tornar um hábito. Eram pouco mais de seis horas e sentiu a cabeça rodar. *Seis da manhã ou da tarde? Que dia é hoje?* E começou a ficar preocupada com esta perda de noção de tempo. *Tenho que falar com o Dr. Brandon sobre isso*, anotou em sua agenda mental, e logo lhe pareceu uma piada, confiar em sua mente para alguma coisa? Talvez tivesse que voltar a usar sua agenda tradicional. Não sabia nem onde a havia colocado! *Na sua bolsa de trabalho, dentro do armário*. Respondeu, sempre pronta, sua voz meticulosa e irritante! Sophie fungou, afastando todas as vozes da sua cabeça.

Olhou em volta e percebeu uma ligeira claridade entrando por baixo da porta do banheiro e entre as frestas da janela; deduziu que fossem seis da tarde do mesmo dia em que discutira com Jesse e que ouvira Anne e ele discutindo... e chorando. Choravam por ela, e tudo voltava à sua mente. Desejou poder tomar mais um comprimido e continuar a dormir, mas se quisesse realmente resolver as coisas, deveria levantar-se da cama e agir.

Vamos! Pernas para fora, coragem! Mas nenhum músculo do seu corpo reagiu. *Que droga, não quero mesmo me mover daqui*. Mas tinha que fazê-lo. Uma perna, depois a outra, ergueu o tronco e pronto. Estava sentada na cama, o que já era muito. Levantou-se e a tontura piorou. Deixou cair o corpo na cama, novamente. Tentou mais uma vez, mais devagar, e conseguiu ficar sobre as pernas. O banheiro parecia distante, muito distante, mas foi indo devagar até tocar a maçaneta da porta e abri-la.

A fraca luminosidade do crepúsculo foi suficiente para quase cegar os olhos de Sophie que pensou que fosse cair. Entrou praticamente com os olhos fechados, tateando a parede até a pia. Abriu a torneira e lavou o rosto com uma água fresca, passando as mãos molhadas pela nuca. Quis enfiar a cabeça inteira na água, quem sabe assim acordaria de verdade. Mas tinha medo de se machucar *ou afogar!* Caçoou de si mesma. Pouco a pouco, conseguiu sair do banheiro e chegar ao pequeno corredor fora do quarto.

Chamou por Anne, mas não ouviu resposta. Chamou novamente, e nada. Talvez sua voz não estivesse saindo de dentro da garganta, não seria de se duvidar! Olhou os degraus do alto da escada e sentiu a cabeça rodar. Sentou-se no chão, apoiando as costas contra a parede e esperou que Anne voltasse logo.

Fechou os olhos e tentou relaxar, não pensar em nada, não potencializar ainda mais a situação. Abriu-os novamente e já começava a se sentir melhor. Repetiu a sequência mais duas vezes e estava pronta para enfrentar as escadas. Levantou-se, apoiando-se contra a parede, e a cabeça permaneceu no mesmo lugar. Pousou a mão esquerda no corrimão e começou a descer. *Não olhe pra baixo, não olhe para baixo.* Parecia ridículo evitar olhar para baixo em uma escada de vinte degraus, mas a situação tinha se reduzido a isso. Bons tempos em que subia e descia correndo as escadas, quando as pernas respondiam à sua vontade e a cabeça não dava giros cegos em torno de si mesma!

Finalmente chegou ao andar de baixo e viu Anne deitada no sofá, banhada em uma luz azulada que vinha da TV. Dormira profundamente, assistindo a um DVD qualquer, o que acontecia com regularidade.

A ida à cozinha pareceu menos difícil. Pegou um suco na geladeira e tomou. Sentia muita sede, mais do que o normal, pensou. Aquele mal estar só podia ser por causa do remédio, não tinha outra explicação. Então, procurou o telefone de Brandon na geladeira. Certamente Anne o teria fixado sob algum de seus ímãs esquisitos. E estava, fixado por um desenho emborrachado do *Pinocchio*, uma lembrança de quando foram a Roma, anos antes. *Irônico, Brandon e Pinocchio. Espero que não seja um presságio!* Desejou Sophie.

— Sophie! Você está bem? — perguntou Anne, numa voz rouca e assustada.

— Sim, estou. Um pouco tonta, mas estou bem — engoliu o suco de laranja, sentindo o líquido acordando-a devagar. — Ah, agora sim. Bem melhor.

— Brad ligou, disse que passa por aqui mais tarde — comunicou Anne.

— Ótimo! Estava mesmo procurando o telefone dele. Acho que este remédio é forte demais para mim. Acordei totalmente drogada! — comentou Sophie com cara azeda.

Anne a olhava com doçura e Sophie sentiu-se mal por isso. Sabia que a amiga sofria por causa dela e talvez aquilo fosse o pior de tudo. Pensou e decidiu não antecipar à Anne a sua decisão de seguir com as suas investigações. Sabia que Anne ficaria ainda mais preocupada, desencadearia uma enxurrada de perguntas e achou melhor agir um pouco em surdina. Se conseguisse.

— A que horas ele vem? — indagou afastando os próprios pensamentos.

— Por volta das oito — respondeu Anne preguiçosamente.

— E vocês vão sair?

— Não — respondeu, secamente, com os olhos fechados.

— Por que não? — questionou Sophie caminhando até a mesa redonda entre a sala e o balcão da cozinha.

— Não estou a fim. — respondeu tentando disfarçar que, na verdade, não queria deixar Sophie sozinha, mas Sophie sabia.

— Anne. Eu estou bem e você precisa sair e respirar um pouco. Se você não for, vou me sentir muito mal. Você quer isso? — Anne sorriu, docemente.

— Está bem, mas só se Jesse ficar com você. Melhor ainda. Levamos você à casa dele e depois passo pra te pegar — Sophie sentiu-se como uma criança de cinco anos de idade, mas se isso fosse deixar Anne feliz, ela o faria.

— Tudo bem. Vejamos se o Jesse concorda.

— Ahã... e você acha que não? — provocou Anne, desenrolando o corpo no sofá. — Sophi, eu queria te dizer uma coisa. É sobre o Jesse — o tom da voz de Anne era diferente e Sophie ficou atenta. — Ele ama você de verdade, você sabia? — Sophie sabia. Desde a primeira vez que estiveram juntos, Sophie soube. Havia algo no seu olhar, no modo como ele a tratava que sempre lhe dera esta certeza.

— Eu sei, Anne — afirmou Sophie, sentando-se vagarosamente na mesma cadeira onde estivera sentada ao lado de Jesse, horas antes. — E eu sei que você me ama também. E... — *falo ou não falo? Droga, não consigo evitar! Preciso ser sincera com ela.* — Eu ouvi vocês dois conversando — Anne deu um sobressalto no sofá. — Calma! Está tudo bem, Anne! Você não disse nada que eu não soubesse. Mas, uma coisa vocês vão ter que entender — baixou os olhos e criou coragem. — Quando uma pessoa está ciente de que pode morrer de verdade a qualquer hora, acho que escolhe entre dois caminhos. Evitar qualquer problema para *viver* os últimos momentos em paz, ou resolver seus problemas e *morrer* em paz — os olhos verdes de Anne tinham um brilho celeste causado pelas lágrimas que começavam a se formar, lentamente. — E eu decidi que quero *morrer* tentando, Anne — baixou os olhos novamente evitando não chorar. — Eu amo tanto você, minha amiga, tanto, tanto! Por favor, preciso saber que você vai ficar bem — uma lágrima órfã escapara da fortaleza que Sophie criara dentro dela. — Preciso saber que você ficará bem, você entende?

— Sophi, para com isso! — implorou Anne levantando-se do sofá e indo ao encontro da amiga. — Não seja ridícula! Esse papo não tem nada a ver... não quero ouvir nada disso! — enxugou as lágrimas e inclinou-se para olhar Sophie nos olhos. — Nunca mais me diga isso, ok? — Sophie debruçou a cabeça sobre os braços cruzados na mesa e murmurou em uma voz rouca e embargada.

— Estou tão cansada, Anne. Tão cansada. Eu preciso que tudo isso termine. De um jeito ou de outro.

— Eu estou do seu lado, Sophi. Seja qual for a sua decisão, mas não quero nunca mais ouvir você falar desse jeito. Estamos combinadas? — Sophie virou a cabeça de lado olhando os olhos firmes de Anne. *Como pode? Como pode ser tão forte assim?* Pensou Sophie e concordou. — Ok — e Anne e Sophie selaram o acordo silencioso com o olhar. E precisava de algo mais? — Amo você, Anne.

— Eu também, Sophi — beijou-lhe a testa e repetiu. — Eu também... e, agora, eu vou tomar um banho porque, logo mais, quem sabe, o amor baterá à minha porta? — Anne

levantou-se sentindo o coração em pedaços, mas fazendo um esforço enorme para não demonstrá-lo.

The show must go on... murmurou Sophie, levantando-se também, pegando o telefone sem fio para ligar para Nancy. O telefone tocou algumas vezes. Kate atendeu e logo passou para ela.

— Sophie, que bom ouvir a sua voz, como você está? — perguntou carinhosamente.

— Estou bem, Dra. Nancy, obrigada — alguns minutos depois, quando cessaram as perguntas sobre como havia passado o dia, Sophie avançou. — Eu gostaria de lhe perguntar uma coisa.

— Claro, minha querida! Se eu puder ajudar...

— Eu gostaria de saber se existe alguma maneira de eu evitar as visões.

— Esse é uma pergunta difícil de responder, Sophie. Mas, talvez sim — Sophie se encheu de esperanças e sentiu que o sangue voltava a circular em suas veias — Se você quiser, podemos nos encontrar para um chá em algum lugar, o que você acha?

— Seria ótimo! — concordou, na esperança de tirar mais alguma informação sobre a sua teoria misteriosa.

— John e Kate estavam pensando em ir ao cinema hoje, mas, francamente, não estou muito disposta para isso. Posso pedir a eles que me deixem na sua casa, ou nos encontramos em algum lugar de sua preferência. O que você me diz? — Nancy estava ansiosa para encontrar Sophie, percebia-se pela voz.

— Aqui em casa seria perfeito, Dra. Nancy — lembrou que Brandon chegaria às oito e sugeriu. — Que tal às oito?

— Combinado, então. John sabe onde você mora?

— Ele esteve aqui, uma vez. Acho que se lembra; Caso contrário, anote o endereço — passou-lhe o endereço, despediram-se e Sophie ligou imediatamente para Jesse perguntando-lhe se ele gostaria de conhecer Nancy, o que ele concordou de imediato.

Sophie subiu para um banho quente e relaxante. Logo a casa estaria cheia. Tinha que avisar Anne.

Jesse foi o primeiro a chegar e encontrou Sophie vestida em seu jeans claro, uma blusa decotada verde oliva de mangas compridas e os cabelos negros soltos sobre os ombros. Estava deslumbrante, como sempre, e a abraçou apertado, feliz em revê-la. Cada momento ao seu lado lhe parecia, agora, uma dádiva. Sophie retribuiu o abraço desculpando-se ainda pela explosão durante o almoço. Jesse beijou-a com carinho, aflagando-lhe os cabelos.

— Já falamos o suficiente sobre isso. Você sabe que pode contar comigo, sempre, e estou aqui exatamente para que você saiba disso — deu-lhe um beijo suave nos lábios, tirando-lhe uma mecha dos cabelos que lhe caía diante dos olhos.

O próximo a chegar foi Brandon e Anne abriu a porta.

— Boa noite! Venha, entre!

— Obrigado, Anne — passou por ela perto o suficiente para fazer Anne sentir o seu cheiro bom, diferente do odor de éter do jaleco hospitalar. Brandon estava elegantemente vestido com uma calça azul marinho e uma blusa creme de linho com uma malha jogada nas costas.

— Boa noite, Dr. Brandon, obrigada por vir — disse Sophie levantando-se para cumprimentá-lo. — Pode me chamar de Brad, Sophie — e Sophie lançou a Anne um olhar divertido. Ambas sorriram com os olhos. — Sente-se, Brad. Lembra-se do Jesse, não?

— Sim, nos vimos no consultório e no hospital. Como vai, Jesse? — perguntou, estendendo a mão.

— Muito bem, obrigado — respondeu, cumprimentando-o com um aperto de mão.

Enquanto Anne preparava-lhes um chá, Nancy chegou, desculpando-se pelo atraso.

— John se embananou todo no caminho e quase demos a volta por toda Londres! — justificou-se, passando apressada pela porta de ingresso. — Espero que não percam a sessão de cinema também! Aliás, John e Kate mandaram abraços, infelizmente, haviam combinado este cineminha com alguns amigos há uma semana, não poderiam desmarcar e pediram desculpas por isso também — finalizou sorrindo a todos com seus olhos azuis e os cabelos grisalhos despenteados.

— Não se preocupe, Dra. Nancy. Aceita um chá? — ofereceu Anne depositando uma grande bandeja na mesa de centro. — Ah, eu adoraria! Não gosto muito deste clima londrino. Nunca gostei — antes que a conversa sobre o clima da cidade se estendesse demais, Sophie tomou um atalho assim que pôde apresentando-a Brandon e Jesse e, em seguida, entrou no objetivo principal. Sophie tinha pressa, em todos os sentidos.

— Bom, eu não planejei este encontro como se fosse uma reunião multidisciplinar — sorriu timidamente —, mas já que estamos todos aqui, gostaria muito de aproveitar a oportunidade para saber a opinião de vocês — disse, olhando diretamente para Brandon e Nancy. — Eu gostaria de saber como podemos lidar melhor com... com esta situação — engoliu seco e continuou. — Eu acho que o que passou, é passado, irrecuperável, certo, Dr. Brandon? — e Brandon assentiu com a cabeça. — Ok. Portanto, o que me preocupa é o daqui pra frente. Refiro-me às visões que tenho eventualmente. Elas podem causar um novo derrame, Dr. Brandon? — dirigiu-lhe um olhar sério e profundo.

— É difícil dizer, Sophie, porque não sei exatamente o estresse físico que as visões causam em você. Pode ser que sim, pode ser que não! *Acho* — enfatizou a última palavra — *Acho* que sim, mas para ter certeza, teríamos que monitorar você durante uma visão, o que é muito difícil, visto que ...

— ... não sabemos quando elas vão acontecer — completou Sophie.

— Exatamente. — concordou Brandon balançando a cabeça afirmativamente.

— E esta é a minha segunda pergunta. Dra Nancy, a senhora acha que há uma maneira de evitar que elas aconteçam?

— Como eu te disse, pode ser que sim. Se imaginarmos que as suas visões são frutos do seu subconsciente — falava olhando para todos, como se estivesse em uma conferência —, existem maneiras de bloquear o acesso a ele enquanto você está em vigília, ou acordada — olhos duvidosos esperavam por mais detalhes. — Você deve evitar a introspecção, deve procurar estar sempre em companhia de alguém, conversando e se divertindo. Deve se alimentar de pensamentos positivos, de alegria, e deixar que o subconsciente aja somente em seus sonhos.

— Eu raramente sonho... — murmurou Sophie.

— Você raramente se *lembra* dos seus sonhos, é diferente — corrigiu Nancy. — Basicamente, Sophie, você precisa viver! Tente esquecer um pouco das visões, Não lhes dê tanta importância, não entre em contato com elas. Ignore-as para que elas não encontrem espaço em sua mente — na voz de Nancy, tudo parecia tão fácil!

— Dr. Brandon — interveio Jesse, e Sophie enrijeceu todos os membros. — A medicação que Sophie está tomando serve para evitar novos derrames, certo?

— O objetivo é este, sim — Sophie relaxou, novamente. — Um dos medicamentos que ela está tomando é para a hipertensão arterial que pode ser uma das causas dos acidentes vasculares. Vou explicar de maneira bem simples, como passei à Anne — e Anne sentiu um leve aumento na temperatura do seu rosto. Adorava ouvi-lo falar. — A hipertensão enfraquece as paredes vasculares o que pode causar o rompimento delas, causando tanto o derrame hemorrágico como o isquêmico, que é o entupimento das artérias — olhou diretamente para Sophie e continuou. — Você, Sophie, já teve ambos, várias vezes e em igual escala. Este último foi isquêmico e pudemos minimizar os problemas desentupindo a artéria através de medicação. Portanto — dirigiu-se a Jesse —, sim, os medicamentos podem diminuir os riscos, mas não cem por cento; não por enquanto. As artérias estão ainda muito fracas e, se a pressão sanguínea aumentar o risco também aumenta. Tem, também, o fator hereditário que é muito importante, mas, infelizmente, Anne me disse que Sophie não possui informações sobre a sua família — Sophie pensou se poderia ter sido uma herança maldita de alguém da família, mas

nunca teria como saber. — Portanto, temos que tentar eliminar os fatores de riscos, digamos *elimináveis*, já que a genética é mais difícil de lidar.

— As visões podem aumentar a pressão arterial, Dr. Brandon? — perguntou Anne, sendo formal como a situação exigia.

— Teoricamente, não — respondeu tranquilamente. — Durante as visões, Sophie pode ter um significativo aumento da atividade cerebral, mas isso não deveria aumentar a pressão arterial. Porém, o estresse causado por elas podem. Por isso eu disse que seria útil, se possível, monitorarmos o momento de uma visão e controlarmos o nível de estresse.

Sophie se via encurralada por termos científicos, probabilidades e teorias, dentro de uma piscina de sangue. Era apavorante.

— Em resumo — concluiu Sophie. — Não tenho como evitar, com certeza, as visões e elas podem aumentar o risco de outro ... acidente vascular. É isso? — dirigia o olhar a Nancy e a Brandon, numa esperança que lhes dissessem que estava errada.

— A grosso modo, é isso — respondeu secamente Brandon, embora não lhe agradasse dizê-lo.

— E se provocássemos uma visão durante uma sessão de hipnose, por exemplo. Uma visão monitorada para sabermos, exatamente, as consequências e... — e antes que terminasse, Brandon interveio.

— Sophie, eu sei o quanto você está apreensiva, mas, por enquanto, isso está descartado — decretou. — Sou o seu médico e tenho obrigações com você. Seria um risco enorme e desnecessário, neste momento.

— E como faço para viver assim? — desabafou. Um silêncio mortificante pairou sobre todos dando a Sophie uma única saída — Dr. Brandon, eu quero fazer ao menos uma sessão de hipnose.

— Depois que passar esta semana, Sophie. Me desculpe, mas não posso abrir mão deste período.

A queda de braço estava sendo dura e Sophie não pretendia desistir, embora soubesse que suas chances fossem quase nulas.

— É preciso esperar para que as artérias fiquem mais fortes! — reforçou Anne, dirigindo a Sophie um olhar meigo e protetor. — É isso, Dr. Brandon?

— Digamos que sim — concordou, gesticulando a cabeça, não muito convicto.

Sophie levantou-se esfregando as mãos na calça, alisando-as nervosamente, banhadas de suor, andando de um lado para o outro na sala, tentando encontrar uma saída. Anne levantou-se em seguida, carregando a bandeja até a cozinha.

— Eu daria tudo por um cigarro, agora — murmurou para Anne. — Nem pensar! — respondeu Anne, passando por ela.

— Sophie, não antecipe as coisas — falou Jesse caminhando ao seu encontro. — Vamos dar tempo ao tempo. Com a medicação correta e seguindo os conselhos da Dra. Nancy, eu acredito que você terá uma vida diferente de agora em diante. Você precisa acreditar também!

— Jesse tem razão, Sophie — concordou Nancy com seus olhos azuis cansados

— Você está rodeada de amigos, aqui — acrescentou Brandon. — Tudo ficará bem — e os olhos azuis de Nancy tornaram-se ligeiramente distantes.

— Eu só não quero viver como se eu fosse de cristal, prestes a trincar a qualquer sacudida — e concluiu improvisando um tom divertido. — Eu sou muito desastrada com cristais — e conseguiu arrancar alguns sorrisos na sala.

— Sophie, a sua situação é delicada, agora, mas a cada dia que passa, será um dia mais perto da normalidade. É para isso que vamos trabalhar, certo? — questionou Anne olhando para Brandon com admiração. Confiava nele. E os seus olhares se cruzaram dando a Anne a certeza de que Brandon era otimista com relação ao quadro de Sophie. Havia uma esperança para ela e, quem sabe, para Anne também.

Sophie acompanhou o raciocínio de Anne pelo olhar e sentiu-se mais aliviada. Sim, bastava tomar a medicação e tentar ser feliz. Virou-se para Jesse e pensou que, afinal, era uma pessoa de sorte. Tinha tudo o que precisava.

— Ok. Bola pra frente, então — falou decidida, esfregando as mãos uma na outra. — Quem está com fome? Que tal comida mexicana?

— Acho que seria melhor algo mais leve para você, não acha? — alertou Brandon com um olhar torto e jocoso.

Eram quase dez da noite quando o telefone tocou. Era Paul e Anne o atendeu alegremente, mas quando Sophie veio ao telefone, sua voz aos poucos ficou menos amigável. Depois de responder às primeiras perguntas sobre seu estado de saúde, disparou.

— Paul, eu ainda gostaria de terminarmos aquela conversa — olhou para todos na sala. Estavam alegres, conversando descontraídos e continuou. — Acho que estou pronta para isso. Você não? — Paul suspirou do outro da linha e concordou.

— Certo, Sophie. Falaremos sobre isso amanhã, sem falta. Prometo responder a todas as suas perguntas. Na verdade, vai ser muito bom para mim, também — e desligaram com despedidas formais.

Sophie sabia que uma situação estressante talvez fosse mais perigosa do que uma visão, mas estava disposta a arriscar. E após desligar o telefone, lembrou-se de falar sobre a dosagem do calmante com Brandon que, imediatamente, tirou uma caixa de ansiolítico da bolsa, que ela deveria tomar um por dia, pouco antes de dormir, caso se sentisse muito ansiosa, enfatizou.

Sophie achou que a situação de amanhã se adequaria perfeitamente. *Tomar uma pílula antes de encontrar Paul*, mais uma anotação para a sua agenda mental. Enfiou a caixa na gaveta da cozinha e juntou-se ao grupo.

Pouco depois, Anne e Brandon saíram para levar Nancy em casa, já que a sessão de cinema do casal Barkley se estenderia em um jantar noite afora. Sophie ficou sozinha

com Jesse e ambos sentiam-se exaustos. Jesse insistiu em lhe fazer companhia até Anne voltar e Sophie achou melhor não discutir. Seria bom tê-lo por perto.

Enquanto esperavam a comida chinesa chegar, ela teve com Jesse a mesma conversa que tivera com Anne horas antes. Jesse conhecia Sophie o bastante para saber que ela tomaria esta decisão e, embora não gostasse da ideia de ela ficar remexendo em coisas que poderiam desgastá-la, só tinha uma coisa a fazer: apoiá-la. Preferia isso a estar longe dela. Acontecesse o que fosse nos próximos dias, Jesse não desgrudaria dela um minuto sequer.

Anne retornara por volta de meia noite e assim que Jesse foi embora, Sophie quis saber os detalhes, mas não havia muito a contar.

— Nada de beijo? — perguntou Sophie, abrindo a geladeira e pegando um copo de água para tomar o novo remédio da noite.

— Nada... achei melhor esperar mais um pouco — respondeu, sentando-se no banco do balcão.

— Ah, Anne, você é mesmo uma garota difícil — disse Sophie, colocando o comprimido na boca, lutando para botá-lo pra dentro e quando conseguiu, percebeu uma sombra de preocupação nos olhos de Anne. — O que foi?

— Eu acho que ele é casado — respondeu, baixando os olhos numa tristeza profunda.

— Casado? Como? Ele não te disse nada? — indagou com espanto, contornando o balcão e sentando-se ao lado dela.

— Ele me disse que foi casado, mas estão separados há alguns meses. Mas eu não sei... tenho minhas dúvidas — *Oh, Anne, que pontaria para homens você tem, hein?* Pensou Sophie.

— Anne, vai com calma, ok? Você não merece sofrer de novo. Pergunte ao Steven!

— Eu pensei em perguntar, mas não queria abrir o jogo, entende?

— Entendo. E o que você pretende fazer? — Anne deu de ombros.

— Ainda não sei. Vamos ver — e forçou um sorriso. — Nesse exato momento, eu quero dormir — afirmou, descendo do banco e passando o braço pelo braço de Sophie.

— Eu também — concordou, e as duas subiram as escadas.

A noite caminhou tranquila para ambas, e Sophie sonhou! Foi um sonho truncado com Elena. Não conseguia se lembrar exatamente do que era, mas Elena estava lá. Certamente, dormira pensando na conversa que teria com Paul. Não deu a menor importância e saiu da cama, às dez da manhã.

Não havia dores de cabeça, nem dormência nos braços, nem vertigem. Era uma manhã absolutamente normal e Sophie tornou-se devota fervorosa do novo comprimido. Talvez as coisas, realmente, fossem dar certo, pensou. Sentia-se incrivelmente bem e desceu correndo as escadas como uma lebre saltitante. Viu Anne cuidando do jardim e foi se juntar a ela.

Era uma linda manhã de outono e o jardim estava coberto por folhas secas que Anne lutava para empilhar. Sophie lhe ofereceu ajuda, mas Anne não quis. Adorava fazer jardinagem, mesmo quando a deixava irritada. Sophie ajeitou-se preguiçosamente na espreguiçadeira. Forçou os olhos para o céu e viu que a linda manhã mudaria logo. Nuvens cinzentas se formavam ao leste e talvez ainda pela manhã estivessem chorando sobre as folhas secas no chão. Esticou os lábios com satisfação. Sophie adorava a chuva e os dias nublados. Não sabia como as pessoas poderiam gostar de largar seus corpos sob o sol feito lagartos. Sol, verão, praia, suor, nada disso estava na lista de suas preferências.

O telefone tocou e Anne correu para atendê-lo na esperança de que fosse Brandon. Sophie permaneceu deitada de olhos fechados, coberta com uma leve manta branca de flanela, sentindo absolutamente nada. Como se ainda não tivesse acordado.

— Sophi, temos que sair — disse Anne com uma voz firme e assustada, fazendo Sophie jogar as pernas rapidamente para fora da espreguiçadeira.

— O que foi?

— Era Paul — Anne tinha uma expressão ilegível no rosto, com as pálpebras dobradas sobre os olhos. — Ele disse que Elena deixou um testamento e nós duas somos as suas beneficiárias — soava como se estivesse lendo um artigo de jornal.

— O que???? — exclamou com as sobrancelhas erguidas até o topo da cabeça.

— Paul não soube me dizer mais nada. Temos que encontrá-lo no escritório do advogado de Elena em uma hora — a nuvem no olhar de Anne estava passando e um brilho de pânico surgia ao fundo.

— Advogado de Elena? Mas que absurdo é esse? — Paul lhes havia dito que Elena não tinha nada a não ser alguns poucos objetos pessoais. Não fazia sentido! — Bom, não vamos encontrar respostas aqui. Vamos embora, então.

— Sophi? —Mmm — respondeu ela, virando-se para Anne que permanecia parada como uma estátua na porta que dava para o jardim. — Paul me perguntou se você estava bem para enfrentar isso — virou-se para Sophie que já tinha passado por trás dela. — Você está?

— Claro! Estou ótima! — respondeu sentindo-se renovada e curiosa.

— Ele disse que tem muita coisa para nos contar — advertiu Anne, e Sophie suspeitou que tivesse que tomar outro daquele comprimido milagroso.

— Não se preocupe. Estou bem e Brandon me receitou outro remédio para *ocasiões especiais* — sussurrou. — Vamos — Anne e Sophie subiram as escadas aos tropeções. Ultimamente, parecia quase impossível conseguir viver um dia de paz e tranquilidade.

Capítulo 15

Uma hora depois, Anne e Sophie encontravam Paul em um café a dois passos do escritório do advogado a quem Elena havia confiado o seu testamento. Tão logo entraram no café, apressadas, fugindo da chuva que começava a cair, Paul as chamou. Quando Sophie se virou, viu-o sentado em uma pequena mesa quadrada de madeira envernizada, ao lado esquerdo da porta de entrada.

Paul levantou-se para cumprimentá-las e estava ainda mais abatido. Usava calças jeans, uma camisa listrada azul clara e uma pesada jaqueta grafite. Parecia mais velho de quando Sophie o viu pela última vez, no hospital. Sentiu-se ligeiramente culpada pelo modo como o tratara naquele dia. Talvez tivesse sido dura demais, intransigente demais, exigente demais. Deveria lhe pedir desculpas?

— Bom dia, Paul. Você está bem? Me parece um pouco abatido — sondou Anne.

— Estou bem, obrigado, Anne. Tivemos uma noite longa com a pequena Sophie — explicou, e seus olhos se iluminaram.

— Ela está bem? — indagou Sophie.

— Sim, sim. Coisas de criança pequena, nada demais. Por falar nisso, Elizabeth e Christeen lhes mandaram abraços. Pediram para vocês voltarem mais vezes.

— Pode apostar! — exclamou Anne com entusiasmo. — A pequena Sophie é adorável! Não vejo a hora de pegá-la nos braços novamente.

Sophie tinha pressa, não queria que a conversa ficasse em rodeios, mas manteve a calma. Pediu café com leite e brioques, enquanto Anne quis apenas um chá puro. Sophie refreou o quanto pôde o desejo de perguntar-lhe sobre o testamento, embora tenha sido este o motivo do encontro, mas queria ser mais amável com Paul. Ele merecia.

— Não deve ser nada fácil cuidar de uma criança tão pequena e frágil. Meu deus... — comentou, balançando a cabeça e pensando se um dia ser mãe estaria em seus

planos. — Mas Christeen estava radiante quando a vimos! Como ela consegue, com tudo o que ela passou!

— Sim, é verdade. Christeen é uma mãe maravilhosa — disse Paul sorrindo aliviado. Por Christeen e por Sophie. Ele a amava como a uma filha e não havia dor maior do que sentir a distância que a discussão no hospital havia criado entre eles.

— Então, Paul, que história é essa de testamento? — perguntou Anne, imaginando que Sophie se remoia de curiosidade.

— Não sei o que dizer, Anne. Foi uma surpresa para mim, também — disse, levando a xícara à boca queimando os lábios com o café recém colocado à mesa. — Hoje de manhã, me ligaram da Stuart Solicitors London com esta novidade.

— A Stuart London? — perguntou Anne, boquiaberta.

— Sim, a própria — e vendo que Sophie não tinha ideia do que falavam, Anne fez um parênteses.

— Fizemos um trabalho para eles alguns meses atrás. É uma empresa enorme, muito conceituada no ramo jurídico. Redecoramos praticamente todo um andar.

— Um andar? — indagou Sophie.

— Sim, eles ocupam três andares deste prédio vitoriano, aqui — gesticulando em com o dedo indicador em círculos para o alto. — Não é coisa pequena não — comentou Anne pensativa, balançando a cabeça como se algo não se encaixasse e, como se Sophie pudesse ler os seus pensamentos, questionou.

— Isso deixa a coisa ainda mais estranha, vocês não acham? A senhora Elena contratou uma empresa deste porte para cuidar do seu testamento? Paul, por favor, o que você está nos escondendo? De verdade, acho que agora, mais do que nunca, nós precisamos saber, você não acha? — sugeriu Sophie, aparentemente calma.

— Sophie, acredite em mim, eu realmente não sei nada sobre isso. Como eu contei a vocês dois dias atrás, a família de Elena era muito rica *antes* da Segunda Guerra, mas,

infelizmente, eles perderam praticamente tudo o que tinham. Pelo menos era o que Elena me dizia — Anne e Sophie o olhavam em silêncio e Paul continuou. — Durante a Guerra, a fábrica em Manchester, como tantas outras fábricas no país, teve que fabricar peças para aviões e munição para a Força Aérea Britânica. Independente do que faziam antes, praticamente todas tiveram que mudar suas linhas de produção para abastecer o nosso exército contra os alemães. E, como muitas também, foi alvo de intenso bombardeio, não sobrando quase nada. Quanto aos pais de Elena, vocês sabem o que aconteceu e, até onde eu sabia, a fábrica deles também tinha sido destruída, assim como a casa onde viviam — engoliu mais um gole de café e continuou. — Depois de alguns anos que eu conheci Elena, ela me falou alguma coisa sobre uma herança de família, mas não levamos o assunto adiante. Ela era muito reservada e eu não quis parecer interessado em seus assuntos financeiros — disse em tom sóbrio. — Portanto, eu juro a vocês, não sei do que se trata — frisou.

Anne já havia terminado o chá e mordida nervosamente os lábios. Sophie atravessava Paul com o olhar tentando enxergá-lo por trás das palavras, mas não encontrou nada. Ele era de uma sinceridade visceral.

— Bom, acho que só tem um jeito de conhecermos mais esta face da senhora Elena. Vamos? — perguntou Sophie, olhando de Anne para Paul, que lhe deu um olhar reprovador.

— Sophie, você não deveria julgá-la desta maneira...

— Desculpe, Paul. Não foi mesmo minha intenção. Eu não estou, realmente, no meu normal — e aproveitou para enfiar o seu remédio goela abaixo, não com muita facilidade, como sempre — Me desculpe.

— Claro, Sophie. Acho que estamos todos em um momento muito delicado — sorriu, pegando a mão de Sophie e apertando-a num gesto de encorajamento. Sophie lhe sorriu de volta, num sorriso tenso, mas também sincero.

Anne olhava pela grande vidraça quadriculada ao seu lado, vendo pessoas indo e vindo com suas longas capas de chuva, tentando entender como a sua vida e a de Sophie

havam se transformado naquele gigantesco quebra cabeças. O mesmo pensava Sophie, já tentando juntar as peças, e percebendo que lhes faltavam quase todas. Sabia, porém, que algumas delas estavam a poucos andares acima de suas cabeças e sentiu a ansiedade bater no peito. Tentou acalmar-se, pensando em Nancy e em suas palavras ditas na noite anterior. Respirou fundo e silenciosamente enchendo-se de serenidade. Ou, ao menos, tentava.

Pouco depois, estavam sentados, os três, em um grande sofá de couro creme em uma luxuosa sala do sexto andar, forrada por um tapete vermelho escuro discretamente florido. As paredes eram de um tom também creme delicado, decoradas com detalhes retangulares em gesso, e sem quadros. Portas e batentes acompanhavam o mesmo tom branco dos adornos de gesso nas paredes. Uma suave música instrumental preenchia o silêncio cortante da sala.

— Foram vocês que fizeram essa? — sussurrou Sophie a Anne.

— Deus me livre! — rangeu entre os dentes, chocada.

— Eu sabia! É muito anônima. Você faz muito melhor — sussurrou de volta. Embora fosse um ambiente refinado, faltava personalidade, soava falso, de alguma maneira. — Agora fiquei curiosa para conhecer o *seu* andar.

— É o de cima, o da presidência. São quatro salas lindíssimas, duas delas de reunião e... — Anne foi interrompida por uma secretária que chamou Paul para entrar. Ela era jovem, tinha os cabelos loiros lisos amarrados em um rabo de cavalo e usava um tradicional *tailleur* azul escuro, monótono.

A secretária loira apresentou-os a um advogado jovem, muito sorridente, de cabelos escuros cuidadosamente penteados para trás, num elegante terno também azul marinho. A sala tinha duas janelas retangulares verticais ao fundo, com uma estante ladeando cada uma delas. Uma grande mesa de madeira à frente e três cadeiras de couro.

— Fico contente que tenham podido vir tão rápido. Por favor, sentem-se — disse o advogado que se apresentara como Liam Chester. — Sinto muito pela perda da

senhora Gibson. Era uma pessoa fabulosa — falou em tom respeitoso enquanto se acomodava em sua cadeira. Anne e Sophie levaram um tempo para se lembrar de que o sobrenome de Elena era Gibson. — Posso oferecer-lhes algo para beber? Chá, água? — Sophie aceitou um pouco de água, sentindo a garganta secar de repente — Senhorita Smith, água, por favor — dirigiu-se educadamente à secretária.

— Doutor Chester, gostaria que o senhor nos colocasse a par da situação, por favor — pediu Paul, poupando-as de dar início à conversa. — Fomos todos pegos de surpresa. Conheço Elena há mais de trinta anos e não sabia que ela tivesse algum bem.

— Eu sei. A senhora Gibson nos falou sobre o senhor. Ela tinha muita afeição pelo senhor. Por vocês três, na verdade — correu os olhos às duas jovens à sua frente. — O fato é que a senhora Gibson nos confiou a administração de seus bens há muitos anos. Na verdade, a história foi um pouco ao contrário disso. — A secretária lhes servia a água em copos altos e brilhantes. — Meu avô e ela são conhecidos de longa data. Infelizmente, ele faleceu há cinco anos, deixando meu pai como seu procurador no caso — cruzou os dedos das mãos apoiando-as sobre a mesa, inclinando ligeiramente o corpo para frente. — Meu pai faleceu ano passado e, desde então, eu tenho cuidado dos interesses da senhora Gibson. — Anne e Sophie continuavam caladas, intimidadas pelo olhar penetrante daquele jovem e desenvolto advogado. — Meu avô era o advogado da fábrica dos pais de Elena e somente muitos anos depois da guerra conseguiu localizá-la na instituição. Embora a fábrica tenha sido totalmente destruída, a família possuía ações que foram subindo consideravelmente de valor, com o passar dos anos. Quando meu pai a localizou, falou-lhe a respeito das ações. A senhora Gibson, logicamente, não sabia como administrá-las. A conselho de meu pai, ela vendeu algumas e manteve outras. O fruto da venda das ações foi doado para o instituto e as que ficaram estão sendo administradas, até hoje, por nós. — Liam abriu uma gaveta sob a mesa bem organizada, retirou uma pequena pasta de couro preta e a abriu. Retirou alguns papéis e os dispôs ao lado da pasta colocando a mão sobre eles sem dar uma pausa em seu discurso. — Um ano atrás, pouco depois da morte do meu pai, ela veio até a mim pedindo para fazer um testamento, nomeando as senhoritas Sophie

Wallgrave e Anne Sorin — pronunciou o nome lendo-os em um papel a sua frente — como suas únicas e legítimas herdeiras — fez, então, uma pausa olhando para as duas jovens com olhares perplexos. Liam sabia do passado de ambas e pensou que a próxima informação pudesse interessar-lhes. — Posso adiantar que a soma não é de se descartar. As ações que a senhora Gibson possuía valem, no mercado de hoje, cerca de 250 mil libras — Anne e Sophie continuavam imóveis, chocadas. — Obviamente, cabe às beneficiárias decidir o que fazer com os bens. Vocês podem manter o investimento, vendê-las em parte ou totalmente. A nossa função é informá-las do fato e ficaremos muito honrados em poder contribuir com alguma consultoria, se vocês quiserem — Anne e Sophie continuavam sem palavras. Não sabiam como administrar o turbilhão de informações que caía sobre elas. Mal haviam tido tempo sequer de sentir a morte de Elena.

— Desculpe, doutor Chester, mas não consigo lhe dar nenhuma resposta agora — falou Sophie, depois do que pareceu ser um longuíssimo silêncio.

— Podemos repassar esta herança a alguém? — perguntou Anne, atraindo os olhares de todos para si. — Quero dizer... doar para o instituto, por exemplo? Não consigo imaginar que a senhora Elena não quisesse que este dinheiro fosse para onde ela passou a maior parte de sua vida, o lugar que ela amava! — Anne não conseguia entender a decisão de Elena e não se sentia sequer merecedora de tamanha benevolência.

— Senhorita Sorin... — murmurou Liam inclinando o corpo ainda mais para frente.

— Anne, por favor.

— Anne... se a senhora Gibson quisesse doar para o instituto, o teria feito. Pode acreditar — voltou para a sua posição anterior. — No último ano, desde que passei a ter contato direto com ela, pareceu-me uma pessoa muito lúcida e inteligente. Ciente das suas vontades. E, se me permitem a sinceridade, não estava muito satisfeita com os rumos da instituição — Sophie sabia bem onde Liam queria chegar. Elena não era de acordo com o fato de o Instituto ser, hoje, mais um colégio para ricos do que para crianças necessitadas.

— Entendo, Dr. Chester — disse Anne.

— Liam, por favor — Anne sentiu o rosto corar e continuou.

— Certo... Liam... eu entendo o que o senhor quer dizer, mas não consigo pensar em pegar essas ações da senhora Elena. Não me parece justo! — Sophie não falava nada e, aparentemente, não pensava em nada, também. Sentia a perda de Elena acentuar mais e mais.

— Anne — chamou Paul. — Você não vai *pegar* nada. Ela deixou, *de presente*, para vocês. Não aceitar seria o mesmo que faltar-lhe ao respeito, não acha? — Anne baixou os olhos retraindo a emoção. — Ela teve muitos anos para pensar nisso, amadurecer a ideia e tomar uma decisão. E ela escolheu vocês. Vocês duas! — enfatizou Paul, chamando Sophie para o contexto.

— Eu... — Sophie sentia a cabeça pesada, talvez efeito do remédio. — Eu poderia tomar mais um copo de água, por favor?

— Você está bem, Sophie? — perguntou Anne, dando-se conta do estado de saúde da amiga. Agitou-se na cadeira e Sophie lhe sorriu enquanto massageava a têmpora do lado esquerdo.

— Tá tudo bem, Anne. De verdade. É que... — e dirigiu o olhar para Liam. — Eu, sinceramente, não sei o que fazer. Poderíamos ter um tempo para pensar ou, talvez, vocês pudessem nos orientar?

— Claro, senhorita Wallgrave — concordou com um sorriso satisfeito.

— Sophie, por favor — corrigiu sem sorrir.

— Claro, Sophie. Sem problema — concordou Liam com outro sorriso inabalável.

— E quanto aos seus honorários? — perguntou Paul.

— Sem honorários — enfatizou ele, sob olhares ainda mais surpresos. — Este é um caso de família. Os pais dela sempre foram muito bons para o meu avô. Ele a tinha como a uma filha e quando soube que a senhora Gibson vivera tantos anos em um

orfanato, nunca se perdoou por não tê-la encontrado antes — baixou os olhos como se reverenciasse uma imagem que lhe viera à mente, mas em seguida recuperou-se do que quer que tenha sido e continuou com a mesma firmeza de antes. — O mínimo que ele podia fazer era cuidar para que nunca lhe faltasse nada. Mas a senhora Gibson era excepcionalmente altruísta, como vocês sabem. Ela sempre doava o dinheiro para o instituto. Até um ano atrás, quando tomou esta decisão — Liam olhou fixo para Anne e Sophie e concluiu. — Estamos à disposição e sem honorários — enfatizou dando-lhes um sorriso sincero.

Anne segurava a mão de Sophie sobre o braço da cadeira com tanta força que Sophie sentia os dedos adormecerem, mas não sabia o que realmente estava sentindo. A cabeça lhe pesava sobre os ombros, os olhos queriam se fechar e tinha sede. Muita sede, ainda.

— Anne... Sophie... — continuou Liam. — Vão para casa e pensem a respeito. Podemos nos encontrar novamente no final da semana e lhes daremos mais detalhes, tudo bem? — suspirou e continuou, perdendo um pouco o ar artificial. — Olha, sabemos que os advogados tem a péssima reputação de pensar somente ao dinheiro de seus clientes e, para falar a verdade, não é de todo mentira — assumiu sem traços de vergonha. — É o nosso trabalho, somos uma empresa como qualquer outra, mas até mesmo as grandes empresas prestam serviços, digamos, por uma causa. Neste caso, a nossa causa são a amizade, a consideração e a gratidão — a voz de Liam abaixou um tom, mergulhando em um terreno que lhe tocava algo mais íntimo e delicado. — Meu avô foi criado praticamente nas ruas, era órfão de pai e mãe. Seu primeiro emprego foi na fábrica dos pais da senhora Gibson quando, acreditem, passava fome. Eles acreditaram nele e o fizeram estudar e se tornar advogado. Chegou a guerra e acabou com o sonho e a vida de muita gente. O destino quis que meu avô, órfão, se tornasse um advogado de sucesso. Infelizmente, por outro lado, o destino empurrou a senhora Gibson, que poderia ter tido uma vida rica e feliz, para um orfanato. E, para que? — Anne e Sophie sabiam a resposta, eram fruto do triste destino de Elena. — Para ser a mãe de dezenas de crianças que, um dia, se viram sozinhas como ela — e como nós, continuava mentalmente Anne enquanto Sophie controlava a emoção e as lembranças. Se não

tivesse ido para os braços de Elena, o que teria sido de sua infância? E, agora sabia que ela fizera tudo isso por opção, mesmo podendo ter saído de lá, casar-se e ter seus próprios filhos. — Anne? Sophie? — chamou Liam, puxando-as de volta. — Vão para casa. Não se preocupem. Continuaremos a administrar os bens da mesma maneira como antes. Era nosso dever informá-las e, quando quiserem, estaremos prontos a lhes indicar o que fazer, quando e como — sorriu com os lábios erguidos num arco perfeito e sincero. Sophie lhe dirigiu um último olhar penetrante, como se desconfiasse de alguma coisa. Na verdade, desconfiava, mas não sabia do que. Então, decidiu-se.

— Está bem. Vamos pensar a respeito. Certo, Anne? — virou-se para Anne, que ainda lhe apertava a mão com força.

— Hã.. sim.. claro. Claro — respondeu, perdida em seus pensamentos.

— Muito bem. Estamos à disposição. Preciso apenas que vocês assinem estes documentos, por favor. São somente formalidades jurídicas de que vocês estão cientes da herança recebida e que confiam ao nosso escritório a administração dos bens, *sem honorários* — enfatizou. — O contrato pode ser rompido a qualquer momento — reforçou, empurrando dois documentos iguais a Anne e Sophie, que leram com atenção e depois assinaram.

Liam levou a mão a uma pequena caixa prateada e tirou três cartões de visita entregando-os um para cada.

— Aqui tem os telefones do escritório, o meu celular e também o email. Vocês podem me procurar quando quiser.

— Obrigada, Liam — agradeceu Anne, enquanto Sophie analisava o cartão de visitas. *Liam Chester, presidente da Stuart Solicitors London*. E Sophie pensou se não deveriam ter sido atendidas no andar de cima. Levantou-se, conseguindo se desvencilhar da mão de Anne, esticando a sua para Liam que a apertou cordialmente.

Paul e Anne também se levantaram, cumprimentaram Liam e os três saíram da sala. Desceram calados pelo elevador até o hall de entrada, quando Sophie parou, dirigindo-lhes um olhar interrogativo.

— É só impressão minha ou tem alguma coisa errada em tudo isso?

— Neste momento, não posso dizer nada. Estou chocada e literalmente destruída por dentro — respondeu Anne num sussurro enroscado por alguma emoção que não sabia decifrar.

— Provavelmente é apenas o choque de tudo isso, Sophie. O rapaz me pareceu muito sério. Vou consultar alguns amigos advogados e voltamos a falar sobre isso até o final da semana — disse Paul, abrindo uma pesada porta de vidro dando-lhes passagem.

— A senhora Elena era muito mais do que imaginávamos... — Sophie lançou o comentário no ar esperando que Paul o pegasse, mas ele ficou em silêncio, temendo que ela quisesse saber mais. Saber tudo o que ele tinha a lhe dizer.

— Bem, Paul — interferiu Anne. — nos falamos nos próximos dias então, certo? — disse, olhando para o céu cinza sobre suas cabeças.

— Não — disse Sophie, abruptamente. — Se você não se importar, gostaria de terminar a conversa que começamos no hospital, Paul.

Sophie tinha uma voz calma, mas carregada de expectativa. O olhar era ansioso e Paul não sabia como reagir. Seus olhos o traíam e tentou fugir do olhar decidido de Sophie. De novo, foi salvo por Anne.

— Sophi, vamos para casa. Acho que já tivemos uma dose boa de emoção por hoje, você não acha? — sugeriu Anne esperançosa, mas Sophie não tirava os olhos de Paul suplicando para que ele colocasse um fim àquela tortura em que vivia desde que Elena se fora. Paul desviou os olhos para o lado novamente enquanto Sophie esperava a sua resposta.

— Tudo bem, Sophie — e voltou a olhá-la, vendo duas grandes pupilas dilatadas, eufóricas como o olhar da mesma criança que, um dia, encontrara no hospital. Cheia de medo, mas de esperança, excitada por uma nova chance de vida.

Improvisamente, Paul a abraçou com lágrima nos olhos. Sophie retribuiu o abraço, sentindo o coração acelerar e a garganta se fechar ainda mais. Anne os encarava. *Mas que diabos!* Olhou o relógio e interrompeu.

— São quase uma da tarde. Se vamos ter uma longa conversa, poderíamos ir para um lugar melhor, não acham? — perguntou, abraçando a si mesma sentindo os grossos pingos da chuva que voltava a cair.

— Podemos ir a um restaurante que conheço, aqui perto. Comemos alguma coisa e conversamos. Que tal? — sugeriu Paul, e Sophie assentiu seguida por Anne.

Caminharam três quadras ao sul, a passos largos, e chegaram a um pequeno restaurante irlandês de paredes forradas com painéis de madeira. Escolheram uma mesa ao fundo, onde, pelo menos até o momento, ainda estava vazio e Sophie ficou aliviada. Precisava de espaço para respirar.

Enquanto olhavam o cardápio, Sophie sentiu o estômago revirar. Não tinha fome, queria apenas desvendar os segredos que envolviam Elena e o passado de ambas. Além do que, não era uma grande fã da culinária irlandesa, achava-a picante e pesada. Olhou o cardápio várias vezes e acabou pedindo uma salada. Anne e Paul escolheram o bife irlandês, com pimenta, cebolas, molho de mostarda e batatas.

Sophie olhou para Paul repassando mentalmente a história que ele lhes havia contado no hospital para ter certeza de que o derrame não havia deixado nenhuma lacuna. Queria saber mais. Queria saber por que ela vira o passado de Elena em visões, qual o recado que Elena queria passar quando lhe dera o quadro e por que nunca lhe contou a verdade?

Paul tentava evitar o olhar direto de Sophie, fingindo estar, ainda, olhando o menu, mesmo que o pedido já tivesse sido feito. A tensão era palpável e Anne tomou a iniciativa.

— Bom, estamos aqui, certo? — olhou para Paul e Sophie, que ainda o encarava suplicadamente. Sentiu uma pontada no coração e perguntou. — Sophi, você está bem?

— Sim, Anne. Tudo bem — sorriu para Anne e disse. — Paul, por favor...

— Sim, Sophie, vou lhes contar tudo — prometeu Paul, tomando um grande gole de água. E começou.

Droga, preciso de um cigarro pensou Sophie sentindo a garganta seca e o peito elevar-se e retrair-se insistentemente como uma bomba furiosa. *Espero que não exploda nada aqui dentro. Respire, Sophie. Respire e fique calma!* dizia para si mesma.

— Dolores... Vocês se lembram que lhes falei dela, não? — ambas assentiram. — Dolores foi mais que uma amiga para Elena. Eram como irmãs. Duas irmãs unidas pela guerra, sozinhas em um orfanato, cujo amor era verdadeiramente genuíno, unidas em tudo e para tudo. Mas este amor não era bem entendido por outras pessoas. Era uma época diferente... — e Paul sentiu o coração encolher lembrando-se de quando Elena lhe contara toda a história.

Alguns dias depois que Sophie encontrara o quadro no estábulo – pouco antes de Paul visitá-las com a suspeita do nome falso –, Elena ligou para Paul e sua voz parecia apreensiva. Pediu que ele fosse ao orfanato assim que possível. Precisava lhe falar sobre Sophie. Paul foi no mesmo dia.

Era uma manhã nublada e fria. Quando entrou na sala de Elena, encontrou-a com os olhos inchados. Era óbvio que algo não estava bem. Perguntou-lhe o que havia acontecido e Elena lhe disse que Sophie estava bem, mas estava fadada a uma vida muito, muito difícil. E começou a lhe contar a sua história, enquanto tomavam um Earl Grey com leite. Elena parecia descontrolada, como se mal conseguisse coordenar as próprias ideias.

— Paul, tudo está acontecendo, novamente. Sophie e Dolores... oh meu Deus, pobre menina, pobre menina! — Paul sentia-se perdido, preocupado por Sophie e, agora, por Elena.

— Elena, o que está acontecendo? — perguntou mantendo o seu tom tranquilizador.

— Você se lembra de Dolores, não? — perguntou Elena com os olhos marejados.

— Sim, claro, a sua amiga de infância...

— Sim, minha amiga. Minha querida Dolores — a sua expressão vagava, ora no presente, ora no passado. Era difícil acompanhar. — Pobrezinha... — e caiu em lágrimas.

— Elena, fique calma, por favor. Conte-me o que está acontecendo... — era a primeira vez que Paul a via tão abalada.

— Dolores era uma menina adorável, Paul. Tão especial! Tão sensível! — Elena se esforçava para manter as lágrimas dentro dos olhos. — Quando meu pai quis que eu viesse para cá, eu não poderia suportar a ideia de que a minha amiga estivesse sozinha ou pior, morta, em algum lugar. Enquanto ele falava com o sacerdote da igreja, eu fugi, sai correndo pelas ruas para encontrá-la.

— Eu sei, me lembro que você me contou, Elena — disse em tom caloroso, enquanto inclinava o corpo para frente sentado na poltrona ao lado dela. — Eu não posso imaginar como foram aquelas dias para vocês.

— Foi terrível, Paul. Terrível! Eu não sabia onde ela morava, mas sabia que tinha que voltar para casa, porque eu sabia que ela estaria me procurando, também. Eu corri, gritando o seu nome, enquanto meu pai corria atrás de mim, minha mãe chorando, eu chorando e, quando cheguei à nossa rua, a vi de longe. Eu não podia acreditar em meus olhos. Eu a havia encontrado de verdade! — o olhar de Elena estava distante, num passado que tanto a fazia sofrer, e sua voz saiu cadenciada. — Ela estava encolhida, do lado de muitos escombros, chamando o meu nome. E quando eu a vi, ela se levantou e me abraçou. Oh, tão pequena, tão frágil! Os lindos cabelos ruivos estavam sujos, as roupas... as roupas rasgadas e a pele ... — Elena tremia e tocava o próprio rosto. Suas mãos e todo o corpo convulsionavam em uma emoção contida que explodia em palavras. — E ela me disse. “Eu sabia que você viria. Eu vi você correndo e corri também, até aqui. Eu via você em minha mente e os meus olhos eram os seus,

Elena. Eu cheguei até você e você não estava. Mas agora você está aqui e eles estão mortos, Elena. Meus pais estão mortos.”

Elena chorava compulsivamente enquanto Paul tentou acalmá-la pegando suas mãos entre as suas, sentindo a voz de Elena que entrava em seus ouvidos desesperadamente, deixando-o confuso.

— Dolores me olhou e parecia que não estava lá. Seus olhos estavam tão assustados. Em choque! Eu a abracei e senti meu pai nos puxando, praticamente nos arrastando para uma rua onde um carro nos esperava. Meu pai gritava que devíamos sair dali e as bombas caíram novamente. Ele nos enfiou dentro do carro. Eu nem sequer me despedi deles, Paul. O carro se afastou e vi meus pais pela última vez, da janela do carro, com Dolores chorando ao meu lado — a dor que Elena sentia deixava o seu corpo em lágrimas correntes que lhe banhavam todo o rosto. — E, então, viemos até aqui — deu uma pausa, tentando se recompor e sua voz saiu mais firme. — Eu não conseguia soltá-la dos meus braços. Dolores desmaiou nos meus braços e eu tinha tanto medo de que ela tivesse morrido... — Elena hesitou novamente, erguendo os olhos para o alto. Seus olhos azuis inundados de dor e terror. Tantos anos depois e ela ainda tinha pesadelos de olhos abertos com aquele passado. — Eu cuidei dela como pude e ela cuidou de mim como pôde, mas Dolores era especial. Ela tinha um dom — virou-se para Paul, fitou-o nos olhos e disse, pontuando cada palavra, como se fosse a única chance que Paul teria para entender a sua mensagem. — O dom de ver a dor das pessoas que amava. A minha dor — e Paul ficou atônito. Passava de Dolores a Sophie em um salto. Voltava à Elena e sua dor infinita e sentiu o mundo virar de cabeça para baixo. — Ninguém poderia saber que Dolores era especial. Nem ela mesma entendia, mas eu sim. Ela não tinha sonhos, eram tranSES, como visões, em que via coisas, lembranças da *minha* vida, Paul. Coisas que ela não conhecia sobre mim e sobre outras pessoas por quem ela sentia afinidade — baixou os olhos para as próprias mãos que manuseavam nervosamente um lenço delicado de tecido. — No começo, conseguimos esconder tudo isso. Era o nosso segredo. Mas, aos poucos, algumas pessoas começaram a nos interpretar mal. Achavam que fôssemos... que fôssemos... amantes. — baixou os olhos. — E nos perseguiam, Paul. Nos perseguiam cruelmente!

— inalou profundamente. — Eram tempos difíceis e as pessoas eram intolerantes e ignorantes — respirou fundo novamente, franzindo a testa tentando fazer com que aquilo não a machucasse mais e continuou. — Até que um dia, Dolores teve um ataque em público. Oh meu Deus... oh meu Deus, pobrezinha... — sussurrou caindo em prantos novamente. — Estávamos bem ali — apontou para a janela, no jardim interno, fora das salas de aulas. — Ela caiu e tremia, tremia tanto que pensei que ela não fosse suportar os baques do seu corpo contra o chão. As pessoas foram se juntando e as enfermeiras chegaram. Levaram-na para a enfermaria. Eles a levaram de mim Paul, e eu fiquei apavorada que lhe fizessem algum mal ou, pior, que a levassem embora, mas felizmente ela recuperou a consciência e, no dia seguinte, voltou para o quarto. Não nos disseram nada, mas sentíamos os olhares da diretora, das professoras e principalmente das colegas — os olhos de Elena ardiam de dor. — Dolores foi isolada, como se fosse uma doença contagiosa. Alguns riam dela quando passávamos e isso me irritava, me deixava triste e nervosa. E Dolores sentia tudo, via tudo em sonhos, em visões, em transe, em ataques incontroláveis. Quando eu entendi que tudo aquilo era causado por mim... Por mim, Paul! — e sua voz tornou-se quase incompreensível entre soluços e pranto. — Eu passei a controlar os meus sentimentos, para que ela não os visse mais... para que ela não sentisse nada. Mas nem sempre eu conseguia. Não é fácil controlar os sentimentos quando se tem um coração como o meu, Paul — ponderou, com os olhos cheios de culpa. — Por sorte, eu a conhecia muito bem para saber quando ela estava para entrar em um transe e, assim, eu conseguia, às vezes, levá-la para um lugar seguro e longe dos olhares das pessoas. — Elena fez uma longa pausa. — Mas, no nosso último ano no instituto, eles a levaram — o brilho fugiu dos seus olhos e ela era pura tristeza. Paul precisou de todo o seu autocontrole de anos de experiência na área social para não demonstrar a dor que sentia, também. — Internaram minha Dolores em um sanatório. Eu fiquei tão desesperada, Paul. Eu não sabia o que fariam com ela, só tinha uma vaga ideia. Mas eu não pude fazer nada! Eu não era parente, era menor de idade, havia passado os últimos quatro anos em um orfanato. Imagine... Fiquei quase o ano todo sem vê-la e somente quando saí dessa casa, pude encontrá-la — Elena levantou-se e caminhou, lentamente, até a janela, mantendo os olhos no jardim e Paul a seguiu. — Uma das enfermeiras me deu o nome do sanatório, deu-me

algun dinheiro e eu fui até lá. A senhora Flinn era adorável. Uma das poucas pessoas que nos entendia — Elena voltou-se para Paul ao seu lado, com uma sombra de sorriso no rosto. — Ela tinha contatos no sanatório e me dava notícias de Dolores. Soube que ela tinha sido diagnosticada como esquizofrênica e epilética... E você sabe qual o tratamento contra esquizofrenia, naquele tempo? — Paul continha as lágrimas baixando os olhos para as mãos de Elena, suadas de medo, de tensão e de angústia que aquelas lembranças lhe traziam. — Ah, Paul, você não queira saber... eu fui vê-la e ela estava tão mudada. Dolores não tinha mais vida, Paul. Era apenas um vestígio de um ser humano. A menina linda e sensível que eu conhecia e amava, a minha irmã, meu Deus, como puderam fazer isso com ela? — Paul sentiu que as pernas de Elena estavam vacilando e segurou-a pelo braço, levando-a novamente até a cadeira. — Dolores vestia uma camisa de força, sentada em uma cadeira velha, os cabelos despenteados e sujos. Tinha um olhar vazio. Seus olhos tinham escurecido, estavam tristes e sem vida, e ela... não me reconheceu. Eu via marcas em suas têmporas. Marcas de aparelhos de choque, provavelmente. E me senti tão impotente, Paul. Fora a coisa mais triste pela qual já eu já passara. Talvez até mais do que a notícia da morte dos meus pais — baixou os olhos novamente. — Eu quis morrer, naquele dia. Quis morrer e levar Dolores comigo. Queria que ela não passasse mais por aquilo. Tínhamos apenas dezesseis anos, Paul. Dezesseis anos... — repetiu Elena com uma voz ainda mais baixa. — Uma vida jogada fora... Dolores queria ser bailarina, quando criança. Tinha mãos tão delicadas, oh meu Deus... — Paul não conseguia dizer nada que pudesse confortá-la. Sentia-se vazio. Vazio de esperanças por Elena e Dolores. Limitava-se a tocar-lhe as mãos e acariciá-las com seus dedos, com afeto. — Eu voltei para cá e a Flinn, a enfermeira, me levou para a casa dela. Fiquei com ela alguns dias, mas nada me tirava a vontade de morrer e não pensar mais em nada. Queria tirar Dolores de lá, mas era impossível. Eu não tinha ninguém. Ela não tinha ninguém. Éramos sozinhas, Paul, e um dia, foi como uma iluminação em minha vida. Eu percebi que tinha que proteger crianças como eu e, principalmente, como Dolores. Flinn conseguiu com que eu voltasse para cá, não mais como interna, mas como sua assistente na enfermaria. E aqui eu fiquei. Cada vez que eu visitava Dolores, uma parte de mim morria um pouco. Eu só vi Dolores sorrir uma vez, em todo o tempo em que ela esteve no sanatório. Foi

para o Rudy, um cachorrinho que apareceu lá. Ela sorria para ele, de dentro da sala lacrada com grades. Ela sorria enquanto ele corria pelo jardim. Mas eu só o vi uma ou duas vezes. Acho que deram um fim no pobre coitado... — comentou com amargura. — Dois anos depois, Dolores morreu — baixou os olhos e o tom de voz. — Tínhamos dezoito anos, Paul — ergueu o olhar novamente, como se Paul tivesse que vê-lo para crer. — A idade em que o futuro se descortina diante dos nossos olhos... e, para Dolores... o espetáculo havia terminado — Elena olhava Paul com tanto sofrimento que deixou uma lágrima tímida escorrer, enxugando-a nervosamente. — Você entende, agora, Paul? Entende o que acontece com Sophie? Ela é como Dolores. Ela é especial! E eu não posso deixar que isso aconteça com ela, também. Nunca, Paul. Nunca! — ele precisou de alguns segundos para se destacar do passado de Elena e pensar em Sophie. Sim, ela era especial, isso ele sempre soube. Seus olhos escuros e profundos refletiam um brilho diferente. O brilho do amor que sentia pelos outros e, assim como Dolores, atraía para si a dor dos que amava; a dor de Elena.

Elena levantou-se e caminhou com dificuldade pela sala e Paul a viu, realmente, com a idade que tinha. A Elena forte e corpulenta desaparecera num piscar de olhos. Paul a via por dentro, triste, sozinha, confusa e culpada. Uma mulher que morrera aos dezoito anos junto com a sua amiga, mas que, por amor ao próximo, direcionou sua vida a proteger as crianças. Ele sentiu-se infinitamente pequeno diante da grandeza de Elena e infinitamente protetor diante da fragilidade de Elena. Ele tinha que ajudá-la.

— Elena, você não tem culpa alguma do que aconteceu a Dolores. Eram tempos diferentes!

— Eu deveria ter cuidado dela, Paul! E eu a deixei ir... — Elena falava em tom baixo e culposo, de costas para ele, olhando novamente o jardim pela janela.

— Não, Elena. Você também era uma criança. Não tinha poder algum para fazer nada e você fez tanto, tanto por dezenas de outras crianças — ele baixou os olhos. — Oh, Elena...

— Eu sei. E isso me conforta muito, Paul. Passou a ser a minha vida. Cuidar destas crianças, amá-las como ninguém quis. E eu as amo, Paul — a voz de Elena recuperava

o tom, virando-se para Paul. — E é por isso que eu quis contar tudo a você. Sophie é especial e eu não vou deixar que nada aconteça a ela — caminhou com firmeza até Paul ainda sentado na poltrona. — Este será o nosso segredo, Paul. Estou compartilhando o meu segredo e o de Dolores com você, agora, por Sophie. E por Anne. Estas meninas vão viver dias difíceis e vão precisar de nós, você entende, Paul?

— Sim, entendo — concordou, sem hesitar. Sophie era muito pequena para entender o que se passava com ela, a sua sensibilidade, ou o seu dom.

— Pode ser que isso passe com o tempo. Eu não pude saber se com Dolores passaria, a vida não me deu esta chance, mas com Sophie é diferente — Elena apoiou a mão no ombro de Paul e disse. — Vamos dar esta chance a ela e observar, está bem?

— Elena, podemos falar com algum especialista sobre isso.

— Não. Não, Paul. Não vamos não — e deu-lhe as costas, novamente.

— Elena, os tempos mudaram! Sophie pode ter um tratamento, agora — levantou-se, circundando-a.

— Não! — Elena alterou a voz como Paul nunca vira antes, olhando-o duramente.

— Tudo bem — rendeu-se. — Pode contar comigo — não era mais o assistente social falando, mas o amigo de Elena, de Sophie e de Anne; e Elena respirou aliviada.

Quando Paul terminou o seu relato, tinha os olhos marejados e fixos em seu prato ainda cheio de comida. Um bife frio que não o inspirava mais. Anne soluçava com a cabeça escondida entre as mãos e Sophie olhava para Paul, mas não o via. Não via nada a sua frente. Tinha o corpo marmorizado, os dedos afundados em suas coxas tentando se agarrar ao presente e sua mente estava em combustão. Não conseguia identificar suas emoções, amontoadas umas sobre as outras, pressionando tudo por dentro. Pulmões, rins, fígado, estômago, bexiga, garganta e pensou que explodiria em mil pedaços, ali mesmo. A pressão em sua cabeça era insuportável.

Pensou no quadro e lembrou-se do que vira apenas de relance, na mente de Elena, uma vez. Agora se lembrava. Vira Elena depositando os móveis e os enfeites da sua sala no estábulo. Na vida real, isso acontecera muitos anos antes, possivelmente em uma das vezes que Elena doara uma quantia ao instituto, porque muitos móveis estavam sendo trocados, em sua visão. Ela o colocara ali até que a reforma na sua sala terminasse, mas ele acabou caindo e ficando perdido entre poltronas e cadeiras. No dia em que teve a visão dos cavalos, Sophie “espiou”, sem saber, as memórias de Elena e sabia onde achar o precioso quadro.

A mente de Sophie se contorcia e se fixou em Dolores e o seu “dom”. O estômago de Sophie sofria espasmos, agora. A culpa de Elena era tão latente que chegava a doer. O destino de Dolores fora cruel e Sophie se lembrou das zombarias que sofrera, ela mesma, no orfanato, e de todas as vezes que Elena veio em sua defesa. Somente agora, percebia o grau de hostilidade com que Elena a defendia das outras crianças. Era apenas um olhar diferente, mas estava toda lá, a sua amargura, a sua dor e a necessidade de protegê-la, como não conseguira fazer com Dolores.

Agora, Sophie entendia, e desejou debruçar sobre o corpo de Elena novamente, deitada naquela cama de hospital. As lágrimas rolavam pelo seu rosto e Sophie sentia apenas a temperatura do seu corpo cair, como se todo o seu calor tivesse sido jogado dentro de um poço sem fundo, caindo, caindo pela eternidade.

Elena queria lhe contar tudo. Tentou, nos seus últimos dias, mas não sabia se conseguiria enfrentar o seu passado, novamente. Seu último gesto foi dar-lhes os presentes, forçando Paul a fazer o que ela não tivera coragem. Paul, que agora, estava no centro do seu tornado mental. Paul, rompendo com o silêncio de Elena que durara quase uma vida inteira.

Elena estava em paz, agora, e Paul... *ah, pobre Paul*, tinha os ombros caídos, pesados de tanto carregar o peso da responsabilidade por nunca terem revelado a verdade. Paul, que a salvara das suas próprias dores e lhe dera uma chance de vida! Havia levado-a até Elena, *a única pessoa que poderia me entender*. Se tivesse caído em outras mãos, estaria, também, em um hospital psiquiátrico? *Oh, não... como pode ser*

tão egoísta com ele, com todos eles! Anne! Oh, não, Anne! O quanto você tem sofrido por mim, me aturando, me defendendo!

Sophie precisava respirar. Precisava desesperadamente respirar e se levantou, num sobressalto, partindo a armadura de pedra que aprisionava o seu corpo, deixando a cadeira cair para trás, correndo pelo restaurante afora. Quando saiu, deixou o ar invadir os seus pulmões desesperada, caindo em lágrimas. Solto o corpo sobre as mãos apoiadas no joelho e chorou, compulsivamente.

Meu Deus, meu Deus, senhora Elena. Por que? Por que? Por que algumas pessoas têm que sofrer tanto assim, meu Deus! Ergueu os olhos para o alto, levando as mãos à boca, sentindo o rosto banhado de lágrimas e de chuva. Sentia o céu que chorava sobre ela em comunhão com Dolores, Elena, Anne e Paul. Correu para algum lugar, para qualquer lugar. Queria fugir e se esconder, mas a fúria que sentia a acompanharia, onde quer que ela estivesse. E Sophie sabia disso. Assim como sabia que as perguntas nunca terminariam, estavam apenas começando. Corria ao acaso enquanto a mente se debatia.

Pobre senhora Elena, pobre Dolores!...

Sophie corria, ainda desesperada, ouvindo ao longe alguém chamá-la, mas não se importava. Nem com o chamado nem com as pessoas que se viravam para acompanhar a sua desesperada fuga, enquanto outras lhe davam espaço com receio de serem atropeladas por aquela garota de cabelos longos que vinha em prantos em suas direções.

Sophie queria apenas fugir de si mesma e daquela maldição.

Viu uma pequena igreja e entrou, num ato desesperado, sem sequer pensar, sem sequer ter um objetivo. Entrou e correu pelo corredor central de piso em pedras claras, ladeado por bancos de madeira vazios. Ouvia somente seus passos apressados e seus soluços que ecoavam pelo ambiente e tinha os olhos fixos no grande vitral a sua frente, pouco acima do altar, que seguia até o teto em forma de cúpula, branco com ornamentos em dourado.

Sophie estava sozinha diante da imagem da crucificação de Cristo com os olhos fechados e suas feridas pelo corpo. A coroa de espinhos enfiada na cabeça, os pés, as mãos e o abdômen sagrando, na personificação do seu flagelo.

Sentiu que estava para vomitar, numa raiva incontrolada. Gritou com toda a força de seus pulmões. Gritou contra a sua dor, a dor de Elena e de Dolores. Gritou a falta de esperanças e a revolta. Gritou o ódio por seu pai e por todas as vezes que ele a agrediu sem que ninguém viesse ajudá-la. Gritou o abandono de sua mãe.

— Aos diabos com vocês, com todos vocês! Onde vocês estão quando uma criança precisa? ONDE? Escondidos aqui, no meio das suas riquezas e promessas? HIPÓCRITAS! MENTIROÇOS!

Sophie virava-se nos calcanhares, sendo seguida por olhos de anjos que a encaravam docemente e sentia mais e mais repulsa.

— ONDEEEEEEE...!!!!????? ONDE VOCÊS SE ESCONDEM????? — vociferou com as vozes de todos que habitavam o seu mundo interno de terror, exorcizando anos de dor e sofrimento, não somente dela, mas de todos que, sem mesmo saber, passaram por sua mente. Gritou enquanto caía de joelhos, ainda chorando e praguejando em murmuros. — EU ODEIO VOCÊS!!!! AAARGHHH...!!!!

Caiu de joelhos no piso frio como o silêncio aos seus insultos e dúvidas. Sentiu apenas uma forte pancada e tudo se apagou. Mergulhava exausta na escuridão da sua dor, no vazio da sua esperança e no silêncio da sua alma.

Um azul marinho profundo envolvia todo o seu corpo e Sophie ouviu ao longe uma voz masculina chamando-a. Ou melhor, chamava por alguém, mas não era ela. Havia outra pessoa ali, perdido como ela, na escuridão da sua revolta? Sim, havia, mas estava longe. A voz era apenas um fio agudo que brilhava ao fundo.

A intensidade do chamado foi aumentando, chegando mais próximo, sentindo a vibração daquela voz fazendo trepidar todo o seu sangue. Não conseguia sequer identificar uma palavra, mas sentia tão forte que poderia tocá-la. A vibração foi tomando

conta da sua mente e do seu corpo, como uma onda intensa de calor, um choque profundo, mas não doloroso; algo que a chacoalhava por dentro.

O peso de uma mão forte tocou o seu braço e o toque transformou-se em outra onda, outro choque, de maior intensidade, fazendo-a tremer intensamente por dentro. Na escuridão da sua alma, Sophie sentiu um olhar penetrante e desesperado. A voz tornava-se mais nítida.

Claire, Claire, não tenha medo. Estou aqui

Claire? Quem é Claire? E quem é você? Queria perguntar, mas não tinha voz. Sophie havia se reduzido a apenas uma consciência.

Claire! — insistia a voz que assumia um tom potente e grave dentro de sua mente.

Quem é Claire?

Por favor, siga a minha voz! Confie em mim, por favor! — dizia a voz insistente e Sophie quis, desesperadamente, acordar daquele sono em que mergulhara intencionalmente. Usou de todas as suas forças para emergir daquele pesadelo angustiante envolto no mais escuro do seu vazio interior.

Claire!!!! Por favor! Siga-a-minha-voz!

E uma luz suave começou a iluminar ao seu redor. Uma luz que trazia consigo uma brisa leve para dentro da sua mente que voltava a respirar. Havia um vulto ao seu lado que pouco a pouco se tornava mais nítido e Sophie congelou de medo. Era um homem que lhe tocava o braço.

Não, não! Saia daqui, não! — gritava em sua mente.

Calma, Claire. Sou apenas eu, Thomas!

O vulto tinha um nome e não era de seu pai. Sophie tentou se acalmar. Era apenas mias uma visão. Logo passaria e ela estaria de volta. Mas queria voltar? A confusão em sua mente não a deixava pensar. Preferia a escuridão da sua mente à dor, ao medo e à revolta que lentamente a deixavam em paz. Relaxou-se e se deixou levar.

Venha, Claire. Não tenha medo.

E um rosto se revelou. O mesmo rosto que a observara pelo espelho do seu banheiro. O mesmo rosto que a levara para aquela casa grande onde um homem de cabeça baixa esperava por alguém. O rosto que, agora ela sabia, tinha um nome: Thomas.

O jovem sorria para ela com satisfação e gratidão.

Obrigada, Claire. Agora venha. Foi um caminho longo até aqui. Vai ser mais fácil, agora. Confie em mim — implorou em sua mente e Sophie sentiu a sua mão forte conduzi-la com delicadeza. Sentiu uma onda de paz envolver o seu corpo.

— Quem é Claire? — perguntou, sentindo-se aliviada por ouvir a sua própria voz. Mas foi como se a pergunta desencadeasse um retrocesso. Viu Thomas se afastando lentamente, seu olhar apavorado e desiludido, desesperado.

Não. Não. Não, por favor!! — a voz de Thomas foi sumindo assim como o seu rosto, voltando a ser uma mancha, um vulto, uma sombra e nada mais.

A escuridão a engolia novamente.

E fez-se um silêncio sufocante.

Capítulo 16

— Sophie, por favor, seja racional! – implorava Anne à sua frente, no quarto do hospital.

— Anne, não. Não me peça isso. Nós já conversamos, lembra? “Morrer em paz ou viver em paz” e eu fiz a minha escolha. Eu preciso saber — falava Sophie num tom quase ameaçador. A sua voz era carregada de rancor — Olhe para mim, Anne! Olhe para você! — Anne se desfazia em lágrimas enquanto Sophie, sentada na cama do um hospital, gesticulava nervosamente as mãos. — Você acha que isso é vida? Seja honesta, Anne!

Sophie tinha que fazê-la entender, tinha que fazê-la ver a *sua* realidade e continuou.

— Eu não posso fazer isso com você, Anne! Por favor! Você cuida de mim desde os sete anos de idade, não é justo! Você é linda por dentro e por fora. É uma pessoa maravilhosa e merece ter uma vida normal... não posso deixar você passar por isso.

Não posso deixar que você viva como a senhora Elena. Não você, minha irmã. Não. Prefiro morrer a ver você correndo atrás de mim, me salvando de ataques e transes e visões e que merda seja. Você merece mais do que isso. Eu preciso libertar você deste fardo, Anne. Preciso libertar a mim mesma. Pensou Sophie em lágrimas não derramadas.

Brandon entrou no quarto com radiografias nas mãos e perguntou com um sorriso discreto.

— Como você está, Sophie?

— Bem, obrigada — respondeu, baixando os olhos.

— E você, Anne? — perguntou Brandon, passando a mão pelo ombro de Anne.

— Tudo bem — respondeu, aborrecida, nervosa e frustrada, enxugando as lágrimas e sentando-se na cadeira ao lado da cama.

— Quando vou pode sair daqui? — perguntou Sophie, passando a mão pelo rosto tentando limpar a própria mente.

— Assim que terminarmos a papelada, creio que em uma hora, mais ou menos — Brandon percebeu o olhar de Sophie e disse. — Sophie, está tudo bem! Foi apenas um desmaio por estresse nervoso, você não teve nenhum acidente vascular, eu já te disse. Não se preocupe, está bem?

— Não é isso, Brad — disse Anne virando-se de frente para Sophie, com olhos em brasa — Sophie quer fazer a hipnose! Está decidida a fazer, com ou sem a sua permissão! — e Anne jogou as mãos na cintura, enquanto Sophie virava o rosto para o lado para não encarar nem Brandon nem a amiga.

— Sophie — disse ele, e esperou que ela se virasse. — Sophie — repetiu alguns segundos depois e ela se virou com olhos brilhantes. A raiva tinha passado e agora estavam apenas o medo e a angústia em seu olhar. — Sophie, você quer mesmo fazer isso? — perguntou Brandon, aproximando-se da cama, olhando-a profundamente.

Sophie sentiu de relance uma esperança batendo à sua porta e concordou com a cabeça, esforçando-se para não deixar que lágrimas lhe viessem ao rosto.

— Tudo bem, então — concordou, resignado, coçando a testa. — Eu não gostaria que você fizesse isso tão cedo, ainda mais depois deste desmaio, mas ao mesmo tempo, depois do que aconteceu com você ontem, acho que podemos pensar no assunto. Afinal, a sua cabecinha aqui aguentou bem, não foi?

Sophie lhe deu um sorriso de gratidão e Brandon advertiu.

— Mas somente se eu estiver monitorando você. Está bem?

— Claro. Tudo o que você quiser Brad — concordou imediatamente, sorrindo. Virou-se para Anne e sentiu um olhar glacial e penetrante por rapidamente ela e atingir Brandon em cheio.

— O que? Você vai permitir isso? — esbravejou Anne, pulando para fora da poltrona e indo rapidamente ao encontro de Brandon.

— Anne, acalme-se. Eu sei o que estou fazendo — justificou-se, segurando-a pelos ombros e fazendo-a olhar diretamente em seus olhos. — Sophie está bem e o seu corpo respondeu muito bem à medicação — apertou-lhe ligeiramente o braço como um código secreto e disse entre os dentes. — É melhor assim, ok?

Anne olhou-o fixamente tentando decifrar a mensagem que acabara de receber e, mesmo que não fizesse a mínima ideia do que fosse, concordou.

— Se você diz... — voltou-se para Sophie, que relaxava a cabeça contra o travesseiro encostado na cama reclinada, sorrindo e olhando para o teto.

Quando Brandon saiu, Anne foi atrás dele e, embora tivessem tomado cuidado para não serem ouvidos, Sophie conseguiu pegar as últimas palavras.

— ... não permitir... atrás de outra pessoa... sozinha? — sussurrou Brandon.

— Não... Deus, não — murmurou Anne em resposta.

No caminho para casa, Anne estava calada e Sophie tentava encontrar, dentro de si, uma maneira de colocar as coisas em seus lugares. Elena, Dolores, a herança, o *dom*, a visão de Thomas, o nome Claire. Não era fácil. Sabia que estava prestes a juntar as peças do quebra cabeças, mas não sabia nem mesmo se já tinha todas em mãos. Remoía incansavelmente o elenco de suas visões desde que acordara no hospital, no final da tarde do dia anterior. Era fundamental que ela conseguisse identificar quais delas se referiam a Elena e Dolores. E, depois, tentar entender o que Thomas tinha a ver com tudo isso.

— Sophi? — chamou Anne com uma voz tensa.

— Mmmm — respondeu num murmuro.

— Você acha que a Dra. Nancy faria a sessão de hipnose mesmo sem o consentimento de Brad?

— Acho que não — respondeu Sophie ainda distante em seus pensamentos.

— E você teria coragem de procurar outra pessoa? — Sophie virou-se pra Anne e disse, depois de uma breve hesitação.

— Acho que sim... — Anne mordeu nervosamente os lábios enquanto dirigia e Sophie continuou, sentindo-se cansada de tentar fazê-la entender. — Anne, por favor... Eu sinto que estou muito perto de encontrar o caminho. Talvez, até, as respostas para tudo o que eu venho passando há vinte anos... Vinte anos! E você sabe muito bem do que eu estou falando. Eu preciso tentar! Eu preciso me livrar disso, Anne! Se antes já era um tormento na minha vida, agora, ficou ainda pior! Eu me sinto... culpada!

Anne se virou para Sophie com um olhar incrédulo e questionou.

— Culpada? De que? — Sophie virou-se para a janela do carro e respondeu em voz baixa.

— Por Elena. E por você.

— Como é que é?????? — Anne estava prestes a se enfurecer de verdade.

— Anne, você não sabe como é...

— Ah, eu sei sim. E “culpa”, dona Sophie, é algo que você não tem. Não quero nem entrar neste mérito. Não mesmo! — abriu o vidro do carro e resmungou alguma coisa antes de continuar. — Depois de tudo o que Paul nos contou sobre Dolores, você me vem falar de culpa? Olha, Sophie, acho bom você colocar os seus miolos no lugar certo, porque senão, coloco eu!

Sophie deu uma risadinha entre os dentes, às vezes se divertia vendo a amiga nervosa, embora não fosse o caso para rir e Anne, ignorando-a completamente, continuou a resmungar.

— Culpa... Culpa... essa é boa.

Depois que acordara no hospital, Sophie recordou-se apenas da visão com Thomas. Pouco a pouco, voltaram em sua mente a corrida pelas ruas, a igreja e a fúria descarregada em gritos diante do altar. Pensou que nunca mais entraria em uma igreja

na vida, mas decididamente não comentaria isso com Anne. A menos que quisesse vê-la ainda mais enfurecida. Anne tinha uma fé inabalável, diferente de Sophie que via a Igreja com total indiferença. E, depois da história de Dolores, mais mil perguntas de cunho religioso surgiram em sua cabeça. E, novamente, pensou na morte.

— Anne...

— Mmmm

— Se morrer for o que eu senti, ontem. Posso te garantir. É como desplugar de uma tomada. Em um minuto, você está consciente, sente, ouve, vê, respira, sofre... no outro. *Puf...* desliga tudo.

— E você fala como se isso fosse bom — criticou Anne, revirando os olhos para cima.

— E é. Pelo menos para alguém com uma mente perturbada como a minha.

— Ah, Sophie, vai à merda, vai — desta vez, Sophie não sorriu e Anne ficou realmente furiosa.

Bring me to Life rompia o silêncio do carro e Sophie sabia que era Jesse ao celular.

— Oi — atendeu sem muito entusiasmo. — Estamos a caminho. Acho que em quinze minutos... Almoçar? — virou-se para Anne, que lhe fez um sinal de negativo. — Ainda não sei. Eu te ligo de casa, ok? Beijos.

— Eu vou ficar em casa e comer alguma coisa por lá mesmo. Se vocês quiserem ficar, bem. Se não, tudo bem também — responde à pergunta não formulada de Sophie que decidiu, intimamente, encontrar-se com Jesse e deixar Anne digerindo melhor a sua decisão e, para distraí-la, perguntou.

— E aí? Tivemos progressos com Brad? Não adianta mentir porque eu vi!

— Viu o que? — indagou Anne com olhos vazios.

— Eu vi o modo como ele te olhava e é evidente que vocês estão mais próximos — pensou nos sussurros atrás da porta e decidiu não entrar neste mérito. — Vai, me conta! O que foi que eu perdi dessa vez?

— Digamos que foi aprovado na fase um — respondeu Anne com um olhar mais divertido e um sorriso se alargando nos lábios.

— Uau!!! Que coisa boa, Anne! E quando vocês vão para a fase dois? — Anne deu de ombros e respondeu.

— Vai saber!

— Quando foi isso? — continuou Sophie curiosa.

— Foi ontem à noite...

— Claro, enquanto eu estava do outro lado do universo, desacordada e abandonada no hospital. De novo! — provocou Sophie.

— Ah, claro, exatamente... — concordou Anne em tom jocoso e continuou pausadamente. — depois que encontramos você caída em uma igreja com uns quatro padres assustados ao seu lado; depois de chamarmos a ambulância; depois de Paul e eu ficarmos esperando notícias suas por três horas; depois de Brad nos informar que você estava bem; depois de você ter acordado e eu me certificado de que você estava bem de verdade; depois de eu chegar a casa às dez da noite; aí sim, Brad me ligou e foi me ver — e ergueu a cabeça como se ganhasse uma batalha.

— Bom, depois de tudo isso, acho que você merecia mesmo um amasso daqueles, minha amiga. Espero que ele tenha sido à altura — olhou curiosa para Anne e perguntou — Foi? — Anne encolheu os ombros, dobrou o pescoço para um lado, depois para o outro, criando um suspense para então responder sorrindo.

— Digamos que vale uma nota nove.

— Nove? O cara promete! — exclamou Sophie, divertindo-se.

— É, eu acho que sim ... — comentou, com um sorriso tímido.

Assim que chegaram a casa, Anne estacionou o carro do outro lado da rua e quase chegando à outra calçada, seu celular tocou.

— É o senhor nota nove? — provocou Sophie. Anne fez-lhe um gesto pouco educado com os dedos e atendeu, enquanto Sophie abria a porta da casa.

Era a segunda vez, em poucos dias, que Sophie passava dois dias no hospital recuperando-se das perdas de consciência. Aproveitou que Anne estava distraída com o doutor Nove ao telefone e ligou para Nancy que sabia apenas que Sophie havia tido outro desmaio. Era ao escuro sobre a conversa com Paul, o passado de Elena e Dolores e a visão com Thomas. Sophie não conseguiria lhe passar todas estas informações por telefone, por isso, combinou de encontrá-la à tarde, na casa de Barkley.

— E, Sophie...? Traga o seu caderno de anotações, por favor.

— Sim, claro — Sophie sequer se lembrava de ter mencionado o seu caderno com ela, mas obviamente, Barkley o fizera. — Até mais tarde, então, Dra. Nancy.

— Até, querida.

— E obrigada — a sua voz tinha uma gratidão quase infantil.

— Não me agradeça ainda, Sophie. Até já.

Quando Sophie desligou o telefone, Anne ainda falava com Brandon, esticada sobre a espreguiçadeira como se fosse um dia de primavera. Sophie sentiu-se feliz ao vê-la rindo e sussurrando. Aliás, era muito conveniente que Anne se sentisse tão relaxada, visto que ficaria furiosa por ter marcado um encontro com Nancy no mesmo dia em que saía do hospital. Mas Sophie não tinha tempo a perder.

Como previsto, Anne – para dizer pouco – soltou fogo pelas ventas.

— Você é mesmo impossível! — o pequeno vulcão em que se transformara Anne extinguiu-se lentamente, erguendo as mãos para o alto em sinal de trégua. Uma trégua momentânea. — E nem pense em ir até lá sozinha com Jesse. Eu vou com vocês.

Foi até a geladeira e pegou dois sanduíches de atum que havia deixado prontos na noite anterior. Desembrulho-os com certa violência e colocou-os sobre o balcão. Serviu um copo de suco de laranja para cada uma e perguntou:

— A que horas você marcou com ela?

— Ela disse que podemos ir a qualquer hora — Sophie sentou-se no banco ao lado de Anne, deu uma mordida sem vontade no sanduíche e continuou. — Vou ligar para o Jesse primeiro e ver se ele está a fim de ir também. Ele não está de férias, como nós.

Jesse cancelou tudo o que tinha para fazer durante o resto do dia e em uma hora passaria para apanhá-las. Sophie subiu para se trocar e, enquanto tomava banho, pôde tirar o sorriso fingido do rosto e a leveza no olhar dando lugar à tradicional ruga entre as sobrancelhas. Tinha tantas dúvidas e receios que não sabia por onde começar. Suspirou cansada, com a testa apoiada na parede fria e úmida do *box* enquanto sentia a água quente deslizando em suas costas.

Será que isso vai ter fim algum dia? Será que consigo mesmo bloquear essa antena de horror na minha mente? Ah, se fosse possível... Daria tudo para ouvir um simples *Sim* de Nancy. Na verdade, não via a hora de encontrá-la.

Vestiu uma calça jeans, uma camisa branca com babados verticais que lhe caíam até os quadris. Pousou um grosso cinto marrom sobre abaixo da cintura e calçou um par de botas marrom. Maquiou-se ligeiramente, apenas para disfarçar os sinais de cansaço e colorir os lábios e a pele pálida. Passou um *foulard* pistache em volta do pescoço e desceu para esperar Jesse.

Anne já estava sentada no sofá folheando o álbum de fotografias que Elena lhe havia deixado. Sorriu docemente para Sophie e sentiu saudades de quando eram apenas duas meninas em um orfanato. Seus olhos brilhavam de emoção.

— O que foi, Anne? – indagou sentando-se ao seu lado no sofá.

— Eu estava pensando em Elena... em Dolores... em mim e você — falava em tom baixo acariciando o rosto de um bebê gordinho que sorria para a lente usando um gorro

de lã. Sophie ouvia com atenção e um tristeza. Anne tinha o coração carregado de dor e era por sua causa. — Nada na vida é por acaso, você não acha? — continuou Anne, ignorando o sorriso que desaparecia dos lábios de Sophie e acariciando o colar com o nó celta em seu pescoço que ela lhe dera de presente. — Eu nunca tive uma amiga até você chegar. Foi como se os nossos destinos estivesse sido traçados. Eu e você. Elena e Dolores — fez uma longa pausa virando a página do álbum lentamente e a foto seguinte era a mesma do quadro que Sophie encontrara no estábulo.

Sophie sentiu um aperto no peito lembrando-se de toda a angustia que passara naqueles dias. Agora, entendia porque Elena havia escondido toda a verdade. Talvez Elena já tivesse superado a sua dor, mas quando Sophie chegou, com os mesmo problemas de Dolores, deve ter sido um choque para ela, despertando todo o terror vivido décadas antes. Sophie fechou os olhos. Não queria mais se lembrar de nada e concentrou-se na voz chorosa de Anne.

— Sophi, nunca, jamais se culpe por nada, ouviu bem? Nada! — Anne procurava o olhar de Sophie que a evitava e continuou. — Se pudéssemos voltar e escolher mudar alguma coisa, eu não mudaria nada. Desde quando você se sentou ao meu lado, no banco do refeitório, minha vida se iluminou — Sophie engolia o choro, lágrima por lágrima, queimando a garganta de dor. — De tudo o que soubemos do passado da senhora Elena, uma coisa me apavora. Só uma coisa! Perder você — as lágrimas de Anne lhe lavavam as bochechas vermelhas e salientes que contrastavam com a pele pálida. Sophie tentava enxugá-las com os nós dos dedos sentindo as próprias lágrimas rolares para dentro do seu corpo.

— Shhh... não fale assim, Anne. Nada vai acontecer comigo. Não com você por perto — e sorriu agradecida. — Eu devo a minha vida a você e acho que isso era o que a senhora Elena mais admirava em você. O meu anjo, lembra? — os olhos escuros de Sophie acariciavam com ternura os olhos verdes e amedrontados de Anne. — A senhora Elena sentiu-se culpada por não salvar a amiga, mas você... você, Anne, sempre esteve ao meu lado, me apoiando, me protegendo de tudo e de todos. Você, Anne. Quem tem que ter medo de perder alguém, aqui, sou eu! O que eu faria sem você? — Anne saltou sobre Sophie envolvendo os braços em seu pescoço, chorando e

soluçando. Não tinha nada que Sophie lhe dissesse que podia amenizar a sua angústia e o terror de perdê-la.

Bring me to Life soou e era o sinal de que Jesse estava chegando. Trocaram um longo e profundo olhar. Sophie limpou as bochechas de Anne com os polegares e sorriram, trocando mil palavras não ditas. Sentiam-se prontas para mais uma batalha. Sophie deu um beijo delicado no rosto de Anne e sussurrou *Obrigada*. Anne revirou os olhos para cima, tentando conter mais uma onda de lágrimas.

Jesse estava informado sobre quase tudo. Enquanto esperavam notícias de Sophie no hospital, Anne lhe contara a conversa com o advogado Liam, a revelação de Paul, o desmaio de Sophie e a visão de Thomas. Não sabia, porém, que Sophie tomara a decisão de dar início às sessões de hipnose. Mas, depois de refletir um pouco, concordou com ela e Anne bufou baixinho, mas não o suficiente para que Jesse e Sophie não ouvissem, sentados nos bancos da frente do carro.

O caminho para a casa de Barkley levou menos do que o esperado para uma nublada segunda-feira. Eram duas e meia da tarde quando Sophie tocou a campainha da casa de John Barkley que, desta vez, abriu-lhes a porta do estúdio.

— Venham, venham! Kate não está em casa, então, achei que poderíamos nos acomodar diretamente no consultório — cumprimentou Jesse, Anne e Sophie com um forte aperto de mão e um sorriso franco nos lábios.

— Claro, não se preocupe, doutor — respondeu Sophie, entrando e seguindo em direção a Nancy que se levantava da poltrona para cumprimentá-la. Usava uma calça cinza claro e uma malha longa rosa antigo, com delicadas tranças ao meio. Os lábios e as bochechas ligeiramente rosados da pouca maquiagem davam cor ao rosto emoldurado pelos cabelos grisalhos e desgovernados.

— Sophie, querida, como você está? — perguntou abraçando-a carinhosamente.

— Estou bem, Dra. Nancy. Obrigada.

— Anne, querida. Jesse... como vão vocês? — e cumprimentou-os com abraços calorosos.

— Chá para todos? — perguntou Barkley, esfregando as grossas mãos sentindo o vento frio que invadira a sala nos poucos minutos em que a porta estivera aberta.

Enquanto John servia-lhes o chá em uma bandeja cuidadosamente arrumada, Sophie e Anne contavam-lhes o encontro com o advogado e todo o resto. Demoraram mais tempo na revelação sobre o passado de Elena e Dolores, obviamente, e Nancy e Barkley as fitavam com atenção.

— E isso não é tudo — enfatizou Sophie para, então, contar-lhes a visão na igreja, Thomas e o nome Claire.

— Claire? Este nome lhe diz alguma coisa Sophie? — perguntou Barkley com uma imensa ruga na testa.

— Não. Nada — um silêncio profundo tomou conta da sala.

Jesse olhava admirado para Sophie. Ele jamais entenderia como alguém poderia suportar o peso de tudo aquilo e ainda irradiar tamanha beleza. Talvez fosse isso que a tornara tão especial para ele. A capacidade de gerenciar tantos sentimentos. Apertou-lhe a mão com mais força do que gostaria, o que fez Sophie voltar-se para ele, lendo em seus olhos a sua admiração. Sorriu-lhe, curvando os lábios rosados em uma meia lua para o alto.

— Sophie — começou Nancy. — Existe um termo científico para casos como o seu e da menina Dolores — disse com a costumeira voz calma e rouca. — Se chama Simbiose Psicológica — Sophie a olhou espantada. — É apenas uma teoria, é claro. Mas foi uma teoria muito difundida e estudada pelos primeiros psicanalistas que, depois, passou a ser mais conhecida como Telepatia que, claro, vocês já ouviram falar, não? — Sophie concordou com a cabeça pensando em como era bom que tudo o que viveram até hoje, finalmente, tivesse um nome. Algo concreto com o que lidar. — Pois bem. Os casos mais conhecidos de Simbiose Psicológica se davam entre pais e filhos ou entre irmãos, pessoas que, de alguma forma, compartilhavam genes, o que não é o

caso nem de Elena com Dolores e nem entre você e Elena, mas... E aí devemos colocar um “mas” bem grande — pontuou, gesticulando exageradamente com as mãos — , é possível que aconteça entre pessoas não parentes, mas extremamente ligadas emocionalmente.

Sim, eu era muito ligada a Elena, eu a amava imensamente! Pensou Sophie e seus olhos transbordavam de ansiedade e dúvidas; sua mão começou a suar entre os dedos de Jesse.

Nancy inspirou profundamente usando as palavras com cuidado.

— A psicanálise é um território vastíssimo. Tente entender assim. Imagine como se você tivesse uma grande antena invisível em sua mente.

— Sim, é exatamente como me sinto desde que o Paul nos falou sobre Dolores — murmurou Sophie, sem mencionar que a chamava de “antena ambulante da dor” ou “antena do terror”.

— Pois bem. Agora, imagine que esta antena seja extremamente potente e seja sintonizada na mesma frequência do pensamento de uma pessoa próxima a você. Não uma pessoa qualquer, alguém que você ame tanto ao ponto de querer fazê-la feliz. Porque é isso o que você, no seu mais íntimo sentimento, almeja. Dar o seu amor e tirar das pessoas todas as dores, porque você sabe muito bem o quanto as lembranças ruins podem doer — Sophie sentia-se encolher, tornando-se pequena e frágil ao som da voz de Nancy. — A sua mente capta este pensamento e o transmite a você em imagens. Algumas pessoas o recebem como sons, ou simples sensações, mas você as vê como um filme, em sons e imagens.

— Sinto cheiros e temperaturas, também... — acrescentou Sophie, sentindo um vendaval de sensações tomarem conta do seu corpo.

— Sim, é possível. Para uma pessoa sensível como você, sim. É como se você passasse a ver e a sentir o que tem dentro da mente do outro, em imagens simbólicas.

Sophie começava a sentir o mundo se revelar aos seus olhos e uma luz intensa invadir a sua mente clareando os seus pensamentos, enquanto ouvia as palavras de Nancy. Tudo começava a fazer sentido, embora fosse um sentido absurdo! Sophie olhava para um vazio à sua frente e as visões começaram a passar rapidamente diante de seus olhos num carrossel de imagens, sons e sentimentos.

— Sophie! Você está bem? — perguntou Anne, agitada.

— Eu... acho que sim.. — respondeu com um fio de voz.

Barkley levantou-se rapidamente, servindo água em um copo na bandeja e colocando-o entre os dedos de Sophie.

— Beba isso, Sophie. Vai lhe fazer bem — disse com voz grave.

Sophie pegou o copo com as mãos trêmulas tentando frear o carrossel desgovernado em sua mente. Sua visão ficou turva e sentiu que estava para entrar, novamente, em um mundo desconhecido. *Não, não, por favor, agora não!* Gritava em sua mente, tentando agarrar-se a alguma coisa. Ouviu a voz de Jesse ao fundo.

—Sophie! Controle-se! Fique conosco!

As suas mãos falharam e o copo caiu no chão.

O som agudo do estilhaçar de vidro ecoou em sua mente fazendo explodir a sucessão de imagens aparecendo, atrás dela, o rosto de Thomas novamente. *Não agora, por favor, me deixe em paz. Não agora!* Implorou Sophie, sentindo as lágrimas rolarem em seu rosto numa espécie de transe consciente. Sentia que estava sentada na casa de Barkley, mas estava também ali, naquele lugar em sua mente que, a este ponto, conhecia tão bem. O lugar para onde canalizava tudo o que via.

Claire, seja forte e não tenha medo. Você está indo bem, vamos, garota! Dizia a voz de Thomas em sua mente, embora não movesse os lábios, apenas lhe sorria com uma expectativa angustiante.

O que você quer de mim? Perguntou Sophie, desesperada.

Eu preciso que você venha, Claire. Ela precisa de você. Ela precisa de você!

Deixe-me em paz! Eu não sou quem você está pensando, eu não sei quem você é, por favor, me deixe em paz.. Soluçava Sophie, exausta em sua mente enquanto, no consultório, tremia e chorava, mas desta vez, conseguia falar e todos ouviam, pela primeira vez, a voz de uma menina apavorada, aterrorizada diante de mais uma de suas vivências em um mundo que ninguém seria capaz de conhecer, onde ela sempre estivera sozinha, enfrentando os demônios alheios.

Claire, por favor, você tem que acreditar, antes que seja tarde demais! Insistia a voz de Thomas que, pela primeira vez, chorava diante de Sophie, com seus olhos verdes tímidos suplicando por algo que ela não era capaz de entender e, de repente, ele se fora. Desaparecia diante de seus olhos deixando-a sozinha com a sua voz suplicante repetindo e repetindo:

Claire, por favor. Ela vai morrer... ela vai morrer... ela vai morrer!

— Pare, por favor, PARE..!!!! — gritou Sophie, sentada no sofá com o rosto entre as mãos, escondendo todo o seu terror.

— Shhh... calma, Sophi — dizia Anne, engolindo as lágrimas. — Você está bem. Estamos todos aqui, já passou.

Jesse sentia o coração parar de bater dentro do peito. Se ele pudesse arrancar toda dor de Sophie, ou ao menos aliviá-la de algum modo, o faria sem pensar e puxou-a para os seus braços afagando-lhe os cabelos macios, deixando que Sophie desabasse em lágrimas em seus ombros.

— Sophie, querida, oh, minha querida... — murmurou Nancy, coçando a testa nervosamente com suas unhas cor de rosa, embora se sentisse orgulhosa da jovem a sua frente. — Você está indo muito bem, menina, muito bem! Veja o quanto foi forte e corajosa!

Sophie levantou os olhos sem entender como alguém poderia falar em força e coragem a alguém que estava em lágrimas, sentindo o mundo girar à sua volta, com intrusos constantemente invadindo a sua mente.

— Sim, Sophie, você conseguiu se controlar e isso é fantástico! — exclamou Nancy num misto de euforia e entusiasmo. — Você está aqui, não está? Ficou conosco o tempo todo, enfrentando quem quer que fosse, buscando a verdade, sem perder a consciência nem um minuto sequer.

Sophie enxugava as lágrimas lembrando-se da voz de Jesse chamando-a durante a visão e olhou-o com ternura. Jesse, Anne, Barkley, Nancy, todos eles ao seu lado, amparando-a, oferecendo a ela as únicas coisas que ela realmente precisava: confiança e amor.

— Sophie, você equilibrou as forças dentro de você e não foi fácil, ah, não foi mesmo. Nós vimos isso em seus olhos e ouvimos em sua voz — disse Nancy com os olhos azuis brilhantes.

Sophie espantou-se ao saber que, pela primeira vez, tinha conseguido emitir algum som que não fosse somente dentro da sua cabeça, durante uma visão.

— É um fardo enorme para uma jovem como você, não é? — indagou Nancy.

Sophie não aceitava sentir pena de si mesma, nunca sentiu e não seria agora. Descobriria quem era aquele rapaz e iria atrás de toda a verdade. Nada nem ninguém poderia lhe parar.

— Eu preciso encontrá-lo de novo — afirmou. — E quantas vezes forem necessárias para que eu entenda quem ele é e por que está vindo atrás de mim dessa maneira. Esta “coisa” que eu sou tem que ter alguma utilidade...

Nancy e John se entreolharam sabendo que aquela menina, já tão massacrada por suas vivências, merecia uma resposta. Várias respostas, aliás. Merecia, mais do que tudo, ter paz. E John passou por trás do sofá, pousou a pesada mão sobre o ombro de Sophie e lhe disse calmamente.

— Sophie, tem algumas coisas que você precisa saber que poderão ajudar. Não sei se tem alguma relação com este Thomas, mas é algo que você ainda precisa saber — olhou ansioso para Nancy e continuou. — Nós vamos te ajudar, eu prometo. Apenas ouça, ok? — Sophie virou a cabeça para trás, fitando com os olhos vermelhos e as pálpebras inchadas os olhos miúdos e doces de Barkley escondidos atrás das lentes.

— Por favor, Dr. Barkley, me conte tudo. Eu preciso saber, eu não suporto mais isso...

Ele caminhou de volta à sua poltrona ao lado do sofá, sentou-se e olhou para Nancy que lhe acenou com a cabeça em sinal de aprovação. Sophie sentiu o chão firme sob seus pés, novamente. Baixou as mãos molhadas de lágrimas sobre os joelhos, encarou-os e perguntou.

— O que mais tem para saber? Por favor... — e John começou.

— Quando você veio até a mim, autorizou-me a conversar com as pessoas próximas a você. Lembra-se disso? — Sophie afirmou silenciosamente com a cabeça. — Muito bem. Conversei com Paul e com a senhora Gibson, obviamente. E... devo confessar que ela me impressionou muito. Uma pessoa extremamente boa e humana, algo que não se vê por aí nos dias de hoje... — suspirou, puxou os óculos do rosto e Impou as lentes em um lenço que tirara do bolso da jaqueta. — Pois bem. Naquele momento, me foi falado somente um pouco sobre as suas visões durante a infância. E é totalmente compreensível, visto que eles tinham um segredo a zelar, mas, alguns meses atrás, a senhora Gibson me procurou e me contou sobre Dolores — Sophie ficou paralisada, enquanto Anne apoiava a cabeça em uma mão com o cotovelo suspenso no ar, imaginando o que mais ainda viria e se Sophie suportaria mais alguma revelação. Olhou pelo canto dos olhos e viu Sophie com as duas mãos envolvidas nos grandes dedos de Jesse. Sentiu-se mais tranquila. — Foi quando eu liguei para Nancy — que concordava com a cabeça — e falei sobre você. Nancy teve uma vaga suspeita sobre a sua capacidade telepática ou simbiótica, mas ela precisava conhecê-la, tentar uma aproximação com o seu subconsciente antes de qualquer afirmação. Foi quando eu insisti com você de irmos mais a fundo na sua terapia, mas, como era de se esperar, você...

— Eu fugi — afirmou Sophie com voz firme, tentando não fazer daquilo uma tempestade em copo d'água.

— Sim, e sabemos por que, não?

— Porque eu tinha medo da verdade.

— Todos temos, Sophie. Todos temos — interveio Nancy.

— Estou vendo... — e pela primeira vez, foi sarcástica.

— Eu sinto muito, Sophie, mas eu não podia simplesmente lhe dizer, naquela época, quais eram as nossas suspeitas. Então, eu procurei Paul, novamente — *ah, não, novamente Paul me escondendo as coisas*, pensou Sophie, lutando contra um descontentamento que começava a revirar o seu estômago — e analisamos as suas anotações. Você se lembra de quando eu lhe pedi para deixar o seu caderno comigo durante a nossa penúltima sessão? — Sophie não lhe respondeu, apenas piscou e apertou os lábios. — Tentávamos traçar um paralelo entre as suas visões e os fatos concretos que Paul conhecia sobre o passado de Elena, Dolores e... o seu, Anne.

Anne virou a cabeça para Sophie, que continuava estática encarando John. Virou-se novamente para Barkley balançando a cabeça para os lados num Não silencioso, como se não quisesse saber que, mesmo sem querer, machucara Sophie de algum modo.

— Sim, Anne. Eu sinto muito — disse John, lendo a sua expressão. — Sophie conectou-se com você dezenas de vezes. Com o seu inconsciente, Anne. Você não tinha ideia disso, não provocou nada, na verdade. Era algo que nem você sabia. Ela viu e sentiu os seus medos, mais precisamente o medo que o seu pai sentiu quando você ainda era um bebê.

— Meu pai? Dr. Barkley, eu... eu ... eu não faço ideia do que o senhor está falando! — defendeu-se Anne, chocada.

— Nós sabemos que não, querida — disse Nancy, fitando Anne com olhos cúmplices.
— O que Sophie viu, você nunca teve consciência de ter vivido, mas estava lá, no fundo da sua mente, mesmo que você mesma nem tivesse acesso a ela.

— Continue — ordenou Sophie com a voz mais fria que Anne jamais ouvira sair da sua boca.

— *O Homem que Chorava* e a sua perda de consciência no banheiro, quando acordou toda molhada, você se lembra?

— Sim — respondeu Sophie, revendo claramente a visão em sua mente e a sensação da água em seu corpo, quando ela e Anne discutiram após a aventura no estábulo.

— Anne, os seus pais morreram em um acidente de carro. Chovia muito naquele dia, segundo me foi relatado por Paul, como consta no relatório da polícia. Seu pai perdeu o controle do carro, batendo violentamente em uma árvore, atingido sua mãe, que, infelizmente, morreu na hora — Anne engolia a seco e, pela primeira vez, tinha uma ideia viva de como seus pais haviam morrido, e isso não era bom. — Você dormia no banco de trás e foi atirada pelo vidro. — Anne levou a mão novamente à boca, sufocando o choro inutilmente. — Seu pai conseguiu sair do carro e pegou-a no colo, provavelmente, com medo de que você tivesse morrido também — John baixou os olhos por alguns segundos, em respeito aos sentimentos de Anne, e continuou. — Foi... foi assim que a polícia o encontrou. Com você em seus braços, minha querida. Eu... eu sinto muito lhe contar tudo isso, mas vocês precisam saber — Barkley sofria com cada palavra que lhe saía pela boca. Era como se apunhalasse Anne várias e várias vezes; ele sabia, mas não podia fazer mais nada.

Sophie livrou-se das mãos de Jesse e abraçou a amiga com força, querendo colocá-la em segurança, dentro do seu peito, para que ela não escutasse mais nada. Sabia o que o pai dela tinha sentido, pois ela o viu, era o *Homem que Chorava*, com Anne em seus braços, naquela floresta. E ele sofrera muito, Sophie sabia e Anne o tinha visto também, mas, felizmente, não se lembrava. Até agora. Anne soluçava nos braços de Sophie e a única coisa que pôde dizer foi:

— Desculpe, Sophie. Eu sinto muito!

— Anne, está tudo bem! Por que me pede desculpas? Você não sabia de nada! — dizia Sophie mantendo a amiga em seus braços — Sou eu quem sente muito, Anne. Sinto

muito mesmo! — apertava com força a amiga, deixando que suas lágrimas lhe banhassem a blusa e o *foulard*. Sophie não conseguia distinguir a raiva da dor, da tristeza, da impotência. Era um misto de emoções que lhe despedaçavam por dentro.

— Desculpe, Sophie. Se eu soubesse, se eu pudesse... — repetia Anne com palavras que mal se entendiam. Queria apenas chorar e apagar o passado que, a esta altura, feria tanto uma quanto a outra.

— Não, Anne. Não diga nada, por favor. Já passou — forçou Anne a desenroscar-se de seus braços, ergueu a sua cabeça com delicadeza e continuou. — O importante é que nós vamos ficar bem. Precisamos passar por isso e depois, tudo vai acabar bem. Ok? — olhava com compaixão para a sua amiga de infância, o seu doce anjo, e sorriu. Anne lhe sorriu de volta, limpando as lágrimas em lenços de papel amassados entre os dedos e murmurou tentando se recompor.

— Está bem... eu estou bem, Sophi. Vamos continuar — ergueu os ombros e endireitou a postura. Ela tinha que ficar bem.

Sophie olhou para John e não conseguiu sentir raiva, apenas tristeza. Via em seus olhos o quanto fora difícil para ele esconder tantas informações, mas a culpa não era dele. Tinha sido ela, Sophie, a abandonar a terapia e, agora, lembrava-se muito bem das inúmeras vezes que Barkley lhe falara sobre a hipnose e o quanto insistira para que continuassem com as sessões. Mas Sophie não quis nem uma coisa, nem outra. Simplesmente fugiu, como sempre. Escondeu-se em seu trabalho para não ouvir os gritos em sua mente. Gritos de pessoas que ela amava!

— Continue, Dr. Barkley. Estamos bem, não se preocupe — disse, com a sombra de um sorriso nos lábios, olhando rapidamente para as próprias mãos e erguendo novamente a cabeça.

— Agora, meninas — começou Nancy —, sabemos a origem de algumas das visões, mas não de todas. Thomas, por exemplo. Acho que estamos de acordo que nos falta um elo, certo?.

— A senhora acha que tem algo a ver com o ... meu pai? — perguntou Sophie, desejando que a resposta fosse Não.

— Não sei, Sophie. Você acha? — devolveu-lhe a pergunta como uma boa profissional.

— Eu não sei — respondeu confusa. — Eu não faço a menor ideia, Dra. Nancy.

— O que você sente com relação a ele? — perguntou Barley e Sophie se sentiu como em uma das suas inúmeras sessões de terapia, novamente, e respondeu de pronto.

— Estou sempre tão confusa, sozinha e amedrontada quando ele aparece que é difícil saber se o que sinto é por causa dele ou não — olhou para dentro de sua mente e continuou. — Thomas não me assusta e sei que não quer me fazer mal. Sinto que ele precisa de mim, ou de Claire — deu de ombros. — Talvez ele ache que eu possa ajudar essa tal Claire, ou que eu seja essa Claire.

— Precisamos saber, Sophie — disse Nancy, com o corpo ligeiramente inclinado para frente e os braços apoiados nas laterais de sua poltrona. — Ele é a chave para estas últimas visões e, quem sabe, para muitas outras do seu passado. Eu tenho certeza disso.

Jesse não dizia uma palavra. Processava as informações internamente e sentia necessidade de proteger a mulher que amava, mas, também, um orgulho dela que lhe ardia o peito. Sophie era mais do que uma mulher linda e determinada, era surpreendente e corajosa, e ele precisava ajudá-la a sair deste furacão. Só na sabia como. Sentia-se impotente e inútil.

— Eu gostaria de saber uma coisa... — pediu Sophie.

— Tudo o que você quiser, minha querida. Diga — respondeu Nancy, sorrindo.

Sophie tirou o caderno de anotações de sua bolsa, passou rapidamente as folhas e disse ainda com os olhos para baixo vendo o passar das páginas em seus dedos.

— Por que, em todas estas visões, eu nunca vi o meu pai? Ou algo que esteja relacionado a ele? Não que eu queira... — murmurou e depois se calou por um instante,

criando coragem para enfrentar mais aquele monstro em sua vida. — Quer dizer... ele não deveria estar? — indagou, erguendo os olhos curiosos para John e Nancy.

— Sophie, algumas pessoas escondem tanto as suas dores de si mesmas que são incapazes de contatá-las. Elas estão aí, sim, em algum lugar, muito escondidas — Sophie inspirou profundamente, sabendo bem porque o fizera e temia revê-las, mas queria entender o mecanismo deste complexo mundo que criara dentro de si mesma. — Você as escondeu muito bem para proteger a si mesma, minha querida. Isso é muito comum. Algumas crianças que passam por momentos difíceis como você passou querem tanto esquecer que fingem que a parte escura do passado nunca existiu. Mas as lembranças estão aí e irão aparecer um dia.

— Mas eu não quero! Não quero contatar nada que se refira a ele — afirmou, sem hesitação em sua voz — Nada. — seus olhos endureceram e perderam o brilho lembrando-se do quanto lhe fizera mal somente a visão daquela fotografia do seu pai com uma pequena Sophie nos braços.

— Sophie, cada coisa na sua hora. Vamos com calma, ok? — sugeriu Jesse, conseguindo fazer sair algumas poucas palavras da sua boca.

— Sophie, você é mais forte do que imagina. Eu tenho certeza de que você vai trilhar um caminho de autoconhecimento muito rico e produtivo para você mesma — as palavras de Nancy acariciavam os ouvidos de Sophie que, por alguma razão absurda, acreditava nela. Acreditava no seu poder de controlar a si mesma. Afinal, vinha fazendo isso há tantos anos! Controlando para não enlouquecer!

— Quando podemos fazer a sessão de hipnose, Dra. Nancy? — perguntou Sophie mantendo o olhar firme e impenetrável, como se algo tivesse sido apagado dentro dela, e Anne baixou a cabeça em desespero.

— Assim que o Dr. Brandon puder — respondeu Nancy, disponível.

— Ótimo. Vou falar com ele e tentar marcar para os próximos dias — disse, fechando o pequeno caderno em suas mãos e oferecendo-o à Nancy. — Pode guardar com você. Acho que não precisamos mais dele por hoje — e sorriu, palidamente.

— Sophie, eu sinto muito que você esteja passando por isso, mas tenho certeza que vamos conseguir encontrar as respostas que você procura — olhou em volta e emendou. — Você não está sozinha.

Sophie exibiu novamente um sorriso fantasma, tentando acreditar, tentando manter a força dentro de si e lembrou-se do que Thomas lhe dissera: *Foi um caminho longo até aqui. Vai ser mais fácil, agora. Confie em mim.* Sophie não sabia por que, mas confiava e estava disposta a deixar-se levar da próxima vez.

Meia hora depois, Jesse, Anne e Sophie estavam no carro voltando para casa. Jesse não largava a mão das mãos de Sophie, e Anne, por várias vezes, segurou para não cair em lágrimas novamente, pensando em seu pai, na dor que deveria ter sentido ao pensar que ela estava morta em seus braços. Pensava em Sophie e em quantas vezes deve ter carregado as suas dores sem que ela nem mesmo suspeitasse. Pela primeira vez, não sentiu ciúmes de Jesse nem medo de que um dia pudesse ficar longe da sua amiga. Sophie merecia ser feliz, merecia ter uma vida livre de toda aquela agonia e uma última lágrima escapou-lhe dos olhos.

Sophie sentia-se exausta, como se o mundo tivesse passado por cima do seu corpo. Mas não era o mundo, eram apenas vinte anos de perguntas que, agora, começavam a ser respondidas e, se ela realmente quisesse ir mais fundo, deveria fazer uma coisa.

Tinha que falar com Paul.

Capítulo 17

— Venha, Jesse, vamos comer alguma coisa — convidou Anne tão logo chegaram a casa.

Sophie olhou o relógio e viu que, embora sentisse um cansaço colossal, ainda eram sete e meia da noite. Decidiu ligar para Paul, mas sabia que Anne ficaria furiosa porque já haviam tido o bastante por um dia. Mas não para ela. Algo lhe dizia que estava correndo contra o relógio. Subiu para o quarto para ligar do celular enquanto Jesse e Anne conversavam um pouco sobre trabalho e culinária, um dos hobbies de Jesse.

— Oi, Paul, tudo bem? — perguntou em tom amigável. — A pequena Sophie está bem?

— Olá, Sophie! — respondeu Paul com entusiasmo. — Que surpresa! Sim, estamos todos bem. Acabei de chegar do trabalho e me parece que a pequena dorme. A casa está tão silenciosa! E você, como está? Está em casa? — perguntou, com a voz preocupada.

— Sim, estou. Está tudo bem, mas... — Sophie fez uma pausa e foi em frente. — Eu gostaria de conversar com você. Estive com a Dra. Nancy e o Dr. Barkley hoje e eles me falaram sobre o pai de Anne — Sophie esperou, mas Paul ficou calado. — Paul?

— Estou aqui, Sophie — respondeu receoso. Temia por mais uma discussão, e esperou.

— Está tudo bem, Paul. Eu entendo... — disse Sophie sentada na cadeira da escrivaninha, com a cabeça apoiada em uma das mãos, de olhos fechados, sentindo a tensão na respiração de Paul do outro lado da linha. — Entendo que vocês sempre quiseram nos proteger. A mim e a Anne. E... — sentiu que estava para chorar, mas não o faria — eu agradeço muito, Paul. De verdade.

— Oh, querida. Se você soubesse o quanto Elena e eu ... — Paul respirou mais profundamente e Sophie ouviu um baque seco do outro lado da linha.

— Paul!

— Estou aqui, estou aqui! Não foi nada, acho que me sentei pesado demais no sofá. — na verdade, suas pernas haviam cedido num lapso momentâneo, fazendo-o cair sentado no sofá.

— Não precisa me dizer nada, Paul. Eu entendo, de verdade. E eu sinto muito. Muito mesmo — a voz falhava, mas Sophie fazia um esforço para se controlar. — Sinto por Anne, pelo pai dela e... ah, Paul... se eu pudesse ao menos fazer tudo isso desaparecer!

— Sophie, acredite. Eu e Elena passamos anos pensando a mesma coisa. Como queríamos que você não sofresse mais! Eu cheguei a conversar com alguns psiquiatras, escondido dela, tentando sondar a sua ... a sua habilidade, mas Elena nunca quis colocar você sob tratamento — a voz de Paul caiu um tom voltando no tempo em sua mente. — Você era tão pequena, Sophie, e as visões não eram muito frequentes. Pensávamos que fosse passar à medida que você crescesse, mas...

— Não passou, não é? — concluiu Sophie, controlando a voz, deixando, finalmente, as lágrimas rolares por Paul e por Elena.

— Eu sinto muito que tenha durado tanto, Sophie, mas quanto mais você crescia, mais difícil ficava contar-lhe a verdade. Você foi crescendo tão inteligente, tão saudável, tão cheia de sonhos! Eu não pude. Não consegui.

— Passou, Paul. Aquele período passou, ficou para trás. Agora eu entendo porque você sempre insistiu em encontrar alguma informação sobre a minha família.

— Sim, Sophie. Eu acho que podemos encontrar algumas respostas lá.

— No Brasil? Encontrou alguma coisa?

— Tenho apenas informações que um amigo no Brasil me passou. Alguém ligado à falsificação de documentos, um funcionário do Consulado Britânico na África do Sul. Parece que esta pessoa usou do cargo para falsificar alguns documentos, mas não tem nada que ligue a você, por enquanto.

— África do Sul? — questionou Sophie, sentindo-se deslocada. O que poderia ter em comum com um lugar tão longe?

— Não vamos nos precipitar. Eu prometi que lhe contaria toda a verdade e estou contando. Acredite em mim, Sophie. Vão me mandar todo o relatório em alguns dias e prometo manter-lhe informada. Eu prometo! — enfatizou Paul.

— Está bem, Paul — e Sophie fez uma última pergunta antes de desligar. — O nome Thomas te diz alguma coisa? — Sophie apertou os olhos com força, sentindo o medo e a ansiedade invadindo a sua mente. Não sabia se queria ouvir a resposta.

— Não, Sophie. Nada — e ela respirou aliviada. — Por que?

— É um nome que apareceu em uma visão, nada mais.

— E você descobriu alguma coisa sobre a tal Claire?

— Nada, ainda — respondeu desanimada. Assim como Paul, não parecia que estava indo muito bem em suas descobertas. — Bem, Paul. Eu espero você me ligar, então. Mande abraços a todas.

— Obrigado, Sophie. E Anne, como está?

— Está bem, eu acho. Não foi fácil para ela, também, coitadinha... — Paul suspirou do outro lado. — Mas ficaremos todos bem.

— Com certeza, garota. Um beijo pra você e pra Anne. Cuidem-se bem! Vocês duas!

Sophie ficou parada alguns minutos, olhando para o celular em sua mão com a costureira foto sua com Anne de fundo de tela. Anne tinha o mesmo sorriso de quando eram crianças, que erguiam as bochechas, e Sophie sorriu de volta para ela.

— África do Sul? — perguntou Anne com um pedaço de filet mignon no canto da boca.

— Estranho, não é? — comentou Sophie, mexendo com o garfo na comida sem muita fome. Havia perdido peso nas últimas semanas, sentia-se fraca, cansada e, mesmo

assim, não tinha vontade de comer nada. O estômago estava de braços cruzados, em greve.

Jesse mastigava com vontade o jantar, embora sua mente estivesse percorrendo o mapa e a história geral daquele país. Sabia que a África do Sul fora uma colônia britânica, que vivera anos de intensos conflitos, era o país mais rico da África, graças ao solo rico em minérios e nada mais.

— Não adianta tentarmos fazer o trabalho dos outros, Sophie — disse ele. — Se Paul falou que vai ter alguma novidade em breve, o jeito é esperar. Aposto que ele já colocou um monte de gente pra trabalhar. Agora mesmo — olhou o relógio de pulso — às oito da noite, deve ter um monte de gente cruzando informações para apresentar um relatório ao chefe — brincou Jesse, mas sabendo que provavelmente era isso mesmo que Paul teria feito como chefe do Departamento de Menores, cargo ao qual havia sido promovido há cerca de três anos.

— Você tem razão. Acho que não tem outro jeito — concordou Sophie, levando a primeira garfada à boca.

—Boa menina! — comemorou Anne se esforçando para empurrar para o fundo de sua mente a imagem do acidente do carro que matara seus pais.

— E então, vai sair com Brandon hoje? — perguntou Sophie, mudando de assunto e Anne lhe deu uma olhada nervosa.

— Hã... talvez. E vocês, por que não vão dar uma volta? Um cinema faria bem, não acha? — sugeriu Anne.

— Quer ir, querida? — perguntou Jesse, passando uma rebelde mecha do cabelo de Sophie para trás da orelha.

— Acho que prefiro ver um dos nossos filmes na sua casa, o que você acha? — perguntou ela com um brilho intenso surgindo em seu olhar. Jesse tinha, de novo, a barba por fazer. Parecia cansado, como ela. Mas continuava lindo, com seus olhos de um mel claro. Sophie teve vontade de mergulhar dentro deles e não sair nunca mais.

— Fechado — sorriu Jesse de volta e, imediatamente, sentiu algo doce inundar o seu estômago. Quis tê-la em seus braços, mimá-la e fazê-la esquecer das últimas horas.

Assim que chegaram a casa de Jesse, Sophie tirou os sapatos e se acomodou no canto do sofá de couro, encolhendo as pernas e abraçando os joelhos, apoiando a cabeça sobre eles vendo Jesse se mover pela casa. Passou pela cozinha iluminada por pequenas luzes que caíam sobre a pia como vagalumes escondidos atrás dos armários. Ele abriu a geladeira, pegou dois copos e estava para servir um vinho quando parou e devolveu a garrafa na geladeira lembrando que Sophie, pelo menos enquanto estivesse tomando os remédios, não podia beber nada de álcool.

— Tome você, eu só quero um copo de água — falou uma voz baixa vindo do canto da sala.

— Se você não pode, eu também não — respondeu, servindo água para ambos, sorrindo para ela com cumplicidade.

— Jesse?

— Mmmm...

— Você acha que tudo isso vai acabar um dia?

— Tudo o que, querida? — de verdade, não sabia se Sophie se referia ao relacionamento dos dois ou aos seus problemas. Sophie estava mudada, com certeza, mas não poderia saber até quando. Com Sophie, Jesse sempre pisaria em um terreno instável.

— As minhas visões, desmaios, derrames, você sabe, esse show de horror todo — respondeu ela, ainda observando Jesse que vinha com os copos de água gelada nas mãos, caminhando lentamente e olhando-a profundamente nos olhos. Sophie sentiu-se despida, apertando com mais força os joelhos entre os braços.

— Eu só posso dizer que espero que sim — respondeu, erguendo as sobrancelhas e apoiando os copos na mesa de centro. — É a única resposta que posso te dar. Infelizmente, não sou médico, mas o seu namorado — respondeu acariciando-lhe os

cabelos, tirando-os dos ombros e empurrando-os levemente para trás descortinando o belo rosto de Sophie pouco nítido entre as sombras que vinham da janela e da pouca iluminação na sala. Jesse sabia que era assim que ela gostava de estar, na penumbra, escondida de seus demônios. E ela ficava linda daquele jeito.

— Se eu pudesse, minha querida. Eu tiraria todo este peso de dentro de você. Te libertaria de todas as suas angustias e te encheria de paz e tranquilidade — Jesse a olhava com ternura. Seus olhos eram instigantes e esforçava-se para não transparecer o desejo que sentia de deitá-la no sofá e fazer amor com ela a noite toda.

Sophie encarou-o e, por um instante, pensou que não conseguiria deixá-lo uma segunda vez. Embora ainda sentisse medo de tudo isso, medo de se abrir, de viver intensamente uma paixão, ela estava disposta a tentar. Não se sentia mais a jovem independente de antes. Precisava de Jesse assim como precisava de Anne, de Paul e de... Elena. Precisava de Elena, mas ela se fora. Assim como se foram os pais de Anne. Se não fosse assim, nunca teriam se encontrado e Sophie não sabia o que seria dela se não fosse por Anne. Sentiu-se agradecida à tragédia que levou Anne até o orfanato e escondeu o rosto entre os joelhos.

— O que foi?

— Ah, Jesse, se você soubesse em que eu penso às vezes. É tão cruel! É tão... egoísta! — exclamou, ainda abafando a voz entre as pernas.

— Cruel? Egoísta? — indagou Jesse, erguendo a cabeça de Sophie delicadamente. — Você é uma pessoa que canaliza o sofrimento das pessoas para dentro de você e você se diz cruel e egoísta?

— Não é isso, Jesse. É que eu... — ela não conseguia admitir. Não podia admitir que se sentia uma menina escondida sob a mesa do jantar, tremendo de medo e, por isso, precisava de todos ao seu lado.

— Shh... vem cá — puxou-a carinhosamente para os seus braços, girando-a e fazendo-a deitar a cabeça em seu peito, colocando-a em seu colo como um pai primoroso. — Não pense muito, meu amor. Não pense. Você já pensou demais por

hoje. Aliás, pensou, viveu e sofreu demais estes últimos dias. Tente esquecer um pouco. Descanse e fique aqui comigo esta noite — inclinou a cabeça para o lado para olhá-la nos olhos. — Você quer? — Sophie concordou, cedendo à tentação de ser paparicada, admirando Jesse com seus cabelos amarelo escuros caídos sobre ela, aproximando-se para beijá-la.

Sentiu a sua língua quente e cheia de desejo acariciando-a, e se entregou. Como uma menina apaixonada, deixou-se levar por aquele homem que a amava tanto, por aquele homem que estava lhe ensinando, pouco a pouco, a confiar.

— Ah, Jesse... se você soubesse...

— Shhh... — sussurrou ele passando o dedo sobre os lábios de Sophie, desejando apenas beijá-la e fazê-la esquecer-se de tudo em seus lábios, em suas mãos. Acariciou seu rosto, agora mais iluminado e sorriu admirado. — Você é tão linda! Fica divina quando para de se culpar, quando para de se cobrar... — abraçou-a com força, apertando os olhos — ah, Sophie... me deixe cuidar de você.

Sophie queria gritar que Sim, que queria ser cuidada, queria ser amada, mas não conseguia. Anne cuidara dela durante vinte anos, não poderia ser um fardo para Jesse, também. Mas ela queria, queria muito poder ter sempre aquele peito para se deitar, aquelas mãos para lhe acariciar os cabelos, aquele sorriso iluminado que faziam tudo desaparecer. Sophie queria entregar-se inteira, mas sabia que não era o momento. Teria que concluir o que havia começado. Tinha que encontrar a verdade sobre si mesma e, se ainda sobrasse algo para lhe dar, ela seria uma pessoa diferente. Deixaria que Jesse entrasse em seu mundo. Deixaria que ele a amasse e o amaria sem limites. Mas não agora.

Enquanto a noite se fazia cada vez mais escura sobre a cidade de Londres, Jesse sentia Sophie pesar também cada vez mais em seus braços. Sentia-se envolvido pelo calor intenso de seus corpos colados um ao outro, apenas abraçados e, embora Jesse a desejasse imensamente, naquele momento, ela precisava mais do seu silêncio do que de qualquer outra coisa. Precisava sentir-se segura e amada e ele faria qualquer coisa por ela. Até mesmo refrear a sua vontade de tocá-la intimamente, beijar todo o

seu corpo e amá-la até explodir o seu desejo dentro dela. Sophie caíra no sono, enquanto Jesse não conseguia fazer outro que amá-la em silêncio. E ficou assim por incontáveis minutos até que ela acordou assustada, ainda envolta nos braços dele, sentindo o coração pular dentro do peito.

— Calma, está tudo bem — sussurrou ele em seus ouvidos.

— Acho que estava sonhando. Mas não sei o que era.

— Não foi nada. Você teve um dia cheio, precisa descansar. Venha, vamos para a cama.

Jesse a levou pelas mãos até o quarto. Sophie foi até o banheiro e despiu-se, voltando apenas de calcinha e uma camiseta que usava por baixo da blusa de moletom. Jesse levantou o lençol convidando-a a se deitar ao seu lado. Usava apenas um shorts preto de seda. Sophie deitou-se ao seu lado beijando-lhe o peito nu suavemente sentindo o seu cheiro e o seu calor em seus lábios. Jesse acariciou seus cabelos, desceu a mão em suas costas exercendo uma ligeira pressão, puxando-a.

Sophie sentia o desejo aumentar e passou uma das mãos pelo seu tórax, descendo até o abdômen, admirando a beleza e a perfeição do corpo do homem que estava ao seu lado. Tirou a camiseta e deitou-se nua sobre Jesse, sentindo o contato da sua pele. Pressionou os quadris sobre ele sentindo a sua ereção. Jesse abraçou-a acariciando-lhe as costas com mais intensidade, subindo uma das mãos sob os cabelos de Sophie, apertando levemente a sua nuca, e puxando-a para os seus lábios. Beijou-a com intensidade e Sophie movimentou os quadris massageando-se contra o corpo de Jesse.

— Quero fazer amor com você — murmurou Sophie com a voz trêmula de desejo.

— Oh, querida... — sussurrou Jesse. — se você soubesse o quanto eu amo você... o quanto te quero.... — disse, virando Sophie sobre o colchão, beijando-lhe um dos seios, delicadamente.

Sophie sentia os cabelos macios de Jesse entre seus dedos, que se fechavam, puxando-os levemente, liberando um pouco a tensão que as carícias de Jesse faziam

aumentar dentro do seu ventre. Sentiu uma de suas mãos descer até a sua barriga e os dedos longos se abrindo, abraçando-a quase de um lado ao outro. Jesse passou a ponta dos dedos ligeiramente por baixo do elástico da calcinha, fazendo Sophie desejar que descesse mais e mais. Jesse beijou-lhe delicadamente os lábios e, pouco a pouco, o beijo se transformou em intenso e selvagem. Jesse deslizava a mão por baixo até tocar a sua parte mais íntima, massageando-a, sentindo o desejo da mulher que amava umedecer os seus dedos. Acariciou-lhe inteira entre as pernas enquanto suas línguas trocavam segredos e promessas não ditas.

Sophie puxou Jesse para cima do seu corpo, empurrando o shorts para baixo, desejando senti-lo por inteiro. Jesse se livrou de suas roupas e da de Sophie deitando-se nu sobre ela, sentindo o calor da sua pele e a sua respiração ofegante.

— Oh, Jesse, eu te quero tanto... — sussurrava Sophie, enquanto ele passava os olhos pela sua boca e por seus olhos escuros desejosos. Adorava ver a excitação no olhar de Sophie, como uma mulher livre de todos os problemas; leve e entregue ao prazer.

Penetrou-a lentamente assistindo maravilhado à Sophie que virava a cabeça ligeiramente para o alto e para os lados, com a boca semiaberta. Sentia o seu hálito quente e suas pernas trêmulas enquanto a penetrava vagarosamente, sentindo o seu sexo envolto no dela. Sentiu-a se contrair e relaxar à medida que a penetrava mais até tocar-lhe o fundo.

Sophie o pressionava com os quadris, numa dança a dois perfeitamente sincronizada, em movimentos delicados, subindo e descendo, num vai e vem de corpos que se encaixavam entre as pernas.

— Oh, Jesse, me faz esquecer de tudo. Me faz sentir livre, por favor — implorava Sophie, com os lábios entreabertos e a voz rouca de desejo. E era tudo o que Jesse queria, fazê-la se esquecer, sentir-se segura e amada.

Penetrava-a com paixão, enquanto uma das mãos massageava-lhe o seio e sua boca beijava-lhe os lábios e o pescoço, descendo a língua até os mamilos, forçando-a a abrir sempre mais as pernas com a pressão de seus joelhos, posicionando-se quase

ajoelhado sobre o seu corpo nu, em um último esforço antes de senti-la gemer ainda mais forte, soltando todo o seu prazer entorno ao dele e, finalmente, relaxando em seus braços. E Jesse desmanchou-se de prazer.

As palavras sumiram de Sophie, assim como a angústia, a tensão e o medo. Sentia apenas a deliciosa paz e a ausência. Um caloroso vazio aonde ela ia caindo lentamente como uma pluma, e sentiu-se livre, como há muito tempo não se sentia. Livre de todas as vozes em sua mente. Livre, simplesmente livre e feliz.

— Oi... — murmurou Jesse deitado ao seu lado, abraçando-a e puxando-a com um dos braços.

— Você vem sempre aqui? — brincou Sophie, ainda de olhos fechados.

— Só quando tenho uma mulher bonita na cama... — provocou.

— “Uma mulher bonita”? Qualquer mulher, então? — indagou, virando-se para ele procurando pelos seus olhos.

— Você sabe que não... — disse Jesse, beijando-lhe os cabelos — Você é a única em minha vida. Desde que eu te conheci, você sempre foi e sempre será.

Sophie queria poder dizer o mesmo, mas não disse. Apenas beijou-lhe o peito dourado nu e abraçou-o. Queria que aquele momento não terminasse nunca.

— Eu amo você, Sophie. Amo de verdade e, a menos que você me deixe de novo, eu não vou desistir de você — disse ele, acariciando-lhe os cabelos, enquanto Sophie passava a ponta do dedo levemente sobre os seus músculos definidos.

— Você merece algo melhor, Jesse — sussurrou.

— Eu só quero você — mas Sophie continuou, ignorando as palavras dele.

— Merece alguém que não esteja sempre à beira de uma explosão mental — abraçou-o com mais força. — Estou andando em uma corda bamba, Jesse. Eu posso... você sabe, posso não estar aqui, de um minuto ao outro. Basta que algo dê errado dentro da minha cabeça e lá se foi a Sophie — disse amargamente.

— Não é assim. Você sabe que não é — discordou, calmamente.

— Eu não sei e nem você sabe.

— A única coisa que eu sei já me basta, Sophie. Eu sei que quero você. Olhe para mim — pediu Jesse, virando-se de lado apoiando o corpo com o cotovelo na cama, vendo Sophie deitada ao seu lado, com o rosto virado para baixo, evitando o seu olhar. — Olhe para mim, por favor — e Sophie olhou-o com os olhos de uma menina assustada.

Jesse abaixou-se e beijou-lhe a testa.

— Eu amo você e só quero vê-la feliz. Por isso — beijou-lhe os olhos —, estarei do seu lado, sempre — beijou-lhe a ponta do nariz —, em todos os seus momentos, bons e ruins, eu quero estar ao seu lado — sorriu para ela. —Se você cair — beijou-lhe o canto da boca —, eu quero estar lá para te amparar e te carregar nos braços, se for preciso — os olhos de Sophie brilhavam umedecidos por lágrimas que ela não deixaria cair. — E você vai conseguir, meu amor. Eu sei que vai, porque você é a pessoa mais teimosa, mais forte e decidida que eu conheço — finalizou, cobrindo-a de beijos por todo o rosto fazendo Sophie rir.

Ela não disse uma palavra. Queria apenas acreditar que tudo terminaria bem. E, com este pensamento, adormeceu uma hora depois, ouvindo o ronco suave de Jesse.

No dia seguinte, ele levou-a cedo para a casa. Tinha compromissos no escritório e queria vê-la mais tarde, por isso, tinha que se livrar de tudo, rapidamente. Sophie sentiu-se privilegiada por não estar trabalhando nesses dias. Não sabia como faria para conciliar tudo se estivesse cumprindo às oito horas de trabalho por dia e mais as reuniões extras. *E tem só mais dez dias!* Pensou, com tristeza.

Quando entrou em casa, Anne não estava e Sophie foi até o seu quarto. Quase morreu de susto quando viu Brandon dormindo na cama com a amiga. Fechou a porta rapidamente, sem fazer barulho, com um sorriso divertido nos lábios. *Anne vai morrer de vergonha quando souber o que eu vi!*

Foi para o seu quarto, tomou um banho e deitou-se. Lembrou-se que, na noite anterior, não precisou do remédio para dormir. Sorriu para si mesma pensando que, talvez, Jesse fosse um remédio melhor do que o ansiolítico de Brandon!

Ouviu vozes no corredor e ficou em silêncio. Anne e Brandon sussurravam, descendo as escadas rapidamente. Sophie podia apostar que ele estava atrasado e não se conteve. Sorria largamente, ainda feliz e relaxada pela noite anterior.

— Ei...! — disse Anne abrindo a porta lentamente.

— E então, o senhor Nove passou para Dez essa noite? — perguntou Sophie, caindo na gargalhada.

— Oh, não, você viu? — choramingou Anne, corando.

— Eu não sabia que ele estava aqui e fui até o seu quarto! — respondeu erguendo os lábios e os ombros se desculpando.

— Ai...! — exclamou, cobrindo o rosto e se jogando na cama de casal de Sophie, escondendo o rosto no colchão.

— Que besteira! Até parece que é a primeira vez alguém passa a noite em casa.

— Ah, Sophi — disse Anne, com voz melosa. — Ele é tão maravilhoso! — Sophie rolou os olhos para cima.

As duas ficaram horas deitadas juntas na cama, trocando confidências como adolescentes. Riam e provocavam-se mutuamente e os problemas haviam desaparecido. Depois, desceram até a cozinha, prepararam um café da manhã reforçado para ambas com ovos, bacon, suco e frutas. Conversavam sobre homens e sexo; sobre filmes e comida; sobre viagens e compras. Falaram sobre o dinheiro de Elena e não conseguiram chegar a uma conclusão. Por ora, ficaria sob a administração do escritório de advocacia até que Paul falasse com outro advogado.

E, falando em advogado...

— Anne! — exclamou Sophie.

— Nossa, que susto! Que foi?

— Liam! Já sei porque ele me deixa nervosa e insegura. Ele me lembra Thomas!

— Thomas?

— Sim! O cabelo, com certeza não, porque os de Thomas são revoltos e os de Liam, bem, você viu. Todo penteadinho para trás. Nem as roupas. Thomas usa sempre jeans com camiseta. Acho que são os olhos. Verdes e penetrantes. Acho que eu não gosto de olhos verdes e penetrantes... ele me irrita porque eu gosto do Thomas e é como se o Lima roubasse as feições dele, ah, sei lá. Ele é falso.

— Tomara que seja só isso mesmo porque você, quando implica com alguém, dá até medo... — Sophie bufou.

Combinaram mil coisas para fazer juntas e fizeram. Quase todas. Caminharam no parque, fizeram compras, ficaram horas em um café e no final do dia, Brandon ligou para Sophie, o que pareceu estranho. *Brandon, pra mim?* Sentiu um fio gelado escorregar como uma navalha no estômago.

— Oi, Brad — disse Sophie desconfiada.

— Oi, Sophie! Como você está? — a voz parecia normal.

— Estou bem. Aconteceu alguma coisa? — perguntou, aflita.

— Não, nada! Eu só queria lhe dizer que falei há pouco com a Dra. Parker e, se estiver bom pra você, podemos fazer a sessão amanhã — esperou um pouco. — O que você acha?

Sophie emudeceu. Sentia-se como cachorro quando corre atrás do rabo. Não sabia o que fazer agora que a coisa iria realmente acontecer. Mas tinha que demonstrar segurança. Sabia que, ao menor sinal de fraqueza eles cancelariam tudo.

— Por mim, tudo bem. Onde vai ser?

— Eu queria que fosse no meu consultório, mas ela acredita que você vai se sentir mais a vontade na casa do Dr. Barkley, então, levo os equipamentos para lá.

— Sem problemas. A que horas? — Sophie tinha os olhos cerrados de tensão, mas sua voz não transmitia nada.

— Às dez da manhã.

— Tudo bem — relaxou as pálpebras. — E, Brad...

— Sim? — perguntou distraído.

— Obrigada — sussurrou, complacente.

— Vai correr tudo bem, Sophie, Eu não permitiria isso se não tivesse certeza de que você está pronta. Fique tranquila. Vai dar tudo certo.

Sophie encerrou a ligação sentindo que a trégua, a paz e a serenidade lhe escorriam pelos dedos. De novo! As rugas estavam de volta. Passou as mãos pelas pálpebras limpando a preocupação do seu olhar e virou-se para Anne, que não pôde deixar de sentir uma pontinha de medo, embora confiasse fielmente em Brandon. Tinham conversado sobre a sessão de hipnose na noite anterior – nos poucos momentos em que *conversaram* – mas, mesmo assim, temia por Sophie.

— Talvez eu precise de dois remédios pra dormir esta noite... — suspirou Sophie, sorrindo para Anne que lhe sorriu de volta, nervosa.

— Vai dar tudo certo, Sophi — encorajou. — Agora, você tem que ir dormir. Vai!

O quarto estava escuro e a noite quieta lá fora. Rolou uma vez na cama, rolou de novo, mas nem as pílulas mágicas ajudaram naquela noite. Sentindo a ansiedade trabalhar contra a sua necessidade de dormir, Sophie chutou o lençol para o lado e se levantou como um soldado pronto para a batalha. Acendeu o abajur, foi até o armário e tirou a sua maleta de trabalho que, pensava, só a veria novamente quando as férias terminassem. Colocou-a na cama e tirou o notebook para fora. Levou-o até a escrivaninha, sentou-se diante dele e a luz azulada e fria do monitor inundou o quarto.

Sophie nunca fora uma *cyber girl*. Usava a internet para pesquisas, tarefas bancárias e agendamento de viagens, mas detestava redes sociais e usava emails somente para o trabalho; preferia, também, sentir as páginas dos livros em seus dedos a ebooks. Mas se existia uma pessoa contraditória, seu nome era Sophie. Apesar de todos os esforços para não se render à tecnologia, diante do computador não tinha o que ela não fizesse. Aprendera muito jovem a trabalhar com programas de tratamento de imagens. Em suas mãos, qualquer mulher se tornava magra, bonita e jovem; livre de manchas e celulite. Uma simples foto de paisagem se transformava em uma capa de revista de turismo e seria capaz de fazer uma montagem de qualquer pessoa, em qualquer lugar, como se fosse real.

Naquele momento, porém, ela tinha outro objetivo. Pesquisar sobre Simbiose Psicológica. Em suas poucas tentativas de encontrar explicações sobre as suas visões, nunca havia se deparado com o termo antes. Esbarrou várias vezes em esquizofrenia e distúrbios mentais e, por motivos óbvios, evitava se aprofundar no tema. Mas, agora, poderia ser diferente. Nancy Iha havia dado algo a que pensar. *Algo menos doentio, espero!*

Encontrou poucos artigos sobre o assunto e todos falavam sobre primeira infância e a incapacidade da criança distinguir entre a própria mente e as experiências de seus pais, conceito difundido por uma psicanalista chamada Melanie Klein, no início do século XX. *Primeira infância? Relação com os pais? Nada sobre Anne ou Elena ou a minha tendência masoquista de sofrer as dores alheias.* Sentiu-se frustrada e cansada.

Fechou o monitor sobre o teclado com mais força do que deveria e um som agudo ecoou pelo quarto. *Vai pra cama e durma!* Ordenou a si mesma. Arrastou-se até a cama e apagou a luz novamente. Ajeitou o travesseiro e afundou a cabeça nele. Levou incontáveis minutos até que sua mente se desligasse de tudo e entrasse no acolhedor vazio da escuridão.

Capítulo 18

A noite se arrastou, lentamente, com Sophie cochilando e acordando a cada dez, vinte minutos. Quando o dia amanheceu, uma manhã ensolarada de outono, levantou-se com a ansiedade consumindo-lhe o fígado. Tentou controlar-se em vão.

— Sophi, vai dar tudo certo, fique tranquila! — assegurou Anne, acariciando-lhe uma das mãos que, inutilmente, segurava o garfo e girava em círculos nos ovos mexidos em seu prato — Do que você tem medo?

— Quer que eu enumere? — ironizou Sophie, com um risinho abatido nos lábios.

— Eu posso imaginar, mas você não estará sozinha.

— Eu sei, mas aqui dentro — apontou para a têmpora direita — sou só eu e sabe lá quem mais.

— Você acha que Thomas vai falar com você?

— Vai saber! — respondeu Sophie, encolhendo os ombros. — Quer saber qual o meu maior medo? — perguntou, olhando firmemente para os olhos verdes e duvidosos de Anne em silêncio. — Tenho medo de encarar as minhas próprias dores. Não foi isso que a Dra. Nancy falou? Que elas estão lá, em algum lugar? E eu sei que estão. Só não quero me deparar com elas.

— Eu posso te entender, Sophi. E, se eu estivesse no seu lugar, estaria morrendo de medo também. Não sei como você conseguiu viver assim todos esses anos! — exclamou, relaxando a cabeça em uma das mãos com o cotovelo apoiado na bancada — Quando eu vi o horror em seus olhos na casa do Dr. Barkley... ah, Sophi, como você consegue?

— Não é tão ruim quanto parece. Eu já estou acostumada, Anne. Às vezes eu sinto tanto medo que a única coisa que me consola é saber que cedo ou tarde tudo vai acabar. É como em um pesadelo. A gente sabe que não é real. Pelo menos até agora não era — Sophie baixou os olhos e continuou. — Com Thomas é diferente. Ele é real,

eu sinto que é. Ele não é um pesadelo na mente de uma pessoa qualquer que eu, por algum motivo, estou “recebendo”. Não. Ele é real e consciente do que está fazendo. Fazendo comigo! — olhou para a amiga com os olhos cheios de dúvida. — Por que, Anne?

— Eu não sei, Sophi... não faço ideia — respondeu-lhe, frustrada.

— Bom, só tem um jeito de saber o que vai ser de mim hoje. — inalou mais que profundamente. — Vamos lá? — intimou Sophie, levantando-se deixando todo o café da manhã no prato.

— E Jesse? — indagou Anne, levando os pratos do balcão para a pia.

— Ele vai nos encontrar lá — respondeu Sophie, esperando para enxugar a louça que Anne lavava. — Teve que ir antes das sete da manhã ao escritório para finalizar uns projetos que *Adrian* deve levar a um cliente — carregou no nome, mas Anne não percebeu ou não quis dar importância.

— É verdade, ele comentou comigo. Já era hora de esse trabalho terminar! — comentou Anne, balançando a cabeça.

— De lá, ele pega o metrô até Richmond. Talvez chegue até antes de nós.

— Se continuarmos aqui batendo papo, sim. Vamos! — exclamou Anne, puxando Sophie pelo braço e subindo com ela as escadas.

Greenwich nunca esteve tão longe de Richmond como naquele dia. Embora tivesse tomado realmente dois ansiolíticos, Sophie, sentia a ansiedade latente, como uma fenda se abrindo aos poucos em uma grande barragem. Dava até medo imaginar o que aconteceria caso ela rachasse de vez.

As mãos estavam trêmulas, a garganta seca e embora fizesse dezoito graus, sentia frio. Teria que confiar inteiramente nas pessoas a quem entregaria a sua vida: Brandon, Nancy e Barkley. E ela confiava. Não tinha outra saída.

Jesse e Brandon estavam sentados no grande sofá da sala de estar da casa dos Barkley quando Anne e Sophie chegaram. E os três homens conversavam sobre charutos cubanos, cervejas e música. Nancy e Kate tomavam um chá e falavam sobre cinema.

Sophie teve a impressão de estar em um normal encontro entre amigos e, por um instante, relaxou. Sentou-se ao lado de Jesse que segurava sua mão e, vez ou outra, acariciava-lhe o rosto, os cabelos e lhe beijava os nós dos dedos, delicadamente.

Brandon e Anne mantinham as aparências de apenas bons amigos e Anne sentiu-se constrangida. Embora tivesse sido um acordo entre eles, naquele exato momento, Anne achou que aquilo não fazia sentido. Estavam entre amigos, pessoas da mais alta confiança. Por que diabos esconder a relação? *Profissionalmente não é legal, não neste momento.* Explicara Brandon. Uma ponta de desconfiança começava a emergir em sua mente e Anne tratou logo de afundá-la de volta.

Quando o ritmo da conversa diminuiu, Barkley olhou os convidados por cima das lentes e disse:

— Nancy, Brandon, Sophie? Podemos começar quando vocês quiserem...

Uma brisa gelada soprou no estômago de Sophie esfriando rapidamente todo o seu corpo. Os seus escuros e assustados olhos encontraram os de Anne e depois os de Jesse e apenas sorriu; tentou sorrir. Seus lábios trêmulos traçaram uma linha ligeiramente ascendente. Jesse apertou sua mão em seus dedos, Anne lhe deu um suave beijo no rosto e sussurrou: *Vai dar tudo certo.*

Sophie levantou-se sentindo que deixara para trás a única certeza que tinha: ela queria voltar para aquelas pessoas que amava. Cada passo em direção ao estúdio de Barkley era um passo para trás em sua mente, chegando até o dia em que teve a primeira visão que, agora sabia, era o pai de Elena fazendo-a fugir do bombardeio. Nunca teve tanta certeza na vida de que estava caminhando na direção correta. Ergueu a cabeça, respirou fundo e seus passos se tornaram mais firmes e confiantes. Sophie estava pronta.

Brandon já tinha deixado tudo preparado ao lado da *chaise* localizada no fundo da sala. Atrás dela, havia duas pequenas mesas redondas que, antes, serviam de mesa de canto em algum lugar. Em uma delas havia um pequeno aparelho que mediria as atividades cerebrais, enquanto na outra havia um aparelho que controlaria a pressão e o batimento cardíaco.

Brandon lhe explicou como funcionava cada um e por que eles eram importantes. Sophie concentrou-se na explicação, mas bastaria lhe saber que aquilo seria útil para assegurar que tudo estava indo bem – ou não – dentro da sua cabeça. Sabendo que Sophie tinha tomado duas pílulas de ansiolítico, Brandon não lhe deu nenhum outro remédio, repreendendo-a por ter aumentado a dose por conta própria.

Nancy, por sua vez, acomodou-se ao lado do pequeno divã, em uma confortável poltrona de couro preto, enquanto Brandon conectava os aparelhos à Sophie – um pequeno prendedor na ponta dos dedos e alguns eletrodos nas têmporas –. Nancy se debruçou de lado alcançando um pequeno CD player no chão. Uma suave música instrumental começava a envolver o ambiente como uma bruma quente e densa.

Os olhos de Sophie acompanhavam nervosamente cada movimento na sala. Começou a sentir-se agitada e fechou os olhos. Tão logo terminou de posicionar os aparelhos, Brandon sentou-se do outro lado de Sophie e fez um sinal quase imperceptível para John que começou a escurecer a sala, fechando as grossas cortinas em tom caqui, tingindo a sala de um suave tom sépia.

Sophie sentia o coração bater forte e a respiração acelerar. A adrenalina subia a picos, embora fizesse uma força extraordinária para ficar calma. Como uma bênção, ouviu a voz de Nancy, rouca, suave e envolvente.

— Você está confortável, Sophie?

— Sim, sem problemas — mentiu em vão. Um dos aparelhos acusava o alto batimento cardíaco. Concentrou-se na música e tentou se acalmar

— Muito bem. A primeira coisa que você deve saber é que estamos aqui para garantir que você faça uma viagem com segurança e tranquilidade. Eu vou ajudá-la neste

percurso e, a qualquer momento que você quiser retornar, basta me dizer que eu faço você voltar, com apenas um estalar de dedos, ok?

— Sim — respondeu, ainda com o coração pressionando a garganta, e as pálpebras ainda trêmulas.

— Ótimo! E agora, quero que você relaxe. Comece pelos pés, solte-os. Assim... agora, suba pelas pernas. Sinta-as pesadas, como se afundassem no divã, como duas pedras caindo em águas profundas... — a respiração de Sophie foi ficando cada vez mais longa. — Suas pernas e seus pés estão pesadamente livres, puxando o seu abdômen para baixo. Respire suavemente... assim... — Nancy podia ver o corpo de Sophie relaxando enquanto os braços, esticados ao lado do corpo, se afastavam lentamente, cedendo ao peso do relaxamento. — Concentre-se em seus ombros, agora... sinta como estão pesados e relaxados. Deixe que mergulhem junto com seus braços e mãos... assim ...

Sophie abriu ligeiramente os lábios e Nancy viu que ela estava pronta.

— Agora, vamos fazer uma contagem regressiva partindo do dez, eu e você — a voz de Nancy estava quente, limpa e tão delicada que parecia flutuar. — Você vai ouvir a minha voz e contar mentalmente. Quando chegarmos ao zero, você vai me dizer o que você vê. E lembre-se, estamos todos aqui com você.

— Sim — concordou, com uma voz gutural.

— Dez... — começou Nancy num tom abaixo do seu — nove... oito... — baixou mais — sete... seis... — baixando mais e mais — cinco... quatro... — e então parou e Sophie pareceu não reparar. Estava já entrando em seu mundo e, pela primeira vez, seria guiada para dentro dele.

— Sophie?

— Sim — respondeu, sem expressão.

— Me diz o que você vê — ordenou Nancy, calmamente.

— Estou em uma sala escura... Sozinha, eu acho — Sophie franzia a testa e seus olhos mexiam rapidamente por baixo das pálpebras.

— Como você se sente?

Não sabia identificar as sensações. Estava calma, mas ligeiramente apreensiva enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão. Pouco a pouco visualizou algumas portas, ou túneis, ainda não os distinguia claramente.

— Eu vejo... portas... passagens, eu acho.

— Muito bem, Sophie. Você está indo muito bem — encorajou Nancy. — Você quer passar por uma delas?

— Sim. Mas não sei qual.

— Não tenha pressa. Siga o seu instinto. Tome o tempo que for necessário. Observe cada uma delas e me diga o que você sente.

Sophie percebeu que estava no meio de uma sala redonda, a cerca de cinco metros de distância de cada uma das passagens. Virava a cabeça lentamente fitando uma a uma devagar. Eram três passagens. Uma à sua frente e outras duas, uma de cada lado. Olhou a primeira à esquerda. Não sentia nada, apenas um ligeiro entorpecimento. Virou-se para a que estava à sua frente e também não sentia nada. Quando encarou a última passagem do lado direito, o peito encolheu e puxou sua pele para dentro. Doeu. Um vulto se aproximava muito lentamente e Sophie sentiu vontade de correr.

— Tem alguém aqui. Tem alguém aqui! — disse, nervosamente apertando as mãos nas laterais do divã.

— Você consegue ver quem é? — indagou Nancy, tentando manter a calma, embora sentisse a tensão crescer na voz de Sophie.

— Não. Eu estou com medo! Quero ir embora daqui! — exclamou, agitando-se e, antes que Nancy pudesse lhe responder, ou se o fez Sophie não ouviu, deu alguns passos para trás, sentindo que aquela presença se aproximava cada vez mais.

Era apenas um vulto, algo fantasmagórico que estava se aproximando e Sophie tomou a iniciativa sozinha, correndo para a passagem à sua frente e, tão logo entrou, diminuiu o ritmo dos passos sentindo-se segura, protegida por alguma força invisível. As paredes eram rochosas e secas. Podia senti-las em seus dedos à medida que a passagem ia se estreitando, fazendo Sophie apoiar-se nas laterais. Cheirava a grama e flores.

Continuou entrando por ela, esperando que saísse em um campo florido ou algo assim, mas a claridade que esperava ver não surgia. Parou por um instante, olhou para trás e não via mais a sala onde estava antes. Hesitou. Não sabia se continuava ou retornava. Não ouvia mais a voz de Nancy e lutou contra a sensação de solidão que provava sempre que mergulhava em suas visões.

Mentalmente, dizia para si mesma que não estava sozinha. Fora deste mundo estavam Brandon, John e Nancy. Sabia que estava ali por um motivo e não perderia esta chance. Forçou os olhos para frente tentando encontrar algo que a encorajasse a seguir, mas não via nada. Mesmo assim, continuou. Deu mais alguns passos e ouviu a risada de uma criança. Um som acolhedor e divertido. Acelerou os passos em silêncio e a apreensão se calou dentro do peito quando uma luz suave surgiu ao longe. Sophie sabia que estava no caminho certo. Apressou-se sentindo a claridade envolvendo a menina lentamente e a viu dentro de uma imensa bolha de luz quente e aconchegante.

A menina corria de um lado para o outro com passinhos incertos. Ria deliciosamente, ingenuamente, como só as crianças sabem fazer. Desprovida de qualquer senso de crítica, livre e feliz. Sophie sentiu-se envolta por aquela alegria contagiante. Abaixou-se para chamar a garotinha, mas freou o seu ímpeto quando viu que a menina não estava sozinha. A outra pessoa era ainda um vulto não definido imerso na luz. Era alguém que pegava a garotinha pelos braços e a girava enquanto ela ria incansavelmente. Às vezes, a pessoa a colocava no chão e corria atrás dela, numa brincadeira onde a criança nunca se deixava pegar só quando se voltava e se jogava nos braços do outro.

Uma terceira voz surgiu. Era feminina e cantava um *Parabéns a Você* bem entoado. Parecia uma típica cena de família, cena que Sophie jamais vira e, naquele momento, sentiu um vazio imenso em seu peito. Vazio por nunca ter vivido algo parecido, vazio

por não ter lembranças boas que a fizessem esquecer a infância dura que tivera. Fechou os olhos afastando todo tipo de pensamento ruim. Não queria estragar o momento, algo que ela queria gravar para sempre em sua memória. Fazer daquele momento uma lembrança sua, mesmo que não fosse dela.

A imagem tornava-se cada vez mais nítida e Sophie podia identificar os móveis na sala. Eram simples, mas bem cuidados. Um sofá, duas poltronas e, atrás deles, uma parede em arco com uma janela no meio camuflada por uma leve cortina. Havia uma passagem que dava para uma cozinha e, do lado direito, uma sala de jantar pequena, com uma mesa retangular com enfeites de aniversário. Somente os rostos eram ainda desfocados.

A menininha, no colo do pai, batia palminhas excitadas com as duas velinhas que cintilavam sobre o bolo. A mãe, do lado, cantava e sorria. No final da canção, a pequena curvou-se para fora dos braços do pai assoprando com dificuldade as velas que só se apagaram com a ajuda de um ligeiro sopro da mãe. Todos se abraçaram com grandes sorrisos e, logo depois, o pai apoiou a menina em uma cadeira pegando uma caixa embaixo da mesa. *Sim, é o seu presente, pequena!* Pensava Sophie, sentindo uma alegria inocente.

— Vamos, abra! — falou ele.

O pacote era leve, mas grande demais para as mãozinhas pequenas da aniversariante. Não contendo a excitação, ela tentou rasgar o papel com os dedinhos e o rostinho começou a entristecer. Sophie sentia a frustração crescer nos olhos da menininha.

— Eu ajudo você, meu anjo — disse a mãe, abrindo com delicadeza o pacote.

Havia ainda uma caixa e a garotinha olhou ansiosa para o homem que lhe sorria. Sophie forçou para ver os rostos, queria fixar aquela imagem para sempre, mas não conseguia. Assim como não conseguia ver o que tinha dentro da caixa, percebendo somente a euforia quase histérica daquela coisinha que saltava na cadeira e batia as mãozinhas de alegria.

A mãe, então, afastou-se, pegou algo dentro da bolsa e posicionou-se diante da mesa, ficando de costas para Sophie que, agora, tinha pouca visão do que acontecia na sala. Afastou-se vagarosamente para o lado para ver melhor a cena no mesmo instante que um flash piscou forte. Quando a luz voltou ao normal, Sophie empalideceu e seu sorriso caiu no rosto. Diante dela estavam um pai que abraçava carinhosamente uma criança e da sua mãozinha pendia uma boneca de pano que ela sabia, se chamaria Lucy. A *sua* Lucy!

Sophie se lembrou da visão que teve com a fotografia de seu pai e, agora, os rostos tornaram-se nítidos. Sophie estava diante de si mesma, abraçando e beijando o rosto limpo e jovem de um pai amável e, de costas para ela, a sua mãe.

Sophie sentiu as pernas tremerem, a cabeça latejar, o coração acelerar exponencialmente e a respiração cada vez mais rápida e curta. Aquela não poderia ser a sua família. Não era assim que Sophie se lembrava da infância, mas aquele era o rosto do seu pai, livre das rugas, do inchaço da bebida e do peso da amargura. Sim, era ele, aquele homem que ela sempre odiara e que a tratara como um lixo estava ali, diante dos seus olhos, amando-a, sorrindo, beijando-lhe as bochechas e as mãos, girando com ela nos braços pela casa, dançando uma música imaginária enquanto ela, Sophie ainda pequena, ria escandalosamente.

Sophie fechou os olhos. Aquela imagem a feria profundamente. Tinha medo que estivesse sonhando com lembranças forjadas por ela mesma para ocultar toda a sua dor e saiu correndo de volta para a sala redonda e escura novamente. O caminho de volta foi bem mais rápido e logo estava no meio da sala, com as lágrimas que lhe desciam pelo rosto queimando a sua face.

— Eu quero sair daqui! Por favor, me deixem sair daqui! — gritava Sophie, limpando as lágrimas com o dorso da mão.

Seus gritos não permitiram que ela ouvisse os passos atrás dela, e sua emoção ocultou a respiração fria de alguém que se aproximava. Sophie ainda chorava e gritava e sentia o peito se apertar, espremendo tudo por dentro como uma prensa hidráulica. Quando sentiu uma mão cair sobre os seus ombros, gritou aterrorizada e virou-se.

— Não! Não! Não! NÃO ME TOQUE! SAIA DAQUI! — gritava e se debatia com uma imagem à sua frente.

— EU QUERO SAIR DAQUI! POR FAVOR! POR FAVOR! — os gritos de Sophie ecoavam pelo estúdio de Barkley enquanto Nancy e John tentavam arrastá-la de onde quer que ela estivesse.

— Volte Sophie, volte! Me ouça, Sophie! — exclamava Nancy em voz alta, sem gritar, mas firmemente. — Eu vou contar até três, Sophie, e você vai abrir os olhos — intensificou a voz. — Um! Dois! Três! — e Sophie estava de volta. Soluçando, suando, gritando de pavor, com as mãos sobre o rosto e as pernas encolhidas em posição fetal.

— Shh.... Calma, Sophie. Está tudo bem, agora. Calma... Estamos aqui — dizia Nancy, ajoelhada ao lado do divã, abraçando a cabeça de Sophie e acariciando-lhe os cabelos. — Shhh... está tudo bem.

— Eu o vi... — disse aos tropeços — Ele estava lá e ele era... bom! — Sophie soltou outro grito de dor, de raiva e de revolta.

Calma, Brandon foi tirando os aparelhos ligados ao corpo de Sophie. Fisicamente, estava bem. Embora sua atividade cerebral tivesse se elevado imensamente assim como os batimentos cardíacos, a pressão se manteve dentro da normalidade e Sophie não perdera a consciência. Brandon estava satisfeito, mas sabia que os efeitos da sessão de hipnose poderiam levá-la a uma confusão mental muito grande, bastava ver o estado ao qual ela havia sido reduzida.

Sophie tinha os olhos fechados, deitada de lado, abraçada aos joelhos, chorando baixinho como uma criança assustada.

— Sophie, você quer nos contar o que aconteceu? — perguntou Barkley, sentado na metade inferior do divã que Sophie deixara livre.

Ela não respondeu, nem em voz, nem em gesto. Permaneceu agarrada a si mesma ainda por longos minutos. Nancy e John não insistiram, sabiam que o retorno de uma

viagem como aquela podia ser difícil. Nancy continuou a abraçá-la, alisando seus cabelos e beijando-a suavemente na cabeça, mas Sophie não reagia nem a isso.

Do lado de fora, ouviu-se uma discussão inflamada entre Anne e Jesse. As vozes, embora abafadas pela porta fechada, eram ouvidas de dentro do consultório.

— Jesse, não! Espera!

— Não posso, Anne. Eu sinto que tem algo errado — e abriu a porta do estúdio, deparando-se com a cena de Sophie minúscula, envolta em si mesma. Brandon em pé atrás do divã, Nancy debruçada sobre ela e John sentado aos seus pés. — O que aconteceu com ela? — perguntou Jesse em voz alta e, quando Sophie ouviu a sua voz, mexeu-se nervosamente. — Sophie... — chamou Jesse se aproximando — Sophie... olhe pra mim — implorou quase em um sussurro.

Sophie encolheu-se mais ainda tremendo de pavor, enquanto Anne, com os pés fincados na entrada da sala, segurava o choro com as mãos.

— Ela está bem, Jesse — disse Brandon em tom profissional, levantando-se e indo até ele.

— Bem? Vocês chamam isso de “bem”? — vociferou, tentando se aproximar do divã, impedido pelas pesadas mãos de John que balançou a cabeça negativamente para ele.

— Ela está apenas em choque, Jesse. É normal, por favor, espere lá fora — ordenou Nancy, visivelmente contrariada.

Anne puxou Jesse pela manga, que, em um só gesto, puxou de volta o braço aproximando-se de Sophie rapidamente. Ajoelhou-se ao seu lado, afastou os cabelos que escondiam o seu rosto e a olhou com piedade, enquanto ela retraía-se ainda mais.

— Oh, meu amor. O que aconteceu com você? — sussurrou com a voz trêmula.

— Jesse, ela está bem! — disse John, colocando a mão sobre o ombro de Jesse. — Por favor, deixe que ela leve o tempo que precisar para voltar para nós, está bem? Venha, vamos tomar um ar puro — falou John, levando Jesse para fora da sala.

Sophie ficou fechada dentro de si mesma por quase meia hora quando, finalmente, uma voz fraca saiu de dentro da sua garganta.

— Estou com sede...

Brandon saiu rapidamente da sala, pediu a John que trouxesse água e sorriu aliviado para Anne e Jesse, que o olhavam angustiados.

— Como você se sente, Sophie? — perguntou Nancy num tom maternal.

— Estou melhor — respondeu, ajeitando-se e arrumando os cabelos. — Eu... não sei se o que eu vi foi real ou não.

— O que você viu? — insistiu Nancy.

Sophie contou em detalhes o que vira e o que sentira e tomou todo o copo de água de uma só vez. Durante a narrativa, hesitou algumas vezes, chorou em outras, demonstrou raiva, frustração, dúvida e medo. E, no final, havia só dúvidas.

— É possível que sejam lembranças minhas? Da minha infância antes de... antes de tudo?

— Pode ser, Sophie — respondeu Nancy. — O que você conhece sobre o seu passado antes do seu pai morrer, ou antes das primeiras lembranças, quando o seu pai não era tão bom com você? — questionou Nancy, tentando manter-se profissional.

— Nada. Eu não me lembro de nada.

— Então, tudo o que você viu pode ser uma lembrança real, não pode? — Sophie tinha os olhos opacos, confusos e tímidos.

— Pode, mas pode ser uma fantasia, um desejo muito grande de ter tido algo bom — contestou, encolhendo os ombros, quase envergonhada. — Uma mãe boa, um pai carinhoso... e... minha boneca. Como pode ter sido um presente “dele”? — perguntou, enojada.

— É uma coisa a ser pensada, Sophie. O seu pai pode não ter sido sempre ruim, pode ter acontecido alguma coisa que o transformou daquele jeito. As pessoas mudam quando passam por situações traumatizantes. O alcoolismo também ajuda a tornar uma pessoa violenta, sabia? — Nancy tomava todos os cuidados para não afirmar nem negar nada, apenas conduzir Sophie para a sua autodescoberta. — O mais importante disso não é saber se é verdade ou não e sim, em que você *quer* acreditar.

— Eu sinto tanta raiva. Senti tanta raiva no final! — desabafou Sophie sem lágrimas, sem hesitação, apenas com um profundo rancor.

— Eu sei. Nós vimos, Sophie. Nós ouvimos tudo. Acompanhamos cada sensação sua através da sua fisionomia. O seu corpo todo, aliás, nos dizia o que você sentia e eu imagino que não deve ter sido nada fácil, minha querida. Nada fácil... — consolou, pousando a sua mão fina e macia nas mãos de Sophie fechadas sobre o peito.

— Se aquela garotinha era eu, tão feliz e tão amada, por que a minha vida mudou tanto? Por que? Poderia ter sido diferente? — Nancy suspirou profundamente sem saber o que responder. — Foi ela, não foi? A minha mãe o abandonou e ele perdeu a cabeça. Pirou, caiu na bebida e começou a descontar tudo em mim, não foi?

Sophie era pura revolta. O ódio que sempre sentira pelo pai, agora, estendia-se à sua mãe, uma pessoa que sempre fora indiferente para ela. Algumas vezes, chegou a pensar que a mãe pudesse ter sido vítima do pai, assim como ela fora e, por isso, tivesse fugido. Nem assim poderia perdoá-la por tê-la deixado com ele. Mas e se não fosse isso, e se ela simplesmente tivesse ido embora causando uma vida infernal para ela e para o pai? Imaginar que a sua mãe possa ter destruído toda aquela felicidade, imaginar que tudo poderia ter sido diferente caso ela não os tivesse abandonado, fazia Sophie sofrer em dobro.

— Sophie, não tire conclusões precipitadas. Esta foi apenas a primeira sessão. Você gostaria de fazer outras para aprofundarmos nisso? — indagou Nancy com compaixão.

Sophie baixou os olhos, desentrelaçou os dedos esticando-os e depois fechando-os fortemente. Pensou e respondeu.

— Sim. Eu quero ir mais fundo da próxima vez. Eu quero entender tudo, de uma vez por todas.

— Está bem, então. Brandon? John? Vocês estão de acordo? — indagou Nancy, percebendo que ambos estiveram calados durante todo o relato de Sophie.

Os dois concordaram e a próxima sessão foi marcada para dali a dois dias. Tempo para Sophie se recuperar e pensar sobre a primeira experiência.

Pouco a pouco, a casa dos Brakley foi se esvaziando. Primeiro foi Brandon que saiu apressado para atender a uma emergência. Depois, fora Jesse que pegou o metrô de volta ao escritório. Anne e Sophie voltaram para casa, sozinhas e caladas.

Anne não queria pressionar, mas estava ansiosa para saber o que tinha acontecido. Não gostava de ficar às escuras. A única coisa que sabia era que fariam outra sessão em alguns dias e detestou saber disso! Os gritos de Sophie e a imagem dela encolhida no divã ainda eram fortes demais para esquecer.

Sophie estava angustiada demais para repassar tudo em sua mente. Tentava afastar as lembranças, mas era impossível e, quando começou a contar sobre o ocorrido, não parou mais. No caminho para casa, falou e falou e falou deixando Anne atordoada numa montanha russa de sentimentos. Sophie misturava as sensações com os fatos e Anne não sabia se a amiga tinha passado por uma experiência positiva ou não. Quando ela finalmente se calou, Anne lembrou-se de respirar.

— Caramba, Sophi. O que você vai fazer com isso agora? — sentia as mãos suando, agarradas ao volante.

— Eu não sei. Mas, por alguma estranha razão, sinto como se a minha vida começasse a fazer sentido. Antes, era um grande vácuo. Tinha um pedaço faltando. Não é como qualquer criança que não se lembra da primeira infância porque não se lembra e pronto. Eu não me lembrava porque o que veio depois foi tão ruim, que me fez esquecer. É isso o que eu sinto, agora — Anne pensou em suas próprias lembranças, sempre no orfanato, mas ao menos tinha algo para lembrar. — E, mesmo que me deixe muito triste

saber que tudo poderia ter sido diferente, pelo menos, agora eu tenho uma história — Sophie olhou para Anne concentrada no trânsito e perguntou. — Você me entende?

— Entendo. De verdade, eu entendo. Aconteceu o mesmo comigo quando o Dr. Barkley nos contou sobre o meu pai. Eu sempre soube que eles tinham morrido em um acidente, mas era um ponto cego em minha vida. Depois daquele dia, eu passei a sentir que eu tive um pai, que um dia me abraçou, chorou comigo nos braços, me amou! — depois de um longo silêncio, Anne finalizou. — Acho que, por pior que seja a verdade, é sempre melhor do que não saber nada.

— Você nunca esteve tão certa... — murmurou Sophie.

Outros longos minutos de silêncio se passaram até que Sophie mudou completamente de assunto, para relaxar o clima.

— Você e Brad me pareceram meio distantes nessa manhã. Aconteceu alguma coisa?

Anne torceu os lábios, pendeu a cabeça para um lado, encolhendo os ombros, e respondeu.

— Era uma coisa nossa, de não assumirmos nada ainda. Sabe como é, é tudo muito recente, mas também senti um clima estranho entre nós. Parecia que ele estava fugindo de mim — Anne apertou os lábios. — Ah, eu queria ser como você, viu? Apaixonar e desapaixonar como se mudasse o canal da televisão!

— Isso se chama sobrevivência, minha cara. Eu não confio nos homens — assumiu com uma amargura profunda na voz.

— E o Jesse?

Sophie não lhe respondeu. Não pensava em Jesse, mas em Paul. Por alguma estranha razão, apesar de ter omitido tanto sobre a sua vida, ela ainda confiava nele. Era a única pessoa que ela permitia errar. Talvez por ter ainda muitos créditos com ela. E, assim que chegaram a casa, Sophie chamou Paul no celular que ainda não tinha feito a pausa para o almoço, embora fossem já quase duas da tarde.

Sophie lhe contou rapidamente o que havia acontecido e ele disse que, infelizmente, não podia saber se poderia ser uma experiência real ou não. Ele simplesmente não sabia nada sobre o passado ou a família de Sophie. Mas tinha uma novidade. Ainda hoje, receberia todo o material vindo do Brasil e poderiam ter uma pista a seguir.

Sophie desligou o telefone com uma sensação trêmula no estômago e decidiu ficar em casa e pesquisar sobre as informações que Paul lhe dera. Algo lhe dizia que ele, finalmente, estava na pista certa. Tinha que saber mais sobre a África do Sul. Subiu para o seu quarto, decidida a dedicar o seu tempo à pesquisa, mas assim que abriu o armário para trocar de roupas seu olhar pousou diretamente sobre uma sacola na parte superior. Puxou-a e abriu-a. Sim, ela estava ali. Esboçou um sorriso, mas logo foi apagado quando reviu a cena da hipnose em sua mente.

Puxou a boneca Lucy e abraçou-a contra o peito com força. Inalou o cheiro de passado e sentiu o toque áspero do tecido em seus dedos. Sentou-se na cama lentamente e afundou seu queixo na boneca, controlando para que as lágrimas ficassem no lugar delas, no fundo do poço. Cerrou os olhos, apertou os lábios com força e virou a boneca de barriga pra baixo em suas pernas. Tateou o pequeno buraco e pegou a pequena foto amassada de um rosto outrora feliz com seus olhos verdes brilhantes.

Por que você foi embora? Por que você me abandonou? O rosto estava todo marcado por dezenas de dobraduras e alguns pequenos pedaços já tinham se destacado do papel. O desgaste do tempo e das inúmeras vezes que Sophie a manuseou transformaram a figura em uma irreconhecível caricatura.

Amassou a foto de novo, guardou a boneca na sacola e devolveu-a ao lugar no armário. Foi até o banheiro e jogou a pequena foto na privada. Deu descarga e observou a foto girar na água até sumir. *Não sinta pena de si mesma!* Censurou-se.

Capítulo 18

Anne preparou um salmão com batatas e salada de rúcula para o almoço e, pouco depois das três da tarde, Sophie já estava no seu quarto, novamente, abrindo o notebook abandonado na escrivaninha desde que fizera a pesquisa – pouco produtiva – sobre Simbiose Psicológica. Mas, desta vez, seria mais fácil. Procurava algo bem mais concreto. Informações sobre um país a dez mil milhas de distância, embora Anne tivesse insistido mil vezes para que Sophie fosse com ela visitar uma exposição de artes.

— Vamos, deixa isso pra lá! Paul disse que vai nos passar as informações depois. Você precisa se distrair um pouco! — mas Anne viu que seus esforços eram em vão quando, na terceira vez, Sophie parou de responder e começou a digitar freneticamente, e saiu.

Sozinha no quarto procurou África do Sul no Google e apareceram mais de um milhão de páginas. Correu pelo Wikipedia e sites de turismo. Não imaginava que havia tanta beleza naquele país. Quase se perdeu nas páginas sobre a história, a economia e os conflitos raciais, como os de 2008, que mataram dezenas de pessoas e feriram centenas em várias cidades em explosão de xenofobia generalizada. Para um país na lista das nações emergentes, violência daquele tipo não fazia sentido para ela.

Sophie agitou a cabeça e sentiu-se frustrada. Na verdade, não sabia exatamente o que procurar. Paul lhe dissera algo sobre um funcionário no Consulado Britânico, então, procurou Consulado Britânico na África do Sul. Encontrou quatro. Um em Cape Town, outro em Durban e dois em Pretoria. Procurou no mapa. Cape Town, ao sul, Durban na costa leste e Pretoria ao norte, próxima a Johannesburg.

Pense, Sophie, pense!

Arriscou algo mais específico: falsificação de documentos no Consulado Britânico. Bingo! Vários links comentavam sobre uma prisão feita no Brasil, dois meses antes, que teria desvendado um esquema de falsificação de documentos britânicos. O primeiro

artigo falava apenas que a polícia sul-africana investigava uma denúncia vinda da América do Sul sobre falsificação de documentos. O segundo acrescentava apenas que os documentos eram passaportes. O terceiro falava em certidões de nascimento para menores e Sophie sentiu uma fisgada no estômago. Leu mais dez artigos sobre o caso e, finalmente, encontrou algo que lhe chamou a atenção:

“Foi preso, esta semana, no Brasil, um inglês acusado de envolvimento com falsificação de documentos durante o período em que trabalhou no Consulado Britânico, em Pretoria, província de Gauteng. John Evans, 58 anos, natural de Melrose, Inglaterra, foi preso durante uma operação da Polícia Federal que investiga o envolvimento de autoridades brasileiras na imigração ilegal. A polícia teria encontrado com ele dezenas de passaportes e diplomas falsos usados por imigrantes. Evans informou que começou a cometer este tipo de crime quando vivia na África do Sul, depois de ser ameaçado por um policial que queria fugir com a filha, nos anos oitenta.

‘Eu tinha uma dívida com ele’ disse Evans ‘e ele me obrigou a fazer isso. Eu não queria, era uma criança de três anos, mas era isso, ou eu iria em cana por um crime que eu não tinha cometido. Ele tinha prestado um depoimento ao meu favor em um crime onde todas as provas apontavam para mim. Ele mentiu porque acreditava na minha inocência. E eu era mesmo inocente! Depois, usou isso para me chantagear e eu tive que fazer o que ele queria’.

Evans disse ter ficado transtornado com o que fizera e a sua vida se tornou um inferno. ‘Mas, pelo que parece, o arrependimento não durou muito’, afirmou o delegado federal Pedro Quintana, do Brasil, exibindo o volume do material apreendido.

A polícia de Pretoria já foi informada sobre os fatos, mas preferiu não se pronunciar.”

Não, Sophie. Esquece! Desencorajou a si mesma, embora não pudesse fingir que a fisgada no estômago continuava lá. Fechou o notebook, massageou a nuca, olhou para o relógio na escrivaninha e viu que já eram quase seis da noite. Precisava sair

dali, precisava respirar e decidiu fazer uma surpresa a Jesse no escritório. Tinha tido uma manhã exaustiva, uma tarde entediante e precisava de algo relaxante.

Trocou rapidamente de roupa, colocando um vestido curto peto, uma meia 7/8 deixando a mostra parte das coxas, uma bota de salto alto grosso, penteou os cabelos rapidamente e saiu. Pegou um taxi e seguiu até o escritório. Desde que reataram o namoro, Sophie não tinha ido nem uma vez ao seu encontro, era sempre Jesse que vinha resgatá-la de seus problemas e aflições. Queria lhe fazer uma surpresa e sentiu-se como uma jovem apaixonada, novamente, com um frio tremulante no estômago.

Sorriu timidamente pra si mesma mordiscando o lábio inferior, excitada. Afinal, não estava sendo tão ruim assim. Entregar-se e deixar rolar. Por um momento ficou confusa consigo mesma. Por que tinha sido tão intransigente da primeira vez? Do que tinha medo? Franziu os lábios. Sabia do que. Fez uma rápida chamada à Anne e avisou-a do seu encontro furtivo e a amiga lhe respondeu com comoção. Era um grande avanço. Sophie sentia-se viva e a adrenalina subia às alturas.

A rua estava movimentada e o taxi parou no trânsito a uma quadra da Griffiths Architects. Sophie saltou ali mesmo. Arrumou o vestido, ajeitou os cabelos e caminhou ansiosa, confiante e com tremores no estômago. Surpreendentemente, sentia saudades de Jesse e começava a se acostumar com isso, com a sua necessidade dele. Agitou a cabeça repreendendo a si mesma pelo tempo que perdera agindo infantilmente, sem lhe dar o devido valor. Sorte a sua que Jesse ainda a queria, sorte a sua por não tê-lo perdido. E sorriu travessa com suas ideias para noite funda.

Passou pelo café onde os dois costumavam se encontrar e sentiu uma ponta de nostalgia. Mas a nostalgia e a excitação evaporaram quando viu Jesse lá dentro. E ele não estava sozinho. E não estava tomando café. Jesse estava com Adrian, Jesse estava beijando Adrian. Jesse estava beijando Adrian, na boca. Não. *Adrian* estava beijando Jesse, ela estava quase debruçada sobre ele, sentados lado a lado nos bancos do balcão!

O seu estômago se contraiu. A garganta secou e sentiu as pernas amolecerem. Não era possível que estivesse vendo aquilo. *Mas que droga, Jesse!* E num único respiro, o Jesse maravilhoso se tornou o pior dos patifes, canalhas, trastes, todos juntos. E Adrian... *aahhhh...* sentiu o orgulho rugir ferido mortalmente.

A ira percorreu todo o seu corpo arrastando ferozmente Sophie para dentro do café, atraindo os olhares do casal, mas ela não se intimidou e a deliciosa ira fez a sua mão direita erguer-se no ar e depois cair ferozmente em uma bofetada em Adrian, fazendo desaparecer aquele sorrisinho de satisfação que esticava seus lábios lateralmente.

— Sophie!!!! — exclamou Jesse sem muito se importar com Adrian, que choramingava baixinho ao seu lado — Sophie, eu...

— Cala a boca, Jesse! — berrou Sophie, e os olhares se voltaram para ela. — E fique-longo-de-mim! — exclamou fincando o indicador contra o peito dele, cada vez mais forte, a cada palavra. Virou-se nos calcanhares deixando o local com a mesma determinação com que entrara.

Uma tormenta de sentimentos ganhava força dentro dela. Sentia raiva, vergonha, humilhação, ira, ciúmes, desilusão; sentia vontade de vomitar. Caminhou apressadamente pela rua ouvindo Jesse gritando seu nome atrás dela. *Não venha atrás de mim, não venha atrás de mim!* Mas Jesse já estava no seu enalço, deixando Adrian para trás que saiu do café com a mão sobre a bochecha ardendo como mil sóis.

— Sophie! Espera! — Jesse correu e a alcançou pouco antes de ela entrar em outro taxi.

— Me larga, Jesse! — gritou, franzindo o cenho e virou-se, com centenas flechas no olhar apontadas para ele, segurando a porta do carro com uma das mãos.

— Sophie, não! Eu não vou deixar você ir embora assim. Eu não tive culpa! — exclamou Jesse segurando-a pelo braço.

— Ah, pelo amor de Deus, Jesse. Cala a boca! — esbravejou Sophie, puxando o braço de volta com força, quase perdendo o equilíbrio.

— Sophie! Você tem que me ouvir, por favor! — gritou ele ainda mais alto, enquanto Sophie batia a porta do taxi sem lhe dar qualquer chance.

Jesse ergueu as mãos à cabeça, desesperadamente, olhou para os lados e acenou para um taxi, depois desistiu e saiu em disparada de volta ao escritório. Sophie sentia o corpo tremer. Sentiu raiva de si mesma, ela nunca deveria ter deixado Jesse voltar à sua vida. Não estava pronta para isso, principalmente para Adrian e seu sorriso debochado com suas covinhas vulgares. Queria gritar de raiva, esmurrá-la até achatar o seu rosto redondo como uma panqueca.

Queria socar Jesse. Queria... queria... queria chorar de raiva! Mas só mordia os lábios até que *Bring me to Life* a fez abrir a bolsa com fúria. As mãos trêmulas mal conseguiam pegar o celular e Sophie sentiu a palma da mão direita arder. Desligou-o atirando-o de volta dentro da bolsa.

Os joelhos batiam um contra o outro e segurou-os tentando se acalmar. *É apenas um homem, um cretino de um homem. Ele não é nada, nada!* Começou a recuperar o controle sobre o seu corpo. *Apaixonar e desapaixonar como trocar de canal.* Lembrou-se de Anne e quis muito que ela tivesse razão, que ela conseguisse, realmente, desapaixonar-se enquanto o seu autocontrole ia por água abaixo novamente. Águas que estavam subindo e logo se transbordariam em lágrimas, mas Sophie não choraria por Jesse e muito menos por Adrian. *Aaahhh....* urrou novamente em sua mente.

Engoliu a raiva e a decepção e, quando chegou a casa, Anne estava na cozinha, sorrindo para ela, e as duas se viram somente de relance, pouco antes de Anne abrir um armário sobre a pia e pegar uma caixinha de chá.

— Ei! O que aconteceu com o encontro? — perguntou Anne, sem notar a expressão pálida de Sophie, com os lábios tesos e as pálpebras que despencavam sobre os

olhos; mas quando Anne se virou, seu sorriso se apagou e ela correu até a porta onde Sophie restava imóvel.

— Deus do céu, o que aconteceu com você? — perguntou, enquanto ajudava Sophie a se sentar no sofá. Ela parecia hipnotizada, imersa sabe-se lá em que, e Anne sentiu o pânico infiltrar em suas veias. — Sophie, fale comigo!

— Eu vi o Jesse... e a Adrian... se beijando... — a frase soou estúpida.

Anne sentiu a tensão descer pelas pernas, mas tão logo processou a mensagem, soltou o corpo no sofá ao lado de Sophie confusa. *Teve uma visão ou viu mesmo?* Mas não lhe perguntaria.

— Me conta como foi isso... — murmurou.

Sophie foi lhe contando, revendo a cena à sua frente parecendo irreal, mas não era e mais: ela sabia que Jesse viria atrás dela e sabia também que não queria vê-lo, por nada neste mundo, queria encarar Jesse.

— Sophie, tem algo errado. Ele não faria isso, quer dizer, eu acredito em você, mas ele não faria isso! Só pode ser coisa da Adrian!

— E se for? Ele não me pareceu forçado a fazer nada! — exclamou Sophie, embora no seu íntimo sabia que vira Adrian sobre Jesse e não o contrário. Mas que se dane, eles estavam se beijando e pronto.

O telefone de casa soou e Sophie segurou Anne pelo braço antes que ela se levantasse.

— É ele, não atenda! — ordenou friamente, e Anne obedeceu, enquanto a campainha soou e soou enchendo a casa de um som estridente por alguns segundos.

— Sophie, por favor, pense um pouco... — embora desejasse fuzilar Jesse em praça pública, Anne não suportava ver a amiga daquele jeito. Era a primeira vez que a via sofrer por um homem e era mortificante.

— Anne, esquece. Está tudo bem — mas não estava. Quanto mais tentava controlar a ira, mais se sentia consumida por algo novo, um sentimento ainda desconhecido que fazia o seu peito arder em chamas.

Era como se algo precioso tivesse sido roubado e sentiu-se tocada por mil agulhas em sua mente. Era tão intenso e desconfortante! Sentiu-se caindo estupidamente de costas num tirar de tapete violento e viu o sorriso de Adrian à sua frente. *Merda! Mil vezes merda!*

Ela tinha um instinto e devia aprender a ouvi-lo em todas as ocasiões. Sentiu-se contrariada, humilhada, excluída e, do fundo de sua memória, emergiam imagens de visões antigas de um garoto solitário quando Sophie tinha quase dezesseis anos.

Era o último ano na casa leste, em uma noite úmida de primavera e Sophie estava na biblioteca. Pesquisava desinteressadamente sobre mitocôndrias para um trabalho de biologia, enquanto Anne saía por um instante para devolver a sua pilha de livros à senhora Shelton, a bibliotecária. Sophie detestava biologia e aquela pesquisa estava se tornando entediante demais. Corria os olhos pelas letras e desenhos ovais sem entender uma linha. Voltava para o primeiro parágrafo pela quinta vez na esperança de que absorvesse tudo por osmose. Mas quanto mais tentava, mais se distanciava da realidade.

As letras à sua frente começaram a dançar como pequenos bonecos feitos por traços infantis. Em princípio, Sophie divertiu-se ao ver os pauzinhos pretos criarem vida e saírem do papel numa festa desorganizada, até que uma das letras apontou para o desenho deitado no papel e deu-se uma risada coletiva. Letras que caçoavam do desenho que, pouco a pouco, também se ergueu da página e, de uma mitocôndria arredondada, pipocavam braços, pernas e uma cabeça desproporcional, se transformando em um garotinho desajeitado.

As letras foram ganhando forma de pequenas criaturas, como gnomos, que dançavam ao lado dele, rindo e debochando largamente. O menino girava em torno

de si mesmo, acompanhando a dança daquelas criaturas cruéis que se divertiam torturando a sua mente. De tanto girar no mesmo eixo, o menino desequilibrou-se caindo sobre os joelhos, levando o grupo a gargalhadas histéricas e pequenas lanças saíam de suas bocas atingindo o garoto por todo o corpo, encolhido, apavorado, mas, sobretudo, humilhado.

Uma luz alaranjada surgiu no centro da cena, saindo de dentro do peito do garotinho, e as risadas foram diminuindo até cessarem completamente. Ele, então, ergueu-se, recobrando a confiança, e seus olhos queimavam demoniacamente sentindo o poder crescente rastejando pelo seu corpo. Mas Sophie sabia que, embora exalasse triunfo sobre aqueles que o açoitavam, aquele garotinho ainda chorava por dentro, ciente da sua pequenez. E o garoto entrou em combustão diante de um grupo que festejava a sua autodestruição, em êxtase.

Mas estas não foram as únicas visões que voltavam à mente de Sophie. Imediatamente, outro garoto, em outra visão, anos mais tarde, ressuscitava no seu baú de memórias.

O menino brincava com um carrinho de madeira, num chão de terra batido, com os pés descalços e sujos, quando dois pés enormes passaram por ele, pisando sobre o brinquedo, despedaçando-o, e seguindo em frente. O garoto juntou os pedaços e, com cada um deles, fez um novo carrinho que, novamente, foi pisoteado e desintegrado em dezenas de outras partículas. E o garoto pegou novamente cada pedacinho e o transformou em minúsculos outros brinquedos que, novamente, foram destruídos por algo maior do que ele, até que não lhe sobrou mais nada. E, das suas lágrimas, que caíam fundas no chão, nasceram flores que o garotinho colheu e entregou àquele ser maior do que ele. Mas o gigante deixou as flores caírem e pisou sobre elas displicentemente. E o garoto, por fim, comeu as pétalas, sentindo um gosto amargo e ácido na boca. Quando comeu a última pétala, sentiu sua barriga se mexer, como um verme que criara vida dentro dele. Aterrorizado, o menino sentiu as garras que lhe cortavam o abdômen por dentro, como se abrisse um saco de dormir. Em meio aos gritos de tortura, a criatura o devorou, de dentro

para fora, até que não sobrou nada e o verme saiu rastejando para, depois, entrar em um buraco no chão.

À medida que tais imagens eram cuspidas para fora do seu subconsciente, Sophie afundava no sofá inerte e Anne sequer percebera que, nos segundos precedentes, Sophie fizera uma descoberta nos olhos daqueles garotos perdidos.

— Eu já sei, Anne! — bradou Sophie.

— O que? — indagou Anne sentindo-se perdida.

— Os garotos! Era ele!

— Que garotos? — sentiu-se duplamente perdida.

— Os garotos! São a mesma pessoa, Anne! — e Anne desistiu de perguntar. — Eles são Thomas! Foi sempre ele!

— Thomas? Sophie, por Deus, não estou entendendo nada!

— Os garotos das visões! — virou-se para Anne com os olhos aterrorizados. — O que ele quer de mim?

— Sophie, comece do começo, por favor!

E Sophie a fez lembrar-se do garotinho que tinha sido tema de inúmeras teorias de Anne sobre rejeição e descaso nas duas vezes que ele surgira e Anne ergueu as sobrancelhas, atônita.

— Mas como isso surgiu na sua mente, agora? O que o Jesse tem a ver com isso? — era muito confuso e destoante para Anne.

— Eu não sei! Eu estava aqui, sentindo raiva, muita raiva e, aliás, ainda estou! — Sophie inflou as narinas. — Enfim... enquanto algo me devorava por dentro, eu entendi! ...Ai, Anne, sei lá como foi que do Jesse fui parar no *Garoto inflamável* e no *Verme do avesso* — exclamou Sophie gesticulando as mãos e encolhendo os

ombros em desespero —, mas eu tenho certeza! São os mesmos olhos verdes, tímidos e perdidos. Eu sabia que já tinha o visto em algum lugar...

— E você ainda confia nele? — questionou Anne, erguendo as sobrancelhas.

— Confiar? Ah, Anne, nesse exato momento eu não confio em ninguém! — Anne a olhou em advertência quando a campainha tocou fazendo-a saltar no sofá. — Merda! Só pode ser o Jesse. Deixa ele tocar!

— Ah, Sophie, tenha dó! — vociferou Anne, irritada, levantando-se em sua fiel postura de general.

— Tá bem, tá bem! Eu abro, então — bufou Sophie, levantando-se do sofá, enojada.

Caminhou pesadamente até a porta, abriu-a ferozmente e partiu pra cima.

— O que é que você quer, Jesse? — perguntou Sophie em muitos tons acima da sua voz.

— Eu quero que você me deixe falar! — e a voz de Jesse era ainda mais aguda.

— Mas eu não quero saber! Já tenho problemas demais para ter que lidar com mais um! — mas Jesse era intransigente. Forçou a entrada empurrando Sophie para o lado, e passou por ela a passos largos. — Eu quero que você vá embora, Jesse. Agora! — intimou, com seus olhos escuros penetrantes e Jesse baixou a cabeça agitando-a incrédulo, passando a mão pelos cabelos.

— Tudo bem, eu vou embora, mas só depois que você me ouvir. Te peço só um minuto, ok? — Sophie bateu a porta atrás dela, mas não se moveu, apenas cruzou os braços e esperou. Anne tinha se evaporado há muito tempo. — Sophie, foi a coisa mais estúpida que me aconteceu e, por favor, acredite em mim — Jesse tinha as mãos juntas em oração enquanto Sophie lhe jogava o seu pior olhar dos olhares. — O escritório... — balançou a cabeça — o dia foi sufocante, hoje, você não tem ideia! Eu estava uma pilha de nervos e Adrian me chamou para tomar um ar fresco e descemos para um café. Apenas um café! Como já fizemos várias vezes! Como

eu podia imaginar? Eu não tinha ideia e nem sei se ela tinha premeditado isso ou não...

— Ah, por favor Jesse, pára. Eu não quero ouvir mais nada!

— Vai sim, Sophie, porque eu não vou deixar que uma estupidez como aquela tire você de mim! — exclamou Jesse aproximando-se, ameaçadoramente, de Sophie que sustentou o olhar com firmeza. — Ela se jogou pra cima de mim e me beijou! Do nada! Me pegou de surpresa e assim que me dei conta, eu a empurrei. Pelo amor de Deus, Sophie, você deve ter visto!

— Ah, eu vi. Vi sim e, pra falar a verdade, Jesse, não me importa mais. Eu não preciso disso, agora. Não mesmo! — Sophie baixou os olhos, inspirou profundamente e continuou com uma frieza cortante. — Acabou, Jesse. É melhor deixarmos pra lá — subitamente, um vislumbre de Adrian olhando de canto de olho para Sophie ainda na porta do bar, segundos antes de se atirar sobre Jesse, abalou a sua confiança. *Ela me viu e fez de propósito!* Mas não importava. Tinha chegado ao seu limite. Realmente, não precisava de nada disso.

Jesse estreitou os lábios e a encarou uma última vez com seus olhos de um dourado escuro faiscavam, mas Sophie havia criado uma barreira em torno de si mesma. Não sentia mais o efeito Jesse sobre ela. Recuou dois passos sem perder o olhar, estendeu a mão para trás, abriu a porta e se afastou, enquanto Jesse passava por ela vagarosamente. Sophie fechou a porta e era como se nada fosse.

Anne desceu as escadas silenciosamente e tentou uma aproximação.

— Sophi, você tem certeza?

— Sim, Anne — respondeu, implacavelmente

O telefone tocou mais uma vez e, embora hesitante, Sophie atendeu. Era Paul e sua voz tinha um tom entusiasmado.

— Sophie! Os documentos chegaram! — exclamou, euforicamente.

— Documentos? — uma nuvem passou pelos seus olhos.

— Sim! O relatório do Brasil! — Sophie encostou-se à parede e ergueu a cabeça para trás apoiando-a contra o muro frio cor de palha.

— E o que tem nele, Paul? — perguntou, com os olhos fechados.

— Pistas, Sophie. Muitas pistas. Você quer ouvi-las agora? — uma intensa corrente ricocheteou por todo o seu sistema nervoso.

— Quero, por favor — falou à meia voz, mas Paul não percebeu a hesitação, o medo e a tensão em Sophie e continuou animado.

— Eles me mandaram cópias de todo o processo. Eu dei uma olhada por cima, porque tem muita coisa que interessa mais a eles lá do que a nós — *Vamos, Paul, vai logo ao ponto, por favor.* — O melhor é o depoimento do principal acusado, um tal de John Evans — o coração de Sophie parou e esperou. — Esse cara é um falsificador de documentos, de todo tipo que você imaginar. Ele meteu um monte de gente lá em maus lençóis! Deputados, juízes, a coisa vai ficar feia por lá, viu... bom, não sei. Os nomes desses caras estão rasurados na minha cópia, mas também não importa. O que me chamou a atenção foi a história que ele contou.

— É sobre o policial, em Pretoria? — perguntou Sophie, parecendo indiferente.

— Como você sabe? — indagou, abismado.

— Eu li na internet.

— Oh! Quando você leu isso? — *Ah, Paul, o que interessa?*

— Hoje à tarde.

— Ah... então você já sabe? — indagou, desapontado.

— Li apenas isso, não falava nomes.

— Mas no depoimento ele falou. Disse que foi um tal de John Mitchell, ou Johnny que o forçou a falsificar o documento dele e da filha, uma garotinha de três anos. — e a excitação baixou vários pontos.

— Ele disse quando exatamente foi isso? — “Uma garotinha de três anos” ficou ecoando em sua mente.

— Disse — Paul suspirou e continuou. — Em 1987 — fez-se uma pausa e Paul sabia que Sophie fazia os cálculos naquele exato momento, como ele também fizera. — Eu sei o que você está pensando, Sophie e eu também penso a mesma coisa. Vale a pena investigar mais.

— Ele disse o nome que ele deu para a garotinha? — cerrou os olhos com firmeza.

— Não — Sophie sentiu uma frustração nauseante, ou seria alívio? — Mas ele disse que ficou paranóico depois disso. Tinha medo que fosse descoberto e, alguns meses depois, pediu demissão do cargo e se mudou para a Angola, depois foi para Portugal até chegar no Brasil.... hã... cinco anos atrás.

— E como tudo isso pode nos ajudar, Paul? — perguntou, exausta, e a cabeça começava a latejar.

— Bom, vou entrar em contato com as autoridades da África do Sul e pedir os casos de crianças desaparecidas naquele ano. O tal Evans disse que isso foi em agosto de 87 — *Agosto... mês do meu aniversário...* —, portanto, o leque diminui substancialmente. Se dermos sorte, teremos fotos e dados das famílias destas crianças, inclusive desta garotinha. Vamos torcer por isso! Vamos torcer para que não tenha passado muito tempo e que eles tenham um arquivo organizado.

— Tudo bem. Assim que você tiver mais alguma coisa me avisa, por favor? — Sophie abriu os olhos e viu Anne cor de vela à sua frente.

— Claro, minha querida! — Paul sentia a estranha calma na voz de Sophie e perguntou. — Você está bem, Sophie?

— Estou. Tá tudo bem, só estou cansada. Eu espero você me ligar. Obrigada, Paul.

— forçou uma despedida mais animada.

— De nada, Sophie. Boa noite e cuide-se bem, garota!

— Pode deixar... — Sophie desligou o telefone, sabendo que teria que contar tudo a Anne e não estava nem um pouco a fim. Queria que este dia terminasse, mais nada.

Anne ficou mais empolgada com as notícias do que Sophie. Ou fez de conta, tentando fazê-la esquecer de Jesse e do garoto perdido, Thomas. Mas Sophie sentia-se tão exausta que, na verdade, não pensava mais em nada. Queria apenas tirar as roupas e esperar que o colchão a engolissem para sempre!

Achou que nem precisaria tomar o remédio para dormir, por isso, deixou o copo com água no criado mudo, ao lado do remédio, para caso perdesse o sono à noite. Mecanicamente, despiu-se, jogou o vestido preto na cama e enfiou uma camiseta regata longa com Florence Welch segurando um coelho branco nos braços estampada na frente.

Pensou, ironicamente, *Siga o coelho branco, Sophie*. Afundou a cabeça no travesseiro macio e sussurrou novamente antes de cair no sono *Siga o coelho branco...*

Capítulo 20

O vazio aconchegante da noite foi se dilatando dentro da mente atordoada de Sophie, expulsando as lembranças do dia. A sessão de hipnose, a África do Sul, Jesse, Adrian e Paul iam se dissolvendo em uma névoa cinza e densa em sua mente, ao mesmo tempo que uma música de realejo soava baixinho de algum lugar. Sophie apenas deixou-se levar por aquelas notas metálicas enquanto sentia uma grama macia e fresca em seu corpo.

Estava deitada com os braços dobrados acima da cabeça absorvendo o calor morno do sol do outono. Uma brisa suave tocava o seu rosto e as pernas nuas. Os olhos fechados criavam imagens de caixinhas de música e números circenses embalados pelo som de um único instrumento. Tinha um sorriso maroto nos lábios. Era apenas uma menina, com um vestido azul celeste e um laço de fitas no cabelo, que esperava, sem anseios, a vida passar.

A luminosidade do sol desapareceu dos seus olhos ainda fechados e Sophie esperou a nuvem se dissipar. Esperou e esperou. Contrariada, abriu os olhos para ver quantas delas ainda atrapalhariam o seu cochilo matinal e viu, debruçado sobre a sua cabeça, o que parecia ser um grande coelho branco que a encarava com olhos divertidos. Franziu a testa e o coelho lhe sorriu erguendo-se feliz. O sol entrou com intensidade em seus olhos e Sophie fechou-os rapidamente. Sentou-se e olhou para trás. E o coelho ainda estava lá, olhando-a com zombaria.

Saltou no mesmo lugar duas vezes e Sophie pôs-se de pé. O focinho agitou-se e seus bigodes dançaram para cima e para baixo, fazendo Sophie rir uma risadinha infantil. O coelho saltou novamente, pulando para trás e depois para o lado. Virou-se para ela e mexeu os bigodes novamente. Sophie saltou imitando-o e o coelho lhe sorriu expondo os grandes dentes frontais para depois sair, pulando freneticamente. Sophie correu atrás dele, seguindo-o floresta adentro. A mata foi-se fechando ao seu redor e a luz do sol penetrava com dificuldade. Sophie corria despreocupada, mirando o coelho à sua frente que saltava de um lado para o outro, desviando das pedras no caminho.

O som do realejo ficou ao longe assim como o dia ensolarado, mas Sophie parecia não se preocupar, desde que estivesse com o seu amigo coelho. E bastou pensar nisso que ele desapareceu diante dos seus olhos ainda no ar e Sophie sentiu-se só. Procurou-o em todos os lugares, mas ele tinha sumido e quando ela tentou voltar pelo caminho que viera, a mata se fechou para ela. Estava encurralada. Engoliu a seco evitando as sensações de frio e medo que subiam pelas pernas. Fechou os olhos e pediu que surgisse algo que a tirasse dali. E assim se deu.

Abriu primeiro um olho e depois o outro. Olhou em volta e viu ao fundo uma caixa de madeira e, das fissuras de sua madeira, saíam raios de luz amarelo que cintilavam em tons de violeta. Correu destemida até ela e viu que era um baú com uma grande fechadura que pendia para frente. Tentou abri-la, mas estava trancada e o sorriso divertido curvou-se para baixo.

Afastou as folhas em volta, procurou e procurou. Cruzou os braços em objeção. Torceu os lábios para um lado e para o outro; pensou e pensou. Estava envolta no mais absoluto silêncio, no meio de uma mata fechada. Foi como se algo brilhasse em sua mente e ela soube o que fazer. Aproximou os lábios da fechadura e assoprou. O ar dos seus pulmões fez o baú erguer-se e levitar por alguns segundos. Sophie bateu palmas de excitação e ele despencou, abrindo a tampa arredondada sobre ele, liberando raios que lançavam cores para todos os lados. Assim que a dança luminosa terminou, Sophie abaixou-se e olhou para dentro dele. Uma energia muito forte a sugou para dentro de um poço profundo. Sophie mergulhava rodopiando, rodopiando e rodopiando até cair, desajeitadamente, em um leito de folhas secas fazendo erguer um monte delas no ar.

Sophie apoiou-se nas mãos e ficou sentada olhando em volta. Era como uma grande câmara de revelação com fotos penduradas em varais gigantes. Sentiu a cabeça girar e achou que a tivesse batido contra alguma coisa. Levantou-se e caminhou, contemplando rapidamente a fileira de fotografias num emaranhado de fios, cores, rostos e paisagens. Mas os varais eram altos demais e ela não podia vê-las nitidamente. Pensou ouvir um choramingo. Olhou em volta e percebeu, ao fundo, alguém sentado de costas para ela, com várias fotografias espalhadas ao redor. Foi-se aproximando lentamente e ouvindo aquele lamento repleto de angustia. Quis chamá-lo,

mas teve receio. Sentia a adrenalina acelerar os seus batimentos cardíacos e a respiração tornou-se ligeiramente mais difícil.

— ... me desculpe... me desculpe! — murmurava a voz. — ... eu nunca quis... — as palavras saíam intercaladas por soluços. — Eu não tinha ideia... — sussurrava uma voz masculina.

— Quem é você? — perguntou Sophie feliz em reconhecer-se na própria voz. Não era mais a menininha fantasiada de Alice. Era ela, dentro da sua própria mente, conversando com alguém que estava para descobrir quem era.

Ele não se virou e continuou a tecer as infundáveis desculpas como se esperasse por ela.

— Nunca foi a minha intenção... Eu nunca quis fazer você sofrer de verdade. Eu sentia raiva... me senti abandonado... eu nunca estaria à sua altura — fez um chiado estranho puxando com força o muco que lhe escorria do nariz. — Me perdoe, por favor! — Sophie aproximou-se mais e olhou as fotos no chão. Sentiu uma náusea rodopiar no estômago e a cabeça girar. — Eu não entendia! Eu sabia que você era importante, mas eu não entendia de verdade, até que... eu vi. E é tão sofrido, tão doloroso! Eu não suportaria! — a voz ainda falava de costas para Sophie, mas ela já sabia quem era e sentiu apenas pena enquanto ele se arrastava em suas lamúrias. — E quando eu passei a entender, passei a sentir e a sofrer com a mesma intensidade, eu só pensei em ajudar. O tempo todo eu só queria ajudar. Por favor, por favor, me perdoe — e Sophie falou com uma calma desconcertante, sem tirar os olhos das fotos que ela havia reconhecido, as fotos do garotinho perdido.

— Eu perdoe você, Thomas. De verdade — disse ela já tão próxima que poderia tocá-lo. Levou a mão trêmula até os seus ombros e recuou. — Você era só um garotinho assustado e sozinho. Eu vi. Eu não sabia que era você, até hoje — encolheu os ombros. — Acho que eu demoro um pouco para entender as coisas, não é? — simulou um sorriso mudo.

Thomas puxou o choro pelo nariz novamente e foi-se acalmando.

— Então você entende, agora?

— Sim. Sei que você teve uma infância difícil, como eu. Sei que se sentiu excluído, sei que sofreu a sua solidão. Sei, porque vi em minha mente. Eu só não sei por que eu vi tudo isso. Por que temos essa ligação? — chegou mais perto e fez a pergunta que mais desejava e temia saber. — Quem é você, Thomas? — mas ele ficou indiferente às dúvidas de Sophie, concentrando-se apenas no que ele queria lhe dizer.

— Estas perguntas não importam agora, Claire — falou Thomas recompondo-se e mantendo o tom morno em sua voz. — Eu não entendia. Mas agora eu entendo e você precisa entender também! Se você não entender, não poderá ajudar!

— Thomas, por que você me chama de Claire? — a pergunta lhe pareceu óbvia, mas precisava ouvir.

— Porque você é Claire, Sophie — ouvir Thomas pronunciar seus dois nomes foi como forçar os olhos contra a luz intensa do sol e Sophie fechou-os por instinto. — Porque é assim que você se chama! — Thomas balançou a cabeça. — Claire, abra a sua mente! Este é o seu nome porque foi assim que a sua mãe quis que você se chamasse. A NOSSA mãe!!! — Sophie sentiu a náusea subir-lhe à velocidade da luz até a boca e segurou para não vomitar.

— Nossa... mãe? — as palavras saíram aos tropeços. — Não, não...

Thomas se levantou e virou-se de frente para ela com os olhos brilhantes e puros. Sophie o via, realmente, pela primeira vez. Via a sua dor real, a sua sinceridade, a sua devoção e a sua ansiedade! Via Thomas despido de todas as defesas que alguém pode criar em torno a si mesmo, e ela sabia como era viver enclausurada. Ela mesma havia se aprisionado em várias delas. Mas ele, não. Ele era transparente. Podia-se ver através dele, dentro dele, através de seus olhos iluminados, e Sophie quis aprender com ele. Aprender a não temer e a aceitar. Esperava apenas que não fosse tarde demais para ele; que ela não estivesse falando com um fantasma.

— Claire, concentre-se! Não em mim, eu estou bem! — exclamou ele, lendo claramente em sua mente. — Concentre-se nela, por favor! Ela está morrendo e só você pode

ajudá-la! — Thomas agarrou os ombros de Sophie como se quisesse chacoalhá-la, fazendo com que sua mente entrasse no trilho certo, mas não o fez. — Você precisa salvá-la, Claire. Eu te imploro!

Thomas se desfazia em lágrimas que escorriam silenciosamente, uma após a outra, em pequenos córregos que lhe cortavam a face, despencando da margem do maxilar até a sua camisa, mas ele não se importava. Estava ali, diante dela, sem máscaras, sem metáforas, sem mensagens, apenas ele e a sua dor. Ele e o seu pedido. E Sophie esqueceu-se do quanto odiava a sua mãe e do quanto ela tinha sido responsável por todo o seu futuro odioso. Sentia apenas que tinha que ajudá-la, por Thomas, pelo seu garoto perdido.

— Mas, eu não sei o que fazer! — gritou, colocando para fora o desespero aterrador que espremia o seu peito. Queria ajudá-lo, queria fazer alguma coisa, mas era completamente ao escuro, precisava da luz de Thomas para enxergar. Precisava passar pela resignação que ele passara. Precisava perdoar.

— Oh Claire... — lamentou Thomas, balançando a cabeça, mergulhado em compaixão. E ele a fez enxergar.

Levou a mão aos olhos de Sophie e fechou-os lentamente. A sua mão era como uma almofada macia e quente sobre seus olhos. Abaixou-a e pegou as duas mãos dela segurando-as entre as suas. Sophie sentiu uma onda de calor passar das mãos dele para os seus braços, contornar os ombros, descer pelo peito e atingir direto o seu coração. Sentiu-se incrivelmente aquecida e relaxada. O calor em seu peito foi ficando intenso e viu, mesmo com os olhos fechados, a luz alaranjada que vira no garoto perdido, agora, iluminando o seu próprio peito, de dentro para fora. Temeu que ela também entrasse em combustão, mas confiava em Thomas. Sabia que ele não queria lhe fazer nenhum mal e, instintivamente, sabia que tinha que controlar aquela nova força dentro dela.

Inspirou, sentiu a benevolência que Thomas derramava em seu corpo e ela viu. Entrou em transe dentro de um transe. Teve uma visão dentro da própria visão.

Viu o rosto da mulher deitada na cama do hospital. Viu a mulher cujo coração fora arrancado da criatura fantasmagórica, viu a mulher que impedia a filha de morrer junto com o seu pai na floresta. Viu a sua mãe em dezenas de outras visões e entendeu porque elas haviam se acentuado nos últimos meses. Ela estava partindo. Sentiu o corpo dividir-se em dois, abrindo-se ao meio como uma grande rachadura provocada por aquela luz intensa alaranjada, que a abria em uma linha vertical imperfeita. Era como se uma imensa casca estivesse se despregando da sua pele, arrancando com ela a sua carne, e a dor era insuportável.

— Ela precisa de você, Claire. Ela está te chamando, você não vê? — o desespero tomou conta novamente das palavras de Thomas e todo o calor, a luz e a paz se dissiparam. Ficou apenas a dor aguda e úmida. E Sophie não suportou.

A avalanche de imagens, de sentimentos e revelações começou a recuar causando um efeito negativo sobre o seu corpo já cansado e desprotegido. Sophie sentia a cabeça latejar e um zumbido ao fundo foi se tornando mais intenso.

— Claire, por favor, fique comigo. Eu preciso de você! — Thomas a agitava pelos ombros, mas Sophie era como um boneco em seus braços. — Preciso te dizer onde ela está. Você tem que vir até ela! Eu vou te mostrar! — as lágrimas de Thomas caíram solitárias sobre uma Sophie que sumia em suas mãos.

Sophie convulsionava em sua cama e seu último pensamento foi em Anne. Levou pesadamente o braço até o criado mudo e esbarrou com força contra o copo cheio de água que voou até a parede espatifando-se no chão, ecoando dentro do seu quarto um som agudo que Sophie esperava, atraísse a atenção de Anne.

O quarto ficou em silêncio novamente e Sophie lutava contra algo que se explodia em sua mente. Lutava contra a dor e a confusão. Lutava para não morrer, mergulhada em uma nuvem turva tingida de sangue.

— Sophi? Tudo bem aí? — falou, finalmente, a voz de Anne por trás da porta fechada. — Sophi? — e Anne entrou no quarto cuidadosamente. — Tudo bem? — perguntou de

novo e o modo estranho como Sophie estava virada na cama, sob a luz fraca do corredor, fez Anne levar o dedo ao interruptor.

O lustre sobre a cama projetava uma luz quente e amarelada sobre o corpo inerte de Sophie. Anne sentiu o peito se retrair. Correu até ela e, com horror nos olhos, viu dois olhos nublados semicerrados, a boca entreaberta e sangue escorrendo pelo nariz, tingindo de vermelho uma pele pálida e sem vida.

— SOPHI!!!!!! NÃO!!!!!!

Capítulo 21

Anne correu desesperadamente até o quarto, pegou o celular e ligou para Brandon em prantos, buscando uma força inexistente para falar com clareza.

— É a Sophi! Ela está... ela está.. — gritava, atropelando a voz de Brandon alterada do outro lado.

— O que foi Anne?

— Ela está desmaiada! Tem sangue! ... Oh Brad! O que eu faço? — berrava enlouquecidamente.

— Mantenha a calma, Anne. — enfatizou Brandon, enquanto, chamava a ambulância de um outro telefone. — Pegue o pulso dela, Anne. Faça isso com calma!

Anne tentou levar a mão descontrolada e trêmula ao braço de Sopihe.

— Não consigo, Brad! — gritava em pânico. — Sophi, Sophi, acorde, por favor!

— Anne!!! — urrou ele — O pulso! — e Anne ouviu a voz abafada de Brandon que falava com alguém mais. *Uma ambulância, urgente!*

Anne firmou a mão e conseguiu segurar o pulso de Sophie. Suspendeu a própria respiração e parecia que aquilo sob seus dedos não passava de algo frio e sem vida. Fechou os olhos com força, rezou, implorou e, finalmente, sentiu um pulsar tímido contra os seus dedos.

— Ela está viva! Brad, ela está viva! — e chorou compulsivamente, ouvindo a voz de Brandon que passava o endereço dela a alguém. Deu-se uma confusão em sua mente e Anne caiu de joelhos ao lado da cama com a mão de Sophie entre a sua.

— Ótimo, Anne! Agora, acalme-se. Uma ambulância vai chegar em poucos minutos.

— Oh Brad, o que eu faço.....? — perguntou com a voz entrecortada de medo.

— Fique calma. Estou saindo agora e vou preparar tudo no hospital. Fique com ela, você foi ótima, Anne — falou Brad, com um fio de desesperança na voz.

Anne soluçava e repetia a mesma frase, desorientada, balançando seu próprio corpo agachado, ao lado da cama.

— Sophie, não morra. Por favor, não morra. Eu preciso de você...

— Anne, me ouça. Fique calma. Eu já estou a caminho do hospital...

— Brad, não deixe ela morrer, por favor... — Brad queria lhe dizer que não deixaria, mas não podia.

Anne abriu ligeiramente os olhos e fitou Sophie com o sangue seco no rosto. Queria levantar-se, pegar um pano úmido e limpá-la, mas não sabia se poderia, não sabia se conseguiria! Baixou os olhos novamente, olhando os dedos de Sophie tão frios entre os seus. Massageou-os e beijou-os umedecendo-os com suas lágrimas enquanto Brandon conversava com ela, acalmava-a com sua voz quente e suave. Anne choramingava lhe pedindo que a salvasse, custasse o que custasse, ele deveria trazê-la de volta e Brandon cerrava a mandíbula do outro lado.

A espera estava se tornando angustiante demais, até que – alguns minutos depois do último soluço e da última tentativa de fazer Anne se acalmar – a voz de Anne aumentou três tons.

— Estou ouvindo as sirenes, Brad. Eles estão chegando! — Brad ouviu-a ofegante, e depois, passos apressados que se misturavam a gemidos e preces. Ouviu o som do trânsito ao fundo e a sirene aguda bem dentro do seu ouvido. Respirou aliviado, dirigindo perigosamente pelas ruas da cidade.

— Eles estão chegando, Brad! Eles estão aqui! ... Venham! Venham, por aqui, oh Deus, oh Deus! — ouviu vozes, passos e também um baque seco.

Os sons ficaram distantes e Brad acreditou que fosse apenas Anne que largara o celular em algum lugar. Ouviu pelo menos três vozes diferentes e Anne que chorava e repetia o nome de Sophie constantemente.

— Afaste-se, por favor, senhora. Diga-nos onde ela esta — falava uma voz feminina, educadamente.

— Lá em cima... — disse Anne em uma voz mais aguda que o normal.

Barulhos metálicos e Anne que soluçava. Fez-silêncio e Brandon imaginou que estivessem no quarto, controlando os sinais vitais de Sophie e implorou para que ela ainda estivesse viva. Os segundos passavam lentamente enquanto Brandon tentava desviar do trânsito à sua frente, então, voltou a ouvir os sons mais próximos do telefone.

— Vamos descer agora! — advertiu uma voz masculina jovem.

Brad ouviu as vozes cada vez mais próximas e suspeitou que descessem as escadas. O celular estava na mesa encostada à parede junto ao telefone fixo, imaginava. Passos acelerados passaram por seus ouvidos e a voz de Anne aguda suplicava.

— Por favor, eu preciso ir com ela. Deixem-me ir com ela, por favor, por favor! — Brad entrava no estacionamento do hospital no mesmo momento em que ouviu o barulho da porta se fechar em um estalo forte. E fez-se silêncio do outro lado. Anne o largara ali, na mesa. E Brad desligou.

Anne andava de um lado para o outro no hospital, na pequena sala de espera. O ponteiro do relógio saltava vagarosamente. Os minutos se arrastavam e Anne correu para abraçar Paul que exibia um par de olhos perdidos. Anne desmanchou-se em lágrimas em seus ombros e Paul a ajudou a se sentar.

— Ela vai ficar bem — sussurrou em seus ouvidos.

— Não vai... eu sei que não vai — murmurava de volta, com a cabeça afundada no peito de Paul.

— Não fale assim, Anne. Sophie é forte, você vai ver — falou com uma voz rouca e calma.

— Oh Paul, ela estava tão... — e desmanchou-se novamente.

— Calma, querida. Vai dar tudo certo, eu sei que vai — Paul afagava-lhe os cabelos com doçura enquanto sentia os próprios olhos umedecerem.

Anne permaneceu envolta nos braços de Paul por longos minutos, inconsolável, enquanto ele, em silêncio, rogava para que Sophie fosse realmente forte. Cerrou os olhos. *Vamos, garota. Nós estamos no meio de uma aventura, lembra-se? Temos tantas coisas para investigar e descobrir! Vamos Sophie, seja forte. Seja forte!*

Passaram-se duas horas, três e Anne sentia-se vazia, como se tivessem sugado todas as suas energias. Não tinha mais lágrimas para chorar, nem orações a fazer, apenas um vazio em sua mente. Pensou em Jesse e quis que ele estivesse ali com ela. Usou o celular de Paul e acordou Jesse, às três da manhã, com uma notícia que ele temera ouvir. Sophie estava no CTI. Jesse não perguntou como foi, nem quando, nem por que. Pediu somente o nome do hospital e desligou. Em menos de vinte minutos, estava parado diante de Anne, com os cabelos despenteados, uma calça jeans e uma camisa amassada, os olhos de um amarelo opaco e a boca em uma linha reta sem expressão.

— Oh, Jesse... — murmurou Anne abraçando-o pesadamente.

O ponteiro do relógio deu mais centenas de voltas até que Brandon surgiu ao fundo do corredor. Anne temeu correr até ele. Temeu pelo que ele lhe diria. Baixou os olhos para as próprias mãos cruzadas sobre os joelhos e implorou para que houvesse alguma esperança. Brandon caminhava lentamente. *Isso não é um bom sinal, não pode ser. Oh, Deus, diga-me que ela está bem, por favor!*

— Anne? — chamou Brandon, dobrando os joelhos à frente dela que mantinha os olhos ainda baixos vendo as próprias lágrimas pingando no chão entre os seus pés.

— Não... por favor, não... — suplicou Anne.

— Shhh... ela está bem. Ela está bem, Anne! — murmurou, erguendo suavemente o queixo de Anne e, quando ela o encarou, seus olhos começaram a recuperar o brilho. Jesse e Paul suspiraram aliviados ao seu lado.

— Você jura, Brad? Não está mentindo para mim, está? — perguntou em prantos.

— Não, Anne. Ela vai ficar bem — e abraçou-a com ternura, protegendo-a entre seus braços, beijando-lhe os cabelos. — Foi duro, mas ela é forte. Vai precisar de muito repouso, agora.

— Foi outro derrame, não foi? — Brad assentiu com a cabeça. — Sequelas? — perguntou temendo novamente pela resposta.

— Talvez sim — disse ele, enrijecendo a mandíbula enquanto Jesse passava as mãos pelos cabelos fechando os olhos vazios.

— Oh, não..... — Anne baixou os olhos novamente. — Que tipo de sequelas?

— Temos que esperar para ver, mas o importante é que está fora de perigo — Anne balançou a cabeça, engolindo uma grossa saliva.

— Posso vê-la? — perguntou, com os olhos brilhantes.

— Pode — sorriu, ajudando-a a se levantar e Anne passou por Paul e Jesse como se eles não existissem. Brandon fez um gesto para eles, pedindo que esperassem um minuto.

Anne cruzou a sala e caminhou por um corredor largo e frio. Passaram por uma porta dupla com duas pequenas janelas de vidro, viraram à direita e ela viu vários leitos separados por tecidos que pendiam de grossos varais de metal. Sophie estava diante dela, entre um homem idoso e um jovem muito magro. Não lhe interessou saber nada sobre eles.

Caminhou lentamente, contornando a cama, apertando as mãos contra o peito. Sophie tinha os olhos fechados num sono profundo. O som dos aparelhos era desconfortável e fez Anne lembrar-se de Elena. Expulsou veementemente os pensamentos da sua mente.

Sophie tinha os braços estendidos ao lado do corpo. Estava pálida e Anne passou os nós dos dedos em seu rosto, num sorriso molhado pelas lágrimas. Desceu a mão e pegou os dedos de Sophie, desmaiados. Por alguma razão, tinha receio de tocá-la de verdade, como se pudesse ferir a sua fragilidade. Afastou também este pensamento.

Sophie não era frágil, e estremeceu em pensar que ela poderia ter uma seqüela grave e permanente.

— As seqüelas são para sempre? — indagou Anne em sussurros, temendo que Sophie pudesse ouvi-la.

— Algumas vezes, não. Temos que esperar — Brandon ainda mantinha o braço ao redor da cintura de Anne, amparando-a.

Os olhos de Sophie se mexeram rapidamente sob as pálpebras e Anne inspirou assustada, virando-se para Brandon de sobressalto.

— Ela está... sonhando? — indagou aflita.

— Pode ser — respondeu vagamente.

Sophie estava sonhando. Sonhava com Thomas, sonhava com sua mãe, sonhava com Anne e se debatia para acordar, porque seus sonhos não eram reais e ela precisava agir. Precisava sair daquele sonho e entrar em contato com Thomas novamente. Sophie precisava salvar a sua mãe, tinha que encontrá-la e, afastando as falsas imagens que vinham à sua mente, evocava Thomas, o verdadeiro Thomas, mas sua mente era uma névoa densa e sentia-se entorpecida. *Não, eu preciso sair daqui!*

— Por que ela está dormindo? — questionou Anne, confusa.

— Demos um sedativo a ela. Sophie precisa descansar, só isso. Não se preocupe.

— Ela não está....

— Em coma? — perguntou Brandon relaxado e Anne não teve sequer coragem de confirmar. — Não, ela está bem, eu já disse. Você não acredita em mim? — perguntou, puxando-a ligeiramente mais perto do seu corpo e Anne não respondeu. Talvez não confiasse. Não como médico, mas isso não importava em nada, agora.

— Até quando ela vai dormir?

— Só mais algumas horas. Eu já vou pedir para providenciarem um quarto para ela. Você pode esperar lá — e justificou-se. — Não posso deixar você ficar mais tempo aqui. Tudo bem? — perguntou, afastando-lhe os cabelos do rosto e beijando-lhe suavemente a têmpora direita. Anne ficou confusa com a demonstração de carinho, mas não quis pensar sobre isso.

— Tenha bons sonhos, Sophi — sussurrou Anne em seu ouvido enquanto se inclinava sobre Sophie e lhe dava um beijo doce na testa. — E volte logo para mim, por favor — concluiu, apertando os olhos.

Sophie continuava a sua luta interna contra o torpor e a demência que assaltavam sua mente. *Acorde, Claire. Acorde! — Onde você está Thomas? — Aqui, bem do seu lado. Por favor, acorde! — Eu não consigo, não tenho forças! — Concentre-se. A força em sua mente é maior do que você imagina.* — E Sophie concentrou-se, focalizou a sua mente, tentou evaporar a neblina à sua frente, mas sentiu-se esgotada. — *Claire, não temos muito tempo, preciso levar você até ela! — Eu não consigo Thomas! — Você tem que conseguir! Droga, eles deram remédio demais pra você. Eu não consigo entrar, não consigo te mostrar. Merda, merda! — Thomas! — Claire, a mente dela está se fechando para mim. Está se fechando! Você precisa entrar, agora! — Eu não consigo! Thomas, me ajude!*

Quanto mais Sophie se esforçava para se concentrar, quando mais se esforçava para contatar Thomas, mais suas artérias se dilatavam, tornando-se cada vez mais finas e perigosas. Sem que ela soubesse, enquanto tentava salvar a sua mãe, arriscava a própria vida. Enquanto tateava cegamente através da bruma que se apoderava de sua mente, Sophie se aproximava da borda entre o consciente e o inconsciente, que ela via como uma tênue parede, uma fina queda d'água; e ela soube que, se a tocasse, riscaria de emergir da sua mente e perder o contato com Thomas. Se ficasse, poderia perder tempo demais procurando-os.

Thomas, eu vou até vocês, fisicamente, você entende? Me diz onde ela está! Eu pego o primeiro avião — E Thomas lhe respondeu ao longe. — *Ela está no hospital...* — mas

antes de concluir a mensagem, a névoa se desfez e Sophie sentiu como se caísse em um buraco profundo.

— Thomas...! — gritou com sua voz forte ecoando pelas paredes imaculadas de um quarto silencioso cheirando a eucalipto.

— Sophi! Está tudo bem! Eu estou aqui! — disse Anne com voz morna e aveludada.

— Não, não, não... — murmurava Sophie, agitando a cabeça e fechando novamente os olhos.

— Sshh... está tudo bem! — acalmou Anne, levando o dedo ao botão chamando a enfermeira.

— Não, eu tenho que voltar. Eu preciso falar com Thomas, preciso salvar a minha mãe... — Anne olhou chocada para Sophie sem saber o que fazer ou dizer, apenas chiou.

— Sshhh..... — acariciou os cabelos de Sophie que abriu os olhos fitando-a. Eram de uma profundidade assustadora e suas pupilas se dilataram quase engolindo Anne por inteiro.

Sophie pegou o braço de Anne com sua mão direita com tanta força que Anne fez uma careta de dor.

— Eu preciso voltar, Anne. Thomas ia me dizer onde minha mãe está! Se eu não conseguir falar com ele AGORA, ela vai morrer! Você entende? — falou Sophie com os dentes cerrados e sua mão ainda estraçalhando o braço de Anne.

— Sophi, você está me machucando, calma, por favor... — *maldita enfermeira que não chega!*

Sophie piscou repetidamente e suas pupilas recuaram ao mesmo tempo em que aliviava a pressão sobre o braço de Anne que voltava a respirar.

— Eu... desculpe, Anne, desculpe... — olhou em volta com o cenho franzido e perguntou. — Onde nós estamos? — e imediatamente se deu conta. — Oh, não. Hospital de novo! — fechou os olhos novamente, inspirando profundamente.

— Você passou mal, acho que enquanto dormia, não sei... eu entrei no quarto e... — e Sophie se lembrou. O copo de água, a dor, ela nos braços de Thomas... *oh, não, Thomas, preciso sair daqui.*

— Anne, me escute, por favor! — implorou. — Acredite em mim, ok?

Anne assentiu com a cabeça, embora seus olhos estivessem aterrorizados. Estava ao lado de Sophie, tão próxima que suas respirações se acoplavam. Sophie tentou ser mais sucinta possível.

— Eu dormi. Vi Thomas. Ele é meu irmão. Nossa mãe está morrendo. Ele disse que só eu posso salvá-la. Ele tentou me levar até ela, mentalmente, mas alguma coisa deu errado. A mente dela se fechou ou está se fechando, eu não sei — Sophie não queria parecer confusa, queria e precisava que Anne acreditasse nela e a ajudasse. — Eu tenho que encontrá-la. Você entende? — Anne balançou a cabeça. — Eu preciso me conectar com Thomas novamente. Ele vai me dizer onde ela está!

— Com licença? — interrompeu uma enfermeira magra e feia. Tinha os dentes muito grandes e salientes, a pela branca e os olhos negros, como os cabelos. Anne e Sophie continuavam imóveis em uma conversa pausada.

— Eu preciso que você me ajude a sair daqui! — rangeu entre os dentes.

Anne olhou-a com pavor. Não podia fazer isso. Não podia tirar Sophie do hospital, de jeito nenhum! Mas não podia lhe dizer isso. Estava realmente em um beco sem saída. Seus olhos a denunciaram e Sophie apertou novamente o seu braço num desespero incontrolado.

— Por favor, Anne, me ajude! — e a enfermeira desprovida de beleza continuou alheia a ao que fosse que estivesse acontecendo entre Anne e Sophie.

— Com licença! Preciso examinar a paciente — anunciou, aproximando-se desajeitadamente da cama.

Anne piscou para Sophie e virou-se para a enfermeira.

— Claro, fique à vontade — Sophie olhou sobre os ombros da enfermeira para Anne que lhe fez um gesto para esperar.

Sophie se agitou na cama e a enfermeira a olhou com reprovação enquanto tentava medir-lhe a pressão. Sophie afundou a cabeça no travesseiro com raiva e fechou os olhos, rezando para que Anne tivesse um plano e que ele fosse rápido e eficiente. Mas Anne estava apenas ganhando tempo, pensando em como sair daquela situação.

Queria que Brandon estivesse ali. Mas não estava... somente Jesse, do lado de fora do quarto. *Merda! Jesse! Ele não pode entrar aqui, Sophie vai ter um ataque!* Tarde demais. Jesse entrava silenciosamente às suas costas e Anne perdeu a cor quando deu meia volta e quase trombou com ele já dentro do quarto. Virou-se imediatamente para Sophie e ela ainda mantinha os olhos fechados. Empurrou Jesse para fora, mas Jesse falou. Ele tinha que falar!

— Eu preciso vê-la, Anne! — embora sussurrasse, sua voz reverberou pelas paredes do quarto e Sophie virou-se lentamente para eles enquanto a enfermeira pouco formosa sorria para ninguém e dizia para si mesma.

— Está tudo bem. Se precisar me chame, está bem? — e saiu tão invisível quanto entrou.

— Sophie... — balbuciou Jesse, aproximando-se lentamente da cama temendo zangá-la ou feri-la. Jesse estava atordoado. — Como você está? — tentou pegar-lhe a mão, mas Sophie recusou respondendo em uma voz imperturbável.

— Estou bem Jesse — e praticamente ordenou. — Você poderia nos dar licença, por favor? Eu preciso falar com Anne — permaneceu impassível, olhando Anne atrás dele. Jesse se virou e fez mil perguntas a Anne com o olhar, mas ela só sorriu de volta. Um sorriso enigmático e suplicante. Jesse franziu a testa e saiu fechando a porta.

Do lado de fora, pediu para a enfermeira chamar Brandon, urgente!

— Então, você vai me ajudar? — perguntou Sophie perdendo ligeiramente o olhar ameaçador.

— Sophi, eu... — *oh, céus, o que eu respondo agora?* Engoliu e continuou. — O que você quer que eu faça? — e Sophie respondeu sem pestanejar.

— Me ajude a conectar-me com Thomas. Preciso que você tranque aquela maldita porta e não deixe mais ninguém entrar — Anne não podia fazer isso, mas não tinha como lhe dizer. — Você pode fazer isso por mim? Por favor, Anne! — os olhos de Sophie estavam de volta, suplicantes, dóceis, indefesos, mas determinados. — Ela vai morrer se eu não fizer nada, Anne. Estamos perdendo tempo, aqui!

Anne queria lhe perguntar tantas coisas, a começar, o que fazia ela confiar e acreditar em Thomas daquela maneira? Mas Sophie não lhe responderia e ficaria ainda mais furiosa, ela tinha certeza disso. E Anne arriscou.

— Eu faço o que você quiser, mas primeiro, vai me dizer por que você acredita no que Thomas mostrou a você — Sophie inspirou e lhe disse.

— Anne. O meu nome é Claire. EU sou a Claire... Thomas me contou e isso basta pra mim. — Sophie mantinha uma calma anormal, mas era só aparência. Ela precisava que a amiga confiasse nela. Precisava se controlar e relaxar para encontrar Thomas em sua mente. Ou através da sua mente.

O telefone de Anne tocou e ela, mais que depressa, atendeu, olhando fixamente para Sophie. Ela acreditava, sempre acreditou em tudo o que Sophie lhe dissera, só não estava preparada para colocar a vida da amiga em risco. A única pessoa que ela protegera em sua vida!

— Ah, bom dia, Paul... sim, ela está bem... hã.. acho melhor não, ela está muito cansada — e Sophie lhe deu um sorriso cheio de cumplicidade. — Ah, jura? Que ótimo!

— Anne sorria tensa, caminhando em volta da cama com os olhos mirando o dia nublado pela janela à sua frente. — Ahã... ahã... — parou subitamente. Virou-se para

Sophie com olhos fixos. Sem sorriso. — Você pode repetir, por favor? Tem certeza, Paul? — Sophie olhava para Anne intrigada, ansiosa, agitada. — Eu digo a ela... obrigada, Paul — a voz era tênue e foi desaparecendo antes mesmo de terminar a frase. Desligou.

— O que foi, Anne? O que ele disse? — Sophie sentia a fisgada no estômago de novo.

— Ele disse que tem o nome da menina que desapareceu, na África.

— E...?

— Ela se chama Claire... Claire Mitchell — Anne não sentia as pernas. Sophie nem sequer esboçou espanto. — Ele achou que você gostaria de saber por causa da sua... você sabe, da sua visão... do nome...

— Você acredita em mim, agora? — perguntou magoada e esperançosa.

— Eu sempre acreditei em você, Sophi. Sempre! — Sophie sorriu complacente. Levou as mãos ao rosto... ou melhor, *tentou* levar. A sua mão esquerda não funcionava. Jazia morta ao lado do corpo. E os dedos... mal movia os dedos. Levou a outra mão à boca contendo o espanto, o choro, a náusea. *Oh, não. O que aconteceu comigo?* E entendeu que Anne não duvidava dela, tinha receio por ela. Fechou os olhos e suspirou.

— Oh Anne, você sempre tão... — desabou em lágrimas e Anne veio ao seu encontro mais rápido do que o pensamento.

— Calma, Sophi. Isso vai passar. Vai passar! — sussurrou Anne em seus ouvidos, envolvendo a cabeça de Sophie em seus braços, contendo o choro. — Vai passar... mas você precisa descansar, Sophi. Por favor, você precisa descansar. Eu não posso... eu não posso perder você — e apertou-a com mais força.

— E eu não posso perder a minha mãe, Anne. Ela nunca me abandonou. *Ele* me tirou dela. Me tirou da minha mãe e me levou para aquele inferno! Ela sofreu, Anne. Sofreu tanto a minha ausência, você não tem ideia! Eu vi, eu a vi, tantas e tantas vezes em minhas visões — Sophie começou a falar sem pausa, sem respirar ou dar tempo para Anne interrompê-la. — Vi quando o seu coração foi arrancado, como ela se sentiu

quando ele me tirou dela — Sophie ergueu os olhos para Anne. Tinha que fazê-la entender. — Vi quando ela tentou me proteger do meu pai... a visão da floresta, era ela, me protegendo dele, o tempo todo! Vi quando ela estava na cama do hospital lutando para sobreviver e ela ainda está lá! — seus olhos suplicavam para que Anne a ouvisse e a ajudasse. — Ouvi a sua voz me chamando, tantas e tantas vezes, mas eu não sabia! Eu era tão fechada em mim mesma, em meus rancores e pré-julgamentos que não percebi! — Anne não segurava mais as lágrimas. — Era a minha mãe, Anne... e o meu irmão! Ele sofreu tanto quando era pequeno, sofreu por minha causa, sofreu porque ela nunca pode dar a ele o que ele merecia, o amor de mãe, porque estava machucada demais sentindo a minha falta! Mas Thomas foi tão corajoso, tão forte! Ele conseguiu enxergar tudo isso e agora ele precisa de mim! — Anne enxugava as lágrimas. — Eu preciso ajudá-los, Anne. E eu preciso de você, por favor!

— Mas Sophi — murmurou Anne — você pode ...

— Morrer? — completou Sophie e Anne assentiu com a cabeça. — Ah, Anne... se eu não ajudá-la, se eu não tentar alguma coisa, eu vou perdê-la e, depois disso, *morrer* vai ser o meu maior desejo.

— Oh Deus, por que? Por que? — se questionava Anne com o rosto afundado entre as mãos.

— Anne, estamos perdendo tempo — disse Sophie enxugando as lágrimas, tentando ignorar que o seu braço esquerdo não se movia, e não lhe interessava.

A porta do quarto se abriu abruptamente com Brandon entrando a passos largos, mas parou poucos passos depois. Anne e Sophie estavam envoltas em algo que ele não soube definir. Amor? Resignação? Dor? Atrás dele, Jesse as encarava, consternado. Anne sabia que tinha que agir, não desapontaria Sophie. Mesmo que fosse a última coisa que faria por ela! E arrancou as palavras de algum lugar desconhecido.

— Brad, Jesse.... — olhou para Sophie com compaixão e coragem. — Sophie precisa descansar, agora — inclinou-se, beijou-a demoradamente na testa e sussurrou-lhe. —

Boa viagem, minha irmã. Boa sorte e volte logo — cerrou os olhos e repetiu. — Volte logo, por favor! — Sophei sorriu de volta e disse — Eu sempre volto.

Anne levou um tempo para se destacar de Sophie. Caminhou e levou Jesse e Brad para fora do quarto com ela, fechando a porta. Deixou para trás a sua melhor amiga e companheira para um perigoso mergulho que poderia levá-la à morte e, estranhamente, sentiu-se em paz. Uma calma quente e aconchegante abraçava-a por dentro.

— O que foi aquilo lá dentro? — perguntou Jesse confuso. Anne evitou os olhos dele abraçando-se nervosamente e disse com toda a sinceridade.

— Apenas emoção, Jesse — respondeu Anne de costas para a porta como um guarda costas. — Ela está muito emotiva, mas está bem — virou-se para Brandon e continuou com sua encenação quase perfeita. — A enfermeira já esteve aqui e nos disse que está tudo normal com ela — tinha que ser mais convincente, pensou. — Sophie me pediu apenas para não ver ninguém. Ela acabou de descobrir que perdeu os movimentos do braço, Jesse! Dê um tempo a ela... — achou que tinha sido suficiente. Se forçasse um pouco mais da sua capacidade, desabaria ali mesmo.

— Anne tem razão, Jesse. Deixe-a descansar, está bem? — falou Brandon dando tapinhas nas costas de Jesse que encarava Anne com olhos desconfiados.

— Ok, mas eu fico aqui com você — Anne franziu os lábios, olhando para o lado, e resmungou.

— Não, Jesse. Sophie não quer ver você — mentiu, nem tanto, mas não deixou de sentir pena dele.

Jesse baixou os olhos, irritado, e saiu caminhando perdido pelo corredor. Anne deu uma olhada a Brandon sugerindo que ele fosse falar com Jesse e ele foi. Anne voltou a respirar com o coração que palpitava na garganta. Virou-se e abriu a porta do quarto lentamente rezando para que Sophie estivesse bem.

Caminhou tão silenciosamente quanto pôde, olhando fixamente para a amiga deitada na cama. Parecia tão serena, se não fossem pelos olhos agitados sob as pálpebras.

Anne sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo e temeu ter feito a coisa errada. Temeu que nunca mais visse Sophie viva, novamente. Uma náusea desconcertante virou seu estômago do avesso. Sentou-se na poltrona ao lado da cama e ficou observando Sophie sem ao menos piscar. Ela parecia dormir profundamente.

Dormia?

Sophie caminhava na escuridão de sua mente chamando por Thomas. O negro vazio já não a assustava mais. Os olhos estavam já habituados a enxergar no escuro, ver as ondulações e as cores que lentamente iam se formando. Viu baús abertos, fotografias e diversas paisagens como se estivesse em um set de filmagens. A diferença é que os seus cenários lhe pareciam reais e palpáveis em todas as suas nuances.

Passou pela úmida floresta e avistou a pequena casa abaixo na colina onde, outrora, morara um lenhador com a esposa e a filha. A casa estava estranhamente abandonada com musgos rastejando pelas paredes. A tensão não existia mais, mas a lembrança continuava viva, como uma impressão permanente.

Seguiu entrando pela rua empoeirada e vazia. Não havia mais a mulher na outra calçada nem os carros que se acotovelavam uns aos outros ou a criatura ameaçadora de dedos longos sob um longo manto negro.

Sophie ultrapassava um a um dos antigos cenários que povoaram a sua mente, e nada de Thomas. *Thomas! Onde você está!* Não o encontrou nem mesmo na rua de chão batido nem dentro dos livros de biologia. Thomas tinha desaparecido de sua mente e Sophie sentiu uma ligeira fisgada em algum lugar muito profundo. Imediatamente teve uma intuição. Forçou a sua mente o quanto pôde. Se ele não estava com ela, *ela* iria até ele. Entraria na mente de Thomas. A sua única ligação com ele era a mãe.

Concentrou-se no hospital onde a viu deitada, entre a vida e a morte. Começou a sentir os rumores das macas que eram empurradas apressadas de um lado para o outro. O cheiro de sangue e poeira misturado ao éter e álcool. Concentrou-se mais e mais até que a fisgada em sua mente apagou tudo novamente em uma dor aguda e profunda.

Sentiu-se fraca e a sua mente foi tomada novamente por uma névoa avermelhada. *Não, outro derrame, não por favor!* Concentrou-se novamente e, desta vez, voltou ao hospital quando conheceu Paul e foi como se alguém apertasse a tecla fast-forward do seu controle remoto mental. Paul chegou rápido, abaixou-se, sentou ao lado de uma pequena Sophie que caiu e sentou-se novamente e tudo parou. Sophie virou a boneca Lucy no seu colo muito lentamente, em câmera lenta. Abriu o buraco nas costas de pano e tirou uma pequena foto. Apertou-a nas mãos e a fitou com olhos tenros. O pequeno pedaço de papel saltou em sua mente ampliando-se duas, três, quatro vezes até se tornar um quadro gigante à sua frente. O rosto de sua mãe sorridente, com cabelos escuros e olhos verdes e divertidos, como os de Thomas, sorria para ela. A mesma foto que, imprudentemente, havia jogado na privada. Sentiu um gosto amargo do remorso em sua boca, mas não queria se culpar, não agora. Tinha errado em seu julgamento, mas não podia se culpar!

Mãe... a palavra lhe soou estranho, mas tentou novamente. *Mãe....* e novamente... *mãe....* — e de novo, com mais intensidade.

— **MÃE!!!!**

Gritou com todo o ar de seus pulmões, esgotando uma vida de aflição, desejo, sofrimento, esperança e mágoa. A palavra, que poucas vezes pronunciara, chicoteava como uma esfera metálica em todos os cantos e angulações da sua mente numa trajetória incerta enquanto Sophie fazia um esforço enorme para acompanhá-la com o olhar e com seus passos rastejantes.

Sua perna esquerda mal se movia, seu braço pendia lateralmente e Sophie sabia que estava perdendo o controle do seu corpo físico. Algo havia acontecido com ela fora da sua mente, estava pior, estava limitada, estava fraca e morrendo.

Pensou em Anne e temia que não cumprisse com a sua promessa. Talvez, realmente, não pudesse voltar, mas não importava mais, tinha que manter a concentração ou perderia as duas para sempre e gritou novamente, com o pouco de força que lhe restava:

— MÃÃÃEEEE....!

Mas, desta vez, a sua voz não ecoou. Estava em um ambiente tão fechado e protegido que o som não se propagou. Cheirava a água de colônia e shampoo como banho fresco e era de um morno acolhedor. Sentiu vontade de deitar-se encolhida e abraçar a si mesma naquela sensação uterina deliciosa.

Mãe... apenas sussurrava. Mãe, por favor, não morra.

Ouviu passos delicados se aproximando e todas as suas terminações nervosas se encheram de luz, quando uma voz macia lhe chamou:

Claire? É você?

Sophie sentiu as palavras lhe beijarem os ouvidos e levantou-se agilmente sobre os pés olhando em volta ansiosamente. O cansaço e a fraqueza tinham ido embora. Sentia-se plena de alguma coisa. Plena de felicidade.

— Claire... oh, meu bebê... é você mesmo?

— M-mãe? O-onde você está? — gaguejava em sua emoção.

— Bem aqui, meu bem. Bem aqui... — o sussurro criou uma brisa em sua nuca e Sophie parou, sentindo todos os pelos do seu corpo se eriçar. Tentou dar meia volta, mas seus pés pareciam fincados no chão e cerrou os olhos.

A brisa lhe acariciou novamente a nuca vindo para frente, tocando-lhe o queixo e envolvendo todo o seu maxilar. Quando Sophie abriu os olhos viu, bem diante dela, o que mais parecia um anjo. Não foi capaz de dizer nada nem de se mover. Lágrimas quentes riscavam sua face em linhas trêmulas morrendo no canto de sua boca.

— Não chore, meu amor. Não chore... — Sophie engolia uma saliva salgada e seus lábios se abriram vagarosamente em um sorriso sofrido enquanto suas pálpebras tremiam sem piscar. — Você é tão linda! Tão linda e perfeita! — disse o anjo à sua frente com olhos verdes esmeralda brilhantes e lábios em uma meia lua bem desenhada. Tinha os cabelos escuros e ondulados como os seus. A pele clara e os

traços igualmente delicados. Parecia sua imagem projetada no futuro, mas muito mais bonita.

— M-mãe...? — balbuciou Sophie ainda com os braços largados ao lado do corpo.

Um grande sorriso se abriu iluminando ainda mais aquele rosto perfeito à sua frente.

— Sim, querida, sou eu! ... E você está aqui! — Sophie sentiu dois braços envolvendo-a com força, num abraço diferente de tudo o que já havia sentido em toda a sua vida. Envolvia o seu pescoço, mas sentia o calor emanar por todos os seus poros aquecendo-a como uma gigante capa protetora. E Sophie abraçou-a com ânsia e lágrimas.

— Não chore, meu bebê... — e a voz angelical emitiu um som trêmulo. Sophie sentiu pequenas gotas quentes caírem em seus ombros. — Eu sinto muito, meu anjo. Sinto tanto, tanto! — esforçava-se para controlar o pranto que emergia desenfreado. — Foi tudo culpa minha — Sophie ainda tinha os olhos apertados. Não queria ouvir, não precisava de explicações, só queria senti-la por inteiro e ficar assim para o resto de sua vida. — Ele era bom, sabia? Mas depois, eu não sei o que aconteceu... — sufocou o choro afundando a cabeça entre os cabelos de Sophie.

— Não, mãe. Não precisa me dizer nada... — sussurrou Sophie afastando-se ligeiramente. Queria olhá-la nos olhos, queria tantas coisas! — O que passou, passou.

— Não Claire, eu preciso que você saiba. Eu preciso do seu perdão! — disse ela recuperando um pouco da firmeza na voz, afastando-se completamente, segurando as mãos de Sophie nas suas. — Eu preciso, você entende? — Sophie sentiu que era importante para ela e assentiu, fazendo sua mãe suspirar profundamente, pronta para lhe contar uma história antiga, sofrida e verdadeira. — Seu pai e eu... eu o amava. Ele era bom, gentil e carinhoso — sua voz era macia, mas cheia de angústia. — Mas logo que você nasceu ele ficou obcecado, não sei por que, mas ele ficou inseguro, irritado, estava sempre nervoso e bebia. Bebia muito — Sophie sabia bem o que era isso. — Eu fazia de tudo para que ele não se zangasse, mas nada do que eu fazia era bom o bastante para ele. Ele começou a ficar violento comigo — seu olhar se perdeu no

passado e voltou triste. — Mas não com você. Ele te amava tanto! — baixou os olhos novamente — Eu me sentia sozinha dentro de casa. Vocês dois eram tão ligados! Você o adorava e ele era louco por você e eu... foi quando eu errei... eu me apaixonei por outro homem — disse envergonhada. — Peter era meu colega de trabalho na faculdade. Dávamos aulas praticamente nos mesmos dias e ele me viu várias vezes chorando, me consolava e me ouvia... — ergueu os olhos e sentiu-se encorajada, porque Sophie não mudara a sua expressão. Ainda estava ali, olhando-a com ternura, e continuou. — E eu engravidei de Thomas — seus olhos ficaram tímidos e assustados. — Eu queria pedir o divórcio, mas tinha tanto medo! Medo por mim, medo por você, medo pelo bebê que crescia dentro de mim. Mas ele descobriu e me expulsou de casa com muita violência — os olhos se inundaram de dor, mas ela continuou com o relato, como se lutasse contra o tempo. Tinha pressa e acelerou a voz. — Eu tentei falar com ele, tentei fazê-lo se acalmar, mas ele estava intransigente. Pedi para que me deixasse ver você e ele disse que deixaria, mas que precisava de um tempo para aceitar a situação. Foi quando... quando... — seus olhos se encheram de terror. As sobrancelhas se uniram formando rugas profundas na testa e os lábios se contorceram. — Foi quando ele levou você de mim, pouco depois do seu aniversário. Você tinha três anos, era um bebê, o meu bebê, mas ele quis me punir — soluços subiam em ondas dentro do seu corpo se misturando com as palavras em sua boca. — Eu procurei por você, Claire! Procurei tanto! Fui à polícia, mas não me ajudaram. Ele era um policial! Preferiram protegê-lo! E, naquela época, isso era muito fácil — seu tom era revoltoso e Sophie só podia sentir pena, remorso e medo de perdê-la, de não poder compensá-la por todo aquele sofrimento, por tê-la julgado tão erroneamente. O relato continuava, carregado de intensos sentimentos que Sophie sequer poderia imaginar. — Fui aos jornais, televisão, rádio; espalhei fotografias suas por todos os cantos! Mas não encontrei você, meu bebê. Me desculpe, me desculpe!!! — caiu em prantos e Sophie precisou pegá-la para que ela não caísse. Queria lhe dizer para esquecer, para se perdoar, mas não sentia força suficiente para interrompê-la. — Peter cuidou de mim. Cuidou o tempo todo. De mim e de Thomas. Eu preferia morrer a viver naquela dor. Sem você, sem o meu bebê... — passou as mãos pelo rosto de Sophie banhado de lágrimas e suas mãos eram quentes e macias. — Não chore, meu anjo — sorriu para Sophie enquanto seus

olhos entristecidos piscaram compulsivamente. — Ah, pobre Thomas, ele queria tanto o meu amor! E eu o amei, desde o primeiro dia em que ele surgiu dentro de mim, eu o amei tanto! Mas a minha dor era maior e eu não pude ... não consegui com que ele se sentisse amado — disse em tom carregado de remorso. — Até que um dia, a cidade estava caótica com infindáveis conflitos e eu estava deprimida, distante e distraída. Tive um... problema... e sofri o acidente com o carro — baixou o tom da voz nostálgica. — Ah... se eu pudesse voltar atrás, se eu pudesse mudar as coisas... Eu estou cansada, Claire — suspirou — Estou tão cansada...

Então, uma voz suave surgiu ao longe e ambas se viraram.

— Eu sei que você me ama, mãe — era Thomas com seu sorriso doce.

— Oh, Thomas! — exclamou Emilie rendendo-se ao olhar meigo e gentil do filho. — Eu sinto tanto por você. Por vocês dois! — olhava pra ambos com a mesma doçura. — Eu queria ter sido uma mãe melhor... me perdoem! — as lágrimas voltaram a cair e Sophie saiu da sua mudez complacente.

— Mãe. Por favor, não se torture mais. Eu estou bem! Thomas está bem! — queria lhe dizer mais do que isso, mas Thomas interrompeu-as novamente, já ao lado delas.

— Mãe, olhe à sua volta. Sabe onde estamos? Sabe por que estamos aqui? — perguntou ele com a costumeira voz calma e quente. Emilie olhou à sua volta com olhos infantis. — Estamos aqui, juntos, por sua causa! Você nos ensinou isso. Você nos uniu mãe. Você e o seu infinito amor por Claire e por mim! — falou enfaticamente. — Você me fez te encontrar, me fez enxergar o que nem você via. E Claire... — virou-se para Sophie — você esteve com ela, o tempo todo! Aqui... — pousou delicadamente a sua mão no peito de Emilie — e aqui... — levou a mão suavemente sobre a testa de Emilie.

Sophie estava comovida, entorpecida de tanto sentimento, de tanta doçura, diferente de tanta dor e horror que vivera antes em sua mente e sabia que tinha que dizê-lo. Sabia que ela precisava ouvir, precisava saber.

— Eu perdoo você, mamãe — em sua voz havia algo além da ternura. Além de qualquer sentimento conhecido. Sua voz irradiava um calor envolvente e verdadeiro e

Emilie sorriu. Passou os olhos de Thomas para Sophie e toda a sua angustia foi se dissolvendo. Emilie se sentia pronta, finalmente. Depois de dois anos da constante tortura silenciosa em seu coma, Emilie sentiu que podia seguir em frente. Foi se afastando lentamente com passos suaves para trás com um brilho intenso no olhar e sorrindo... em paz.

— Meus filhos... meus lindos e amados filhos. Eu amo vocês, com todo o meu coração — olhou para Thomas, e sua voz angelical lhe fez um último pedido. — Diz ao seu pai que eu o amo muito! Diz a ele que sou grata por tudo... — Thomas sorriu com tristeza. — Obrigada, Claire. Obrigada, Thomas. Obrigada por seu perdão... — sua figura foi se dissipando ao mesmo tempo que sua voz foi se tornando menos nítida. — Eu estarei sempre com vocês — e Emilie se foi, deixando Thomas e Sophie em pé, lado a lado, de mãos dadas, olhando o vazio à sua frente.

A atmosfera quente se desfazia e Sophie chorava baixinho sentindo que o vazio dentro dela jamais seria preenchido novamente. Por alguns minutos, sentiu-se plena e amada. Lutou para não se revoltar contra a imensa solidão que se instalava dentro dela. Thomas se voltou para Sophie e seus olhares se cruzaram num sentimento mútuo de compaixão e solidão. Sophie vacilou. Voltava, pouco a pouco, a sentir os nervos sob a pele arderem em chamas. A névoa avermelhada estava voltando assim como as dores de cabeça e o peso no lado esquerdo do seu corpo. Thomas a amparou em seus braços e disse suavemente.

— Agora, vamos cuidar de você, minha irmã — pegou-a em seus braços e levou-a a uma cama, pousando-a delicadamente sobre os lençóis brancos e frios. — Você vai acordar agora, Claire. E vai se cuidar muito bem! — deu-lhe um beijo quente no rosto e sussurrou em seu ouvido, apertando os olhos, deixando cair uma lágrima luminosa. — Mamãe está em paz, agora e tudo graças a você. Obrigado! — cerrou os olhos, liberando mais uma lágrima quente e cintilante. — Nos veremos em breve — sua voz sumiu nas últimas palavras. — Sophie fechou os olhos, exausta e dolorida. Sentia o ar frio em seu rosto e sons conhecidos invadiram sua mente.

Beep, beep, beep...

— Doutor, ela está acordando — falou baixinho uma voz feminina jovem, enquanto passos apressados chiavam pelo pavimento.

— Sophie? Sophie? — Sophie ergueu as pesadas pálpebras e viu apenas vultos em uma luz branca muito forte. — Ah... Anne vai gostar de saber disso... — murmurou Brandon sorridente.

Sophie fechou os olhos novamente engolindo as últimas lágrimas não choradas. Tinha acabado de se despedir da sua mãe. Não sabia há quanto tempo estivera desacordada e não ligava a mínima. Imaginava que tivesse tido outro derrame e não se importava. Estava em um luto profundo em sua alma.

Em seus vinte e sete anos, jamais tinha tido um contato com sua mãe. Passou quase toda a sua vida pensando nela como uma coisa não nominada que a abandonara com um pai violento e desumano. E isso tinha que mudar em sua mente. Seria difícil perdoá-lo e não sabia nem se queria. Nada pode justificar os maus tratos que sofrera, nem mesmo uma desilusão amorosa, nem mesmo a perda da esposa que amava. Mas não queria continuar carregando este rancor para o resto de sua vida. Tinha que pensar que tivera pais imperfeitos, e basta. Agora, podia deixar o passado para trás; parar de se punir e plantar um futuro diferente. Dependia somente dela e ela conseguiria. Não tinha dúvidas do quanto era capaz.

Deixou o ar frio e estéril entrar pelas suas narinas limpando as nuances cinzas da sua mente. Repetiu silenciosamente as palavras de sua mãe. Todas elas. Alimentava-se da sua coragem e determinação para seguir em frente. Sophie era o que era graças a ela, à sua mãe, a Emilie! E era grata por isso. *Obrigada, mamãe!* Exclamou em algum lugar em sua mente e sabia que ela ouviria. Sabia que ela sempre a ouviria.

E caiu num sono profundo, novamente. Um sono pesado e vazio. Apenas um descanso merecido.

Capítulo 22

O inverno estava mais frio e úmido que o normal. A neve caía fina e se desmanchava antes de tocar o solo. Era uma sexta feira e Sophie saía de mais uma longa sessão de fisioterapia. Anne a esperava na recepção da clínica.

— Então, como foi? — perguntou Anne, levantando-se da cadeira e jogando uma revista de fofocas de celebridades para a cadeira ao lado.

— Doloroso e chato, como sempre — resmungou Sophie, caminhando com a ajuda de um bastão de alumínio sob a mão esquerda que recuperara a força, diferente da perna que ainda vacilava depois dos últimos derrames, três meses atrás.

— Deixa de ser chorona! — reprovou Anne com zombaria. — Então, vamos fazer as compras de Natal hoje, ou não?

— Pode ser... — concordou sem muita vontade.

— Entendi. Nada de compras — falou Anne para si mesma. — Mas preciso comprar alguma coisa para o jantar de hoje. Prometi fazer massa para Nancy, e Brad disse que vai passar em casa mais tarde também. Acho que quer filar jantar de novo! — disse orgulhosa.

— Mas não é hoje que ele fica com a filha? — indagou Sophie confusa. Ainda não se acostumara com o fato de Brad ter uma filha de cinco anos, fruto do seu curto casamento anterior. Ele mantivera a filha em segredo até sentir-se seguro em relação a Anne. O mistério de Brad, ironicamente, quase fez Anne se afastar dele definitivamente.

— Ah, a ex trocou o dia de hoje por amanhã. Ela precisa fazer uma viagem ou algo assim — falou entre os dentes, abrindo a porta do carro para Sophie que entrou com um pouco mais de dificuldade que o normal. Sentia-se sempre pior depois da sessão tortura, como costumava chamar a fisioterapia.

— Ah, a ex... — desdenhou Sophie. Esperou que Anne entrasse no carro e continuou.

— Anne, não seja ciumenta. Brad é louco por você, a pequena Linda te adora, vocês estão super bem juntos, deixa a Bety pra lá!

— Você diz isso porque não tem uma ex no pé do Jesse — rosnou. — E a única que tentou atravessar o seu caminho, tomou um chute que deve estar procurando o rumo de casa até agora! Aliás, ninguém sente a menor falta dela no escritório — comentou acidamente.

— Adrian era diferente — Sophie endureceu os lábios.

— E sabe o que Brad me contou? — perguntou eufórica. — Steven está saindo com alguém! Ah... finalmente! — disse levando as duas ao alto. — Não vejo a hora de conhecê-la. Ele disse que Steven está bem empolgado. É médica, também. Saiu há pouco de uma relação e... — Sophie ligou o botão automático em sua mente e deixou que Anne esgotasse todo o seu repertório, concordando vez ou outra, esboçando espanto quando a sua intuição lhe mandava; sorria educadamente, balançava a cabeça, mas estava longe. Tinha outras coisas em mente mais importantes do que Steven, neste momento. E ficou com seus pensamentos profundos enquanto fingia ouvir a longa narrativa de Anne.

Vários minutos depois, Anne fez a pergunta usual de fim de discurso.

— Você não acha? — estava já estacionando o carro em frente a casa.

— Hã.. claro! — murmurou Sophie preparando-se para descer.

— Ok, onde você estava agora? — perguntou Anne, rabugenta, abrindo a porta do carro.

— Ué, aqui! — respondeu sorrindo, colocando o bastão para fora e apoiando-se nele para firmar o corpo enquanto jogava o peso para a outra perna.

Entraram em casa e começaram a despir-se das roupas pesadas, apoiando-as nos ganchos na parede lateral, quando Sophie advertiu.

— Pode deixar que eu atendo! — Anne a olhou, confusa. — Hã... o telefone — apontou para a mesinha —, ele vai tocar.. eu atendo! — explicou sorrindo e, alguns segundos depois, o telefone começou a tocar. Anne olhou para ela e ergueu as mãos em rendição.

— Acho que nunca vou me acostumar a isso... — resmungou, e Sophie riu divertidamente, atendendo a ligação.

— Fala, Thomas! — exclamou em um sorriso sincero e despreocupado. — Sim, está tudo reservado, já — sentou-se na mais recém-aquisição de Anne, uma minúscula poltrona com braços de madeira, ao lado do telefone. — Isso mesmo, quatro pessoas — continuou ainda com o sorriso nos lábios. — Eu também não vejo a hora! ... Legal! Vou ver agora mesmo! Beijos pra você também! — e desligou radiante.

— Por que vocês fazem isso, hein? — questionou Anne, abrindo e fechando portas de armários da pequena cozinha.

— Isso o que? — indagou distraída, indo em direção ao sofá. Anne estreitou os olhos.

— Essa coisa meio *híbrida* — falou, apontando para Sophie com uma colher de pau na mão e um vidro de massa de tomate na outra. — Essa mistura de mente e telefone — agitou a cabeça. — Me deixa confusa! — Sophie soltou uma gargalhada gostosa.

— Porque é divertido te deixar confusa! — continuou rindo. — Tô brincando... é que são coisas diferentes — falou, soltando um suspiro enquanto pegava o notebook na mesinha do lado e apoiando-o no colo. — A voz dele mental é mais distante, enquanto no telefone é mais viva, real!

— Ah, entendi, coisas de “Thomas e Claire” — frisou com sarcasmo.

Na verdade, Anne não sentia mais ciúmes da telepatia entre Sophie e Thomas desde que assumira que ela e Sophie também tinham algo incomum. Sempre fora algo latente, mas foi preciso evidenciar o dom de Sophie para que ambas se dessem conta do que, há anos, ocorria entre as duas. Anne quase sempre percebia as emoções de Sophie, mesmo à distância, facilitando, muitas vezes, o trato de situações difíceis, e

vice-versa. Anne era capaz de prever não só os sentimentos de Sophie, mas até mesmo as suas reações, e vice-versa. Era mais do que uma previsibilidade. Era uma sincronia inquebrável, e isso bastou para que Anne não se sentisse mais ameaçada pela magia de Thomas, nem de Jesse, nem de ninguém mais.

Sophie e o seu computador viraram companheiros inseparáveis desde que ela e Thomas haviam afinado a comunicação. Não que precisassem sempre dele, mas era mais inteligente receber fotos via email. Imprimi-las, seria um grande problema se fossem recebidas mentalmente!

Sophie olhava a sua caixa postal com ansiedade. Thomas lhe dissera que lhe enviara mais fotografias dele com Emilie. Os três meses que se passaram ainda era pouco para Sophie se acostumar com o fato de que tivera uma mãe, que ela havia sofrido desesperadamente a sua ausência, que ela tivera um filho e que morrera imersa em profunda tristeza. Correção. Poderia ter morrido em profunda tristeza, caso Sophie não tivesse ido ao seu encontro. E as dezenas de fotos que Thomas já lhe havia mandado não foram suficientes para sanar a sua necessidade dela. Nunca seriam!

Três novas mensagens apareceram em negrito na sua tela e todas elas continham arquivos em anexo. Quatro em uma, cinco na outra e oito na última. Sophie sentiu a ansiedade trepidar pelo seu corpo e abriu a primeira mensagem.

“Estas fotos foram tiradas há quatro anos, quando eu entrei na faculdade de Psicologia.”

Sophie clicou nas imagens em anexo e a ansiedade se transformou em uma contração cardíaca. Thomas e seus cabelos rebeldes estavam iluminados por um sorriso perfeito. Ele erguia o braço direito exibindo, com orgulho, um papel entre os dedos, enquanto a mulher ao seu lado também sorria para a câmera.

Os mesmos traços, mesma cor de olhos e cabelos, mesmo tom de pele, mesmo formato de boca. A diferença estava no olhar. Enquanto o de Thomas era luminoso, o de Emilie tinha um tom de verde opaco e as pálpebras repousavam pesadamente sobre

eles. Sophie sorriu, desejando que tivesse tido mais tempo e mais oportunidades para corrigir as coisas.

— Thomas te mandou mais fotos? — indagou Anne, curiosa.

— Ahã... — resmungou. — São de Emilie — murmurou. Ainda era difícil pronunciar a palavra mãe o tempo todo. — E de Thomas também e... uau...!

— O que foi?

— Tem uma aqui com toda a família! Anne, eles são em muitos! — exclamou abismada.

— Como assim, muitos? — perguntou, saindo de trás do balcão da cozinha vindo em passos rápidos ao encontro de Sophie.

— Primos, tios, tias... — Sophie não sabia se queria uma família tão grande assim. — Uau... — Anne já estava em pé atrás dela analisando cada foto, comentando sempre alguma coisa sobre cada uma, mas Sophie parece ter ouvido apenas um comentário, talvez por ter sido a foto que mais lhe chamara a atenção, também.

— O Peter e a Emilie formavam um casal tão lindo...

— É... — concordou num sussurro, admirando uma das poucas fotos de Emilie sorrindo de verdade e, ao lado dela, Peter, um homem alto, moreno, forte e de cabelos lisos que a olhava com uma paixão vívida nos olhos.

Sophie sabia que aquele homem deve ter feito de tudo por sua mãe e lhe era grata por isso. Mesmo sem conhecê-lo de verdade (o tinha visto somente de relance uma vez, encostado em uma pilastra na varanda de uma casa), mesmo sabendo que o romance entre os dois tinha sido o pivô de todo o seu futuro em cativeiro ao lado do pai, ela não podia odiá-los. Não conseguia, não queria. O único erro tinha sido o do seu pai de tê-la levado embora. Se ele a tivesse deixado, tudo teria sido diferente. Ela teria vivido em uma família cheia de amor, teria compartilhado sua infância com o seu irmão, Thomas, teria tido tantas outras coisas.

Sophie sentia a respiração de Anne atrás dela e o seu olhar nas fotos e, como por encanto – o encanto Anne – Sophie não sentia mais raiva por não ter vivido uma vida diferente. Anne fazia tudo ter valido a pena e Anne sorriu atrás dela, compartilhando do mesmo sentimento. Anne pousou uma das mãos no ombro de Sophie e deu-lhe um suave beijo nos cabelos. Sophie puxou a mão de Anne e deitou a cabeça sobre ela. Nada precisava ser dito e Anne voltou para a cozinha cantarolando uma música qualquer.

Sophie também não se sentia mais uma aberração ou uma antena ambulante da dor. Não depois que conseguiu superar os riscos da primeira semana no hospital. Agora, não tinha do que se queixar. Sentia a sua perna responder sempre melhor ao tratamento, não tinha tido mais visões – a não ser por alguns flashes quando estava no metrô – e aprendeu a controlar a Simbiose Psicológica que tinha com Thomas.

Sentia-se especial e completa. Tinha Thomas, Anne, Paul e Jesse. Tinha Brandon, Linda, Nancy, John e até Peter! Tinha uma história de vida que podia contar aos seus filhos, um dia, que começava desde o dia em que tinha nascido. Não existiam mais pontos cegos em sua mente. Não poderia ser mais feliz!

Anne lhe perguntou algo sobre o jantar e Sophie lhe respondeu de volta, embora sua mente estivesse um tanto dividida, neste momento, e era desafiador e excitante manter as duas conversações!

Claire, esqueci de te avisar que a Amy também vem, tá? — Interferiu Thomas em sua mente — *Que legal, Thommy! Finalmente vou conhecer a minha cunhadinha? E, ela sabe sobre nós?* — perguntou Sophie enquanto respondia à Anne que não fazia questão de sobremesa — *Tá brincando? Não dá pra contar essas coisas pra alguém com dois meses de namoro, né?* — *Mmm... isso vai ser divertido!* — Zombou ao mesmo tempo em que dizia a Anne que ia tomar um banho. Estava ficando boa nisso! — *Claire, Claire... você é impossível! Acho que criei um monstro! Pobre Amy!* — *Ah, pode apostar!* — respondeu calada e riu baixinho, subindo as escadas.

Thomas e Sophie haviam entrado em um acordo em como poderia funcionar a telepatia entre eles. As regras eram simples, mas claras. Poderiam se comunicar desde que o

outro estivesse disposto a isso. Se a mente estivesse receptiva, era sinal de que o outro não estava ocupado com afazeres importantes. Era mais ou menos como fazem as pessoas comuns em seus programas de bate papo virtual. Usavam um sinal de online e offline como se existisse uma plaquinha de “não disturbe” pendurado em seus portais mentais. O som do chamado simplesmente retornava ao invés de fluir. Tiveram que se exercitar exaustivamente, por vários dias, até conseguir tamanho controle, mas, por fim, conseguiram. Além disso, Thomas pediu que continuasse a chamá-la de Claire e Sophie aceitou, como se aquilo preenchesse, de alguma forma, a ausência da sua vida não vivida na infância. E tudo parecia absolutamente perfeito como era!

Às oito da noite, Anne e Sophie serviam a mesa com Jesse, Brandon e Nancy já sentados.

— Esse cheiro me mata! — exclamou Jesse, olhando faminto pra a travessa de lasanha à bolonhesa à sua frente.

— E então, quando vocês vão para a África do Sul? — perguntou Nancy, com seus cabelos grisalhos desgrenhados e a voz rouca.

— Daqui a dez dias — respondeu Sophie, ansiosa, esperando estar livre do bastão até lá. — Falei com Thomas hoje. Ele disse que a namorada dele também vai estar lá, mas, obviamente, ainda temos que manter segredo sobre *nós* — enfatizou.

— Ah, besteira! — falou Anne com sarcasmo. — É tão normal conhecer irmãos telepatas hoje em dia!

— E que nunca se viram pessoalmente! — completou Brandon, irônico.

— Mmm... muito boa mesmo! — falou Jesse, em elogio à lasanha em sua boca.

— Será um Natal maravilhoso para você, minha querida — comentou Nancy à Sophie.

— Sim... eu não tenho dúvidas disso! Só me assusta um pouco o fato de que Thomas talvez queira nos apresentar para toda a família dele! — balançou a cabeça. — Eu preferiria algo mais íntimo, somente com Peter, nós quatro e ele, mas acho que família é isso, não é? — sorriu.

— Thomas é um garoto especial... e vai ser um excelente psiquiatra, espero conhecê-lo um dia — disse Nancy.

— Acho que ele vem pra cá em breve, não vem? — perguntou Anne à Sophie.

— Acho que sim, ele falou alguma coisa sobre fazer uma especialização por aqui no ano que vem — respondeu Sophie, pensativa.

— E as autoridades sul-africanas, você se decidiu se vai contar tudo a eles? — questionou Nancy. O assunto não era o preferido de Sophie, mas Nancy estava curiosa para saber qual a decisão que ela tomara.

— Não, ainda não — Sophie franziu os lábios. — Às vezes eu penso que não devo nada à polícia de lá — ergueu uma sobrancelha. — Aliás, penso que eles devem muito mais a mim do que eu a eles — comentou amargamente se referindo ao fato de a polícia ter encoberto o crime cometido pelo pai. — Por outro lado, eu continuo usando documentos britânicos falsos — encolheu os ombros.

— Eu já disse que ela não deve fazer nada — disse Anne. — há vinte anos você é Sophie Wellgrave, aceita por todas as autoridades britânicas. Se foi uma mentira no começo, passou a ser verdade há muitos anos, já. Pra que vai mexer com isso? Se fosse simples como mudar o corte de cabelo, mas não é!

— Eu concordo com a Anne — falou Jesse. — Isso pode virar um processo judicial complicado. Envolve dupla cidadania, troca de todos os seus documentos e sabe se lá mais o que!

— Eu sei, eu também penso assim, mas às vezes parece que estou, ainda, vivendo uma mentira... — ponderou Sophie, chateada. — Em todo caso, como as autoridades de Petroria não sabem de nada ainda, eu não preciso, necessariamente, fazer alguma coisa. Um advogado, amigo de Paul, está estudando o caso e vai nos passar todas as informações quando voltarmos de viagem.

— Por falar nisso, e Paul e as meninas? Como vão as férias deles? — perguntou Brandon, aproveitando a deixa para mudar de assunto. Era evidente que Sophie não se sentia à vontade.

— Ah, estão ótimas! — respondeu Anne, animada. — Ele nos mandou um email com a foto da pequena Sophie dando a primeira risadinha... oh, tão doce! Ela estava com uma fralda de praia cheia de florzinhas, tão fofa!

— Vocês fizeram a coisa certa — disse Nancy com seus olhos azuis arrependidos por ter tocado no assunto dos documentos. — Paul foi sempre muito bom pra vocês. Ele merece ter uma aposentadoria tranquila, com dinheiro suficiente para ajudar Christeen e a bebê. Ainda bem que aquele rapaz deu sossego para ela, hein! — assobiou, levando um pequeno pedaço do jantar à boca, e continuou. — Ah... Eu tenho certeza de que Elena está orgulhosa de vocês, meninas — sorriu com seus lábios finos e rosados.

— Por mim, eu teria doado tudo a eles, e não a metade, mas a Sophie tem razão. A senhora Elena queria que nós tivéssemos um futuro promissor — encolheu os ombros. — Acho que era isso que ela pensou, não? Que tivéssemos uma reserva para o futuro? E, pra falar a verdade, eu não confiava muito naquele Liam com seus olhos “verdes penetrantes” sobre o dinheiro dela.

— Nem eu — afirmou Sophie.

— Mas sejamos justos, ele nunca deu motivos pra isso — ponderou Jesse, bebendo um pouco do vinho.

— Pode ser, mas... foi melhor assim — murmurou Sophie, sentindo o peito encolher. Ainda não se acostumara à perda de Elena e, olhando à sua volta, sentiu-se invadida por uma incômoda melancolia.

A mesa estava silenciosa, novamente. Jesse devorava a lasanha, Nancy e seus olhos distantes e Anne... Sophie podia jurar ter visto uma aura de afeto sobre Brandon e Anne e apostou todas as suas fichas nele. O cara ideal para Anne. Ponderado, atencioso e calmo. Ah, precisaria ser alguém como ele para driblar os ataques de fúria de Anne! Riu para si mesma, admirando a amiga com seu já inseparável cordão de prata com uma

delicada pedra esmeralda em cristal swarovski e um pingente de nó celta pendurado no pescoço. Sophie franziu a testa ligeiramente percebendo a ironia daquele símbolo. O nó celta representa a conexão de todas as coisas, o enlaçamento infinito de tudo e de todos. E não tinha sido assim, afinal? As suas visões, o seu passado e as pessoas ao seu redor?

Anne levou à mão ao pescoço e acaricou o pingente, um hábito que havia cultivado nos últimos meses, e elevou os olhos para Sophie que a fitava com um sorriso divertido no rosto. Anne franziu as sobrancelhas se perguntando o que Sophie estaria pensando e balançou a cabeça para os lados. Sophie seria sempre uma caixinha de surpresas e Anne adorava isso nela! Anne suspirou e foi tirada da sua contemplação por uma voz exageradamente forte e grave.

— Um brinde! — sugeriu Nancy, com as bochechas coradas do vinho, esperando que todos erguessem suas taças. — A vocês! Meus jovens e adorados amigos — olhou para cada um deles com olhos marejados. — Às suas vidas felizes, nem sempre tranquilas — riram todos —, mas com muito amor.

O tintilar agudo das taças se misturou às vozes eufóricas de pessoas ligeiramente alteradas pelo vinho.

— Quando você vem nos visitar novamente, Nancy? — perguntou Anne.

— Acho que vou parar um pouco mais em casa, agora. Preciso dar um tempo para John e Kate! — exclamou divertidamente. — Eles são ótimos amigos, mas eu tenho muitas coisas para fazer em casa, também. Estou envolvida em uma pesquisa que vai me tomar um bom tempo.

— Simbiose Psicológica? — sugeriu Sophie, curiosa.

— Talvez... — respondeu Nancy, enigmática.

A noite fluiu tranquilamente assim como os dias seguintes, embora a excitação de Anne pela viagem parecesse superar a de Sophie em alguns aspectos. Anne pesquisara sobre a previsão do tempo e vira que não estava preparada para sair do inverno

chuvoso e úmido de Londres para o verão escaldante de Pretoria. Precisou sair e comprar algumas roupas novas. Estava eufórica para conhecer a cidade dos Jacarandás com suas flores em tons de rosa e violeta que caíam pelas ruas da cidade.

Sophie não demonstrava, mas temia quais seriam seus sentimentos quando estivesse, pessoalmente, no mesmo lugar onde havia nascido e onde sua mãe vivera toda a sua vida; na casa onde morava e tocando seus objetos pessoais. Tinha certeza que sentiria a sua presença vivamente em todos os lugares e não sabia se isso seria confortante ou desesperador. Apenas uma coisa tinha certeza e já havia dito a Thomas: não visitaria o seu túmulo. Não tinha necessidade de atestar a sua morte. Emilie estava viva em suas lembranças. Podia sentir a sua voz dentro da sua mente repetindo, todos os dias, as suas últimas palavras, e nada lhe tiraria esta sensação.

O dia, finalmente, chegou e estavam todos, Anne, Sophie, Jesse e Brandon no terminal cinco do Heathrow Airport, fazendo o check-in, quando Sophie ouviu a voz de Thomas em sua mente.

Está tudo bem? Já embarcaram? — O voo parte em duas horas, ainda, Thommy. Relaxa! — Ok, maninha... — e Thomas se calou, deixando Sophie embarcar calmamente, até que, de repente, outra voz invadiu a sua mente. — Por favor, me deixe sair! — Thommy! O que foi? — perguntou Sophie aflita. — Nada! Por que? — Não foi você, não é? — Eu o que, Claire? — Sophie sentiu a antiga fisgada no estômago de volta à sua vida. — Nada não, pensei ter ouvido alguma coisa — respondeu, tentando limpar a mente, mas Thomas sabia que não estava nada bem. — O que você ouviu? — Nada, acho que estou apenas ansiosa — mentiu e fechou a sua mente.

Thomas não entrou e nenhuma outra voz também. Sophie havia aprendido a controlar os acessos à sua mente, não só para Thomas, mas para qualquer outro contato, desde que voltara a fazer terapia com Barkley. Trabalhavam para que Sophie aceitasse o seu passado e as suas dores, o que a deixava quase inteiramente ligada somente ao seu mundo e não aos sentimentos ao seu redor. Mas nada era absoluto. O dom de Sophie poderia não se apagar por completo. Era algo a ser observado com o passar do tempo.

Tão logo se sentisse mais livre do seu passado, talvez Sophie abrisse a comunicação novamente, ou não. Tudo era incerto, ainda.

Estavam todos acomodados nas quatro poltronas do corredor central do Boing 747 já há cinco horas, exatamente na metade do percurso, no meio da madrugada, quando Sophie sentiu a fisgada novamente. Abriu os olhos e viu apenas a penumbra dentro do avião, com a iluminação noturna e poucos focos de luzes sobre alguns assentos.

Relaxe e durma, Sophie. Ordenou a sua voz pacificadora e racional. Sophie ajeitou-se na poltrona, entre Anne e Jesse, e fechou os olhos novamente. *Não é nada.* Mas aquilo não a deixaria em paz. Respirou profundamente, tentando controlar os seus batimentos cardíacos, evitando hiperventilar. Focou-se em Pretoria e seus Jacarandás. Procurou sentir o sol em sua pele e colocou-se em movimento, como se corresse mentalmente em ruas arborizadas, sentindo o cheiro das flores.

Tem alguém aí? Socorro!

Sophie sentiu seu coração saltar, batendo violentamente contra o seu peito. A garganta secou e suas mãos agarraram os braços da poltrona.

Por favor, por favor, me deixe sair!

Não podia mais ignorar aquele apelo. Concentrou-se naquela voz infantil. Era um garoto, com cerca de dez anos. *Thomas, me ajude!* Gritou desesperadamente em sua mente, mas Thomas não respondeu. *Oh, não, Thomas, por favor. Eu preciso de você!* Mas o chamado retornava, não com muita força, e Sophie pensou que ele talvez estivesse apenas dormindo. Ouviu o choro abafado do garoto, preso em algum lugar. *Thomas!!!* E finalmente ele respondeu.

O que foi, Claire? — disse, ofegante, como se tivesse percorrido mil milhas para encontrá-la. *Está tudo bem com você, Thommy?* — *Sim, está tudo bem. O que aconteceu?* — *Me diz a verdade, Thomas! Por que você está ofegante? O que está acontecendo?* — perguntou Sophie angustiada. — *Não está acontecendo nada! Eu apenas estava... ocupado!* — Sophie desculpou-se mentalmente e foi invadida por outros chamados.

Ei, garoto. Não adianta gritar, ninguém vai te ouvir. — dizia uma voz grave, masculina, num tom áspero e Sophie abriu os olhos.

Você ouviu isso, Thommy? — *Não, passe pra mim!* — Sophie fez um esforço monstruoso para repassar as vozes que tinha invadido a sua mente e enviou-as a Thomas como se ela mesma as pronunciasse. — *Claire, olhe à sua volta. Veja se tem alguma criança por perto.* — Sophie olhou como pôde na pouca iluminação e viu que, absurdamente, não havia criança por perto. — *Não, não tem criança aqui — Ela não pode estar longe, Claire. Você deve estar captando algum sonho ou pensamento de uma criança por perto.* — Mas Sophie não via nada. — *Confie em seus instintos, Claire. Não perca o foco!*

Sophie levantou-se da poltrona passando por Jesse à sua direita e seguiu pelo corredor, para o fundo da aeronave, analisando os passageiros. A maioria dormia profundamente. Alguns usavam máscaras de dormir, outros tinham as bocas desajeitadamente abertas e poucos assistiam alguma coisa na pequena televisão à frente. Não pôde caminhar por toda a aeronave porque, simplesmente, sua perna se prendeu no pavimento quando passou por um homem de meia idade que a encarava desconfiado.

Thommy, estou confusa. Não é uma criança, é um homem, um senhor de cabelos brancos e ele... — *O que tem ele, Claire. Concentre-se!* — *Ele tem um olhar tão frio!*

Sophie conseguiu se despregar do chão e seguiu para o minúsculo banheiro a poucas fileiras atrás dele. Viu, com alívio, a plaquinha verde na porta e entrou. Concentrou-se na própria respiração, diminuindo a intensidade da pulsação em suas veias.

Thommy, eu não quero mais isso. É errado! O que eu tenho a ver com esse homem? Eu não quero mais voltar a sentir nada disso! — *Fique calma, maninha.* — *Eu não entendo...* — murmurou Sophie em sua mente controlando-se para não chorar. — *O que você não entende, Claire?* — *Aquele homem, por que ele tem lembranças assim tão terríveis? Será que ele foi vítima de abuso quando criança? Mas que droga! Por que isso agora? Era para eu me fechar para isso, não era?* — Sophie firmou a voz e disse — *Thomas, eu não quero mais isso. Eu não tenho direito de ouvir a vida alheia. Eu não*

quero mais isso! — Claire, você tem um dom e só você pode decidir o que fazer com ele. — Mas é tão inútil ouvir essas dores! — Não, não é. Você pode ajudar as pessoas, Claire. Pense nisso!

Sophie não queria pensar. Já tinha tido o suficiente de toda essa história. Balançou a cabeça recusando-se a reviver dias e noites de angústia sem saber de onde vinham, por que vinham e o que fazer com elas.

Não, Thomas, eu não quero. Não posso salvar as pessoas de suas dores, não mais. — Claire, fique calma. Feche a sua mente, agora. Se precisar de mim, me chame, mas feche-a o quanto puder. Falaremos sobre isso aqui, pessoalmente, ok?

Sophie olhou-se no espelho e não via aquelas bolsas arroxeadas abaixo dos olhos há meses. Definitivamente, não queria isso de volta. Fechou a mente, lavou o rosto e saiu do banheiro tentando manter o controle. Enquanto caminhava pelo corredor, fitava diretamente os cabelos grisalhos que ultrapassavam o encosto da poltrona. Via-os cada vez mais próximos e engoliu seco fechando a mente e a garganta. Mas bastou estar ao lado daquela poltrona para sentir um arrepio passar por todo o seu corpo.

Imagens aterrorizantes invadiram a sua mente sem pedir permissão. Um corredor escuro e sujo como um subterrâneo. Quatro pés. Dois com sapatos masculinos sociais e dois com tênis, menores, praticamente sendo arrastados pelo chão úmido. Goteiras pingavam em algum lugar ecoando pelas paredes vazias, e os pés com os tênis foram jogados para dentro de uma sala, uma cela, e foram presos a alguma coisa metálica como algemas. Havia duas camas de molas, sem colchões, e o garoto estava preso a uma delas. Sophie continuava imóvel no corredor ao lado de alguém que ela não sabia se era um menino crescido ou um homem perverso. Empurrou os próprios pés para frente, forçando-os a caminhar e a levá-la para o mais longe possível das sensações, dos sons e do desespero. De volta ao assento, Jesse lhe perguntou se estava tudo bem e Sophie lhe respondeu com um sorriso forçado, mas suficiente para os olhos nublados e sonolentos de Jesse se fecharem novamente.

Encostou-se à poltrona e bloqueou a sua mente, definitivamente. Não queria levar nada daquilo adiante. A vida não era justa, as pessoas sofrem e ela era apenas uma pessoa,

dotada com um dom maldito que a fazia reviver momentos que ela não pedia para saber! Cerrou os olhos e conseguiu, finalmente, mergulhar no silêncio em sua mente.

Quando a voz abafada do comandante anunciou que estariam pousando em breve em Johannesburgo, Sophie não resistiu a dar uma olhada para trás, para o homem que lhe proporcionara o pior voo de sua vida. Virou o pescoço lentamente, vendo pares de olhos preguiçosos pelo caminho, até que o seu olhar cruzou o dele. Frio e vazio. Sentiu o mesmo arrepio descer pela coluna pregando-a no assento. Virou-se de volta rapidamente.

Jesse, Anne e Brandon acharam que Sophie estava ansiosa demais para ver Thomas quando ela puxou Jesse pela mão e praticamente correu desajeitadamente pelo corredor de acesso às esteiras das bagagens, com as pernas ainda um pouco desconexas. Felizmente, não precisava mais do bastão para lhe dar segurança, embora às vezes sentisse que a perna esquerda era um tanto lenta e pesada demais para correr, fazendo-a parecer alguém com câimbras.

— Calma, Sophi! O Thomas não vai embora sem você! — zombou Anne quase correndo para alcançá-la, mas Sophie não lhe respondeu, nem sorriu.

— O que foi, Sophie? — sussurrou Jesse sendo arrastado por Sophie.

— Eu preciso sair daqui, Jesse. Eu preciso sair daqui! — exclamou, num tom desesperado.

Ninguém mais questionou quando Sophie, pálida e suando, se jogava sobre as bagagens e puxava-as até o carrinho de mão. Nem quando Sophie parou e encarou um grupo de policiais que abordava um homem grisalho a poucos metros de distância.

Sophie apenas prendeu a respiração. *Ele não era o menino, ele não era o menino!* Gritava em sua mente enquanto via o homem sendo levado, algemado, por cinco policiais armados.

Thomas, ele era um molestador! — berrou para Thomas, que estava em contato com ela desde que desceram do avião. — *Claire, precisamos conversar sobre isso. Você*

não pode negar o seu dom. Você percebe o quanto pode ser útil? — Não! Eu não percebo nada. Eu não quero! Sophi estava tão estranhamente parada que parecia uma estátua congelada durante um momento de terror.

— O que foi Sophi? — perguntou Anne, olhando de Sophie para o grupo de policiais.

— Querida, você está bem? — indagou Jesse segurando-a pelo braço, mas Sophie não respondia, sentindo medo e repulsa por aquele homem que, agora, passava bem ao lado dela.

Claire, acalme-se. Vamos pensar sobre isso. Você entende o que aconteceu? — Sophie não respondeu. Claro que entendia, mas se recusava a dizer. — *A dor do menino ficou impressa nas lembranças desse homem! As dores eram tão intensas que atravessaram a mente dele e chegaram à sua! Claire, isso é espantoso!* Thomas mal continha o entusiasmo. — *O garotinho, ele está morto?* — perguntou Sophie com o estômago revirando, prestes a um ataque de pânico. — *Não creio, Claire. Você não fala com os mortos, você ouve mentes vivas!*

Pela primeira vez, Thomas percebeu o pânico na voz da irmã e sentiu-se mal por ela, por ele não ter pensado no que ela estava sentindo, novamente, mergulhada em mentes e situações desconhecidas.

Tente se acalmar, temos muito tempo para falar sobre isso. Falou Thomas, com a voz meiga e doce de sempre. A única coisa que costumava acalmá-la. E Sophie não via a hora de poder abraçar o irmão.

Quando Sophie atravessou as portas de vidros escurecidos viu uma pequena multidão aguardando a chegada dos passageiros. Passou os olhos, ansiosamente, em dezenas de olhares ávidos e encontrou, com facilidade, o verde brilhante que a encarava.

Thomas era ainda mais alto e mais bonito do que ela imaginava. Tinha uma luz própria que emanava do seu sorriso largo que estreitava delicadamente os olhos. Correu para ele e saltou sobre seus braços, deixando Jesse, Anne, Brandon e todas as malas para trás.

Sentiu-se segura em seus braços. Encarou-o por um instante, com olhos úmidos. *Oh, meu irmãozinho! Você é tão lindo!* — *Cuidado, eu ouvi isso!* — respondeu Thomas mentalmente, com os olhos também marejados, percebendo uma minúscula lágrima se arrastando pela bochecha de Sophie.

Aos poucos, o grupo se uniu a eles em abraços e cumprimentos calorosos. Sophie havia esquecido por alguns minutos, o que acontecera no avião, mas sabia que teria que enfrentar essa sua nova fase, essa sua nova experiência. Embora sua vizinha covarde lhe dissesse para esquecer aquilo, a sua outra voz lhe cobrava atitude. Confusa, suplicou a si mesma.

Por favor, dá um tempo! Eu vou pensar nisso, depois! — Thomas ouviu e interveio. — *Mas lembre-se, você pode até salvar vidas um dia e eu posso ajudar você. Não se esqueça disso* — cobrou ele, dando uma olhada furtiva à Sophie, enquanto sorria para Anne.

Sophie olhou para todos à sua volta, estavam tão felizes e excitados! Não podia estragar este momento, mas não podia evitar pensar no garoto. Enquanto as suas vozes se enfrentavam em uma batalha interior, Sophie, subitamente, soube o que fazer e todas se calaram. Havia apenas a consciência de Sophie, em posição ereta e orgulhosa.

— Thomas, vem comigo! — exclamou, puxando-o pela mão deixando todos para trás, perdidos, novamente. Somente Anne tinha uma vaga ideia do que Sophie estava sentindo. Não sabia o motivo, mas sentia a aflição e a necessidade da amiga e, claro, sabia que teria que apoiá-la, pois havia aprendido que, embora as decisões de Sophie não fossem as mais racionais, era o que tinha que ser feito.

Sophie, arrastando Thomas pela mão, correu contra o fluxo das pessoas, voltando para o imenso espaço onde poucos passageiros ainda pegavam suas bagagens. Viu dois policiais parados e foi em direção a eles.

— Aquele homem, ele é um sequestrador de crianças, não é? — indagou ela, com olhos firmes e uma voz tão decidida que os policiais se colocaram imediatamente em

alerta. — Eu preciso vê-lo, eu acho que sei onde ele prende as crianças — e foi o suficiente para que os policiais a pegassem firmemente pelo braço, puxando Sophie e Thomas para uma sala onde outros dois policiais mantinham o homem grisalho em custódia.

Os primeiros policiais sussurraram algo para os outros dois e Sophie se desvencilhou das mãos deles, correndo para dentro do cômodo, parando diante do homem algemado. Ele ainda tinha o mesmo olhar frio e arrogante, sentado em uma cadeira de madeira. Sophie concentrou-se o máximo que pôde e começou a falar o que via.

— É um subterrâneo, não é? Ele ainda está lá! Você o deixou para morrer! Não teve coragem de terminar o serviço, não foi? — Sophie tremia e as lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto.

As revelações pegaram os policiais de surpresa até que uma mulher corpulenta, vestida com um uniforme diferente dos demais se aproximou. E Sophie continuou.

— É um presídio abandonado! — exclamou Sophie, inclinando o corpo ameaçadoramente sobre o homem que não se moveu um centímetro. — Vamos, me diga! — ela queria surrá-lo, ali mesmo, aproveitando da sua imobilidade, mas não o fez.

Thomas estava logo atrás dela e segurou-a pelo braço, sentindo uma energia intensa atravessá-la atingindo-o no peito. Ele não tinha ideia do quão intensas poderiam ser as visões da irmã e quase perdeu o fôlego. Os olhos de Thomas encararam os da policial que puxou Sophie pelo outro braço.

— Senhora? Está tudo bem! — girou o corpo de Sophie e, quando encarou os seus olhos, continuou. — O garotinho já foi libertado esta manhã, em uma cidadezinha, na Inglaterra. Ele está bem. — Sophie sentiu os joelhos vacilarem. Fechou os olhos e procurou algo em que se apoiar.

Estou orgulhoso de você, maninha. Disse Thomas, silenciosamente, para Sophie. — *Eu, não. Estou tonta!*

— Por favor, podem lhe dar um copo de água? — pediu Thomas, e os policiais se entreolharam confusos.

A mulher corpulenta fez um sinal com a cabeça e um deles saiu pela porta dos fundos, retornando pouco depois com um copo nas mãos, enquanto o outro levava o homem grisalho para outro cômodo. Sophie bebeu a água em um só gole e pensou na encrenca em que se metera. Ouviu a voz aguda de Anne do lado de fora e corrigiu o pensamento.

Em que eu meti todos nós!

Não se preocupe, eu dou um jeito nisso — disse Thomas em sua mente.

Anne, Jesse e Brandon entraram pela porta com ares desnorteados. Sophie sorriu nervosamente. Não importava o quanto teria que explicar, o garotinho estava bem. Era só isso que importava desde o momento em que decidira voltar correndo para aquela confusão, ela só pensara no garotinho e na possibilidade de poder ajudá-lo. Fora a sensação mais forte que Sophie já sentira e, por uma fração de segundos pensou que Thomas pudesse ter razão. E se ela pudesse ajudar as pessoas? E se a sua visão fosse a chave que a polícia precisasse para libertar o garotinho? E se ela tivesse sido a única chance de ele ser encontrado?

Não. Nada de querer salvar o mundo! Falou a sua voz firme, autoritária e apavorada.

Enquanto Thomas conversava com a policial, deu uma piscadinha de lado para Sophie, com seus cílios longos e aventureiros.

Você ainda deseja fechar a sua mente, Claire?

Sophie sorriu timidamente, baixando os olhos enquanto Jesse a abraçava.

Não. Talvez não seja tão ruim, assim. Respondeu, observando Thomas apertar a mão da policial. Aparentemente, tinha usado do seu charme para saírem dali sem grandes problemas. Ou usara de alguma outra coisa que Sophie pensou ter visto escondida entre os dedos do irmão, mas nem quis pensar nisso. Sentia-se como se tivesse vencido uma maratona.

Anne observava Sophie, deslumbada. Sabia que ela havia enfrentado o mundo desconhecido, novamente. Brandon tinha o olhar receoso e Jesse sorria seu melhor sorriso apaixonado. Ele também sabia o quanto Sophie lutava para ser uma pessoa normal, mas ela não tinha – e nunca teria – nada de normal e era isso que ele admirava nela. A sua força e sua coragem para enfrentar os seus medos, por piores que fossem.

Legal! Vamos salvar o mundo! Provocou Thomas, voltando-se para Sophie e os outros, com um imenso sorriso no rosto. *Vai sonhando, super herói!* Zombou ela, enquanto todos saiam e caminhavam de volta pelo salão de bagagens.

É sério, Claire. Canalizar o seu dom para algo produtivo. Vamos ter que treinar melhor a sua mente e...

Sophie pendurou seu “não disturbe” mental e Thomas deu uma gargalhada divertida, enquanto Sophie sorriu largamente para ele. Para todos eles. Ela sabia que não poderia lutar contra a sua natureza, mas pensaria nisso depois. Agora, tinha umas férias para aproveitar ao lado das pessoas que amava e ouviu a risada divertida de Thomas atrás dela.

Ok, ok, recebido! Falaremos sobre isso depois, então...

FIM

Sobre a autora:



Érika Bento Gonçalves, jornalista profissional por vocação, nasceu em Poços de Caldas, MG, onde foi repórter e apresentadora de telejornal por oito anos até se mudar para São Paulo, onde atuou como editora e editora chefe nas principais emissoras do país por outros cinco anos. Mudou-se para a Itália, em 2008, onde residiu até final de 2012, quando se transferiu para Londres, residente atualmente.

O primeiro volume da série **Contato – As vidas de Sophie** foi seu primeiro livro completo publicado até hoje. Duas de suas inúmeras crônicas foram publicadas no livro *Cronicidades*, pela Incult Produções Culturais, sendo comercializado pelo Clube de Autores. Participa, ainda, como colaboradora do site *O Boletim*, desde 2005.

Atualmente, a autora se dedica ao segundo volume da série *Contato*, com data de publicação ainda não definida.